

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TESE

**“UM FAROESTE SOBRE O TERCEIRO MUNDO”: A BOCA DO
LIXO, UMA TOPOGRAFIA CRIMINAL DE SÃO PAULO (1950-
1970)**

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

Seropédica, RJ

(2023)



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**“UM FAROESTE SOBRE O TERCEIRO MUNDO”: A BOCA DO
LIXO, UMA TOPOGRAFIA CRIMINAL DE SÃO PAULO (1950-
1970)**

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

Sob orientação do Professor

Dr. José Costa D’assunção Barros

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, área de concentração Relações de Poder e Cultura, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Doutor em História**.

Seropédica, RJ

(2023)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A658" Araújo, Everton Behrmann, 1983-
"Um faroeste sobre o terceiro mundo": a Boca do
Lixo, uma topografia criminal de São Paulo (1950
1970) / Everton Behrmann Araújo. - Seropédica, 2023.
226 f.: il.

Orientador: José Costa D'assunção Barros.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós Graduação em História, 2023.

1. Boca do Lixo. 2. História de São Paulo. 3.
História Urbana. 4. História da Imprensa . 5. Polícia e
Criminalidade. I. Barros, José Costa D'assunção , 1957
, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós Graduação em História III.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 686 / 2023 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.038324/2023-48

Seropédica-RJ, 16 de junho de 2023.

EVERTON BEHRMANN ARAÚJO

TESE submetida como requisito parcial para obtenção do grau de DOUTOR EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de DOUTORADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

TESE APROVADA EM 15 de junho de 2023

Dr. ANTONIO PAULO BENATTE, UEPG Examinador Externo à Instituição

Dra. DANIELI MACHADO BEZERRA, UFF Examinadora Externa à Instituição

Dr. RODRIGO OLIVEIRA ARAÚJO, IFBA Examinador Externo à Instituição

Dra. VALÉRIA DOS SANTOS GUIMARÃES, UNESP Examinadora Externa à Instituição

Dr. JOSE COSTA D ASSUNCAO BARROS, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 19/06/2023 21:08)

JOSE COSTA D ASSUNCAO BARROS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)
Matrícula: 1168132

(Assinado digitalmente em 18/06/2023 19:45)

ANTONIO PAULO BENATTE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 587.126.909-53

(Assinado digitalmente em 20/06/2023 12:03)

VALÉRIA DOS SANTOS GUIMARÃES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 125.574.768-46

(Assinado digitalmente em 20/06/2023 09:41)

DANIELI MACHADO BEZERRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 031.100.854-29

(Assinado digitalmente em 16/06/2023 20:19)

RODRIGO OLIVEIRA DE ARAÚJO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 779.444.885-91

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **686**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **16/06/2023** e o código de verificação: **0d573fd644**

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Se tomada como ato isolado, em que o autor, suas fontes e anotações se enfrentam numa dinâmica que mistura sofrimento e prazer, a pesquisa e seu produto final, o texto de apresentação dos resultados, pode ser injustamente creditada como mérito isolado do seu autor. Mas sabemos que esse processo envolve e mobiliza diversas outras pessoas. Que contribuíram, cada uma a seu modo, não só com a construção do texto, mas no apoio necessário para que a trajetória de pesquisa - que sabemos cheia percalços - fosse efetivamente cumprida.

Assim sendo, agradeço ao meu orientador, Dr. José Costa D'assunção Barros, que desde o mestrado se mostrou atento e solícito às questões e demandas da pesquisa. Ao Programa de Pós-graduação em História da UFRRJ e ao seu corpo docente. Ao Paulo Longarini, secretário do programa, pela atenção e dedicação às demandas do programa e dos discentes.

Os professores da banca examinadora são de importância crucial, pois dedicam tempo e energia à leitura rigorosa e apontamentos sem os quais seria impossível a finalização da pesquisa. Dessa forma, agradeço ao Professor Dr. Antônio Paulo Benatte, que acompanhou a pesquisa desde o mestrado e que ao longo desse tempo deu contribuições efetivas, em conversas, trocas de ideias e referências bibliográficas, mas também com sua leitura atenta e poética. À Professora Dra. Valéria dos Santos Guimarães, que aceitou de prontidão fazer parte da banca, e que desde o início do doutorado contribuiu com sua generosidade, rigor e erudição. Ao Professor Dr. Rodrigo Oliveira Araújo, pelas contribuições também rigorosas e generosas ao longo da pesquisa, sobretudo no diálogo com a obra de Walter Benjamin. E, por fim, à Professora Dra. Danielli Machado Bezerra por ter gentilmente aceitado fazer parte da banca de defesa.

Um agradecimento especial aos que colaboraram com a pesquisa cedendo informações, documentos e entrevistas. Ao Sr. Analdino Rodrigues, editor responsável pelo livro de Hiroito, que me concedeu entrevista com dicas e informações importantes. Ao Omar Barros Filho, jornalista que atou em *Versus*, pela generosidade e pela boa prosa durante a entrevista. E ao Mouzar Benedito, também jornalista, pela entrevista, boa conversa e pelas fotografias dos livros adquiridos da biblioteca de Hiroito.

Aos amigos, por terem sido suporte ao longo desse processo, e que se não contribuíram diretamente para o texto em si, contribuíram com o apoio emocional, com a companhia nos momentos difíceis e de distração.

Aos colegas de Doutorado, por compartilharem das angústias e sucessos desse trajeto árduo, e que por isso acabam virando amigos para a vida. Especialmente a Marcelo Lins e Ana Paula Batista Cruz, pela companhia sempre alegre e risonha, pelas trocas de ideias no momento inicial do doutorado.

Às minhas queridas companheiras de quinta-sem-lei, Elcie, Simoa e Joana Darck, que me acolheram desde o primeiro momento que cheguei a Salvador, primeiro na condição de colegas de trabalho e depois amigas-irmãs. À Silvinha, chefe e amiga querida. A José Raimundo Fontes, historiador e intelectual, obrigado pelos conselhos e amizade.

À minha amiga Leidiane Coimbra, Nani. À Malu, sobrinha e melhor companhia nos jogos do Bahia na Fonte Nova. À dona Lia, pessoa linda e amada.

A minha amiga Ayalla Oliveira, historiadora talentosa, que conheci no mestrado e que virou uma irmã de vida. Além disso, uma leitora e revisora dos meus textos.

A Mauricio Uzêda, leitor atento e companhia nos trajetos boêmios de Salvador. Encontros que sempre acabam na treta Kraftwerk x Beatles.

Ao casal Gustavo Arruda e Cassandra Lima, pela companhia sempre agradável, parceiros em descobrir os rangos mais inusitados de Salvador e cercania.

À Simone Prado, por ter aguentado minhas neuras e reclamações, e por ter sido companhia sempre agradável nas idas à São Paulo para pesquisar.

À Livia Angeli, enfermeira-historiadora da medicina social, que acompanhou de perto todo o percurso da pesquisa, me ajudando a manter a sanidade nos momentos mais tensos.

À Dona Beth e seu Raimundo, pelo cuidado. No sossego e aconchego da casa deles li boa parte da bibliografia aqui utilizada.

Por fim a minha família. Meu pai Ranulfo Araújo (*In memorian*), que nos deixou de forma abrupta em meio à pesquisa, e que foi um pai e amigo exemplar. Minha avó Noemi Silva (*In memorian*), que foi só amor. Aos meus irmãos, Isaac (o grande, por parte mãe), Oscar e Isaac (o caçula, por parte de pai). À minha mãe, Adeulivia Behrmann, mulher alegre, batalhadora e amorosa, sem ela nada seria possível.

RESUMO

A presente pesquisa analisa o processo de formação da Boca do Lixo a partir da contraposição entre o relato autobiográfico de um de seus delinquentes — Hiroito de Moraes Joanides, escrita em 1977 — e as representações feitas na imprensa policial paulistana e instituições do Estado sobre o cotidiano da Boca do Lixo. Nesse sentido, a noção de “Topografia Criminal”, cunhada pelo historiador Dominique Kalifa, que pensou os lugares reservados ao crime nas grandes cidades como desdobramento de construções discursivas, surge como instrumento conceitual para investigar o processo histórico de constituição da Boca do Lixo enquanto um território marginal da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1950-1970. Esses locais, demarcados por representações discursivas e por práticas sociais, perfilam importante ângulo para compreender as realidades e o imaginário do crime. Desta forma, assim como os autores, meios e circunstâncias, os lugares reservados ao crime desempenhavam papel importante na construção de economias criminais e no gerenciamento dos ilegalismos. Nas páginas que seguem, o cotidiano, os sujeitos e os tipos de atividades desenvolvidas na Boca do Lixo estarão dialogicamente imbricados pelo uso de um *corpus* documental diverso: imprensa policial, literatura, cinema, discursos do parlamento e arquivos judiciais.

Buscaremos responder quando e por que esse território da cidade passou a ser representado enquanto um lugar reservado à sujeira moral, um *bas-fond*, e como se davam as relações entre os sujeitos que o habitavam e o aparelho de Estado. Por fim, examinaremos como tanto as representações discursivas quanto a ação dos agentes de segurança estavam articuladas e inseridas nas modificações da geografia e da economia criminal da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: representações, imprensa, topografia criminal, delinquência, cotidiano.

ABSTRACT

The present research analyzes the process of the formation of Boca do Lixo, a district in São Paulo, Brazil, based on the contrast between the autobiographical account of one of its delinquents - Hiroito de Moraes Joanides, written in 1977 - and the discursive constructions of the São Paulo police press and State institutions on the daily life of the Boca do Lixo. In this sense, the notion of "Criminal Topography," coined by historian Dominique Kalifa, who thinks of the reserved places for crime in large cities as a discursive construction, emerges as a conceptual instrument to investigate the historical process of constituting Boca do Lixo as a marginal territory of São Paulo, between the 1950s and 1970s. These locations, demarcated by discursive representations and social practices, offer an important angle for understanding the realities and the imaginary of crime. Thus, as well as the authors, means, and circumstances, places reserved for crime also play a significant role in the construction of criminal economies and the management of illegalism. In the following pages, the daily life, subjects, and types of activities developed in Boca do Lixo will be dialogically embedded through the use of a diverse documentary corpus: police press, literature, cinema, parliamentary speeches, and judicial archives. The research seeks to answer when and why this city territory began to be represented as a place reserved for moral dirt, a "bas-fond," in the social imagination, as well as how the relations between the subjects who inhabited it and the state apparatus took place. Finally, the research analyzes how both discursive constructions and the actions of security agents were articulated and inserted into the modifications of the geography and criminal economy of São Paulo.

Keywords: representations, press, criminal topography, delinquency, daily life.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURAS

Figura 1.....	41
Figura 2	42
Figura 3	49
Figura 4	50
Figura 5	51
Figura 6	63
Figura 7	63
Figura 8	64
Figura 9.....	68
Figura 10	68
Figura 11.....	83
Figura 12.....	93
Figura 13	94
Figura 14.....	97
Figura 15.....	99
Figura 16	99
Figura 17.....	99
Figura 18.....	99
Figura 19.....	102
Figura 20.....	103
Figura 21	116
Figura 22	116
Figura 23	121
Figura 24	121
Figura 25	129
Figura 26	130
Figura 27	135
Figura 28.....	139
Figura 29	147
Figura 30	149
Figura 31	150
Figura 32.....	171
Figura 33.....	172
Figura 34.....	181
Figura 35	184
Figura 36	188
Figura 37.....	189
Figura 38.....	194
Figura 39.....	195
Figura 40	196
Figura 41.....	197

Figura 42	199
Figura 43	208

QUADRO

Quadro I	43
----------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	30
RUAS DEVISSAS: A ZONA DO MERETRÍCIO COMO PONTO DE INFLEXÃO PARA A BOCA DO LIXO	30
1.1 AS INSTITUIÇÕES E A SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA DO MERETRÍCIO: DEMARCAR FRONTEIRAS, DESFAZER FRONTEIRAS E ESQUADRINHAR A CIDADE	51
CAPÍTULO II	69
UMA TOPOGRAFIA DO CRIME: IMAGINÁRIO SOCIAL E REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO CIDADINO	69
2.1. A BOCA DO LIXO, SEU FLÂNEUR MARGINAL E AS REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA	83
2.2 ALEGORIA DO TERCEIRO MUNDO: UM CONTRAESPACÇO DA CIDADE	92
CAPÍTULO III	103
A FAUNA MARGINAL DA BOCA DO LIXO OU “OS PERSONAGENS NÃO PERTECEM AO MUNDO, MAS AO TERCEIRO MUNDO”	103
3.1. AS RAINHAS DO QUADRILÁTERO	106
3.1.1. <i>Neguinha: pouco de malandragem e muito de desespero</i>	106
3.1.2. <i>Teleca: desordeira e ébria contumaz</i>	110
3.1.3 <i>Wanda Greibus, a intocável.</i>	112
3.1.4 <i>A Rainha Consorte: Zenaide Joanides</i>	115
3.2 OS REIS DA BOCA.....	122
3.2.1. QUINZINHO: ENTRE A FARSA E A TRAGÉDIA	122
3.2.3 FLORES, METRALHADORAS, HOMENAGENS E CHORO NO ENTERRO DO BANDIDO: BRANDÃOZINHO, O PUGILISTA DA BOCA.....	133
3.2.4. XODÓ, O ÚLTIMO A OCUPAR O TRONO: A BOCA DO LIXO ESTÁ MORTA!	142
3.2.5. VOCÊ VAI VIRAR CHOURIÇO, XODÓ	153
CAPÍTULO IV	161
O BANDIDO ESCRITOR: HIROITO RETORNA À CENA APÓS O OCASO DA BOCA	161
4.1 A COLABORAÇÃO EM <i>VERSUS</i> AO MICROSCÓPIO DO DEOPS: HIROITO COMO ESCRITOR PROMISSOR, PALESTRANTE REQUISITADO E INVESTIGADO DA DITADURA	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	216
FONTES:	218
BIBLIOGRAFIA:	219

É o império da bolinha, da prostituição em massa, do tráfico de menores, do crime industrializado e do comércio automobilístico, uma cidade dentro de uma cidade, um bairro criminal cheio de fome e culpa: a Boca do Lixo; a mais completa; a consagração de todas as Bocas, a falada Boca das Bocas, do crime, leve, pesadas, sujas ou do fumo. É o lixo sem limites, senhoras e senhores.

O bandido da luz vermelha, filme de Rogério Sganzerla

INTRODUÇÃO

A presente tese investiga como se deu o processo de formação da Boca do Lixo, lugar do centro da cidade de São Paulo que ficou conhecido, entre às décadas de 1950-1970, por abrigar uma variedade de marginalizados. Onde foram estabelecidas formas de organização social e códigos de conduta que insultavam à lei e moral vigentes. A partir disso, analisa seu cotidiano, sua organização social e os diferentes grupos que atuavam no local: pingentes, rufiões, prostitutas, jogadores, boêmios. E, também, como elaboravam suas táticas para o embate e negociação com o aparelho jurídico- repressivo do Estado.

O recorte temporal — 1950-1970 — foi escolhido por conta de alguns fatores sobre a história da cidade de São Paulo e sua região central. Nesse momento, a cidade passava por uma explosão demográfica nunca antes observada. Somado a um significativo crescimento industrial, econômico, aumento do perímetro urbano e necessidade de expansão de serviços públicos e privados. Ele marca também o período em que a já grande metrópole, maior cidade do país, se preparava para comemorar o IV Centenário de sua fundação e não só por conta do festejo, mas também por conta dele, foi colocada em prática uma série de medidas de intervenções urbanísticas visando à limpeza e o embelezamento da capital paulista.

Em 1951 foi criada uma comissão multidisciplinar com *status* de autarquia municipal — envolvendo arquitetos, urbanistas, empresários, artistas plásticos, políticos, *socialites*, entre outros — com a função de planejar e elaborar os festejos. Outra função da comissão era difundir a imagem da cidade enquanto terra do progresso, de povo bandeirante, locomotiva do país; criando assim, um clima ufanista e um relato monumental sobre a história e os símbolos da cidade.¹

Dois anos depois da formação da citada comissão, em 1953, o então governador Lucas Garcez expediu o decreto² que proibia e extinguiu definitivamente a Zona do Meretrício, que até então era legalizada e ficava confinada nas ruas Itaboca e Aimóres, no bairro do Bom Retiro.

¹ Lei 4.166, de 29 de Dezembro de 1951. Diário Oficial do Município de São Paulo, 30/12/1951, p. 39.

Sobre o IV Centenário e a simbologia mobilizada para tal comemoração c.f. LOFEGO. Silvio Luiz. **IV centenário da cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

² Nas pesquisas que fizemos ao Diário Oficial do Estado não encontramos o citado decreto. No entanto, numa documentação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, oriunda de uma comissão parlamentar criada para discutir o que fazer para combater os efeitos inesperados da extinção da Zona de Meretrício, pode-se conferir e checar o decreto e sua data de publicação, referência: **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Relatório, 19 jan.1957, pp.1-3.

Esse momento entre os preparativos para os festejos e a extinção da zona de meretrício do Bom Retiro marcou um ponto de inflexão para delimitarmos o nosso recorte espacial, pois a área do centro de São Paulo que nos propormos a pesquisar, a Boca do Lixo, surgiu como reação dessa tentativa de limpar a prostituição da região para a festa de 400 anos da cidade. Porém, o fechamento da zona tolerada, ao invés de ter produzido o resultado esperado, acabou por espalhar a prostituição e todas as práticas e atividades que atuavam em seu entorno por toda a região central, formando entre as avenidas São João e Rio Branco, e entre as ruas transversais a essas avenidas, uma espécie de quadrado onde se exerciam o *trottoir*, o punguismo, lenocínio, a boêmia e o jogo. Por isso, em pouco tempo, a imprensa policial começou a chamar o local de “Quadrilátero do Pecado” e depois de “Boca do Lixo”.

A Boca do Lixo se configurou como uma cidade heterogênea dentro da capital bandeirante, com seus códigos morais e economia própria. Personagem de extrema importância nesse cenário, Hiroito de Moraes Joanides, malandro que viveu na e da Boca do Lixo, escreveu, em 1970, uma autobiografia sobre sua experiência. Esse relato nos oferece uma descrição rica em detalhes sobre o que se tornaria as imediações da região onde antes ficava a zona tolerada. Ele afirmou que as ruas próximas à Estação da Luz se tornaram “senão uma cidade dentro da cidade, uma colônia numerosa e próspera”. O local passou a ter uma organização social e econômica própria, dotado de uma rede de serviços e estabelecimentos — de lojas a bares, além de restaurantes, cinemas, dentistas, farmácias, barbearias e salões de beleza — que nas palavras de Hiroito: “atendiam e serviam quase que exclusivamente a classe dos desajustados sociais, existindo nada mais que em função destes; com seus usos, costumes, modas e valores subjetivos peculiares, endêmicos”.³

A história do local se confunde com a de seus personagens, sobretudo se analisada a partir da contraposição entre a autobiografia de um dos seus “Reis”⁴ e das outras representações feitas pela imprensa e instituições de Estado. A relação entre as práticas e a sociabilidade de sujeitos marginalizados por essa sociedade e as formas como esse cotidiano era representado (na imprensa, parlamento, literatura, cinema etc.) ajudou a conferir sentido àquele espaço, a delimitá-lo. Isso ocorre tanto no sentido de um imaginário social do crime,⁵ quanto de uma demarcação geográfica, mesmo que extraoficial. Afinal, entre os paulistanos de gerações passadas até hoje a região é chamada de Boca do Lixo (entre as mais novas de

³JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977. p.102.

⁴ Durante todo o período pesquisado no recorte temporal aqui proposto, os jornais, sobretudo o *Notícias Populares*, cunharam o título nobiliário de “Rei da Boca” para se referir ora a um malandro-delinquente, ora a outro, a depender do seus feitos e dos interesses do momento. Trataremos mais a fundo no terceiro capítulo.

⁵ KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue: narrativa sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. Tard. Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p.17.

“Cracolândia”) como forma de se referir a uma região onde imperam sujeitos e práticas delituosas e “amorais”.

O início da trajetória de uma vida marcada pelo imperativo do desvio social⁶ é algo que, por uma série de questões relacionadas ao arquivo e suas intempéries, dificilmente os historiadores ou biógrafos podem ter acesso. A vida de sujeitos que delinquem geralmente só é acessível aos historiadores pelos rastros deixados (arquivo) do encontro forçado desses sujeitos com o aparato de justiça do Estado.⁷ Porém, alguns desses indivíduos, cujo futuro a infâmia era o lugar reservado, fogem dessa condição comum a bandidos e delinquentes, o não domínio da escrita culta. Aqueles que são exceção à essa regra, para além dos arquivos produzidos pelo aparato estatal sobre seus feitos, conseguem eles mesmos produzir um relato autoral sobre sua experiência na vida do crime. Esse é o caso de Hiroito de Moraes Joanides, paranaense de Morretes, nascido em 16 de fevereiro de 1936, filho de Jorge Panayotti Joanides e Aliete de Moraes Joanides. Depois de ter passado a infância entre sua cidade natal, Ponta Grossa e Curitiba — onde cursou o primário e os dois primeiros anos do então ginásio — mudou-se com a família para a capital paulista em 1948, com 12 anos de idade.⁸ Na Paulicéia, entre as décadas de 1950 e 1970, fez fama como delinquente e foi alçado pela reportagem policial à condição de Rei da Boca do Lixo.

Hiroito, oriundo de família de classe média, tinha um considerável capital escolar⁹ que o diferenciava entre seus pares na delinquência. Leitor de Baudelaire, Allan Poe e Heidegger, escreveu uma autobiografia detalhada que nos oferece um panorama do cotidiano, geografia, economia e ambiência dessa cidadela marginal situada no centro paulistano. Em seu texto estabeleceu como fator detonador para sua entrada no mundo do crime o fato de ter sido acusado de matar o próprio pai. Não foi a acusação formal pela polícia e justiça que mais o incomodou, mas a exploração sensacionalista do episódio feita pela reportagem policial, que Hiroito vai denominar por, entre outros termos, imprensa marrom. De modo que boa parte de seu relato foi marcado por um intenso debate com a crônica policial de sua época, imprensa que cobria cotidianamente os acontecimentos da Boca do Lixo e também os feitos de Hiroito, seus parceiros e rivais. Oferecendo, assim, uma miríade de representações sobre o cotidiano

⁶ VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. *In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

⁷ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In: Ditos e escritos*, v. 4. Trad. Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

⁸ JOANIDES. Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977.

⁹ BOURDIEU, Pierre. Crítica social do julgamento do gosto. *In: A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2015.

que se desdobrava em torno de atividades ilícitas como o rufianismo, jogo, tráfico e segurança privada prestada a hotéis usados como apoio à prostituição.

O livro foi escrito enquanto Hiroito cumpria pena na Casa de Detenção do Estado, em 1977, e foi lançado no mesmo ano pela editora *Edições Populares*, em uma coleção rubricada por “Problemas Brasileiros”, sob o título de “Boca do Lixo”¹⁰ e teve relativo sucesso editorial. Após o sucesso de vendas, a qualidade de seu relato foi reconhecida por inúmeros veículos de imprensa e por pesquisadores de criminologia, sendo o autor convidado a dar entrevistas em programas como o *Vox Populi*, da TV Cultura¹¹ e a participar de vários debates em universidades e jornais sobre o problema da criminalidade na cidade de São Paulo. Um exemplo foi a mesa organizada por Samuel Wainer e Ramão Gomes Portão, cujo teor foi publicado no *Caderno Folhetim* do jornal *Folha de São Paulo* ainda no ano do lançamento do livro de Hiroito, 1977. Essa mesa foi composta por sociólogos em ascensão, como Sérgio Adorno (à época criminologista do Instituto Médico da USP) e pelo já reconhecido jurista Miguel Reale Junior, além de membros do judiciário e do Ministério Público.¹²

Hiroito começou a frequentar as imediações ainda adolescente, aos 17 anos, em 1953, quando na região do Bom Retiro ficava a Zona do Meretrício, espremida entre as ruas Itaboca e Aimorés e o paredão da linha férrea. Naquele momento, a zona era confinada, tolerada e oficializada. Mas fora extinta pelo governador Lucas Nogueira Garcez ainda naquele ano: “Minha aparição, no cenário desse pequeno mundo, deu-se primeiramente como frequentador de mulheres. Era o ano de 1953, e eu, um rapazote ainda”.¹³ Numa passagem muito significativa para compreender a mudança na configuração espacial da criminalidade paulistana, ele lembrou que até 1953 as diversas atividades ilegais se concentravam no bairro do Bom Retiro, “girando e pululando em torno do meretrício”. Por diversas vezes ao longo do seu relato, Hiroito formulou de maneira diferente duas teses: a de que no entorno da prostituição se desenrola toda uma economia de delitos, crimes e rede de malandros e delinquentes; e a de que o ponto de inflexão que levou essas atividades a se espalharem por outras áreas do centro de São Paulo foi a extinção da zona do meretrício:

Com o fechamento da chamada Zona, a prostituição ‘desoficializada’ foi se fixando no bairro dos Campos Elíseos, onde, em curto espaço de tempo apossava-se territorialmente de toda a área circunscrita pelas ruas e avenidas Timbiras, São João (praça Júlio de Mesquita), Barão de Limeira, Duque de

¹⁰ JOANIDES. Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977.

¹¹ **Vox Populi**, TV Cultura, 19 set. 1978.

¹² Discussão da Violência, Folhetim, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 dez. 1977.

¹³ JOANIDES, op. cit., 1977, p. 26.

Caxias, General Osório e rua dos Protestantes para constituir a famigerada Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado¹⁴

Na esteira da lembrança de sua iniciação no mundo boêmio, Hiroito relatou como foi parar pela primeira vez nas páginas dos jornais: a morte do seu pai, o grego Jorge Panayotti Joanides, em 07/07/1957, assassinado com 22 facadas no apartamento de número 83 do edifício Thebas, rua dos Andradas. A notícia publicada na seção policial do *Diário da Noite* relatou que a vítima tinha passagem pela polícia por ter sido preso com valor alto de moeda falsificada. O fato foi destacado no título da nota: “Falsário Grego assassinado com 22 facadas”.¹⁵ Já *O Estado de São Paulo*, além de também frisar o envolvimento do Sr. Paynottis com falsificação, após descrever a brutal cena do crime, com direito a detalhar os cortes encontrados no corpo e a navalha deixada à mesa, relatou que de acordo com testemunhas a vítima foi vista pela última vez estacionando o carro ao lado do prédio, na sexta-feira, 05/07/1957.¹⁶ O repórter continuou narrando que segundo o porteiro, os dois filhos da vítima, que eram assíduos frequentadores do apartamento, já não apareciam no local há três dias. Ambos, Hiroito e seu irmão Geraldo Moraes Joanides, foram arrolados como suspeitos e convocados a depor, o jornal destacou nessa notícia o envolvimento de Hiroito com lenocínio e outras atividades ilícitas.¹⁷

A partir desse primeiro encontro com o aparelho policial e com as páginas da crônica de crimes, que Hiroito situou sua mudança definitiva para a região da Boca do Lixo, de onde passaria a frequentar, entre o final da década de 1950 até os anos 1970, quase que diariamente, as páginas dos jornais:

Tempos após, quando já então o meu relacionamento com mulheres da vida se havia alargado, ao ver-me envolvido e enlameado por uma tragédia da qual me resultara a mais horrenda das pechas, a de parricida impune, foi nos braços dessas mulheres, de braços sempre abertos, que fui refugiar-me e procurar consolo. O consolo vinha-me gratuito, já o refúgio implicava, exigia uma qualquer participação delitiva. E mergulhei no turbilhão ciclópico do submundo, passando de frequentador a habitante, de rapazote boêmio a delinquente.¹⁸

A partir desse momento, o diálogo com a imprensa policial do seu tempo foi se delimitando. Criticou a forma de atuação desse setor da imprensa, pois sua cobertura estigmatizava, esquadrihava todo um território e as pessoas que nele conviviam como

¹⁴ Ibid., p. 26.

¹⁵ *Diário da Noite*, São Paulo, 09 jul. 1957, p. 05.

¹⁶ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09 jul. 1957, p. 29.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ JOANIDES. op., cit., 2003, p.27.

páreas, sem levar em conta a diversidade de atividades e das pessoas que ali habitavam, trabalhavam e se divertiam. Para ele, os jornais se comportavam como “marionetes escapes nos cordéis do Estado”.¹⁹ Ao começar seu debate com a imprensa policial, Hiroito frisou que as críticas não se dariam em tom de amargor ou ressentimento, antes, estariam constatando um fenômeno sociocultural exclusivo das sociedades complexas:

Já agora, posso compreender que sempre há de existir, em toda grande metrópole, indivíduos que serão colhidos pela Grande Máquina para [...] irem sendo despersonalizados, coisificados, em nome do deus-notícia, até se tornarem de sujeito a objeto, de ser humano a simples legenda. Serão os úberes nos quais a Imprensa Amarela irá se saciar de sua sede de sensacionalismo e de escândalos.²⁰

Embora tenha afirmado que não tinha pretensões em fazer incursões analíticas e que seu texto se limitaria à “descrição e à narração de pessoas e coisas; de fatos e situações que fazem parte, que constituem o dia a dia do submundo do crime”, seu texto não se deteve a apenas a contar os detalhes do cotidiano criminal para atender à demanda por esse tipo de leitura no mercado cultural. Ele escolheu alguns interlocutores para debater e a partir desse embate estabelecer outro ponto de vista sobre os acontecimentos, sujeitos e atividades da Boca. Hiroito conhecia a crônica policial por dentro, pois era amigo de vários repórteres policiais — alguns escreveram o prefácio e outros contribuiriam para viabilizar a publicação de seu livro —, e por fora, como leitor assíduo dessas crônicas.

Nesse sentido, o autor explicitou o objeto da sua escrita: “os seres que delinquem sob um aspecto que, no contexto das crônicas policiais, permanece oculto por trás do frio relato dos seus feitos criminais”.²¹ Portanto, temos aqui um texto cujo pacto autobiográfico não é apenas com o leitor individual que compra o livro nas livrarias. Seu texto não se enquadra no perfil bastante comum aos textos do gênero autobiografia, a saber, os que apenas contam a vida de um indivíduo, a história de uma personalidade conferindo a esse relato uma continuidade temporal e uma coerência biográfica.²²

Hiroito não se dirigiu apenas ao leitor isolado em seu quarto, sala, rede, banco de ônibus interessado apenas em entreter-se com mais um relato sobre a vida de um bandido. Ele

¹⁹ Idem. p.28.

²⁰ JOANIDES, op. cit., 2003, p.16.

²¹ JOANIDES, op. cit. p.17.

²² Embora tenha, por óbvio, uma característica essencial a esse tipo de texto, a autoria: “única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real [...] que solicita que lhe seja atribuída a responsabilidade da enunciação”. LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: NORONHA, J. M. G. (org.). **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.26-27.

escolheu como interlocutor a sociedade da época e a imprensa policial, para a qual, durante alguns anos, sua vida e seus feitos serviram de matéria prima para elaboração de crônicas e reportagens com um “apelo sensacionalista”.

Assim, ele não contou apenas a sua trajetória, mas fez uma detalhada descrição e análise do contexto em que estava inserido. Seu relato foi direcionado a dialogar e contrapor as representações do jornalismo policial; além disso, o que Hiroito extraiu da evocação dos fatos foi, também, do âmbito da memória coletiva da Boca do Lixo. Não à toa, em boa parte do texto, o que fica em evidência é o cotidiano em toda sua complexidade, com seus momentos de embates e negociações com os órgãos de segurança. Bem como a descrição e análise dos tipos humanos que em geral habitavam o local sem reduzi-los a mera rotulagem de delinquentes, prostitutas e desviantes, mas também como pessoas que tinham uma vida rodeada por emoções e sentimentos, contatos sociais e familiares, afetos mundanos e sagrados, que os aproxima de qualquer outro cidadão paulistano.

Espero poder mostrar, talvez para espanto de alguns, que os delinquentes, apesar de seus atos criminosos, da licenciosidade de suas condutas, dos seus desregramentos e vícios, são também, todos, seres humanos — sujeitos portanto às mesmas dores e alegrias, tristezas e prazeres, entusiasmos e angústias que sentem e sofrem os mais puros de espírito.²³

No entanto, o uso da autobiografia enquanto fonte impõe dificuldades de outra natureza. Em consonância com o que disse Robert Darnton: “Visto, contudo, pelo prisma das cartas comerciais e dos relatórios da polícia, um homem pode parecer diferente do retrato exibido em suas memórias”.²⁴ Nesse sentido, atentamos para os riscos de que uma construção memorialística pode acabar conferindo uma coerência ao personagem narrado que, talvez, na vida real não exista. Se a reportagem policial tende a retratar os desviantes apenas enquanto indivíduos que desrespeitam as leis e a moral, a autobiografia, alerta: “pode assumir a forma de um retrato puro de si, no qual o mundo e os outros aparecem apenas como uma *mise-en-scène* para a aventura íntima do narrador.”²⁵ Daí a escolha de cotejar a análise do relato autobiográfico com outras fontes e personagens. Sem querer tomar o relato como a verdade dos fatos, o que nos interessa é colocá-lo em perspectiva como uma representação que vai de encontro àquelas construídas pela imprensa e pelos discursos oriundos do Estado.

²³ JOANIDES, op. cit.

²⁴ DARTON, Robert. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras e o Antigo Regime. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.50.

²⁵ ANDERSON, Perry. Lembranças tropicais. **Revista Piauí**: São Paulo, n. 61, p.78-81, outubro 2011.

Desse modo, utilizaremos a abordagem proposta por Gilberto Velho para analisar o fenômeno do desvio em sociedades urbanas; a saber, a de reduzir a escala de observação, para, a partir de categorias sociológicas mais amplas (desvio, delinquência, malandragem, imprensa, leitura, poder, representações etc.) entrarmos em contato com os indivíduos concretos atuando em um espaço específico. Essa abordagem, possibilita perceber que os indivíduos concretos são perpassados por uma “densidade existencial” e que o desvio não é algo determinado por uma estrutura social rígida onde os desviantes são mero efeito de um mau funcionamento dessa estrutura. Antes, o desvio é fruto de uma leitura divergente que certos indivíduos e grupos fazem em relação à sociedade/cultura em que estão inseridos.

O ‘desviante’ não é um indivíduo que está fora de sua cultura mas que faz uma leitura divergente [...] Ele não será sempre desviante. Existem áreas do comportamento em que agirá como qualquer cidadão ‘normal’ mas em outras área divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes.²⁶

Pensar o sujeito desviante por essa perspectiva possibilita fazer uma leitura menos enviesada, tanto do relato de Hiroito, quanto da imprensa. Nesta última, fica claro que em quase todas as reportagens, notas e crônicas, o enfoque recaiu exclusivamente sobre os delitos e crimes, onde o tom sensacionista muitas vezes cumpre o papel de reforçar a monstruosidade dos feitos relatados. Um diálogo travado durante uma entrevista na Casa de Detenção de São Paulo entre o repórter Orlando Criscuolo e Hiroito, que era seu amigo, ajuda a ilustrar um pouco essa relação. Ao encerrar a entrevista, o repórter disse, depois de admitir que gostou, que irá cumprir com seu papel de noticiar tudo de errado que porventura venha a fazer e concluiu: “E se me for possível, vou persegui-lo, com minhas reportagens, até vê-lo pela vida toda no fundo de um cárcere”. Ao que Hiroito respondeu que ele não fazia mais que o seu papel de repórter policial. Em seguida, tece uma observação: “Nunca diga, em tudo que escrever sobre mim que sou um homem incapaz de amar.”

Sua leitura sobre os papéis sociais do repórter e delinquente era ‘objetiva’ e pragmática. Ele entendia a função cumprida pela imprensa policial no jogo de poder do mundo social e político. Não se colocou como vítima ou buscou inocentar-se dos crimes e delitos. Tampouco tentou utilizar o fato de ser amigo de Criscuolo para pedir que alivie na cobertura, solicitou apenas que lhe fosse dado a devida complexidade, que o relato de uma vida humana pressupõe. Ou seja, que sua figura não fosse reificada, transformada numa espécie de mercadoria monstruosa para consumo de leitores sedentos por violência.

²⁶ VELHO, op. cit., p.50.

Entre limiar e fronteira: bandidos e empreendedores morais

Embora a teoria do desvio se mostre interessante para caracterizar, do ponto de vista estritamente sociológico, os sujeitos atuantes na Boca do Lixo e as suas relações com o arcabouço institucional (legislativo e policial) e de valores morais da época de nosso recorte temporal. Utilizaremos ainda outro conjunto conceitual para desenvolver a urdidura do enredo (narrativo), tanto de leitura quanto de escritura, sobre a Boca do Lixo, seus personagens e sua relação com o espaço urbano, o Estado e suas instituições. Trata-se de um recorte do método benjaminiano de leitura da cidade, aqui encarnado no conceito de “limiar”, que vamos utilizar para nuançar os personagens da Boca do Lixo, partindo de um ângulo de observação entre a cidadela dos marginais e a cidade ordeira e disciplinada, cuja simbologia é baseada num *ethos* do trabalho: “a cidade que não dorme”, e seu lema/slogan: “locomotiva do Brasil”.

Hiroito era delinquente e intelectual, classe média e marginal, civilizado e violento, romântico e cafetão, raquítico e valente. Não só ele, como boa parte dos tipos que habitavam a região e viviam de expedientes ilegais ou criminais; a saber, o boêmio, a prostituta, o jogador, o rufião, o repórter policial, são também, cada um à sua maneira, personagens limiares. Assim como a própria Boca do Lixo apresentou-se enquanto uma imagem dialética cravada no centro da cidade cuja simbologia oficial apontava para elementos como ordem, limpeza e trabalho.

Enquanto os sujeitos da Boca desenvolviam sua sociabilidade²⁷ sempre nesse limiar, os agentes institucionais atuavam para estabelecer fronteiras,²⁸ delimitando os espaços da cidade e seus usos de acordo com os valores morais e critérios “técnicos” que eram estabelecidos exclusivamente pelos segmentos sociais, simbólica e economicamente mais abastados. A “sociologia do desvio” vai classificar esse tipo de agente com o termo de “empreendedores morais”.²⁹ Estes pensam as regras, implícitas — na prática cotidiana — ou explicitadas em formato de legislação, como fruto da iniciativa de algum sujeito revestido de

²⁷ Nesse trabalho, ao nos referimos à sociabilidade dos personagens malandros-bandidos, prostitutas, e outros que atuavam na Boca, será sempre no sentido de algo que regula os comportamentos em público e governa as condutas. A polidez e etiqueta dos outsiders, que é diferente da dos estabelecidos. Cf. HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papyrus, 1998.

²⁸ Limiar é diferente de fronteira, enquanto esta última delimita claramente algo que ou está de um lado ou do outro — exemplo: ou se é mulher da noite ou de família — a noção de limiar pressupõe algo que está nos dois lados ao mesmo tempo. Essa noção de limiar será melhor desenvolvida no primeiro capítulo, junto aos personagens e à narrativa. No entanto, para um melhor entendimento desse conceito na obra de Walter Benjamin Cf. BOLLE, Wille. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.67.

²⁹ BECKER, Howard Saul. **Outsiders: Estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.p.153.

poder, seja ele jurídico/institucional, econômico ou simbólico/carismático. Dessa forma, os empreendedores morais estão divididos em duas categorias: os criadores e os impositores de regras.

Se pensarmos a tipologia dos empreendedores morais que figuram no nosso enredo a partir dessa divisão, podemos agrupá-los em dois conjuntos: de um lado, os legisladores (parlamentares), líderes religiosos, delegados-criminalistas³⁰ e políticos do executivo, enquadrados na condição de “criadores de regras”; e, do outro lado, temos a figura do impositor de regras, que nada mais é do que o agente que tem a missão de tornar efetivas as regras criadas pelas cruzadas bem-sucedidas: o policial que atua na ponta, no policiamento ostensivo; fazendo cumprir aquilo que foi criado no âmbito do debate moral e do aparato jurídico.

Para Becker, os “criadores de regras” se caracterizam por empreender uma cruzada para reformar o que julgam problemático nas práticas e no tecido social e “estão interessados no conteúdo das regras”, pois “as existentes não os satisfazem porque há algum mal que o perturbam profundamente.”³¹

No caso dos cruzados morais que aparecem em nosso relato, poucos o são de forma tão pura, pois, estando inseridos no jogo de poder, podem proferir discursos moralistas efusivos em dissonância com sua prática ou horizonte real de valores, de acordo com a conveniência do momento. Mas o conteúdo puro e simples desse tipo de discurso, e seus efeitos legais-formais e consuetudinários, se encaixam perfeitamente no conceito de criador de regras.

Portanto, duas perspectivas teóricas que aparentemente podem soar incompatíveis, se usadas a partir de uma cômoda convergência, serviram para conferir ritmo e tencionar a narrativa. Essa operação se dará, no geral, na própria forma de apresentação dos personagens, fatos e eventos, com poucas referências explícitas ao longo da reconstituição histórica, deixando ao leitor essa associação com os conceitos acima elencados.

A imprensa policial e o imaginário do crime

O historiador Dominique Kalifa aponta que, na modernidade, as histórias sobre crime, sobretudo as veiculadas em certo jornalismo popular do século XIX — que teve no *fait divers*

³⁰ Sobretudo os dotados de espaço de poder na construção do conhecimento criminológico, que ocupavam espaço na *Revista Arquivos da Polícia Civil*, do qual trataremos adiante.

³¹ BECKER, op. cit., p.153.

seu formato primordial — foram geralmente escrutinadas a partir de dois tipos de análises. Uma de viés estético e político, cuja ênfase recaía sobre o que o que era considerado “sórdido” e “degradante” nesses relatos. Esse viés toma o público desse tipo de jornalismo como leitores passivos e facilmente influenciáveis, sendo incapazes de intercambiar os relatos com a moralidade aceitável da época, tornando-se “objeto de desmoralização e perversão”. Esse tipo de análise unia as elites conservadoras aos marxistas, porém com perspectivas inversas, à primeira via os *faits divers* como “agente de subversão social”; e a segunda, ao contrário, como ópio alienante, percalço para consciência de classe e politização.³² A outra vertente, cujo estruturalismo de Barthes é a fonte, finca sua análise na linguística e na antropologia, propondo que os *faits divers* eram “construídos em torno de um número reduzido de temas, disseminavam sempre a mesma história, produzindo o idêntico em estruturas fixas”.³³ As notícias de crime, nesse formato, sempre são intercambiadas com interrogações universais e os principais medos e receios de um imaginário que se mostra de forma a-histórica, “fato sem contexto”.³⁴

Nessa senda, Kalifa propõe pensar os diversos formatos e suportes dos relatos de crimes primordialmente como “objetos históricos”, retirando-os não só dessa leitura moralizante ou alienante, mas também, da meramente estrutural, como se os relatos derivassem apenas de estruturas arcaicas, profundas, que se repetem, em forma e conteúdo, em contextos e épocas distintas. Para ele, “o fascínio pelo crime sempre exprimiu mutações ideológicas e sociais profundas” e é esse o ponto que confere aos *faits divers* sua historicidade. Não havendo incompatibilidade entre admitir a existência de “estruturas imutáveis de um imaginário ‘primitivo’” e novas formas de leitura, recepção, ancoradas em outro contexto histórico, e é a partir desse cotejamento que surge a noção de “imaginário social”.³⁵ Será justamente com essa conceituação que utilizaremos o termo em nossa pesquisa. Portanto, ao tomá-los como fonte, o historiador deve se afastar tanto da armadilha do *a priori* estético-moral, quanto do mecanicismo que encerra os leitores do jornalismo popular como sujeitos passivos, alienados, obliterados por ideologias. Antes é preciso atentar-se para o fato de que “entre o escrever e o ler, e entre o ler e o crer, interpõe-se toda a distância de usos sociais”.³⁶

³² KALIFA. **A tinta e o sangue:** narrativa sobre crimes e sociedade na *Belle Époque*. Tard. Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p.18.

³³Ibidem. p.18.

³⁴ Ibidem. p.18.

³⁵ Ibidem, p.19.

³⁶ Ibidem, p.19.

Essas considerações, que encaram a circulação e a recepção dos relatos de crime a partir de um pressuposto interativo, podem soar contraditórias a uma das hipóteses centrais de nossa pesquisa, a de que a Boca do Lixo enquanto local delimitado no imaginário social como reservado à sujeira moral e ao crime, é fruto das representações discursivas que circulavam na época, com contribuição significativa da imprensa policial. Mas se o leitor observar cuidadosamente, ao longo do texto, verá que essa relação não se dá apriorística, nem hierarquicamente; mas sim, a partir de uma circularidade de fontes, leituras e tensões, envolvendo diferentes agentes, seus usos e apropriações. Os jornais e os jornalistas, o bandido-leitor-escritor, a memória coletiva, as mulheres da Boca, literatos, policiais, delegados, vereadores, deputados e cineastas. Todos são ao mesmo tempo leitores e personagens (sujeitos) dessa história. Sujeitos que se mostram a partir de um conjunto heterogêneo de fontes: autobiografia, imprensa policial, imprensa alternativa, discursos do parlamento, literatura, cinema, legislação e arquivos judiciais.

Dado esse cenário introdutório, passaremos a uma hierarquização das fontes, não no sentido de atribuir critérios de veracidade, mas no de descrever a metodologia utilizada, o que cada conjunto entregou e o papel que cumpriu nessa delimitação no imaginário social que resultaria na percepção da Boca do Lixo enquanto espaço destinado ao *bas-fond* paulistano.

Em relação ao uso da imprensa policial, trabalharemos basicamente com dois jornais: o *Dário da Noite*, veículo do conglomerado *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand; e o *Notícias Populares*, periódico idealizado e fundado por um romeno fugitivo do *gulag* na Sibéria, Jean Mellé, e financiado pelo Deputado Federal conservador Herbert Levy, dono da *Gazeta Mercantil*.

O *Diário da Noite* foi fundado em 7 de janeiro de 1925, originalmente, em sociedade composta pelos jornalistas Plínio Barreto, Rubens do Amaral e Leo Vaz. Projeto editorial ambicioso, mas sem grande lastro de capital, logo entrou em crise financeira, sendo adquirido por Chatô pouco menos de 6 meses após sua fundação, em 02 de junho de 1925. Embora adquirido pelo empresário, os jornalistas fundadores foram mantidos na diretoria de redação. A aquisição fazia parte do projeto de Chateaubriand de adquirir um jornal em São Paulo. Para ele, que tinha amplas pretensões políticas, “não era possível pensar a ideia nacional sem incluir nossa presença no centro econômico da nação”.³⁷

Dessa forma, após a compra e reformulação, o jornal deslanchou, incorporando elementos do jornalismo popular e tecnologia gráfica, adquirindo uma máquina rotativa

³⁷ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro:** história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. pp.103-104.

“Albert”, com capacidade de imprimir 30 mil exemplares de 16 páginas por dia. Ao chegar à década de 1950, já estava totalmente adaptado às significativas transformações que a imprensa brasileira havia passado, sendo inclusive um dos protagonistas deste processo. As inovações e técnicas incorporadas incluíam estratégias empresariais bem delimitadas, com racionalização do trabalho, novas tecnologias de impressão, além do uso de imagens coloridas e diagramação planejada. Além disso, seu temário era composto por *tópos* caros ao jornalismo sensacionalista: religiosidade popular, criminalidade e medos urbanos, como seca e imigração. Estes disputavam espaço nas manchetes de capa e no interior do jornal com notícias políticas e econômicas, bem como as colunas sociais e caderno cultural.

O jornal tinha em média 18 páginas, sendo 4 destinadas aos temas do jornalismo popular. A historiadora Mariza Romero, em sua pesquisa sobre o periódico, chama a atenção para o choque entre a visão do jornal e o imaginário ufanista da São Paulo da década de 1950. De um lado, a imagem de progresso que setores da elite e do Estado urdiam sobre a cidade, orientada pelos valores do trabalho, moralidade, desenvolvimento e bonança; do outro, as notícias do *Diário da Noite* que “contrapõe outra cidade, onde vive uma multidão predisposta ao descontrole, cidade onde transitam mendigos, gatunos, rufiões, suadeiras, homicidas”.³⁸

O *Diário da Noite* surge como fonte por ter sido o que mais cobriu o cotidiano da Boca, com reportagens diárias, às vezes em detalhes liliputianos, onde era possível acompanhar o desdobrar de uma briga entre bandidos em diferentes edições, com densidade e dramaticidade digna dos folhetins e *canards*³⁹ do século XIX. Essa cobertura foi também a mais longeva, tendo início já na época da Zona do Bom Retiro, na década de 1950, chegando até o final dos anos 1970. Alguns dos mais importantes repórteres policiais da época trabalhavam no *Diário da Noite*, entre eles destacamos o já citado Orlando Criscuolo, jornalista de longa carreira, que teve interlocução direta com Hiroito, chegando inclusive a ser um dos mediadores para a publicação de seu livro. Por suas páginas desfilaram os mais destacados “homens-legendas”⁴⁰ da Boca.

³⁸ ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no diário da noite**: São Paulo (1950-1960). São Paulo: EDUC:FAPEESP, 2011.

³⁹ O *canard* (pato, numa tradução literal do francês), é um tipo de relato que circulava via folhetos entre os séculos XVI e XVII. Foi um precursor dos *faits divers* e “misturava relato de notícia, literatura de colportage e muita invenção a fim de melhor impressionar (e atrair) público – daí ser identificado com notícia falsa” *In*: GUIMARÃES, Valéria. *Grand Guignol de Papel: Cultura Midiática e Cultura das Bordas nos Faits-Divers*. **Revista Sentidos da Cultura**. Universidade do Estado do Pará. V.9, N.16. Belém: EDUEPA, jan./jul. 2022. p.32. Ressonâncias dessa fórmula podem ser encontradas no jornalismo popular contemporâneo ao recorte temporal de nossa pesquisa, como veremos ao longo do trabalho.

⁴⁰ Conceito cunhado por Hiroito Joanides para se referir aos homens e mulheres que eram objeto de escrutínio diário por parte dos jornais, e que apareciam em suas manchetes de capa na condição de bandido perigoso,

Já o *Noticias Populares*, aparece como a segunda fonte de imprensa mais explorada nessa pesquisa pelo seu papel simbólico. Foi a partir das páginas desse jornal, mais especificamente na coluna “Flagrantes”, que o uso do termo Boca do Lixo, para se referir àquela região central da pauliceia, senão foi inventado, ao menos se popularizou. A coluna foi criada pelo seu editor de polícia, Ramão Gomes Portão, onde numa mistura de ficção e fatos cotidianos alinhavava suas *Estórias da boca do lixo* — fazendo alusão ao livro homônimo que o jornalista lançou em 1968, reunindo todas as histórias e crônicas que desfilaram em sua coluna.⁴¹ A cobertura do *Noticia Populares* é responsável também por ter criado o título nobiliário de “Rei da Boca do Lixo”, o que também é responsabilidade do seu editor de polícia, usado para descrever malandros-bandidos em ascensão ou que tinham logrado grandes feitos criminais.

Outros tipos de fontes jornalísticas importantes encontramos nos veículos da imprensa alternativa, que, durante o período de recrudescimento da repressão política posta em prática a partir do golpe militar de 1964, passou a se interessar pelos temas da violência urbana. A importância desse conjunto de fontes se fundamenta por propor outra abordagem do cotidiano marginal, tendo objetivos distintos do jornalismo popular. Porém, para preservar o interesse do leitor no enredo, as formas de utilização desse conjunto de fontes e o lugar que esses jornais e revistas ocuparam nessa construção do imaginário do crime na cidade de São Paulo, serão destrinchadas e explicitadas ao longo do texto. Por ora, importante frisar que utilizaremos a *Revista Realidade* e os jornais *Movimento* e *Versus*.

Além dos jornais e da revista aqui elencados, outros materiais podem aparecer de maneira bastante fragmentária. Mas, sempre que aparecerem é porque são notas e reportagens estratégicas para elucidar determinados eventos ou fatos, ou porque essas notas e reportagens foram elaboradas por jornalistas e repórteres cuja trajetória, de certa forma, está diretamente relacionada com a Boca do Lixo. Essa relação, também será explicitada conforme forem aparecendo no texto.

A literatura e o cinema, como demais outras formas de expressão artísticas, surgem como fonte para perspectivar, sobretudo, o cotidiano marginal da Boca do Lixo. Afinal, a questão das fontes sempre foi um obstáculo metodológico para escrever a história daqueles que ficaram às margens de determinada sociedade/época. Há problemas de natureza e do modo de tratamento dessas fontes, pois “os indícios e vestígios partem sempre ou na maioria

farrapo humano, degenerada ou sob a aura de “chefe do pedaço”. Em resumo, os homens e mulheres que viravam matéria-prima das reportagens.

⁴¹ PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d.

das vezes do ‘centro’ da sociedade, de suas elites do poder, e constituem discursos diversos sobre a alteridade”.

Dessa forma, visando contornar tal dificuldade, faz-se necessário o uso de fontes cuja composição, circulação e leitura se dão por fora das instituições privadas e estatais, mais precisamente representações do campo artístico, como a literatura e o cinema. O uso dessas fontes de pesquisa possibilita ao historiador ter acesso a determinadas nuances do cotidiano que as fontes mais convencionais e oficiais talvez não permitam. As produções discursivas estão perpassadas por mecanismos de rarefação, hierarquias e enquadramentos que limitam sua produção, vinculando seu sentido às estruturas socioculturais das quais são emanados.⁴² Na literatura (e amplo para as outras formas de artes) é onde esses limites podem ser questionados, ou subvertidos. Portanto, é por essa razão que ela aparece como “um ângulo estratégico para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de determinada estrutura social.”⁴³ A partir da análise da literatura e do cinema enquanto fonte, pode-se pensar a história dos desejos não realizados e dos homens vencidos pelos fatos. Essa narração historiográfica “teria, por consequência, de se vincular aos agrupamentos humanos que ficaram marginais ao sucesso dos fatos”.⁴⁴

Nesse sentido, a literatura de João Antônio, o jornalista-escritor que estabeleceu na imprensa brasileira o formato de conto-reportagem, será importante para “imaginar” detalhes do cotidiano local sem as censuras e questões morais com que os jornais cobriam a Boca. Seu método de composição pode ser comparado ao da “observação participante” antropológica, com a vantagem de que João não é um pesquisador a ser inserido e aceito naquele grupo, a se adaptar àquela realidade. Na verdade, ele que foi nascido e criado no subúrbio paulistano, era um frequentador assíduo da Boca do Lixo, antes mesmo de se tornar escritor. Foi amigo de alguns dos mais notórios malandros do local, além de sambistas como Germano Mathias e Geraldo Filme, com quem disputava partidas de bilhar em bares da região. Era justamente de lá que tirava material para seus contos. O temário da obra de João Antônio inclui: cotidiano marginal, boemia, jogatina, punguismo, polícia, política, prostituição, compadrio, crítica social e reflexão sobre a linguagem e as táticas de sobrevivência dos sujeitos desviantes e marginalizados. João Antônio tinha por mania tomar notas de tudo que ouvia e presenciava nos locais que frequentava, descrevendo no seu texto a sociabilidade, o jeito de falar, as

⁴²SEVCENKO. Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.28.

⁴³Idem. p.28.

⁴⁴Ibidem. p. 29.

angústias e sonhos desses que são os páreas em determinada sociedade. Por isso, sua obra se apresenta como fonte interessante para pesquisar o cotidiano da Boca.

Em sentido oposto, mas também com riqueza de detalhes sobre o cotidiano marginal, surge a obra de Nuto Sant’anna, pseudônimo de Benevenuto Silvério de Arruda Sant’Anna. Foi um jornalista, escritor e historiador. Filho de família abastada do bairro de Santana — onde a biblioteca local leva seu nome — teve uma atuação e produção profícua sobre a História de São Paulo, sendo fundador da *Revista do Arquivo Municipal* da cidade. No jornalismo, atuou em diversos veículos passando pelo jornal *Correios Paulistano*, e pelas revistas *O Pirralho*, *A Vida Moderna* e *Cigarra*. Em 1948, Nuto escreveu um romance histórico que tem por base suas experiências nas perambulações pela Zona do Meretrício do Bom Retiro, e cujo nome é justamente “Rua Aimorés”. Esse romance nos entrega pistas sobre as percepções que as famílias abastadas de São Paulo tinham sobre a prostituição e as sociabilidades marginais, ajudando também a criar um panorama sobre as divisões do trabalho e dos tipos de serviços oferecidos nessas duas ruas.

Outras obras oriundas desse encontro entre memória, jornalismo e literatura surgem, como a já citada compilação de textos da coluna “Flagrantes”, publicada por Ramão Gomes Portão sob o título de *Estórias da Boca do Lixo*.⁴⁵ Temos também a obra da ex-prostituta e ex-detenta, Vera Tereza de Jesus, *Ela e a Reclusão*⁴⁶, que pode ser inserida como uma das precursoras do gênero posteriormente seria chamado de “literatura de testemunho”, ladeada por escritoras como Carolina Maria de Jesus. A obra de Vera Tereza, embora foque seu relato na experiência de detenta, relata detalhes de quando ela se aproximou da vida do crime na condição de prostituta e mostra-se importante por ser uma das poucas representações autorais oriunda de voz feminina.

Também abordaremos o filme *Bandido da Luz Vermelha* de Rogério Sganzerla, cujo roteiro e linguagem basearam-se na reportagem policial para retratar o cotidiano da Boca do Lixo; por isso, empreenderemos a interpretação de partes do filme a partir do mesmo referencial teórico utilizado para problematizar a linguagem da reportagem policial.

Ao longo da tese buscamos responder três tipos de perguntas: se as representações que a imprensa policial constrói sobre determinadas áreas urbanas acabam por constituir, no imaginário social, topografias criminais e se isso se aplica à Boca do Lixo. Se existe uma relação complementar entre reportagem policial e discursos parlamentares e relatórios

⁴⁵ PORTÃO, op. cit.

⁴⁶ JESUS, Vera Tereza de. *Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você*. 1. ed. São Paulo: Edições “O Livreiro”, 1965.

policiais no intuito de combater determinadas práticas e demarcar territorialidades urbanas. E, por fim, como os habitantes/praticantes que são objeto desse tipo de representação leem e interpretam essas representações?

Dado o quadro geral, no primeiro capítulo buscamos contextualizar e, de certa forma, reconstituir o cenário em que os personagens (incluindo os locais de crime, a Zona e a Boca do Lixo) trabalhados na tese emergiram e foram, ao mesmo tempo, se constituindo e sendo objeto de representações por parte da imprensa e de setores do Estado: Polícia, Serviço Social, Câmara de Vereadores. Dessa forma, a história da zona do meretrício das Ruas Itaboca e Aimorés, regulamentada em 1940 e extinta em 1953, foi trabalhada como uma espécie de antessala do tipo de sociabilidades e relações de poder que, posteriormente, comporiam o cotidiano da Boca do Lixo. Focamos a análise na conceituação dos sujeitos e suas atividades, e como o poder público, aliado a setores do comércio e imprensa, atuaram no sentido de demarcar, rotular e estigmatizar a Zona e seus habitantes. O que resultou no decreto e execução da extinção no último dia do ano de 1953.

Já no segundo capítulo, buscamos historicizar o processo de formação da Boca do Lixo a partir da análise de um *corpus* documental diverso formado por reportagens da imprensa policial, relatório da polícia, sentenças judiciais, fontes fílmicas, autobiografia e literatura. O foco da análise recairá sobre a reportagem e a autobiografia, tendo os outros registros como elementos utilizados para cotejar informações e perspectivas, suprir lacunas e construir uma narrativa polifônica sobre a Boca. O objetivo principal é, identificar na imprensa policial dos anos 1950 e 60 a construção de uma teia de representações sobre o território que recebeu dela mesma a alcunha de Boca do Lixo. Com isso intentamos mensurar até que ponto as construções discursivas da reportagem policial acabam por construir no imaginário social uma percepção de determinado território como espaço de práticas sujas e delituosas. Ignorando toda a diversidade e complexidade de outras práticas e sujeitos que ali habitavam, transitavam e circulavam por esses locais que são objeto de seu escrutínio diário.

No entanto, essas representações foram cotejadas e tensionadas com a autobiografia de Hiroito, pensando ambas não como a verdade dos fatos, mas representações que se chocam. A primeira tomada como espaço de poder onde as elites conferem o estatuto dos seus outros e a segunda como a leitura que esses sujeitos desviantes fazem da imprensa e dos valores que ela dissemina em suas representações.

Além disso, utilizaremos o filme do cineasta Rogério Sgazerla, *O bandido da Luz vermelha*, rodado em 1968, que tem como cenário o espaço onde ficava a Boca do Lixo.

Construído a partir de uma narrativa fragmentada, onde as vozes do personagem principal e a de locutores de um programa de rádio policial intercalam-se com letreiros em neon que rolam nas faixadas dos prédios. Estas se juntam para narrar de maneira fragmentária e polifônica a vida de um bandido, o Luz. Nessa mistura de vozes e linguagens o filme constrói uma alegoria em que a Boca do Lixo figura como uma heterotopia contrastante com a cidade de São Paulo (eclipsada no filme) e com os valores ufanistas da época. Nesse sentido, serve como apoio para pensar a simbologia da São Paulo no período dos anos 1950-1970, opondo-se às noções de alegoria e símbolo, o filme permite analisar a Boca como um espaço que quebrava a simbologia de uma sociedade regida por valores da família, pátria, progresso e trabalho. A Boca como a cidadela dos desviantes.

No terceiro capítulo, saímos da topografia para a descrição dos tipos humanos que habitavam a Boca, as principais atividades criminais ali desenvolvidas e sua relação com a economia criminal da cidade. Os personagens pincelados nesse capítulo são fundamentais para entender a dinâmica criminal da Boca do Lixo e seus desdobramentos. É nesse capítulo que vamos analisar o da mudança na cultura policial da época. Que se dá no bojo do clima repressivo instaurado pela ditadura militar. Essa mudança infere sobre a Boca, sendo colocada em prática uma série de ações visando o seu desmonte. Esse movimento será analisado a partir do conceito de “gerência de ilegalismos”, que pensa não só a legislação, mas também a ação dos agentes policiais, como uma forma de “gestão dos ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis [...]finalmente, proibindo, isolando e tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação”.⁴⁷

Dado a fonte original, o uso do conceito que mais se aproxima do que fizemos em nosso texto foi encontrado na urbanista Raquel Rolnik, que o readaptou para pensar a conformação dos territórios urbanos e seus usos. Rolnik ressalta que, para além de estabelecer um formato de cidade desejável e racional, a legislação urbana tem, antes de qualquer coisa, a função de definir territórios dentro e fora da lei, criando assim territórios de plena cidadania e territórios de cidadania limitada.⁴⁸

Por fim, no quarto e último capítulo, retiraremos nosso personagem principal do contexto do cotidiano marginal da Boca do Lixo, e das representações pejorativas na imprensa policial, levando-o para o debate na esfera pública de sua época. Aqui focaremos em analisar Hiroito como um intelectual inserido nos debates de questões importantes do seu tempo,

⁴⁷ DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 39.

⁴⁸ ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

sobretudo nas que dizem respeito ao tema do seu livro, a criminalidade. A pergunta extra que buscamos responder é: Como seu livro foi recebido na imprensa que ele tanto criticou? Hiroito participou de debates, mesas redondas com juristas, sociólogos e criminologistas, deu entrevistas, palestras em universidades e teve algumas resenhas elogiosas sobre seu trabalho em diversos cadernos culturais de jornais e revistas. A saber, outra questão que nos intriga responder é, se nesse contexto, revestido da aura de autoridade no assunto, conferida pelo reconhecimento, Hiroito muda sua forma de representar os fatos acontecidos e o cotidiano da Boca do Lixo. Por fim, o capítulo cumpre a função de fazer a história do seu livro e aponta como encerrou a sua trajetória na imprensa.

CAPÍTULO I

RUAS DEVASSAS: A ZONA DO MERETRÍCIO COMO PONTO DE INFLEXÃO PARA A BOCA DO LIXO

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira...

A alma encantadora das ruas,
João do Rio⁴⁹

A São Paulo dos anos 1950 se apresentou como palco e cenário onde se iniciou a trajetória no mundo do crime dos nossos personagens limiares. Explico, limiar no sentido que Walter Benjamin atribui ao que ele chamou de “imagem dialética”. Sua obra tardia é perpassada por esses tipos, a prostituta que se apresenta ao mesmo tempo como vendedora e mercadoria; as Passagens de Paris, ao mesmo tempo como casa e rua; e o *flâneur*, personagem limiar por excelência, que atua como o “mediador entre o *intérieur* e as ruas de Paris, ele é uma figura alegórica essencialmente ambígua: ao mesmo tempo, sonhador e produtor de imagens, pois representa também o literato moderno.”⁵⁰ É importante não confundir limiar com fronteira, não se trata de passar de um lado para o outro, ou de impedir que se passe, antes é estar entre dois lugares ao mesmo tempo, carregar em sua constituição essa ambiguidade e tensão dialética.

Começaremos nossa incursão pelo que chamamos de *ponto de inflexão* que resultou na constituição da Boca do Lixo enquanto território habitado, gerido e frequentado por diversos tipos marginais, a zona do meretrício do Bom Retiro. Foi lá que o ainda adolescente Hiroito deu os primeiros passos na boemia e onde estabeleceu o primeiro contato com a ambientação

⁴⁹ RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônica. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.34.

⁵⁰ BOLLE, Wille. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p.67.

em que os “desajustados sociais”, aqueles e aquelas que fazem uma leitura divergente em relação aos valores e costumes aceitos pela sociedade em que estão inseridos, se movimentam, fazem sua viração, estabelecem seus contatos.

Walter Benjamin narrou que o interesse e o despertar do seu olhar para os espaços marginalizados da cidade se deu nos costumeiros passeios com sua mãe pela Berlim de 1910. Sua condição de garoto de classe abastada o prendia nos limites de seu bairro burguês. As poucas vezes que ultrapassava esse limite era acompanhado do cuidado disciplinar da figura materna. Em uma passagem ele frisou como os pobres eram percebidos no imaginário social das pessoas de sua classe: “Nesse bairro de proprietários permaneci encerrado sem saber da existência dos outros. Os pobres – para as crianças ricas da minha idade – só existiam como mendigos.”⁵¹ Esta observação sobre a percepção dos pobres alude ao fato de que o conhecimento sobre o cotidiano e a sociabilidade dos desfavorecidos só chegavam até às pessoas de sua classe por um tipo de literatura ou representação simbólica que os descreviam/conceituavam dessa forma.

Disse ele que devido ao cotidiano controle moral exercido pelos pais de forte formação religiosa, a única forma de revolta – ou rebeldia – que podia exercer sem que fosse exposto ao castigo e ao controle era a “sabotagem”. Esta sabotagem consistia no exercício de ficar sempre um passo atrás de sua mãe nas poucas vezes em que saiam do seu bairro e tinham que atravessar o território habitado pelo *lumpen*. A tática de recuar um passo permitia ao jovem Benjamin contrastar a figura da prostituta com a da mãe, abrindo caminho para “a possibilidade de um olhar ou saber sobre o outro”.⁵²

O limiar, portanto, é esse estar “entre” de modo que possibilite perceber o movimento dialético da cidade, das pessoas e das coisas. Ao realizar essa sabotagem, Benjamin se colocava entre o pertencimento à sua classe e a existência dos pobres. O que possibilitava a abertura para uma leitura a contrapelo das representações literárias e jornalísticas sobre os outros:

Recorria a ela (a sabotagem) quando procurava escapar a minha mãe. Mas, de preferência, nos mandados, e com uma teimosia obstinada que frequentemente a levava ao desespero. Adotara mesmo o costume de ficar sempre meio passo atrás. Era como se, em nenhum caso, quisesse construir um *front*, mesmo que com minha própria mãe. O quanto tive de agradecer a essa resistência sonhadora nos passeios em comum pela cidade, descobri mais tarde, ao se abrir seu labirinto ao impulso sexual [...] Mas já naquela

⁵¹ BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 2). p. 125.

⁵² CHAVES, Ernani. Sexualidade, corpo e desejo em Walter Benjamin. **Revista Cult**, São Paulo, p. 56-57, 01 set. 2006, p. 54.

época, quando minha mãe me reprendia a rabugice e o andar sonolento, percebi vagamente a possibilidade de mais tarde subtrair-me de seu domínio em conluio com essas ruas, nas quais, aparentemente, não sabia me orientar. De todo modo, não havia dúvida de que o sentimento —infelizmente, ilusório— de abjurar minha mãe, sua classe e a minha, era o responsável pela atração de me dirigir a uma prostituta em plena rua.⁵³

Em várias passagens de seu texto, Hiroito se deteve narrando suas perambulações pelo centro da cidade, inicialmente divididas entre as incursões à Zona⁵⁴ para obter os prazeres proibidos e a vida de jovem estudante de colégio de classe média. Lembrou que para acessar a Zona tinha que passar pela constante ação de fiscalização feita pela Polícia de Costumes e que recorria às suas características de estilo para forjar maioridade, à época tinha 17 anos. Segundo ele, o seu vestir sóbrio e os óculos de lentes grossas passavam a impressão de que tinha idade suficiente para frequentar o lugar, ajudando, assim, a sabotar o sistema de fiscalização. Sobre esse período de iniciação ele escreveu:

Na época, cursava o quarto ano ginásial, no Ginásio Machado de Assis, no bairro de Pinheiros, e um colega de estudos, mais velho e traquejado que eu, foi quem me conduziu àquele primeiro encontro com uma profissional do amor. E gostei da coisa. Quero dizer, gostei muito. Tanto assim que, de então em diante, possuísse eu os necessários cinco cruzeiros e haveriam de ver-me, todo afobadinho, a desfilar pelas ruas Itaboca e Aimorés, diante daquelas fileiras de portas e janelas-vitrines onde um mar de mulheres, de todos os tipos, cores e tamanhos, se oferecia à macharia passante.⁵⁵

Em um conto que tinha por cenário a zona do meretrício e a Boca do Lixo, João Antônio, escritor cujo “coração rueiro”⁵⁶ fazia dele boêmio assíduo, frequentador da Boca do Lixo, pode-se imaginar detalhes e o desenrolar da vida dos marginalizados e desviantes. A partir do personagem que dá nome ao conto, Paulino Perna Torta, jovem engraxate que acaba virando malandro e rufião, foi narrado o cotidiano da Zona tolerada do Bom Retiro. O cenário descrito pela voz do personagem encampa de certa forma uma tese também defendida por Hiroito, de que em torno da atividade da prostituição se concentra uma série de outras atividades ilícitas, bem como uma fauna de tipos marginais:

É que na cidade havia zona. E a maior concentração da bagunça, da safadeza e de todas picardias de malandragem e virações ficava lá longe. No Bom Retiro. Aquilo era um formigueiro na rua Itaboca e dos Aimorés. Até gente

⁵³ BENJAMIN, op. cit., 1987, p. 126.

⁵⁴ Sempre que utilizarmos a palavra Zona grafada com maiúscula estaremos nos referindo à zona do meretrício do Bom Retiro.

⁵⁵ JOANIDES, op. cit., 1977, p. 47.

⁵⁶ HARA, Tony. **Coração rueiro: João Antônio e as cidades**. Londrina: Kan, 2013, p. 17.

morria. Tiro, facada, navalhada, ferrada e todo o resto do acompanhamento. Mas um braseiro isolado e não bulia com ninguém fora dali.⁵⁷

Até 1953, existia no bairro do Bom Retiro uma zona do meretrício confinada e tolerada. O confinamento e regulamentação se deram em 1940, via decreto do então interventor Adhemar de Barros, após intenso debate sobre o que fazer com os prostíbulos que já existiam e se espalhavam por toda a região central da cidade. Segundo o Delegado Guido Fonseca — que escreveu um livro detalhado sobre a história da prostituição em São Paulo — desde pelo menos 1930, setores do governo e da sociedade paulistana travavam intensos debates cuja finalidade era encontrar uma resolução para o problema do meretrício.

Entre as diversas propostas, ganhava força a tese do modelo regulamentarista, que previa o confinamento do exercício da prostituição em um espaço delimitado da cidade, proibindo, assim, que se exercesse tal atividade em qualquer outra rua ou bairro. Segundo Fonseca, as autoridades policiais viam no confinamento uma série de vantagens, com destaque para “a possibilidade de um melhor policiamento, uma fiscalização sanitária mais eficiente e um menor vexame para as famílias forçadas a transitar pela zona boêmia”⁵⁸.

O que não se tinha consenso e gerava bastante conflito, era sobre o local onde estabelecer essas “indesejáveis moradoras”; primeiro, porque o jogo de interesses imobiliário dificultava que se avançasse na escolha do local; segundo, porque quando se escolhia um local, existia resistência por parte dos moradores e comerciantes antigos. Após 10 anos de debates, propostas e enfrentamentos, finalmente chegou-se a um consenso sobre o local, as discretas e escanteadas ruas Itaboca e Aimorés. Essas ruas formavam uma espécie de U (tanto que na gíria a Zona era chamada de ferradura), cercadas pelo paredão da linha férrea da Sorocabana Santos - Jundiaí que cortava de fora a fora a antiga Itaboca, o desenho urbano dessas ruas pode ser conferido no mapa que consta da Figura 3.

Dessa forma, por não ter como as prostitutas, cáftens e frequentadores se movimentarem para além do campo de visão das autoridades policiais e sanitárias, essas ruas se mostravam como estratégicas para o intuito da Delegacia de Costumes. Uma vez delimitado o local, a Delegacia de Costumes fez todo o trabalho de remoção das mulheres e cuidou detalhadamente da liberação e fiscalização das casas, instalando no local um posto

⁵⁷ ANTÔNIO, João. **Leão de Chácara**. São Paulo: Casac & Nayfy, 2009, p. 104.

⁵⁸ FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982. O delegado Guido Fonseca se dedicou durante anos à pesquisa sobre a história da criminalidade e da prostituição na cidade de São Paulo. Delegado, criminologista de erudição admirável, ele foi Presidente da ACADEPOL — a escola de formação da Polícia Civil do Estado de São Paulo, que edita e publica a *Revista Arquivos da Polícia Civil*, além de manter um acervo de arquivos com relatórios diversos, uma biblioteca com livros sobre criminologia e os Museus da Polícia e do Crime.

policial, um centro de controle de doenças venéreas e um posto do serviço social. Este local, além de facilitar o policiamento, serviu como “um interessante campo para estudos sociais, defendendo, ao mesmo tempo, a ordem a moralidade pública.”⁵⁹

O consenso entre as autoridades sobre a localização do confinamento não se aplicou à população tradicional do Bom Retiro que se mostrou resistente. Embora as ruas fossem de fato discretas, em pouco tempo elas se tornaram local de peregrinação de boêmios, malandros, jogadores, viajantes, transformando a noite do local num dos pontos mais agitados da Paulicéia. O fluxo de pessoas movidas pela vontade de satisfação libidinal deixava um rastro de inéditas preocupações no então bairro de família e comércio tradicionais, sobretudo às noites de feriados e finais de semana.

Ainda em 1940, o jornal *A Platéia* dava uma mostra do que seria uma reclamação dos antigos moradores e dos outros comerciantes do bairro: “o escândalo que se vem verificando, quando a extraordinária multidão que desfila por essas ruas da zona na falta total de mictórios despeja as urinas pelas ruas”.⁶⁰ A reclamação da sujeira era o início de uma série de embates que a população, os antigos comerciantes e alguns jornais e políticos travariam contra a zona confinada. Essa batalha se estenderia por um longo tempo, até o decreto de extinção assinado pelo governador Lucas Nogueira Garcez, no último dia do ano de 1953.

No entanto, durante o dia, as ruas da Zona eram tomadas por cenas normais e corriqueiras do cotidiano de qualquer bairro da família paulistana (esse cotidiano está ilustrado nas Figuras 4 e 5), como nessa passagem do escritor Nuto Santana:

Durante o dia, ou mais exatamente, na parte da manhã, a zona do Bom Retiro era invadida por leiteiros, padeiros, verdureiros, catadores de papel e vendedores dos mais variados que dava uma feição bastante diversa da movimentação noturna. Ao entardecer, as mulheres iam se postando às portas e janelas como em mostruários à espera do desfile de homens que aumentava com a chegada da noite.⁶¹

Essa cena, que, a princípio, aparentava certa dicotomia entre um cotidiano disciplinado e ordeiro do dia e as ruas do pecado da noite, faz parte da complexidade existencial que atravessa a vida dos seres humanos e do cotidiano em que essas vidas se relacionam. Não é diferente com os sujeitos desviantes, que não o são de maneira integral, existindo momentos

⁵⁹ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, presidente da república, pelo Dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal de São Paulo, 1940. In: FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

⁶⁰ **A Platéia**, Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, 04 fev. 1940.

⁶¹ SANTANA, Nuno. **Rua Aymorés**. São Paulo: Topografia Rossolillo, 1958, p. 41.

de sua existência em que eles se comportam como qualquer outra pessoa, fazendo as atividades corriqueiras, alimentando sonhos semelhantes e necessidades idênticas.⁶²

Em uma passagem de Paulinho Perna Torta, João Antônio, na voz do seu personagem que tinha o costume de circular pelas imediações da Itaboca e Aimorés, entre o final da madrugada — e do expediente na Zona — e o início da manhã, quando começava o expediente dos ‘bons’ trabalhadores, descreveu cena semelhante. A demarcada e isolada Zona do Meretrício se apresentava como parte integrada ao cotidiano das boas famílias do Bairro do Bom Retiro, em quase nada se diferenciando, a não ser pela etiqueta de desviante colada em suas infamantes moradoras através das fichas de identificação registradas pela polícia de costumes e pelas crônicas da reportagem policial que só cobria a parte noturna, cito:

Vou pedalando. O Sol queima a rua Itaboca, me dá firma na cabeça, os bondes comem os trilhos, é um barulhão que estremece até as casas. Os trens da Sorocabana e a Santos-Jundiaí vão se repetindo lá em cima do viaduto da Alameda Nothmann, carregados e feios.

Gente se pendura até nas portas. Vou pedalando.

Nestor ainda não abriu a barbearia, o posto de preventivos só começa à uma hora. O Salão de sinuca do Burruca fechado. A farmácia está quieta. A rua está sem mulher.

Atrás das tabuinhas de venezianas verdes dormem todas. Pego à esquerda, entro pela rua dos Aimorés, esta que fecha a forma de U que a zona tem. A Aimoré, como a gente chama e onde estão as mulheres melhores. Onde trabalha Ivete.

Lá do Largo do Coração de Jesus vêm chegando as batidas da igreja; toca também a sirene da fábrica de máquinas de costura aqui na rua José Paulino. Meio-dia, sol queimando. Sozinho no meio da rua, apenas deslizo, pedalando ao contrário, folgando o impulso da descidinha, gozando.

Gatos aproveitam os restos da noite na calçada. Que ontem houve fervura, tropel, esporro... a zona só foi dormir depois de muito louca e azoada...como sempre.⁶³

Os tipos, as cenas, e a sociabilidade narrada nesse trecho não são difíceis de serem aferidos se tal relato for cotejado com outras fontes sobre o cotidiano da zona do meretrício. No conto de João Antônio, o personagem principal, o adolescente Paulinho Perna Torta – que começa a vida na região da Zona sendo explorado como engraxate por um jornaleiro dono da caixa (ferramenta de trabalho), se virando para pagar almoço e aluguel em pensões baratas – foi adotado e apadrinhado por um figurão comerciante da Zona do Meretrício. Um malandro, cujo nome era Laércio Arrudão, dono de um bar que servia como ponto de apoio para

⁶² VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante. *In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

⁶³ ANTÔNIO, op. cit., 2009, p.112.

prostitutas, malandros, jogadores, proxenetas delinquentes e trabalhadores da raia miúda, onde Paulinho passou a trabalhar como atendente no balcão.

O ângulo de visão da beira do balcão foi de onde aprendeu sobre os melindres da vida subterrânea da pauliceia. Paulinho passou a morar no estabelecimento, tendo abrigo e proteção de Laércio Arrudão. E não só, Laércio virou também o preceptor de Paulinho. Ensinando-o a observar os tipos, as picardias, as maneiras de se relacionar com os homens da lei, com os viradores, as disciplinas necessárias para sobreviver no meio da “malandragem” e, principalmente, a descolar uma “marafona”⁶⁴ que lhe servisse como objeto de satisfação libidinal e o provesse com parte do sustento financeiro. Enfim, o guia para que entendesse a sociabilidade do local.

O fato foi que Paulino aprendeu rápido e logo arrumou uma “marafona”. Ivete, prostituta, de nacionalidade francesa, se encantou pelos olhos verdes e o rosto bem desenhado do jovem e logo o presentou com uma bicicleta Philips. Este instrumento que vai lhe servir para perambular pela Zona após o encerramento do expediente na “Boca do Arrudão”, entre os finais de madrugada e início das manhãs, indo ao encontro de seu caso (Ivete) e, depois, para retornar ao bar.

Nesse vagar pela cidade, Paulinho colocava em prática os ensinamentos concretos obtidos da viração na vida de engraxate e os teóricos passados por Arrudão: “[...] nas minhas perambulagens aprendi a ver as coisas. Cada rua, cada esquina tem sua cara. E cada uma é cada uma, não se repete mais. Aprendi.”⁶⁵ Semelhante ao tipo narrado por Walter Benjamin, cuja condição (cenário, palco, horizonte) de possibilidade são as ruas, galerias e os *bas-fonds* das metrópoles modernas, esse personagem que vive a perambular pelas ruas e faz da sua caminhada um exercício de hermenêutica do cotidiano e dos tipos urbanos.⁶⁶

Segundo Sarah Feldman, em seu pioneiro trabalho sobre os territórios de prostituição feminina em São Paulo, as mulheres prostitutas mantinham dupla relação com as casas de tolerância, servindo estas como local de trabalho e moradia⁶⁷. O que remete a cena descrita por Paulinho Perna-Torta, que em sua deambulação matinal pela zona anotou: “Atrás das tabuinhas de venezianas verdes dormem todas”. Feldman fez uma ressalva, esse tipo de

⁶⁴Gíria usada por João Antônio para se referir às mulheres prostitutas que se apaixonam por um malandro, passando a sustentá-lo, entregando-o parte de sua renda.

⁶⁵ ANTÔNIO, op. cit. p.111.

⁶⁶ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3), p. 34.

⁶⁷ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas**: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo —1924 a 1970. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: SP, 1989, p. 89.

vínculo trabalho/moradia não era regra, dava-se apenas com as prostitutas de “classe mais baixa”. Existia também um seletivo grupo que embora fichado na Delegacia de Costumes e autorizado a trabalhar no local, estabelecia com a Zona “relação exclusiva de trabalho”, residindo em hotéis ou apartamentos do centro e algumas prostitutas que viviam com suas famílias em bairros mais afastados. Estas se relacionavam mais tranquilamente com a disciplina do trabalho. Por fazerem programas mais caros, não se preocupavam tanto com a quantidade de tempo que ficavam no local e nem com a quantidade de programas por noite. Inclusive, podiam cobrar preços diferentes a depender do cliente, seu serviço não era tabelado.⁶⁸

A partir dessas observações, podemos perceber também que existia dentro da Zona do Bom Retiro padrões diferentes de serviços e clientes. Numa passagem do conto de João Antônio pode-se observar o seguinte trecho: “os sujeitos que chegavam de Cadillac, e pagavam direitinho, frequentavam a casa mais cara da zona, o salão Azul, no 178 da Aimorés”.⁶⁹ Outra citação, agora de Nuto Santanna, reforça a percepção de que entre as duas ruas eram oferecidos tipos diversificados de serviços para públicos distintos, separados, obviamente, por seu poder financeiro (mesmo que conjuntural, momentâneo). Essas imagens-representações da ambientação da Zona a partir de odores, pruridos, secreções, chagas era uma constante do período, seja na literatura, nos discursos parlamentares ou na imprensa. Numa passagem eivada pelo racismo científico, o personagem do romance de Nuto Sant’anna vai estabelecer uma hierarquização entre os tipos de serviços encontrados nas duas ruas, na Aimorés, mais requinte; na Itaboca, mais fetidez.

E note-se que eu não conhecia só as mulheres da Aimorés. Em noite de tédio, percorria também, de ponta a ponta, a Itaboca, com as suas negras fétidas, os seus bêbados, os desordeiros, os criminosos, os vadios. O cheiro nauseabundo, o bafia de coitos selvagens e a miséria que a empastavam, afugentavam-me logo — e eu recolhia a qualquer antro, menos putrefato.⁷⁰

A referência ao Cadillac, no conto de João Antônio, pode ser perspectivada como um fragmento alusivo ao momento da consolidação do automóvel enquanto ideal de vida nos grandes centros do país (pública e privada), e, especialmente, em São Paulo. Chegar à Zona de posse de um Cadillac denotava poder aquisitivo, entre outras modalidades de *status*. Afinal,

⁶⁸ FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas:** a territorialização da prostituição feminina em São Paulo —1924 a 1970. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: SP, 1989, p. 89.

⁶⁹ ANTÔNIO, op. cit., p.102.

⁷⁰ SANTANA, Nuto. **Rua Aymorés.** São Paulo: Topografia Rossolillo, 1958, p.10.

já fazia algum tempo que a cidade pacata, burgo de estudantes e Campos Elíseos dos barões do café, havia se contaminado pela modernidade extática.⁷¹ Contágio esse que a transformou num território invadido de automóveis, buzinas, caminhões, transeuntes frenéticos nas ruas e calçadas, poluição sonora, arranha-céus, magazines, exposições universais e tudo que simboliza a vida nas metrópoles modernas.

São Paulo consolidava-se no imaginário como a cidade dos carros, do trabalho e das largas avenidas. O automóvel se tornava o ideal de vida de boa parte da população, engendrando novas subjetividades, como bem pontuou João do Rio: “A quimera montável dos idealistas não é outra senão o Automóvel”.⁷² Para o escritor carioca, a máquina passou a conferir ritmo à vida vertiginosa dos grandes centros urbanos, especialmente o Rio e São Paulo. Essa relação homem-máquina, regida pelo ideal de aceleração que encurtou tempo e distância, gerou não apenas uma “ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim”, mas também uma modificação em “nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor”.⁷³

No romance memorialista e autobiográfico de Nuto Santana, o personagem principal inicia sua deambulação motorizada pela cidade em plena madrugada do réveillon de 1947-1948. Após retornar dos festejos, ainda sentindo o “gosto inebriante dos doces e do champanhe”, já sentado em sua casa no “transtieteano” bairro de Santana, fora tomado por um “ardor, o vivo desejo de me aproximar de qualquer criatura do sexo diferente do meu”.⁷⁴ Não resistindo ao impulso, pegou o automóvel que a mãe o havia apresentado, e desceu a Voluntários da Pátria em direção ao outro lado do Tietê, vagando pela noite paulistana, vencendo a Av. Tiradentes em direção à Rua José Paulinho: “quando dei acordo, fronteava as esquinas iniciais ou terminais da famigerada Rua Aimorés”.⁷⁵

A voz do personagem é meio off, em terceira pessoa, composta por reflexões e fluxos de pensamentos, que irrompem na narrativa retardando seu ritmo. Numa dessas elucubrações, o personagem atribui uma hierarquia de valor entre o seu automóvel e as mulheres que trabalham na Zona, numa espécie de humanização da máquina e reificação dos humanos. Ao relatar que o veículo fora presente de sua matriarca, diz que ela tinha um grande apego por aquele “automovelzinho”, recomendando sempre uma lista de cuidados ao filho, se comportando como se o “carro fosse um pouco dela”. Em uma passagem, o personagem de

⁷¹ Referência e reverência ao trabalho de SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁷² RIO, João do. A era do automóvel. In: **Vida vertiginosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021. p.44.

⁷³ Idem. p. 41.

⁷⁴ SANTANA, op. cit. p.5.

⁷⁵ Ibidem. p.6.

Nuto descreve que a entrada do veículo na Zona corrompia a sua natureza familiar: “Não convinha, portanto, conspurca-lo, prostituí-lo, indignamente naquela rua de perdição, vícios e mazelas”.⁷⁶ Diante de tal impasse moral, o personagem, para evitar contaminar o carro com os pruridos que emergem da “trágica fermentação” daquelas ruas, optou por estacionar em outro local, fora da Zona: “Meu carro, o carro de minha mãe, poderia contaminar-se da podridão.”

No livro de Nuto Santana, cujo período em que se desenrola o enredo foram os anos finais da década de 1940, o personagem fez sua incursão pela Zona com um olhar típico de um rapazote classe média criado com todos os mimos e comodidades. E cuja herança burguesa — no sentido de valores e universo simbólico — pulula a todo instante, numa oscilação, ou tensão, curiosa entre a repulsa puritana e o desejo libidinal aflorado. Ao flunar pela Itaboca, a descreveu da seguinte forma “Fui caminhando pela rua, que é como quem diz: um lamaçal”, desfilando os codinomes das mulheres que encontrava, suas “velhas conhecidas: Mariazinha, Finoca, Silvia, Dolores, Mara, Joana Caolha e a Turca Peluda”. Por fim, disse ter se interessado por uma cara nova, que: “Pelas tabuinhas da rótula observei atentamente. Pareceu-me um daqueles espécimes retro referidos...”.⁷⁷

Na Zona do Bom Retiro, as mulheres ficavam expostas, e dispostas, através das rótulas instaladas nas portas, que funcionavam como dispositivos mediadores entre o interior das casas e a rua; ou, em outra perspectiva, ente a mercadoria e o cliente.⁷⁸ Esses dispositivos, herdados das práticas arquitetônicas árabes-ibéricas, foram eruditamente estudados pelo historiador Paulo César Garcez Marins, que os conceitua da seguinte forma: “folhas basculantes de gelosias, isto é, de treliças de madeira composta por fasquias entrecruzadas”.⁷⁹

Elas serviam, ao mesmo tempo, para arear o ambiente interno e controlar a luminosidade externa, pois a disposição em forma de grade permitia boa circulação do vento e dosava a quantidade de raios solares que entravam no ambiente. Serviam também para manter a ordem interior, sem perder completamente o contato com o exterior (a rua), em sua desordem e balbúrdia. No contexto colonial, possibilitava, por exemplo, que as senhoras de família pudessem comprar produtos dos escravos de ganho sem necessariamente ter que

⁷⁶ *Ibidem.* p. 11.

⁷⁷ *Ibidem.* p.12.

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. Jogo e Prostituição. In: **Passagens**. BOLLE, Willi (Org.). MATOS, Olgária Chain Féres (Col.). Trad.: de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018.

⁷⁹ MARINS, Paulo Cesar Garcez. **Através da Rótula**: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USO, 2001. p.31.

estabelecer contato com os mesmos, “ver sem ser vista”, preservando-as.⁸⁰ Era uma relação de comércio em sentido contrário ao que acontecia no contexto da Zona do Meretrício, onde a mercadoria, a prostituta, se oferecia do interior e o comprador a observava e escolhia de fora, através da rótula, adentrando ao local após os devidos acertos, conforme figuras 1 e 2.

Embora esses dispositivos tenham começado a desaparecer na capital paulista a partir da primeira metade do século XIX, conforme nos mostra o brasilianista Richard Morse, a guerra contra as rótulas tem início em 1854, com notas e debates calorosos em jornais. Explicitando uma sociedade que mesmo admitindo a comodidade das rótulas de sobrado, “para ocultarem-se as famílias” enquanto contemplam à rua, alertava para o perigo das mulheres, sobretudo as jovens solteiras, viverem “abalroadas” nas janelas, atrás das rótulas, expondo-se a pretendentes. Por fim, expõe que o apego da sociedade patriarcal da colônia às rótulas só começou a ter fim em 1874, quando começaram a desaparecer da capital paulista.⁸¹

O fato é que no caso das ruas Itabocas e Aimorés as rótulas permaneceram em algumas casas e sobrados e, ao chegar à metade do século XX, como já mostrado, passaram a ter um uso estratégico na exibição das mulheres que ali trabalhavam. Essa inversão da mediação entre interior e rua no uso das rótulas é exaustivamente descrita pelo jornalista-historiador Nuto Sant’anna em uma longa passagem de seu romance sobre a rua Aimorés, com detalhes sobre o cotidiano das moças que as utilizavam:

Já então cessavam os bocejos e amenizavam-se os cansaços da noite anterior. Pintavam-se as faces, retocando-se-lhes os estragos do tempo ou pelo menos das insônias, quando não, em regra, de ambos. E já, as vendedoras do prazer e avaria se iam dispondo nos seus mostruários, com os sorrisos flácidos, que são os açucares de um doce envenenado, para o sacrifício da mercancia. Os olhos cansados e pintados refletiam a impaciência com que aguardavam o parceiro incerto e adventício. A multidão rolava em silêncio, às vezes com rumor de enxame, de um lado e de outro dos passeios. Constituíam-se talvez menos de interessados ativos, do que de boêmios e apreciadores anódinos daquele espetáculo noturno. Marcavam passo ou acotovelavam-se. Ante as persianas, analisavam as feições e a plástica das odaliscas, de pé, ou reclinadas em divãs, com ares de manequins numa vitrina.⁸²

⁸⁰ Serviam, portanto, a “preservação do recato e ao resguardo do lar e do pudor que estavam reduzidas as mulheres nas sociedades implantadas pela conquista — trancadas em suas casas e protegidas de olhares externos pelas sombras das rótulas”. *Ibidem*. p.32.

⁸¹MORSE, Ricarhd. **Formação Histórica de São Paulo**. Rio de Janeiro: Divisão Europeia do livro, 1970. p.139.

⁸² SANTANA, op. cit., pp. 42-43.

Figura 1 – Mulheres se exibindo através das rótulas.



Fonte: Memória da Polícia Civil de São Paulo — <https://www.memoriapoliciacivilsp.com/>

Figura 2



Fonte ACADEPOL – Mulheres fora da rótula, em horário de folga. Entre uma porta e outra existiam paredes de madeirite, formando espécies de gabinetes, onde as mulheres ficavam inseridas, deixando o rosto e corpo visível apenas através da rótula.

Um levantamento feito pelo sanitarista José Martins de Barros identificou que nessas ruas existiam um total de 150 casas que abrigavam em torno de 1.000 mulheres, cujo sustento era retirado da venda do próprio corpo. Embora chame atenção para o fato de que esse número poderia chegar a até 1.500, pois, segundo o sanitarista, algumas noites nessas ruas o movimento demandava que outras mulheres, não residentes, comparecessem à Zona para trabalhar, principalmente aos feriados e finais de semana, quando o fluxo de frequentadores aumentava.⁸³ A partir das fichas registradas pela polícia de costumes, condição para liberar o

⁸³ BARROS, José Martins de. **Contribuição para o estudo do problema da sífilis na capital de São Paulo.** Arquivos da faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, vol. 5, nº 1-2, p. 1-88, dez. 1951.

exercício do meretrício, o sanitaria fez clivagens por cor da pele, nacionalidade e idade — importante lembrar que as fichas não expunham os dados desse contingente extra demandado nos dias de grande movimento, tratando-se apenas das residentes fixas e cadastradas — oferecendo os seguintes dados:⁸⁴

Quadro 1 - Brancas: 550; Pardas: 300; Pretas:150⁸⁵

Nacionalidade	Quantidade:
Brasileiras	922
Francesas	30
Polonesas	25
Espanholas	4
Uruguaias	3
Húngaras	2
Russas	2
Romenas	2
Paraguaias	2
Tchecas	1
Lituanas	1
Alemã	1
Síria	1
Belga	1
Iugoslava	1
Japonesa	1
TOTAL:	1.000

O quadro revela um número predominante de mulheres brasileiras entre as prostitutas cadastradas para o trabalho na Zona do Bom Retiro. O que demonstra uma tendência de substituição das polacas e francesas por mulheres brasileiras.⁸⁶

Entre as décadas de 1940 e 1950, observou-se um crescimento significativo da população feminina urbana no Brasil e em São Paulo. Os motivos estavam relacionados com uma mudança na configuração demográfica, causada pela substituição da mão de obra feminina pela masculina nas lavouras, ocasionando na migração cada vez maior de mulheres do campo para as cidades. Como os empregos no setor industrial eram predominantemente

⁸⁴Ibidem, p.45.

⁸⁵ Utilizo a terminologia da fonte.

⁸⁶ BARROS, op. cit., p. 64.

ocupados por homens, a maior parte das mulheres trabalhavam no setor de Serviço, especialmente em trabalhos domésticos.⁸⁷

Em outra pesquisa de campo, encomendada pelo Serviço Social do Estado de São Paulo, podemos observar os seguintes dados sobre a profissão que as prostitutas cadastradas exerciam antes de chegar à Zona do Meretrício: a maior parte era formada por ex-empregadas domésticas, 51,6%; um percentual de 15,2% nunca tinha trabalhado antes e, em percentuais menores, ex-operárias, 9%; e ex-comerciárias, 2,8%.⁸⁸ A urbanista Sarah Feldman comentou esse aspecto:

A presença esmagadora entre as prostitutas de mulheres vindas de outras cidades e estados, bem como o número significativo de ex-empregadas domésticas, permitem estabelecer pelo menos uma relação imediata entre o emprego doméstico e a prostituição: ambos conjugam a solução de trabalho e moradia. Nesse sentido, são receptáculos de mulheres migrantes que chegam a São Paulo despossuídas de qualquer infraestrutura básica de sobrevivência.⁸⁹

Voltando ao aspecto da relação local de trabalho/moradia é importante frisar que a moradia não era uma espécie de benefício trabalhista oferecido pelas donas/donos de pensões, *cafténs*. Tudo era cobrado. Do aluguel à roupa de cama, passando pela comida e bebida, até os itens de higiene pessoal. As tardes da Zona eram frequentadas por muitos vendedores dos mais diversos tipos de produtos usados pelas mulheres: roupas, calçados, maquiagem, lingerie, espelhos, pentes, penteadeiras, perfumes etc., estes cobravam juros exorbitantes que podiam chegar à casa dos 1000%. O formato de confinamento em ruas sem saída oferecia aos vendedores uma clientela certa. Já que boa parte das mulheres prostitutas tinha receio de sair da área delimitada da zona do meretrício, sob pena de serem presas ou sofrerem algum tipo de assédio e extorsão por parte de agentes da Polícia de Costumes, que poderiam acusá-las de exercício ilegal da profissão, fora da área estabelecida por lei.

Um dos principais problemas metodológicos com o qual o historiador se depara ao tentar escrever uma história dos que ficaram à margem de determinada sociedade e dos padrões de uma época é a falta de uma robusta documentação ou, então, encontrar um conjunto heterogêneo de fontes cujos vestígios que chegam até o presente não deixam de ser fragmentados e, pior, partem quase sempre do “centro” da sociedade, eivados de filtros.

⁸⁷ SINGER, Paul. & MADEIRA, Felícia. Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920 a 1970. In: **Cadernos Cebrap**, n. 13. São Paulo: Brasiliense, 1975.

⁸⁸ FURLAN, E. A. B. **Alguns aspectos da regulamentação da prostituição em São Paulo**. Monografia. Escola de Serviço Social. PUC. São Paulo, 1955, p.29.

⁸⁹ FELDMAN, op. cit., p. 92.

Lembrando que boa parte desses vestígios foi preservada no momento do choque desses sujeitos com os aparelhos jurídicos e policiais do Estado.⁹⁰

Para tal empreendimento, faz-se necessário a montagem de um conjunto amplo e heterogêneo de documentos, de modo que possamos cuidadosamente tecer a narrativa a partir de cotejamentos entre esses variados tipos de fontes. Nesse sentido, as fontes produzidas fora do âmbito estatal ou institucional são importantes, pois só através delas se têm um “acesso” mais diversificado ao cotidiano, costumes, anseios e pontos de vistas dos sujeitos desviantes em detrimento do olhar esquadrinhador, disciplinar do judiciário ou da imprensa. No entanto, quando se trata de mulheres prostitutas, é difícil encontrar até mesmo uma literatura produzida a partir de uma escrita feminina, de quem viveu a experiência da prostituição. Assim, uma das saídas possíveis é buscar na literatura, mesmo a produzida por homens, as memórias das personagens femininas.

Um estudo do frade dominicano Jean Pierre Barruel de Lagenest, que foi fundador da Pastoral da Mulher Marginalizada e Presidente da Associação Paulista de Amparo à Mulher, trouxe o depoimento de Vera Tereza de Jesus, uma ex-doméstica que teve uma vida de delitos e que chegou a ser prostituta na zona do meretrício. Vera também escreveu um livro depoimento sobre os anos que passou no cárcere feminino, o livro chama-se *Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você* e chegou a ser elogiado pela escritora Carolina Maria de Jesus.

No depoimento dado ao frade Lagenest, Vera disse que as prostitutas eram vistas de três maneiras: como coitadinhas, vagabundas ou desavergonhadas. “Fora quando não combinam as três formas num jogo de palavras”, completou ela em referência à imprensa. Reclamou dos muitos conferencistas que falaram sobre a prostituição, ocupando inclusive os jornais com suas conceituações e soluções para um problema que desconhecem na prática, por isso as soluções ou não são levadas a sério ou não dão certo.⁹¹ Para Vera, geralmente não dá certo porque identificam os culpados errados ao apontarem apenas para as “decaídas”. Vera enumerou sua lista de culpados e avisou que a leitura do seu argumento poderia chocar, pois diferente dos conferencistas, que culpavam exclusivamente as meretrizes, seu elenco de motivos apontou para a sociedade e os seus tipos respeitadas. A lista de culpados era extensa e curiosa, destaco algumas passagens:

⁹⁰ FARGE, Arlette. Milhares de Vestígios. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 15.

⁹¹ LAGENEST. J.P Barruel de. **Mulheres em leilão**: um estudo da prostituição no Brasil. São Paulo: Vozes, 1975, p.11-12.

É você, mulher bem casada que não sabe ser- mulher esposa;
É você policial desonesto, dono de casa de prostituição, são vocês que se enriquecem vendendo mulheres aos quilos, vocês têm algo a dizer pois são os piores e sabem disso;
[...]São vocês, freiras de colégios grã-finos, que vivem em um redoma de mentiras, pregando um cristo a muito desacreditado, porque vocês o deformaram; falam sobre prostituição mas nada entendem do assunto, não recebem uma prostituta que bata em sua porta;
[..] é a senhora, que faz parte da mais brilhante sociedade e que diz ser a prostituição um mal necessário [...] Mande, pois, sua filha para a prostituição, já que pensa ser ela ‘necessária’ e ela estará colaborando, então, no bem comum da nação.⁹²

Essa relação de culpados e a forma ácida com a qual Vera exprimiu sua opinião deixava claro que ela estava rebatendo o reducionismo com o qual a sociedade e seus *doutos* encaravam o tema da prostituição, ora imputando às meretrizes a responsabilidade pelos atos desviantes, ora atribuindo à falta de instrução e problemas de ordem socioeconômica. Mas nunca o percebendo como uma questão complexa que envolve uma série de atores e interesses econômicos, legais, de classe e religiosos.

Em seu livro, Vera Tereza focou a narrativa na sua trajetória de vida, comum a muitas meninas de sua origem social e geográfica. Mulher pobre da zona rural do Estado, que migrou para a capital ainda criança com a proposta de trabalhar numa casa de família abastada, com a falsa promessa de que seria tratada como filha e teria oportunidade de estudos e desenvolvimento pessoal. Ao perceber que estava sendo submetida a condições precárias de subsistência e a mais pura exploração do trabalho, Vera acabou por fugir ainda muito jovem, virando presa fácil de aliciadores, agentes da economia da prostituição. Por fim, narrou também a passagem da prostituição para vida criminal, indo parar na detenção. Essa experiência toma a maior parte do seu “romance de testemunho”,⁹³ conforme foi conceituado, *a posteriori*, seu estilo de escrita. Numa longa passagem, Vera, que não chegou a ser prostituta na zona da Itaboca-Aimorés, exercia o meretrício apenas ocasionalmente em outros espaços, narrou detalhadamente sua tentativa de aproximação do local. Incursão que se deu não por mera curiosidade, mas para sondar um possível campo de trabalho. Sua descrição, embora oriunda de uma mulher social e simbolicamente à margem da sociedade da época, é demarcada pelos mesmos preconceitos e metáforas pejorativas encontrada nas vozes e

⁹² LAGENEST, op. cit., 1975, p.30.

⁹³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.) **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

discursos dos empreendedores morais, talvez por conservar ainda os valores familiares de menina caipira⁹⁴ que se chocou com a experiência extenuante da metrópole corrompida.

Um dia ouvira dizer que se ganhava melhor na zona, digo no meretrício. Tive vontade de ver de perto como era esse ambiente. Fui até a rua Aimorés, onde viviam centenas de mulheres. Fui de carro; o motorista pediu-me que descesse no começo da rua, pretextando o fato de ser a rua contramão. Desci, e fui andando.

De início não percebera tanta gente naquela pequena rua. Quando dei conta de mim e olhei à minha volta, fiquei espantada! Nunca em toda minha vida tinha visto tantos homens. Fiquei como que pregada ao solo, indecisa, não sabia o que fazer. Olhei para uma casa e tive um grito de espanto, NÃO! Não podia ser verdade, eu estava sendo vítima de alucinações: acima de uma porta muito ampla, havia muitas mulheres. Usavam calças de nylon e frente única do mesmo padrão. Podia-se ver no corpo delas até mesmo uma pinta, por menor que fosse, afinal, estavam praticamente nuas. Eu jamais ficaria daquela forma, aquilo passava da imoralidade e eu não me prestaria a papel tão ridículo! Enfim, eu estava petrificada com o triste e lamentável papel daquelas mulheres. Pensei como podiam ficar expostas daquela maneira, não teriam vergonha? Esta foi a pergunta sem resposta. Notei que me olhavam com desprezo, talvez meu rosto me tivesse traído, pois começaram a me dirigir insultos, diziam palavras que jamais ouvira em toda a minha vida!⁹⁵

Sobre essas mulheres que viviam na zona do Bom Retiro, Hiroito nos apresentou uma descrição de seus hábitos de consumo. Segundo ele, um objeto de consumo recorrente entre as moradoras da Itaboca/Aimorés era o rádio, que no geral era alugado. Sua observação deu-se a partir da relação diária com Verinha, seu segundo caso fixo na Zona do Meretrício. A moça, uma ex-doméstica que fugiu de casa e encontrou abrigo na noite do Bom Retiro, segundo Hiroito “adquirira a impessoalidade que caracterizava aquelas mulheres de gostos e preferências, manias e hábitos, ares e trejeitos estandardizados”.⁹⁶ Hiroito resolveu alugar um apartamento com seu novo caso. Nesse apartamento, ele passava a maior parte do tempo e das noites dos fins de semanas livres. Ao descrever em detalhes a decoração adquirida por Verinha, ele nos informa sobre os hábitos de consumo, estéticos e religiosos de algumas dessas mulheres, complementando em detalhes a cena descrita no texto de Nuno Santana sobre os vendedores e seus produtos. Sua descrição do ambiente começou pela cama sobre a qual sempre se encontrava uma colcha de chenile, os móveis de uso pessoal, como penteadeiras, eram decorados com os mesmos bibelôs; os vidros com as mesmas pinturas e os

⁹⁴ Termo usado aqui no sentido sociológico, de uma comunidade de valores, cultura e costumes que se formou no sertão e interior de São Paulo, de acordo com o conceituado por CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Edusp, 2017.

⁹⁵ JESUS, Vera Tereza de. **Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você**. 1. ed. São Paulo: Edições “O Livreiro”, 1965. p.84.

⁹⁶ JOANIDES, op. cit., 1977, p. 65.

perfumes que exalavam o mesmo cheiro; além de um quadro com a gravura do Sagrado Coração de Jesus.

Os rádios eram alugados por semana com pagamentos aos sábados. As mulheres os utilizavam, principalmente, para escutar as radionovelas nos horários de folga ou enquanto se arrumavam para ganhar a noite. O aluguel desse equipamento para as meretrizes da zona era de exclusividade de alguns poucos, Hiroito destacou um sujeito descrito como “branco, alto, de fala mansa”, que seria um dos “magnatas” desse rendoso comércio. O nome desse grande empresário era Cicatriz, alcunha ganhada devido a uma marca que atravessava sua face esquerda, a qual Hiroito deduz que pode ter sido feita por uma navalhada de alguma de suas clientes. Ao final, ele fez um longo comentário sobre o que esse objeto representava na economia simbólica do meretrício:

Nos quartos das de maior projeção no meio, das chamadas linhas-de-frente, ia-se ainda encontrar o objeto mais desejado, o sonho de toda a mulher da vida: um conjugado de rádio vitrola — aqueles móveis enormes que geralmente incluíam, na vastidão de suas dimensões, uma repartição destinada à guarda de bebidas (um barzinho). Eram, tais conjugados, símbolo de *status* social, sendo que a altura do *status* era tida e avaliada na razão direta do tamanho do móvel.⁹⁷

A descrição das cenas, hábitos, modos de consumo, aspirações religiosas e símbolos que conferiram *status* social no meio das mulheres que trabalhavam nas noites do meretrício apontavam para uma aproximação com os hábitos e simbologia das mulheres estabelecidas na sociedade paulistana. Nas representações feitas pela imprensa, as meretrizes eram sempre retratadas como seres impuros, não só por exercer uma atividade que para a moral religiosa era considerada o pior dos pecados, mas porque serviam como arquétipos de representações que delimitavam determinadas áreas, no imaginário social, como *bas-fond*.

Nos jornais, mesmo quando se narravam crimes que efetivamente não envolveram nenhuma mulher prostituta, o repórter sempre encontrava uma forma de vinculá-las ao fato. Gilberto Velho, em seus estudos sobre o desvio, lembrou que determinados tipos de sujeitos etiquetados como desviantes também reproduziam valores e padrões de comportamentos sancionados socialmente, considerados normais pela sociedade. A depender do contexto em que estavam inseridos uma prostituta também era mãe, filha, consumidora, estudante etc. E assim, o desenrolar da vida em qualquer grupo, bairro, comunidade se dá nessa dinâmica cultural em que se delimita espaços, forjando estabelecidos e *outsiders*, comportamentos padrões e desviantes. Mas é importante atentar que ambos se intercalam, se modificam e a

⁹⁷ JOANIDES, op.cit.,1977, p. 65.

depende da conjuntura e contexto essa relação sofre alteração, passando os valores estabelecidos para o âmbito do desvio.⁹⁸ O cotidiano da Zona do Meretrício se dava nessa relação às vezes ambígua, às vezes tensa, entre “mariposas” e *cáfens*, viradores em geral e a sociedade e suas instituições.

Figura 3: Localização da Zona do Meretrício



Fonte: S.A.R.A Brasil, 2014.

⁹⁸ VELHO, op.cit., 2013, p.50.

Figura 4 – Rua Aimorés durante o dia - Comércio aberto, transeuntes e soldados da Força Pública



Fonte:

Figura 5 - Rua Itaboca durante o dia. Duas mulheres na calçada onde fica o paredão da linha férrea Santos-Jundiaí



Fonte: Biblioteca ACADEPOL

1.1 As Instituições e a solução para o problema do meretrício: demarcar fronteiras, desfazer fronteiras e esquadrihar a cidade

Se a resistência inicial apresentada pelos moradores não conseguiu impedir a instalação do meretrício no bairro, o cenário começava a mudar a partir da década de 1950. Em parte, porque com o decorrer dos anos o número de insatisfeitos aumentava. Os comerciantes se articulavam com as lideranças políticas que eram sensíveis à causa. A imprensa também desempenhava seu papel nesse jogo, denunciando, produzindo uma série de reportagens e publicando relatórios da Polícia de Costumes. Mas um fator que talvez tenha sido determinante foi o engenheiro Lucas Nogueira Garcez, apadrinhado por Adhemar de Barros, ter sido alçado ao cargo de governador. Apesar da formação em Engenharia, Garcez era professor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. Em 1948 representou o Brasil no Congresso Pan-Americano de Engenharia Sanitária, em Santiago do Chile e, em 1949,

chegou a ser presidente da Associação Interamericana de Engenharia Sanitária, função que acumulou junto com a de governador, só encerrando o mandato em 1954 (mesmo ano que encerrava o de governador).⁹⁹

O governador era um pesquisador interessado e dedicado, respeitado por seus pares na academia, onde estabeleceu uma boa rede de contatos. Escreveu uma série de artigos em revistas acadêmicas e jornais, além de alguns livros, com destaque para o “Manual de engenharia sanitária”, escrito em coautoria com o pesquisador norte-americano Harold M. Babbitt. Mas não foi a afinidade de Garcez com as disciplinas de Higiene o fator exclusivo para que atuasse no sentido de extinguir a zona do meretrício. Eleito por uma articulação entre seu padrinho Adhemar e o varguismo, a relação entre afilhado e padrinho começa a ter ruídos logo no primeiro ano do Governo Garcez. Os desentendimentos se deram pelos motivos mais corriqueiros da política partidária, disputa por cargos e depois divergências em torno dos apoios para as disputas das eleições municipais, levando a formalização do rompimento em 1953, dois anos após a posse. Dado esse cenário, acreditamos que foram três os fatores que levaram Garcez a se movimentar para elaborar um planejamento de extinção da Zona: o crescimento da pressão das “boas famílias” e comerciantes do Bom Retiro; as diversas reportagens/denúncias da imprensa e a ressonância que essas pressões tiveram nas casas legislativas, Assembleia e Câmara de Vereadores; e, por fim, o rompimento com o seu padrinho Adhemar de Barros, responsável pelo decreto que institucionalizou a Zona de Meretrício, em 1940.

Esse contexto, é importante observar, também marcou o início da ascensão meteórica do controverso político paulistano Jânio Quadros, que depois de uma passagem pela Câmara de Vereadores, se tornou prefeito em 1953 e governador em 1954, ganhando a eleição de Adhemar de Barros. Jânio, por ser conservador, mas também por ser desafeto de Adhemar, foi um dos que mais repercutiu na Câmara de Vereadores as cobranças por uma solução definitiva e imediata que acabasse com a “pouca vergonha” da existência de uma Zona regulamentada que escandalizava a ordeira sociedade paulistana. Na sessão de 27-12- 1950, o então vereador usou a tribuna para cobrar a extinção e severo policiamento do meretrício na cidade. Esse pronunciamento foi repercutido pelo *Jornal de Notícias* que destacou a seguinte passagem:

⁹⁹ MAYER, Jorge Miguel; GARCEZ, Lucas Nogueira. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, FVG, Rio de Janeiro: s/d. Disponível em <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/garcez-lucas-nogueira>. Acesso 02 dez 2020.

Quer parecer-me que a extinção do meretrício seja a solução ideal, mas ela só será exequível se houver rigoroso policiamento consequente, que impeça a infiltração do escândalo pelos prédios de apartamento e pelos trechos residenciais da cidade.¹⁰⁰

Ao consultar uma série de pronunciamentos¹⁰¹ onde o tema do meretrício era tratado na Câmara de Vereadores entre 1950 e 1954, não é possível afirmar que a oposição de Jânio ao regulamentarismo do meretrício se dava apenas pelo seu conservadorismo ou se se somava a um cálculo eleitoral, tendo em vista o fato de a regulamentação da Zona ter sido instituída por decreto de seu desafeto.

A disputa retórica por uma solução para o problema do meretrício ganhava força na legislatura de 1948-1951. Um material histórico produzido pela Câmara de Vereadores de São Paulo, ao fazer um balanço dos temas em ascensão naquela legislatura, trouxe o dado de que o tema “extinção do meretrício” foi abordado 87 vezes e podemos ler, com certa ironia, o seguinte trecho: “Descobre-se muito sobre a vida da cidade, até mesmo a existência de uma zona do meretrício, confinada, funcionando legalmente no Bairro do Bom Retiro, sob a proteção da Força Pública.”¹⁰² O que podemos observar, ao ler os vários pronunciamentos e embates que trataram do tema entre 1950 e 1954, é que os vereadores Janistas eram os mais assíduos para utilizar a tribuna com intervenções de combate à Zona e na defesa da família e do comércio do Bom Retiro.

Os pronunciamentos geralmente desfilavam uma quantidade exuberante de adjetivos e metáforas pejorativas para se referir tanto ao local quanto às mulheres que de lá tiravam seu sustento. Em julho de 1950, o vereador Guilhermino Lopes Gianni fez uma cobrança em relação a um requerimento (foram vários nessa legislatura, de inúmeros vereadores) protocolado na casa exigindo a extinção do meretrício. Gianni já começou sua intervenção com uma metáfora para se referir ao local: “chaga purulenta a envenenar a própria civilização”; em seguida, ensaiou uma análise sociológica relacionando a existência das meretrizes ao aumento da miséria e da desigualdade e disse que, principalmente em São Paulo, o problema teria tomado dimensões alarmantes; depois de criticar a corrupção da

¹⁰⁰ **Jornal de Notícias**. Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, 27 dez. 1950.

¹⁰¹ Diferenciamos os conceitos de discurso do de pronunciamento, no sentido de que, na atuação política, o primeiro é do campo da mera oratória, um conjunto de palavras agrupadas pesando em comunicar algo a um determinado público. Enquanto que pronunciamento é do campo do ato, da irrupção, ao ser proferido tem a intenção de provocar mudanças na opinião das pessoas e na esfera pública, com clara intenção de materializar-se em leis ou mudanças sociais. C.f. JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassannezi(Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-250.

¹⁰² MANECHINI, Luiz Casadei (org.). **São Paulo na Tribuna**: primeira legislatura (1948-1951) / São Paulo: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012, p. 10.

polícia, emendou outra metáfora que pareceu ter saído de *faits divers* do século XIX: “ele [o meretrício] se alastra com a mesma rapidez e com a mesma amplitude com que a peste invade, domina e destrói cidades e civilizações.” Continuando, apontou uma contradição sobre a existência de uma zona regulamentada por decreto, frisa que isso “representa sua oficialização”¹⁰³. Essa observação pode parecer pueril e tautológica, mas ela é representativa de boa parte do debate que foi travado à época entre as diferentes perspectivas legais para o Estado tratar o meretrício, a saber, as perspectivas regulamentarista, abolicionista e proibicionista.

Ao falar em “oficialização”, o vereador Gianni insinuou que a existência do decreto contraditava o que previa o código penal de 1940: em relação à prostituição o Brasil optou pelo abolicionismo, ou seja, a mulher ou o homem que quiser por livre e espontânea vontade trocar serviços sexuais por dinheiro não deve ser criminalizada (o), desde que não exista a figura do cafetão, esta sim é tipificada como crime. De resto, é importante frisar que esse foi basicamente o padrão dos discursos encontrados na Câmara de Vereadores: cobrança de execução de algum requerimento, utilização de metáforas e adjetivos pejorativos para se referir ao local e a alegação de que o regulamentarismo contraria o que estabelece o código penal brasileiro. Não sendo necessário trabalhá-los em exaustão, sob pena de soar repetitivo.

Os diversos requerimentos protocolados também tinham um padrão básico, geralmente se detinham na solicitação de um plano para extinguir a Zona e ao que iriam fazer com a área que compreendia as ruas Itaboca e Aimorés após a extinção, sobretudo o que seria instalado no seu lugar: escolas, centro social, fábrica etc. Conforme podemos observar no requerimento do Vereador Toledo Piza, protocolado em 8 de junho de 1953:

Requerimento N. 661-53

Requeremos, ouvido o doto plenário, seja oficiado ao Sr. Prefeito solicitando de S. Exa., com a possível urgência, resposta aos seguintes itens:

- 1 — Qual o plano que o Município tem para contribuir com a extinção do meretrício?
- 2 — Esse plano se restringe à demolição dos prédios situados no bairro do bom Retiro?
- 3 — Nesse plano seria possível aproveitar uma quadra para a construção de um jardim moderno?

¹⁰³ **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo. 10 jun. 1953, p. 51. O Acervo do Diário Oficial pode ser consultado em: <http://www.imprensaoficial.com.br/>.

Além dos requerimentos, outro tipo de expediente utilizado pelos edis eram os abaixo-assinados, identificamos vários, e todos também repetiam um padrão. Não aceitavam soluções outras que não a extinção e remoção da zona do bairro do Bom Retiro e propunham sempre o que colocar em seu lugar. O já citado Guilhermino Lopes Gianino foi autor de um deles, um abaixo-assinado que tinha por objeto repudiar uma solução conciliatória de fechar a Zona com portões, protocolado em 18 de dezembro de 1950. Na justificativa, ele fez menção ao seu discurso de julho de 1950, cobrando a implantação de um projeto de lei de sua autoria, já citado acima, mas trouxe detalhes sobre o que seu projeto estabeleceria para ser colocado no lugar após a desapropriação dos imóveis: uma Escola Municipal de Artes Domésticas e uma Escola pré-vocacional para filho de empregadas domésticas. Além disso, para demonstrar adesão popular, afirmou que o projeto foi recebido entusiasticamente pelos moradores. Por fim, salientou que o projeto deveria ser colocado em votação, argumentando caráter de urgência baseando-se nas cobranças do noticiário e voltou a criticar a solução “esdruxula” de colocar portões na entrada das ruas Aimorés e Itaboca. Mais uma vez recorreu às suas metáforas e analogias: “Construir portões na zona do meretrício, será a mesma coisa do que, por exemplo, colocar sobre uma ferida purulenta apenas um pedaço de gaze para cobri-lo”.¹⁰⁵

Ao definir o significado do termo *bas-fonds*, o historiador francês Dominique Kalifa disse que o termo é daqueles que ao escutar/ler já compreendemos automaticamente. Imaginamos os cenários e até sentimos os odores, pensamos em “espeluncas, pardieiros, corpos flácidos, em cloacas fedendo a ranço e urina, existências degradadas pela miséria e o álcool”.¹⁰⁶ Ao utilizar metáforas e termos pejorativos para se referirem à zona do meretrício, tanto a imprensa quanto os edis pareciam buscar esse efeito de assimilação instantânea em seus ouvintes/leitores. E assim, entre um pronunciamento e uma reportagem sensacionalista iam instituindo os territórios reservados ao imaginário do crime e da sujeira, “um terreno em que o social é constantemente redefinido pelo moral”,¹⁰⁷ delimitando uma topografia criminal da cidade.

Voltando ao governador Lucas Garcez, em 1952, ele resolveu tomar algumas medidas que pudessem atender às diversas cobranças por parte da imprensa, políticos e sociedade, no

¹⁰⁴ **Diário Oficial de São Paulo**, São Paulo, 10 jun.1953, p. 51. O Acervo do Diário Oficial pode ser consultado em: <http://www.imprensaoficial.com.br/>.

¹⁰⁵ Processo n. 6539 de 1950. Moção de Repúdio/Abaixo Assinado. Câmara de Vereadores de São Paulo.

¹⁰⁶ KALIFA, Dominique. **Os Bas-fonds: História de um imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2017, p.11.

¹⁰⁷ KALIFA, Dominique. **Os Bas-fonds: História de um imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2017, p.11.

sentido de resolver o problema do meretrício. Em parte, também porque o rompimento com o adhemarismo já estava dado. Talvez, supondo que sanear o meretrício o diferenciaria do seu ex-padrinho.

Como um homem da academia, engenheiro sanitário dedicado, pesquisador respeitado por seus pares, Garcez escolheu o caminho de elaborar uma solução que se apresentasse como técnica para a ação de extinção e remoção e que se daria em médio prazo. Para tanto, se articulou a colegas cientistas das diversas áreas: assistentes sociais, criminologistas, médicos, engenheiros; bem como a diferentes entidades científicas e da sociedade paulistana. Solicitou que realizassem estudos, palestras e entrevistas a fim de justificar e planejar a decisão de extinguir a indigesta zona do meretrício. Articulou junto à Confederação de Famílias Cristãs, o Serviço Social do Estado e a Secretaria de Segurança Pública, uma série de conferências sobre o tema. Cabendo à Confederação ceder o local, ao Serviço Social escolher os temas e palestrantes e à Secretaria de Segurança publicar o teor das conferências na revista *Arquivos da Polícia Civil*, veículo acadêmico do setor de inteligência e criminologia da Polícia. Assim, no volume XXI da referida, foi publicada a divulgação do evento com o seguinte título “Campanha de Recuperação Social”, seguido do subtítulo “palestras sobre prostituição e lenocínio, sob os auspícios do Serviço Social do Estado e da Confederação das Famílias Cristãs”. O texto de divulgação é extenso, mas é interessante reproduzir o início, pois reforça o argumento de que o governador estava buscando atender às pressões da classe política e da sociedade, se cercava de especialistas, para, antes de qualquer coisa, buscar influenciar a opinião pública e legitimar sua ação:

Atendendo ao apelo que, em sua palestra de 14 de Agosto proferiu o prof. Lucas Garcez na qualidade de governador do Estado, dirigiu às famílias paulistas e aos órgãos de opinião pública, no sentido de trazerem o seu apoio às altas autoridades locais na ‘Campanha de recuperação Social’ que Sua Excelência houve por bem lançar em nosso meio[...] organizando uma série de palestras para esclarecimentos da opinião pública e provocação de amplo debate sobre os mais importantes aspectos do complexo problema da prostituição.¹⁰⁸

Entre os especialistas/palestrantes, nomes que depois iriam compor uma comissão da Assembleia Legislativa com o intuito de apresentar uma proposta de lei que solucionasse o problema do meretrício. Entre os nomes destaco a Major Helene Londall, a Professora Esther Figueiredo Ferraz e o criminologista Dr. Oswaldo Silva.

¹⁰⁸ *Revista Arquivos da Polícia Civil*, Volume XXIII, 1º Semestre, 1952. p. 230.

Já na primeira conferência intitulada “A polícia em face do problema da prostituição”, o criminologista e então Diretor Geral da Secretaria de Segurança pública, Oswaldo Silva, começou por tentar elaborar uma saída para a contradição legal entre ter uma Zona regulamentada por decreto e o que previa o Código Penal Brasileiro, argumentando que a polícia, seu setor de costumes, tinha o dever de “fazer com que se observe aquela ordem principiológica a que está adstrita por força da própria moral que regula a vida, os costumes e a segurança espiritual do povo”.¹⁰⁹ Portanto, era tarefa desse setor combater a prostituição, esse “abandono à impudícia” a que se entregavam as “decaídas” e os “degenerados”. Ele frisou que a polícia de São Paulo se debruçava há alguns anos em estudos minuciosos sobre o problema, de modo que estes serviriam para embasar a formação de princípios definidos e definitivos sobre a postura a ser adotada em relação ao combate ao meretrício e, para além disso, que “busque à conformação da polícia paulista com os postulados abolicionistas inscritos no Código Penal Brasileiro (Decreto lei nº 2.848, de 7 de setembro de 1940).” Deixou claro que essa adequação ao estatuto penal do país só poderia se dar com a repressão sistemática do lenocínio, mas também do que ele chamou de “figuras delituosas satélites”, que eram os donos de hotéis, o rufião, o traficante de mulheres e outros. Arrematou:

Nada mais se fará, com tal procedimento, do que cumprir-se o Código Penal, desaparecendo, destarte, o regime de absoluta incoerência em que vivemos, porquanto, se de um lado temos a lei penal, de âmbito federal, com aplicação obrigatória portanto em todo o território da República, há, do outro lado, regulamentos policiais que contém esdrúxulas normas, juridicamente inoperantes, impondo à polícia a tarefa de ‘fiscalizar o meretrício’ e de ‘organizar’ um registro de meretrizes e *cáfens* pelo sistema de fichas, das quais constaram sua qualificação e outros dados, fotografia, residência, faltas e punições, como sucede em São Paulo.¹¹⁰

Como disse, essa série de conferências aconteceu entre setembro e outubro de 1952. Os trabalhos da comissão multidisciplinar formada na ALESP (Assembléia Legislativa de São Paulo) para propor soluções se iniciaram em outubro de 1952. O governador Lucas Garcez, em início do ano legislativo, em 15 de março de 1953, encaminhou mensagem à ALESP onde prestou contas, em extenso relatório, das atividades do governo em todas as áreas de atuação, da moradia à educação. Nesse relatório, reservou um espaço entre as quase 100 páginas do documento para destacar a atuação da Polícia de Costumes, mostrando que a mesma tinha passado do mero exame crítico-teórico da noção de regulamentarismo aplicado à prostituição, para uma prática que visava adequar à cidade ao abolicionismo, já preparando o

¹⁰⁹ **Revista Arquivos da polícia Civil**. Volume XXIV, 2º Semestre 1952. P. 219.

¹¹⁰ **Revista Arquivos da polícia Civil**. Volume XXIV, 2º Semestre 1952. P. 219.

terreno para o decreto de dezembro desse mesmo ano que poria fim à zona da Itaboca/Aimorés:

A secretaria da segurança pública no ano findo, deu grande relevo às atividades referentes à moralização de costumes. Entre as atividades avultada pela sua importância social e moral a campanha pela eliminação dos prostíbulos de existência tolerada e situados na Zona do Meretrício. Foi também intensificada a ação policial, que prosseguirá sem desfalecimentos, contra os exploradores do lenocínio. Em colaboração com o Serviço Social do Estado, foram para ali encaminhadas, a fim de receberem a necessária assistência, uma centena de mulheres desamparadas, enfermas, e em condições de recuperação moral e social. Colaboração Variada de ordem doutrinária foi prestada pela XIII Semana Paulista de Estudos Policiais, realizada sob os auspícios do Centro Acadêmico de Criminologia da Escola de Polícia de São Paulo, com o objetivo de colaborar na campanha moralizadora de costumes empreendida pelo governo. O referido certame através das várias conferências proferidas foi inteiramente dedicado ao estudo dos problemas médico-sociais da prostituição e do meretrício.¹¹¹

Toda essa preocupação com estudos, pesquisas, tinha um motivo que pode ser resumido numa questão: “o que fazer com esse contingente de mulheres após a extinção?” Talvez tal preocupação não fosse guiada por motivos humanitários, mas antes por não saber como manter o controle dessas mulheres e de toda a rede de contraventores que se articulam no entorno do meretrício, após a extinção do decreto que regulamentava a Zona. Uma vez fichadas pela *Costumes*, essas mulheres carregariam para sempre a etiqueta de desviante, o que dificultaria, por exemplo, seu reingresso no mundo do trabalho. Levando-se em conta que a maior parte era formada por ex-domésticas, que família paulista aceitaria em sua casa alguém com o passado marcado pelo pertencimento ao *bas-fond* mais famoso da cidade. Assim, a preocupação era em relação à possibilidade dessas mulheres criarem táticas para continuar exercendo seu ofício de maneira clandestina.

Após uma vida de prisões – anterior à regulamentação – e depois de fichadas para atuar na zona segregada, essas mulheres entravam numa espiral de prisão e rotulagem, pois, uma vez dentro, elas permaneceram para sempre marcadas como desviantes.¹¹² O relatório apresentado à ALESP pelo Serviço Social, invocou como fundamentação para a extinção a tese do abolicionismo e o fato do Brasil ser signatário junto com outros países de um tratado internacional, não à toa a extinção do meretrício em São Paulo coincide com o mesmo tipo de

¹¹¹ **Diário Oficial de São Paulo**, Legislativo, Mensagem do governador Lucas Garcez. p.21. O Acervo do Diário Oficial pode ser consultado em: <http://www.imprensaoficial.com.br/>.

¹¹² BECKER, op. cit., 2008.

ação em outros Estados, em curto intervalo de tempo, por exemplo, a zona do Mangue no Rio de Janeiro¹¹³ e a Vila Matos em Londrina.¹¹⁴

Finalmente, no último dia do ano de 1953, o governador Lucas Garcez baixou o decreto e ordenou a extinção e remoção da “chaga purulenta” localizada nas ruas Itaboca e Aimorés. Numa estratégia um tanto inusitada, o governador anunciou a medida durante uma palestra na TV Tupi, às 23h do dia 30/12/1953, após analisar o problema sobre diversas perspectivas, mas focando o argumento na adequação da legislação estadual ao Código Penal. Esse anúncio “extemporâneo” foi pensado de modo a desarticular uma reação ao decreto; segundo o jornal, ao meio da palestra, sem muita contextualização, o governador anunciou: “dentro de algumas horas será fechada em caráter definitivo a Zona do Meretrício”¹¹⁵. Ainda naquela madrugada, as tropas da força pública já estavam a postos para fazer cumprir a remoção. O jornal destaca os pontos alegados pelo governador para justificar o decreto de extinção:

- 1º — Supressão da regulamentação da prostituição em cumprimento aos dispositivos expressos no Código Penal Brasileiro;
- 2º — No combate efetivo ao lenocínio sob todas as suas formas;
- 3º — Em oferecer às vítimas da prostituição, que o desejarem, condições de assistência, possibilitando sua recuperação profissional, moral e social, reintegrando-as na sociedade em condições normais e humanas de vida.¹¹⁶

Para executar a ingrata e tensa tarefa de remoção surpresa, o governador indicou o delegado Tavares Carmo, titular da Delegacia de Costumes, e o investigador Vicente Pizapio, chefe de policiamento. O relato do *Diário da Noite* mencionou que, ao ouvir o governador afirmar na TV Tupi que a remoção se daria em algumas horas, deslocou imediatamente uma equipe para a região. Segundo a reportagem, o fechamento dos lupanares teve início exatamente às 0h do dia 31/12/1953, em pleno horário de pico de uma quinta-feira na Zona. Ao conversar com o investigador Vicente, a reportagem ouviu que ele fora orientado pelo chefe da Costumes a fechar os estabelecimentos e, ao fazê-lo, informar às prostitutas e frequentadores que os mesmos reabririam no dia 02/01/1954. Segundo o investigador: “essa

¹¹³ Sobre a zona do Mangue ver: SILVA, Claudielle Pavão da. “**Flores horizontais**”: Sociabilidade, prostituição e travestilidade na Zona do Mangue (1960-1970). Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Seropédica: RJ, 2016.

¹¹⁴ Sobre a Vila Matos ver: LEME, Edson Holtz. **Noites Ilicítas**: histórias e memórias da prostituição. Londrina: Eduel, 2009.

¹¹⁵ **Diário da Noite**, São Paulo, 31 dez. 1953, p.15.

¹¹⁶ **Diário da Noite**, São Paulo, 31 dez. 1953, p.16.

medida, entretanto visava não provocar tumulto entre as decaídas e proprietárias de casas, o que poderia suceder em face de uma medida que poderia ser considerada brusca.”¹¹⁷

Ilusão, no dia 02/12/1954 ao se darem conta de que o fechamento era definitivo, as prostitutas saíram em passeata, brigaram com a força policial, enfrentando inclusive os cachorros que eram instigados a atacá-las. As formas de protestos variavam, de passeatas à resistência em deixar o local. Algumas chegaram a entrar em luta corporal com os agentes da Costumes. Um fato curioso relatado por Hiroito foi que algumas mulheres, mais dadas à ironia e ao sarcasmo, resolveram aderir à pichação como forma de se expressar e denunciar a retirada do seu meio de sobrevivência, espalhando pelos muros e fachadas sua indignação. Para quem só aparecia na imprensa representada pejorativamente como receptáculo da sujeira e do pecado, talvez tenha sido esse o único recurso para se comunicar.

O uso da pichação como expressão contra a intervenção brutal e autoritária da polícia nos remete ao axioma benjaminiano de que “nunca há um documento da cultura que não seja documento da barbárie”.¹¹⁸ Talvez essas mulheres quisessem deixar registrado nas paredes, mesmo em “caracteres disformes”, a história daquelas que, naquele instante, estavam sendo vencidas pelos fatos. Para tal, recorreram a essa forma de expressão literária que remete a tempos distantes, onde as paredes eram o único suporte possível para a expressão escrita, que “em seu estágio primitivo, manifesta-se de pé, ereta, nas paredes das cavernas e posteriormente nos muros das cidades”¹¹⁹. Aos poucos, com o desenvolver do alfabeto e das técnicas de impressão, a civilização deitou a literatura nos papiros, livros e jornais. Hiroito comentou sobre as pichações feitas em protesto contra a missão civilizatória na zona do meretrício:

[...] ao expediente diurno de escândalo, seguia-se na calada da noite, a propaganda escrita das reivindicações prostibulares. Com o que, ao raiar do dia, pichados em caracteres disformes, eivados de erros ortográficos os mais absurdos, via-se nos muros do bairro o trabalho de propaganda levado a efeito na madrugada vadia. Eram divisas, *slogans*, axiomas e gozações de toda uma classe que se via destituída de seus direitos consuetudinários.¹²⁰

Ele documentou em seu relato algumas das frases pichadas pelas prostitutas, dessas pichações algumas muito engraçadas e de uma criatividade, refinamento e ironia digna das

¹¹⁷ **Diário da Noite**, São Paulo, 31 dez. 1953, p.17.

¹¹⁸ E aqui podemos tomar o termo “cultura” por “civilização”, no sentido de missão civilizatória. BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989.

¹¹⁹ ARAUJO, Rodrigo Oliveira. Muros, Monumentos e Placas: inscrições urbanas em cidades fugidias. **Revista Sisifo**. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2015/05/muros-monumetos-e-placas-inscricoes.html>. Acesso em 15 de junho de 2020.

¹²⁰ JOANIDES, op.cit., 2003, p. 34.

pichações feita pelos estudantes franceses no famoso maio de 1968.¹²¹ Como essa que provavelmente se refere ao delegado chefe da Costumes: “Fulano, reabra a zona, sua mãe já voltou para casa”.¹²² A intenção era óbvia, atingir o delegado nos valores que usaram como justificativa para a ação despejo e extinção, os da “boa família” tradicional paulistana. Se a mãe do delegado dava expediente na Zona supõe-se que não, era apenas sarcasmo e provocação. Mas, ao ler um documento sobre a legislatura de 1948-1951 da Câmara de Vereadores, tomamos conhecimento de que o pai do então prefeito, em 1953, Jânio Quadros, era provavelmente — pelo seu conhecido histórico de boêmio — um assíduo frequentador da região/zona: “A zona do meretrício existiu oficialmente na cidade de São Paulo em toda década de 40 e início dos anos 1950. O pai de Jânio, Gabriel Quadros, mulherengo, tinha uma clínica de procedimentos preventivos na região.”¹²³

Assim, com esse registro sobre as pichações, a zona do meretrício da Itaboca e Aimorés deixou para trás as suas noites agitadas. As cenas cotidianas narradas por repórteres e literatos sobre as mulheres, as farras e o proletariado em farrapos que frequentava o local deixaram de existir. O repórter Ramão Gomes Portão assim descreve os últimos momentos da Zona:

Soldados da força pública invadiram o ‘quadrilátero do amor’. Até cães pastores farejavam putas e vagabundos. Rufiões enfrentavam uma bala no meio da cara mas não queriam uma dentada de cachorro. Depois tinha uma coisa: cachorro não aceitava suborno. Queimaram casas, móveis. Quebraram apartamentos inteiros. Jogavam coisas pela janela quando não saqueavam.¹²⁴

Como vimos, a ação de fechamento da Zona foi também uma operação midiática, onde o governador conseguiu envolver ao mesmo tempo veículos de diferentes instâncias, palavras faladas e escritas, mas sobretudo imagens paradas e em movimento. Essa última sendo a entrevista da TV Tupi. Instituições políticas e estatais, assim com a imprensa, conferem às imagens um estatuto de verdade que não é apenas complementar à narrativa textual, mas seu uso busca comprovar o que está sendo dito ou escrito. Como alertou Susan Sontag, essa presunção de veracidade é o que “confere autoridade, interesse e sedução a todas

¹²¹ Em maio de 1968 as ruas de Paris, na França, foram tomadas por manifestações estudantis. Uma das formas de expressar as reivindicações do movimento era através de pichações nos muros das cidades. Esses escritos se caracterizavam pelo fato de serem criativos e irônicos.

¹²² JOANIDES, op. cit., 2003, p. 39.

¹²³ MANECHINI, Luiz Casadei (org.). **São Paulo na Tribuna: primeira legislatura (1948-1951)** / São Paulo: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012, p. 12.

¹²⁴ PORTAO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d. p.14.

as fotos”¹²⁵. Nessa senda, como forma de provar que o ato de fechamento realmente aconteceu, os jornais veicularam várias fotografias do momento da ação, como as duas que reproduzimos na próxima página. Na figura 6, aparece Teleca,¹²⁶ mulher que se vestia de homem para frequentar a Zona, em luta corporal com agentes da Força Pública numa postura e posição que lembra um movimento de capoeira, resistindo ao que seria o fechamento de uma casa de rendez-vous. Na legenda o jornal destacou: “a celebre Teleca, como de costume, vestida de homem, deu seu último “show”: avançou feita e feia, esmurrando e dando pontapés num motorista profissional”¹²⁷

Já na Figura 7, retirada um pouco antes da ação de despejo das meretrizes, podemos visualizar uma mulher deitada no chão, e um homem de chapéu, camisa quadriculada e sapatos bicolor, fazendo um movimento que se assemelha a uma dança, na legenda o jornal destaca em caixa alta, “FIM DA BEBEDEIRA”, para complementar com a legenda: “tanto o homem quanto a mulher estavam totalmente embriagados”. Não se tem instrumentos para inferirmos como essas fotos foram recepcionadas pelos leitores, quais as impressões que causaram, mas podemos afirmar que tanto o governador quanto o jornal buscavam reforçar o efeito de verdade de suas ações e cobertura, respectivamente.

¹²⁵ SONTAG, Susan, **Sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, p.16

¹²⁶ Trataremos de Teleca no capítulo III. Na legenda da foto

¹²⁷ **Diário da Noite**, São Paulo, 31 dez. 1953. p.17.

Figura 6 - Noite do fechamento da Zona do Meretrício



Fonte: **Diário da Noite**, 31/12/1953.

Figura 7 - Noite de Fechamento da Zona de Meretrício



Fonte: **Diário da Noite**, 31/12/1953.

Com as medidas adotadas pelo governador Lucas Garcez, a Zona teve seu fim, as casas de tolerância foram desativadas e a Costumes deixou de cadastrar as meretrizes. Mas isso por si não bastava, já que o decreto de expulsão eliminava apenas o caráter institucional do meretrício. A guerra travada por comerciantes, políticos, defensores dos valores da família, imprensa, sanitaristas e poder público tinha sido vencida, mas faltava, como de praxe, erguer um monumento que demarcasse a vitória e eliminasse daquelas ruas qualquer vestígio das memórias das noites sórdidas e que se firmasse como marco simbólico para contar às futuras gerações a épica batalha travada por seus antecedentes em nomes dos valores bandeirantes. Para Jacques Le Goff, ao se erguer esses monumentos “o passado passa a ser usado como um campo de disputa”, o poder público normalmente mobiliza toda uma variedade de conteúdos emocionais e simbólicos com o intuito de reordenar as memórias sobre a cidade, seu povo e sua constituição.¹²⁸

Logo após o fechamento da Zona, iniciou-se na Câmara de Vereadores uma campanha pela mudança do nome das ruas Itaboca e Aimorés, esta última mantém o mesmo nome até hoje (apenas substituíram o Y pelo I), mas a primeira teve a mudança aprovada na Câmara de Vereadores pelo Projeto de lei N ° 324-57, em 4 de maio de 1957, de autoria do Vereador Jacob Salvador Zweibil, pouco mais de 3 anos após a publicação do decreto de extinção. Na publicação do decreto pode-se ler logo no artigo 1º: “Passa-se a denominar-se ‘Professor Cesare Lombroso’ a atual rua Itaboca”, mais adiante faz-se uma ressalva sobre o detalhe que deve constar na nomenclatura da placa que identificará a rua “Professor Lombroso – Criminologista – 1836-1909”.¹²⁹

Figura 8 – Placa da rua Cesare Lombroso grafada de acordo com as recomendações do projeto de lei N°324-57



Foto: Enio Recthman

¹²⁸ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed da Unicamp, 1990. p. 72.

¹²⁹ **Diário Oficial de São Paulo**, Legislativo, São Paulo, 04 mai. 1957, p. 70. O Acervo do Diário Oficial pode ser consultado em: <http://www.imprensaoficial.com.br/>.

Na Justificativa, o texto enalteceu o currículo do criminologista italiano, seu trânsito por diversas disciplinas acadêmicas e elogiou sua contribuição para a “evolução” da criminologia. Ressaltando a mudança proposta por Lombroso de pensar o crime e o criminoso não a partir da sociologia e da tipologia penal, mas sim, a partir de uma “questão concreta”, introduzindo no estudo do criminoso a ênfase no aspecto biológico. Por fim, terminou se voltando ao passado do Bom Retiro: “A mudança do nome da rua Itaboca, em vista dos antecedentes da rua, se faz necessário, razão pela qual propomos a medida presente.”¹³⁰

O historiador Nicolau Sevcenko, ao escrever sobre o urbanismo inflacionário da cidade de São Paulo, começa seu texto com uma pergunta “Qual a rua mais representativa de São Paulo?”. As opções e critérios para respondê-la variam, segundo ele, de acordo com a época que o historiador pretende investigar. Se for a imponente metrópole do século XX, norteadas pela pujança financeira, construção de arranha-céus e a proliferação de automóveis poderia escolher umas das ruas que simbolizam essa fase, a Rua Direita ou triângulo integrado formado pela Rua Direita, XV de Novembro e São Bento, tidas como marcos do início do urbanismo moderno da Cidade. Com o plano de avenidas e o deslocamento da área urbanizada para o outro lado do Anhangabaú, as vistas passam a ser a Avenida São João e Ipiranga. Continua sua explanação sobre os modelos de desenvolvimento econômico-urbanísticos e as novas vedetes urbanas que vão surgindo, da Av. Paulista à Faria Lima.

Por fim, disse que se fosse ele responder a essa questão a escolhida seria a pequena Rua São Paulo, escondida no bairro da Glória. A rua não está vinculada a nenhum dos parâmetros que geralmente se usaria para responder à pergunta. Segundo ele, o que define uma rua como emblemática é “a sua condição de ser ao mesmo tempo núcleo da cidade-centrífuga, vitrine da cidade-mercadoria”, se a escolhida não atende a nenhum desses critérios, por que a escolher? A rua São Paulo fica na região central da cidade, a poucos metros da Catedral da Sé, o que leva Sevcenko a elaborar outra questão, a saber, como essa rua tão bem localizada, se tornou um espaço invisível, abandonado e desconhecido?

A resposta é que aquele era o espaço maldito da cidade. A presença sinistra que galvanizava o distrito da Glória por muito tempo foi a de um monte saliente, como uma gigantesca verruga geológica em meio à crista elevada do Caminho do Carro de Santo Amaro, conhecido pelo nome sombrio de Morro da Forca. O patíbulo fora ali estabelecido, desde 1775, por ordem expressa do vice-rei, o Marquês de Lavradio. Aquela espaço estava portanto longe de ser invisível. Ele fora deliberadamente escolhido por ser visível de

¹³⁰Diário Oficial de São Paulo, Legislativo, São Paulo, 04 mai. 1957, p.70.

praticamente todos os quadrantes da cidade, expondo assim cruamente a todas as gentes a força da justiça implacável de Sua Majestade Imperial pairando sobre todos os seus súditos suplicando exemplarmente os réprobos, recalcitrantes e insubordinados, mas sobretudo intimidando os escravos rebeldes.¹³¹

Para o historiador, essa área foi, ao longo da história, receptáculo dos mais diversos tipos de párias sociais, o advento da modernidade urbana fez com que fosse esquecido o seu passado e aos poucos ela deixou de fazer parte do imaginário da cidade. No entanto, ao analisar os que a habitam ainda hoje, ele identificou um tipo de habitante e transeunte predominante na rua, o catador de papel e material reciclável. E, a partir desse tipo urbano, considerou que a metáfora mais adequada para pensar essa rua e sua relação com a cidade é a *metástase*. Esta palavra, de origem grega, “conota o sentido de um processo contínuo de deslocamento, mobilidade, transporte e comunicação entre contextos diversos”,¹³² pois não existe lugar na cidade de São Paulo em que você olhe e não encontre um catador. Dessa forma, Sevcenko conclui que a Rua São Paulo está espalhada por toda a extensão da cidade na figura de seu habitante emblemático.

Forçando um pouco na aproximação, podemos imaginar, também, a possibilidade de escolher qual a rua mais emblemática de São Paulo, e nesse caso seria a antiga rua Itaboca. Ao analisar os desdobramentos que se sucederam ao fechamento do meretrício, podemos dizer que a metáfora da metástase se aplica ao observar que, em toda a extensão da cidade, encontramos os tipos que habitavam a zona do meretrício, o rufião, a meretriz, o jogador, o punquista, o vendedor ambulante estão em toda parte da pauliceia, eles são “[...]uma cidade dentro da outra. Uma cidade que recebe tudo aquilo que a outra rejeita. Uma cidade que retoma tudo aquilo que foi abandonado pela outra e lhe dá uma vida nova.”¹³³

Para concluir, neste capítulo buscamos traçar uma introdução ao cenário. Uma coleta inicial dos personagens urbanas que vivem no limiar. Nessa coleta, observamos como esses sujeitos se debatem no jogo de forças com a parte repressiva do poder público cuja finalidade era delimitar fronteiras, esquadrihar a cidade. Embora limiar e fronteira sejam dois conceitos que estão no domínio da metáfora espacial, eles se inscreveram, na obra de Walter Benjamin, em registros diferentes.¹³⁴ Limiar, como já dito, é o estar entre, que permite uma transição, sair

¹³¹ SEVCENKO, Nicolau. A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**: São Paulo, n. 63, 2004, p. 16-35.

¹³² Ibidem. p.36.

¹³³ SEVCENKO, op. cit., 2004, p. 34.

¹³⁴ GAGNEBIN. Jeane Marie. **Limiar, Aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

de um lugar para outro, carregar uma ambiguidade em sua constituição, não significa separação, segregação, é estar sempre numa zona intermediária.

A prostituta que se apresentava como vendedora e mercadoria no limiar das tabuletas da Itaboca; o menino engraxate que entra para a viração e transita com sua bicicleta pela zona, alimentando os sonhos de um adolescente qualquer, porém direcionado para o mundo de possibilidades que está ao seu alcance, o da malandragem; o malandro, esse tipo dialético entre a ordem e a desordem.¹³⁵ Do outro lado, o aparato policial, o poder político e judiciário, cuja atuação se dá sempre com o intuito de delimitar fronteiras bem claras e específicas, instituindo ruas onde só se podia transitar um tipo de cidadão e outras onde não se entrava. Bem como a imprensa policial, que em sua reprodução diária de notícias e representações estabeleceu as fronteiras simbólicas entre a cidade ordeira e a marginal, instituindo os *bas-fonds* e os lugares limpos.

Por fim, nas figuras abaixo, podemos notar que a missão de extinção da Zona foi levada a cabo, e como se não bastasse a monumentalização da ação de remoção da “chaga” com a mudança de nome para Rua Cesare Lombroso, hoje podemos observar que existe na mesma calçada onde antes as moças da Itaboca se exibiam por entre as tabuletas das rótulas, uma galeria com lojas de roupas que também homenageia o eugenista italiano. Com o pomposo nome de Lombroso *Fashion Hall*, e, ironicamente, a mesma calçada continua a exibir corpos femininos *seminus* a espera de clientes, só que representado por manequins, conforme contraste das figuras 8 e 9.

¹³⁵ CÂNDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, v0i8, 1970, p. 67-89.

Figura 9 Rua Itaboca, 1950. Prostitutas nas por trás das persianas/rótulas



Fonte:

Figura 10- Rua Cesare Lombroso, hoje. Manequins onde antes estavam as mulheres da Itaboca



Fonte: Google Maps.

CAPÍTULO II

UMA TOPOGRAFIA DO CRIME: IMAGINÁRIO SOCIAL E REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO CIDADINO

O ano de 1954 teve um significado especial na conformação do imaginário da cidade de São Paulo, foi marcado pelas comemorações de seu IV Centenário. Cidade que teve um surto de expansão na primeira metade do século XX, com grandes obras de intervenção urbana e saltos significativos no número de habitantes. No censo de 1908 a cidade contava com apenas 270 mil moradores. Alguns anos depois, em 1920, esse número já tinha dobrado para 578 mil habitantes, 14 anos depois esse número voltou a dobrar chegando a 1 milhão e 120 mil habitantes em 1934.

No ano do IV centenário, a já consolidada metrópole tinha uma população de 2,7 milhões de habitantes. Segundo Richard Morse, ocorreu uma impressionante taxa de crescimento de 5689% de 1908 até 1954, uma taxa anual de 6,77% nesse período.¹³⁶ Esse prodigioso processo de metropolização e massificação teve contribuição de um imenso contingente de imigrantes oriundos de diferentes países e regiões, que conviviam e construíam a cidade: nordestinos, italianos, quatrocentões,¹³⁷ japoneses, espanhóis, judeus, árabes, portugueses etc. Essa gama de sotaques, línguas, costumes, sonhos e aspirações fazem parte do caldo que forjou a imponente metrópole de largas avenidas, arranha-céus, indústrias, bairros burgueses e operários. O que atraía esse contingente de pessoas que se deslocavam para a Paulicéia trazendo seus sonhos de prosperidade eram as oportunidades de trabalho na cidade que não parava de crescer.

No entanto, faltava algo que pudesse codificar essa gama de influências culturais, sotaques e costumes, e as comemorações do IV centenário foram esse momento catalisador que através de uma minuciosa preparação e mobilização de elementos simbólicos forjou certo patriotismo paulista.

Neste capítulo, utilizaremos alguns jornais que circulavam em São Paulo e que cobriram a Boca do Lixo no período do nosso recorte temporal. O *Estado de São Paulo*,

¹³⁶ MORSE, Richard. **De comunidade a metrópole**. Biografia de São Paulo (trad. Maria Aparecida Madeira Keberg). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

¹³⁷ Famílias tradicionais e mais antigas das cidades. O termo foi cunhado nas comemorações do IV centenário da cidade.

Noticias Populares, e principalmente o jornal do conglomerado *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, o *Diário da Noite*.

Foi no contexto dos anos 1950, que a cidade de São Paulo se estabeleceu como a maior do país. Depois de saltos impressionantes nos indicativos populacionais, se consolidou como uma sociedade urbano-industrial, fato que impôs uma reestruturação social e política da cidade.

O Brasil da metade do século XX foi marcado pelo ocaso do Estado Novo, pela instauração de curto período democrático com a consolidação de algumas instituições. Porém, a característica que saltou aos olhos quando nos debruçamos sobre esse momento foi o surto desenvolvimentista que tomou conta do país. Iniciado e turbinado pelo governo JK, o desenvolvimentismo prometia uma aceleração da estrutura urbana, industrial e política que tiraria o país do atraso que o amarrava ao passado. As promessas do progresso pareciam convergir para, nas palavras de Florestan Fernandes, “forjar nos trópicos este suporte de civilização moderna”.¹³⁸

No contexto paulistano, a década de 1950 marcou o estabelecimento do ideal de progresso simbolizado na metropolização da cidade. As intervenções arquitetônicas, a abertura de avenidas, viadutos, grandes galerias de compras, aconteciam numa velocidade espantosa desde a década de 1930. O antropólogo Claude Levi-Strauss, no texto dedicado a São Paulo em *Tristes Trópicos*, insinuou que as cidades da América do Sul “passaram da barbárie à decadência sem conhecer a civilização”,¹³⁹ se referindo ao processo de substituição acelerada de uma arquitetura colonial de inspiração europeia, cuja moradia era baseada em palacetes, para a metrópole moderna de inspiração norte-americana lotada de arranha-céus.

Modernização, modernismo e modernidade eram os imperativos da pauliceia em 1950. Por modernização, podemos entender a velocidade com que as mudanças urbanas-industriais eram implementadas, mas também a adoção cada vez mais rápida e diversificada de novos padrões de consumo e lazer, novas formas de comportamento cujo eixo de influência/imitação também se desloca da Europa para os Estados Unidos. Já o termo Modernismo designou os sentidos e significados dados à produção cultural, numa relação de circularidade entre os pressupostos elaborados pelos artistas e intelectuais ligado à semana de 1922 e as correntes atuantes na década de 1950, dentre as quais destaco o Concretismo e o Surrealismo. E, por fim, a modernidade, vinculada ao processo de racionalização das

¹³⁸ FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2013, p. 394.

¹³⁹ LEVI-STRAUSS, Claude. São Paulo. In: **Tristes trópicos**. Trad: Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.103.

instituições políticas, culturais e administrativas. A concretização da Universidade de São Paulo, com a formação de quadros técnicos e intelectuais, agora não tão dependente da missão Europeia que marca sua fundação, embora ainda vinculada epistemologicamente à correntes e teóricos de ultramar.¹⁴⁰

Esses imperativos tiveram, também, efeitos sobre a organização da imprensa, que começa a adotar o padrão empresarial como forma de garantir espaço no mercado de informação da sociedade de massa, elaborando estratégias que lograssem sucesso comercial e atraíssem cada vez mais leitores. Esse contexto tornou-se espaço privilegiado para construção de concepções a respeito do significado da emergência das classes populares.¹⁴¹ As mudanças marcaram o final da fase artesanal da imprensa, transformando os periódicos definitivamente em empresas estruturadas nos moldes do capitalismo moderno e da indústria cultural.¹⁴² Por conta desse incremento tecnológico e da adoção do modelo empresarial que o *Diário da Noite* e outros veículos como os jornais do *Grupo Folha (Folha da Manhã e da Folha Tarde)* conseguiram rodar duas edições diárias, no caso do jornal dos *Diários Associados*, uma pela manhã e outra à noite.

O *Diário da Noite* foi comprado por Assis Chateaubriand em 1925. Desde o início tinha por objetivo fazer um jornalismo popular que dialogasse com setores amplos, sobretudo, os mais pobres. Contava com equipamentos de ponta, tinha entre seus quadros experientes profissionais e mesclava em suas páginas cobertura internacional, reportagens investigativas de impacto. Seu sucesso editorial estava relacionado ao destaque que dava à cobertura policial e aos escândalos da alta e baixa sociedade paulistana. Na década de 1950, já era um dos jornais mais lidos de São Paulo, chegando a ter uma tiragem média de 70 mil exemplares.

Portanto, a escolha do *Diário da Noite* como principal fonte para dialogar com o relato de Hiroito se deu porque esse jornal criou um vínculo com as classes populares através das representações elaboradas sobre elas em suas páginas durante as décadas de 1950 e 1960. Além do fato de ser o jornal que mais cobria tanto os feitos de Hiroito, quanto o cotidiano da Boca do Lixo de um modo geral. Por isso, se apresentou como elemento importante para a

¹⁴⁰ ARRUDA, Maria Arminia do Nascimento. **Metrópole e Cultura:** São Paulo no meio século XX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

¹⁴¹ O pós-guerra marca uma série de mudanças na estrutura de cidades e sociedades mundo a fora, mudanças que ressoam na configuração da classe operária, com a emergência do setor de serviços e da informalidade, por isso adotamos o termo “classes populares” para se referir a esse conjunto amplo e heterogêneo de atores sociais, que inclui os operários, mas não se restringe a estes. Sobre isso ver: WELFORT. Francisco. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹⁴² GOLDENSTEIN, Gisela Taschener. **Do jornalismo político à indústria Cultural.** São Paulo: Summus, 1987.

realização da nossa proposta de pensar a atuação da imprensa como instrumento de construção de um imaginário do crime e de uma topografia criminal da capital paulista.

Além dos jornais, recorreremos a um *corpus* composto por discursos parlamentares na Câmara de Vereadores da cidade de São Paulo e na Assembleia Legislativa do Estado; também a artigos de criminologistas e delegados de polícia publicados na Revista Arquivos da polícia Civil; além do filme *O Bandido da Luz Vermelha* de Rogério Sganzerla e a literatura de João Antônio.¹⁴³ Esse cuidado com a diversidade de fontes foi necessário, sobretudo quando se tratou de trabalho sobre sujeitos que viveram às margens de determinada sociedade, pois o acesso que o historiador tem ao seu objeto é sempre indireto, enviesado, mediado por inúmeros e variados filtros: o policial que registra os fatos num boletim de ocorrência, o escrivão que colheu um depoimento para os autos de um processo, o jornalista que tornou pública a sua versão dos fatos, o literato que anotou *in loco* os usos e costumes dos marginais para, depois transformar em conto, romance.¹⁴⁴ Esse conjunto heterogêneo de fontes permite que o historiador perceba esses sujeitos nos seus diversos contextos, dificultando que ele apenas replique o que os filtros dos aparelhos de repressão oferecem.

Portanto, esse capítulo será perpassado por essa tensão dialética entre as representações construídas na imprensa policial sobre o cotidiano da Boca do Lixo e a contra leitura elaborada por Hiroito em sua autobiografia. Mais especificamente, perguntaremos I) se as representações que a imprensa policial construiu sobre determinadas áreas urbanas acabaram por constituir, no imaginário social, topografias criminais e se isso se aplica à Boca do Lixo e II) se existe uma relação complementar entre reportagem policial e discursos parlamentares no intuito de combater determinadas práticas e demarcar territorialidades urbanas.

O arquivo¹⁴⁵ tem um contexto de elaboração e outro de recepção. A primeira noção se refere ao momento em que o arquivo está tomando materialidade, geralmente concomitante ao fato/evento ao qual se refere ou logo depois. A segunda, o contexto de recepção, é quando se decide classificar e guardá-lo em forma de documento para a posteridade. Ambos os contextos dizem bastante sobre as lutas políticas e simbólicas da sociedade na qual o arquivo é produzido e a qual ele se refere. Portanto, desde a sua produção à escolha em preservá-los,

¹⁴³ Falaremos da tipologia dessas fontes de acordo com que elas forem surgindo no capítulo.

¹⁴⁴ BENATTE, Antônio Paulo. **O centro e as margens**: boemia e prostituição na —capital mundial do café (Londrina 1930-1970). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 1996.

¹⁴⁵ No sentido de documento histórico que pode ser transformado em fonte para a escrita da História.

são decisões políticas eivadas de subjetividade.¹⁴⁶ O historiador Philippe Artières concebeu a operação da escrita autobiográfica como uma forma de transformar a vida em arquivo, a autobiografia como um arquivo histórico. Pois, “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo”.¹⁴⁷ O ato de escrever a própria vida pode ser pensado como uma forma de preparar a própria defesa, juntar os fragmentos de vida/memória e dispô-los numa narrativa que contraponha à imagem social a imagem de si próprio.

Esse tipo de escrita, que é do âmbito memorialístico, pode ser utilizada pelos historiadores para recuperar aspectos da “realidade histórica”, sobretudo se entendermos que o real só é passível de apreensão pela representação.¹⁴⁸ Não se trata de recuperar o real tal qual o acontecido, mas as “maneiras como os homens o pensam e o transpõem”.¹⁴⁹ Se pensarmos com Maurice Halbwachs, tomando o trabalho da memória como uma imbricação entre o individual e o coletivo, podemos afirmar que esse tipo de autobiografia, que busca contrapor uma escrita de si à imagem social do período, está incluída no conceito de “quadros sociais da memória”.¹⁵⁰ Uma realidade individual está inserida num jogo complexo de instituições. O indivíduo produz memória a partir dos seus diversos relacionamentos e contextos sociais, como a família, classe social, escola, igreja, polícia, “grupos de convívio e grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.¹⁵¹ Assim, a memória individual é vinculada à do seu grupo e da sociedade na qual a pessoa viveu.

O contexto de elaboração da escrita de Hiroito foi o do cárcere; no momento em que escreveu o livro, em 1977, estava cumprindo sua mais longa pena na Casa de Detenção. Na leitura do texto ficou evidente que ele buscou elaborar uma representação de si em contraponto à imagem que a sociedade de sua época fez dele. Ele disse não intencionar com a escrita aliviar a gravidade dos atos criminosos que cometeu, pois ao fazer se colocaria à sujeição do julgamento dos leitores (a sociedade), correndo o risco de ser absolvido. O que, segundo ele, não faria nenhum sentido, pois já havia cumprido seus 12 anos de prisão. Se

¹⁴⁶ OPHIR, Adi. Das ordens do arquivo. In: SALOMON, Marlon(org.). **Saber dos arquivos**. Goiânia: Edições Ricochete, 2011, p.92.

¹⁴⁷ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC\FGV), v.11, n 21, 1998, p 9-34. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/240.pdf>, Acesso em jun 2020.

¹⁴⁸ GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas**: suicídio por amor, leitura contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez. São Paulo: Mercado das Letras, 2003, p.23.

¹⁴⁹ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988, p.62.

¹⁵⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. p.25.

¹⁵¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 p.54.

absolvido, poderia ser transformado em mártir, condição que renegou. E se condenado, seria cobrado por algo que já pagou: “A verdade é que eu e a sociedade estamos quites. O muito de mal que ela causou-me, retribuí-lhe com muito de perturbação que lhe causei. E a recíproca é verdadeira.”¹⁵²

Ao fazer esse breve acerto de contas, ele deixou claro que sua operação de arquivar a própria vida tem esse caráter de defesa e contraposição, mas também destacou que seria uma tentativa de recuperar a superfície social em que ele agiu e desenrolou boa parte de sua vida.¹⁵³ “Isso dito, permita-me o amigo que o tome pelo braço e o conduza, através dos anos, numa incursão ao submundo, onde os instintos, à solta, passeiam pelos jardins do vício e da violência”.¹⁵⁴

Se a escrita de uma autobiografia transforma a vida em arquivo, podemos, enquanto historiadores, usar essa vida como fonte para a escrita da história. Dessa forma, analisá-la, citá-la, recortá-la. Pensando com Walter Benjamin, “citar os mortos, como citar um texto, é uma forma de trazer o passado para o presente, de infundir uma vida nova aos objetos citados, retirando-os do seu contexto”.¹⁵⁵ Uma escolha metodológica possível para trabalhar com um relato tão complexo e detalhado como o de Hiroito é fazer esse exercício benjaminiano de citar tirando do contexto. E aqui não vai nada de má intenção no sentido de falseamento da história, perversão das fontes, mas sim, de estabelecer recortes temáticos e possibilidades interpretativas. Se já analisamos Hiroito enquanto frequentador/espectador da Zona do Bom Retiro — que só apareceu para comentar sua extinção — agora ele será perspectivado como o *flâneur* proscrito do convívio social e refugiado no território onde ficou famoso. Portanto, seu relato será citado pensando-o enquanto taxonomista da Boca do Lixo ou o fisionomista que fez botânica no asfalto. Dessa forma buscamos perceber os personagens atuando no cotidiano, estabelecendo relações de trocas, negociações entre pares e com as instituições e os aparelhos de Estado.

Não demorou muito, após a extinção da Zona do meretrício — cuja justificativa formal se deu em torno da adequação ao abolicionismo previsto no Código Penal brasileiro de 1940 —, para que setores da sociedade paulistana voltassem a debater os efeitos da extinção do na geografia da cidade e a cobrarem o retorno do modelo regulamentarista, baseado no confinamento em um local específico. Já no ano de 1954, na sessão de 06 de agosto, o

¹⁵² JOANIDES, op. cit., p. 30

¹⁵³ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

¹⁵⁴ JOANIDES, Hiroito de Moraes. op.cit. p.35.

¹⁵⁵ ROUANET. Sérgio Paulo. As passagens de Paris. In: **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.46.

vereador Alipio Henrique fez um pronunciamento enfático na tribuna da Câmara, no qual denunciava que as ruas do centro tinham virado um cenário de Sodoma e Gomorra. Que os chefes de família já não podiam mais deixar que suas filhas e esposas saíssem de suas casas caminhando para assistir a uma sessão de cinema, sem ter seus olhos escandalizados por cenas deprimentes, proporcionada pelas “decaídas” que se encontravam às portas dos hotelecos ou nas esquinas do bairro. Descreveu indignado:

Com o fechamento da zona do meretrício, as decaídas que frequentavam o “bas-fond” espalharam-se por várias ruas da cidade, tais como a Santa Efigênia, Aurora, Vitória, Timbiras, Guaianazes, General Osório, Gusmões, Duque de Caixas etc., trazendo o desassossego a todas àquelas famílias que residem naquelas ruas.¹⁵⁶

O problema que se colocava à baila era que o governador, por mais que tenha mobilizado estudos do Serviço Social com o intuito de estabelecer um plano de recuperação das mulheres que trabalhavam na Zona, não ultrapassou o âmbito das boas intenções. Alípio continuou seu pronunciamento dizendo não entender como o governador, após a extinção do confinamento, permitia que as mulheres continuassem a exercer seu nefando comércio e exibição de corpos, com pouca roupa e vergonha, às claras, nas esquinas do coração de São Paulo. Enfatizou que era necessário, para que a extinção tivesse sucesso em extirpar a prostituição da capital, pensar um local onde o Serviço Social pudesse desenvolver atividades educativas, cursos técnicos e moralizantes que ajudassem a integrar as mulheres ao mercado de trabalho e assim reintegrá-las à sociedade. E, por fim, ao deixar registrado o seu protesto, evocou o imaginário bandeirante do IV Centenário para registrar que a cidade que se moldava pela simbologia do progresso, civilização, trabalho e da tradição não poderia permitir que esse tipo de cena continuasse a ofender os bons costumes e valores paulistanos:

Quero deixar aqui o meu veemente protesto contra essas cenas que se praticam em pleno coração da cidade. Não é admissível, numa cidade como a de São Paulo, e mormente no ano do seu IV Centenário, que se possa assistir ao que toda a população assiste no trecho compreendido pela Rua Santa Efigênia e circunvizinhanças.¹⁵⁷

No início do seu pronunciamento, o vereador utilizou a palavra francesa *bas-fond* para se referir tanto à antiga Zona, quanto à nova geografia da prostituição na cidade de São Paulo. O *bas-fond*, para o historiador Dominique Kalifa, é uma espécie de topografia moral que fez parte do imaginário de diversas cidades ao longo da história. Enfatizou, inclusive, que seu

¹⁵⁶ **Diário Oficial de São Paulo**, Legislativo, n 173, São Paulo, 06 ago. 1954. p. 30.

¹⁵⁷ **Diário Oficial de São Paulo**, Legislativo, n. 173, São Paulo, 06 ago. 1954. p. 30.

sentido original nos dicionários era do âmbito da topografia e, entre as diversas acepções, citou o exemplo das retiradas do universo marítimo: “trata-se de um fundo onde há pouca água, que é perigoso e fácil de naufragar”.¹⁵⁸ No sentido que nos interessa, o seu significado social na modernidade, o historiador disse que sua emergência remete ao século XIX e serve para definir uma “classe de homens vis e desprezíveis [...] degradados pelo vício e miséria”, conceitua citando o famoso lexicógrafo francês Émile Littré. Uma coisa que é importante enfatizar é que, por mais que a construção da ideia de *bas-fonds* ao longo dos anos tenha se dado no âmbito das representações culturais — imprensa e literatura, principalmente — sobre tipos humanos e práticas desviantes, os *bas-fonds* sempre corresponderam a lugares reais, espeluncas, zonas, cadeia, locais onde se concentravam mendigos, baixo meretrício e todo tipo de párea social.¹⁵⁹

A modernidade, com o advento da sociedade de massas e da tecnologia, lembrou Benjamin, criou uma série de mecanismos institucionais de racionalização e escrutínio do espaço citadino através de uma multiplicidade de registros. Os endereços que substituíram os nomes dos donos das casas por números, o controle de partidas e chegadas de carruagens, os censos, a criação de bairros operários perto das fábricas para facilitar a disciplina do trabalho.

Ao submeter os indivíduos a esses procedimentos que os transformam em números, grupos, esses registros os diluem na sociedade de massas, causando “a perda de vestígios que acompanha o desaparecimento do ser humano nas massas das cidades grandes”.¹⁶⁰ Essa forma de organizar o espaço urbano a partir de classificações, separações, etiquetamentos, tornou o cotidiano em uma sociedade complexa inteligível ao controle do Estado.¹⁶¹

O fato de existir nas grandes cidades espaços traçados pelo imaginário do *bas-fonds*, que se insere nessa lógica administrativa, cumpre a função de delimitar territórios: “Assim como os meios, as circunstâncias ou os autores do crime, os ‘lugares’ desempenham um papel essencial na construção das realidades criminais”. Essa percepção foi construída por meio de representações na imprensa — na época da Boca do Lixo, escrita e falada — de modo que algumas ruas, praças ou bairros se transformaram numa espécie de topografia moral que simboliza o medo e a obsessão pelo crime. Esses lugares “contribuem também para tornar o crime inteligível.”¹⁶²

¹⁵⁸ KALIFA, Dominique. **Os Bas-fonds: História de um imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2017, p.12.

¹⁵⁹ Ibidem. p.15.

¹⁶⁰ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3), p.44.

¹⁶¹ BECKER, Howard Saul. **Outsiders. Estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

¹⁶² KALIFA, Dominique. Os lugares do crime: topografia criminal e imaginário social em Paris no século XIX. **Revista Topoi**, vol. 15, no 28, Jan./Jun. 2014, p.288.

Essa mania de classificações, esquadrinhamentos, listas, inventários e registros é uma construção do homem moderno. A taxonomia, forjada nas Ciências da Natureza, teve sua aplicação cada vez mais ampliada a partir da idade média, chegando às Ciências Humanas modernas, literatura e imprensa. Dominique Kalifa vai dizer que existe uma “taxomania” que regula a produção do saber no Ocidente moderno. As representações na imprensa sobre as topografias criminais de determinadas cidades não escapam a esse imperativo, é a única forma de conferir homogeneidade a essas realidades heterógenas. “Desde as primeiras listas de indigentes até as reportagens das revistas contemporâneas, o pensamento da classificação está na origem de todas as representações dos *bas-fonds*.”¹⁶³

Um caminho interessante para pensar como esse território compreendido pela Boca do Lixo começou a ser forjado, através das representações cotidianas na imprensa, como uma área perpassada por práticas sociais e moralidades sujas, é buscar identificar a forma, o momento e o porquê de a imprensa ter cunhado esse termo para se referir à região, seus frequentadores, habitantes, práticas e costumes. Ao fazer essa busca, é importante investigar também se essa classificação de um amplo território da capital paulistana, margeado pela Av. Rio Branco e Av. São João e pelas avenidas Duque de Caxias e Ipiranga, formando uma espécie de retângulo onde dentro se situavam trechos das ruas Aurora, Vitória, Protestantes, Gusmões, Guaianases, Santa Ifigênia, Andradas, General Osório, Timbiras e Triunfo, atendia a interesses dos aparelhos de Estado responsáveis pela ordenação urbana e se a imprensa policial era parte nesse jogo. Não só, analisar, também, como Hiroito leu essas representações e como vai contrapô-las ou validá-las em seu relato, criando as suas próprias representações.

Logo após a extinção da Zona do Meretrício, boa parte da imprensa policial se ocupou em denunciar que as atividades dos michês tinham migrado para as imediações da estação da Luz. Os jornais pesquisados com mais afinco, *Diário da Noite* e o *Notícias Populares*, usavam termos diferentes para se referirem ao local e suas práticas. A primeira vez que um termo semelhante surgiu nas páginas dos jornais foi no *Diário da Noite*, em 10 de março de 1959, no contexto de uma reportagem sobre a aplicação do golpe do suadouro em um padre. Na ocasião, uma mulher presa em flagrante acusou os policiais de participarem de uma “caixinha da *boca do crime*”,¹⁶⁴ como forma de permitir que as mulheres aplicassem o golpe livremente. Esse tipo de golpe era popular, fez parte do imaginário da malandragem no Brasil, e até mesmo o Dicionário Houaiss tem uma definição para o termo: "espécie de golpe levado a cabo por meretriz que, conduzindo o cliente a determinado lugar, aí o rouba, sozinha ou

¹⁶³ KALIFA, op. cit., 2017, p.127-128.

¹⁶⁴ Até um padre já foi roubado no suadouro. *Diário da Noite*. São Paulo, 10 mar. 1959, p. 09.

ajudada por sequazes previamente combinados; suador”.¹⁶⁵ Esse jornal, por sinal, vai, durante a maior parte do tempo, grafar o termo “boca do crime” para se referir à região, aderindo ao termo Boca do Lixo apenas na segunda metade dos anos 1970, quando a região já era conhecida por outro tipo de sociabilidade, a dos cineastas, atores e toda gama de trabalhadores do cinema.

Em outra ocasião, já em 21 de outubro de 1959, o *Diário da Noite* volta a utilizar o termo “boca do crime”, desta vez em reportagem sobre uma façanha de um dos seus homens legenda, que mais tarde disputaria com Hiroito e outros o epíteto de Rei da Boca. Trata-se de Mauro Silva, que ficaria conhecido nas páginas daquele jornal e nas ruas da Boca como Xodó. Numa caixa de texto após o título da reportagem, o jornal descreveu que numa “batida realizada na boca do crime”, Xodó investiu contra um policial, além disso, bradou contra os repórteres que cobriam a operação, ameaçando “espetar as câmeras fotográficas” com uma faca. Nessa nota, cujo título era “Xodó deu um show no Departamento de Investigações”, pela primeira vez apareceu uma descrição geográfica da região onde se localizava a citada boca do crime:

O marginal compareceu àquela especializada para prestar esclarecimentos sobre a tentativa de homicídio contra o investigador Elias de Sousa [...] durante uma batida para detenção de meretrizes e homossexuais que se dedicavam ao golpe do suadouro na zona compreendida pelas ruas Santa Efigênia, Gusmões, Andradas, Aurora, Amaral Gurgel, Major Sertório etc.¹⁶⁶

Nesse ano de 1959, das 26 vezes que o *Diário da Noite* usou o termo “boca do crime” para se referir ao espaço que passaria a ser compreendida como a região da Boca, ao menos 15 estavam relacionados com a suspeita do pagamento de “caixinhas”¹⁶⁷ aos policiais que deveriam reprimir aquelas práticas. Pelo jeito, o jornal buscava atender demandas de setores da sociedade escandalizados com as cenas de “degradação moral”, proporcionadas pelas atividades licenciosas, ilícitas e que atribuíam à corrupção policial a causa da ineficácia em combatê-las.

Em 06 de novembro de 1959, o jornal voltou a utilizar o termo, dessa vez o título da reportagem já deixou claro que denuncia, além das práticas dos delinquentes e prostitutas, a

¹⁶⁵SUADOURO In: HOUAISS, Antônio **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹⁶⁶ Xodó deu um show no Departamento de Investigações, **Jornal Diário da Noite**. São Paulo, 21 out. 1959, p. 07.

¹⁶⁷ Vamos voltar a esse tema das “caixinhas” e “arreglos mais detalhadamente no próximo capítulo. Nesse momento nos interessa as passagens que apenas descreve a região buscando entender como e quando se deu o uso do termo Boca do Lixo para delimitar o território.

corrupção da Polícia de Costumes, dizia o título “Polícia interdita prédios para aumentar o ‘arreglo’”. Na caixa de texto, logo após o título, um substrato do conteúdo da reportagem: “Estranha repressão: só prendem mulheres que não pagam a ‘taxa’ de rua. Continua em silêncio o delegado de costumes”. E mais uma vez pôs-se a descrever certa topografia criminal, o novo *bas-fond* da cidade:

O que temos assistido nos últimos dias na área que se convencionou chamar de ‘boca do crime’ — quadrilátero formado pelas avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, São João e Estação da Luz — é por demais chocante. Rameiras se postam ostensivamente nas portas das casas ou de prédios de apartamentos, convidando transeuntes e vexando jovens decentes — até mesmo escolares — que por ali são obrigados a transitar.¹⁶⁸

Por fim, para encerrar as representações do espaço territorial e das atividades, já em 1961, o *Diário da Noite* publicou uma longa reportagem sobre uma briga e troca de tiros entre dois dos homens que se tornariam dos mais notórios bandidos a frequentar suas páginas. A briga entre Quinzinho¹⁶⁹ e Hiroito rendeu o seguinte título “Quarteirões da boca do crime disputados a tiros e navalhadas”. A violência e proporção da briga foram tamanhas que o jornal destaca no subtítulo “Amasia de um dos donos do submundo foi amarada e seviciada pelo bando rival”, no corpo da reportagem outra descrição da geografia e da economia da região, dessa vez apontando um fator causador da constituição desse território criminal:

Há muito tempo que a Polícia em conhecimento desses pegas entre marginais, sabendo que eles disputam com as armas que tiverem a mão e à custa de sangue cada palmo da chamada ‘boca do crime’, formada pelas ruas dos Guaianases, Gusmões, General Osório, Santa Ifigênia e Avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco e São João. Nessa parte da cidade, desde que foram extintas as casas de lenocínio das ruas Itaboca e Aimorés, está instalado o ‘QG’ do crime em São Paulo, sendo ali a reunião de traficantes de entorpecentes, de exploradores de mulheres, assaltantes e decaídas.¹⁷⁰

Nessa reportagem, o jornal expôs a tese de que a ocupação daquelas ruas pelas decaídas e delinquentes foi resultado direto da forma como se deu a extinção do meretrício do bairro do Bom Retiro. A proliferação das cenas de violência e de atendido ao pudor que antes estavam confinadas nas duas ruas margeadas pelo paredão da linha férrea, não só poupava as

¹⁶⁸ Polícia interdita prédios para aumentar o arreglo. *Jornal Diário da Noite*, São Paulo, 06 nov. 1959, p.18.

¹⁶⁹ Trata-se de Joaquim Pereira da Silva Filho, ex-militar da força pública e ex-pugilista, um dos principais rivais de Hiroito. Trataremos em detalhes desse personagem no próximo capítulo.

¹⁷⁰ Quarteirões da boca do crime disputados a tiros e navalhadas, *Diário da Noite*, São Paulo, 13 fev. 1962, p.18.

boas famílias de presenciar o que acontecia por lá, como também facilitava o controle por parte da Polícia de Costumes, Serviço Social, e outros órgãos da prefeitura e do Estado.

A existência desse espaço delimitado para as atividades licenciosas facilitava, também, a vida da reportagem policial. Não só porque esta tinha na Zona um espaço de onde tirava inesgotáveis crônicas sobre o seu “grotesco” e “ímoral” cotidiano e que lhe oferecia uma miríade de sujeitos e tipos que eram usados nas notas e relatos diários: prostitutas, proxenetas, bêbados, jogadores, valentes, traficantes, punгуistas. Mas, também, como toda novela ou romance policial, porque as personagens precisam de um espaço diegético onde a trama possa se desenrolar.

Assim, a Zona era parte importante nas representações do cotidiano marginal elaborado pela imprensa. Perder esse cenário impunha uma série de dificuldades. Como tornar inteligível aos milhões de leitores ávidos por essas históricas dos *bas-fonds* no contexto de uma sociedade de massas e de uma imprensa que, como já dito, cada vez mais se adequava ao formato da indústria cultural, transformada em empresa e que necessita de clientes? Tinha-se, portanto, para além da intenção de denunciar o que estava acontecendo naquelas ruas, o intuito de demarcar no imaginário social uma área que cumprisse essa função de cenário capaz de ancorar os enredos sobre o crime produzidos diariamente em suas páginas. Não só, precisava-se também encontrar novos personagens ou como diz Hiroito, homens legenda.¹⁷¹

O jornalista Ramão Gomes Portão era um dos que nutriam certo deleite por produzir classificações e listas, um “taxonomânico” nato. Talvez, um fato que explique essa sua queda por taxonomias seja sua sólida formação em criminologia, chegando inclusive a lançar livros de reconhecimento na área e a dar aulas no curso de Pós-graduação em Criminologia; além de Jornalismo, Ramão também tinha formação em Ciências Jurídicas.¹⁷² Em uma reportagem publicada em 1963, ele buscou fazer um histórico sobre as atividades ilícitas e práticas licenciosas na região central de São Paulo. Sobretudo, localizar em que momento a imprensa e, conseqüentemente, as pessoas, passaram a usar o termo Boca do Lixo para se referir à região e sua sociabilidade. O jornalista localizou de imediato que o termo já era utilizado desde a época do meretrício confinado da Itaboca e Aimorés, mas ainda não tinha um vínculo necessário com uma topografia específica do centro. Seu uso se dava na forma de gíria utilizada para se referir às práticas e costumes de modo amplo:

¹⁷¹ JOANIDES, op.cit., p.28.

¹⁷² Informações biográficas retirada do prefácio de seu livro “Criminologia da Comunicação”. In: PORTÃO, Ramão Gomes. **Criminologia da Comunicação**. São Paulo: Traço Editora, 1980.

Boca de fumo é onde existe maconha; boca livre é coquetel, festa onde tudo é grátis; boca mole ou boca de litro é o falador, enquanto que boca de siri não fala com facilidade. Boca de boi é sanitário de cadeia; boca de moela, o desdentado; boca torta, o comunista e boca amarela, o azarado.¹⁷³

Como vimos, o exercício de identificar e classificar era um dos passatempos do editor de polícia do *Notícias Populares*, que, ao classificar os diversos usos e combinações a partir do termo “boca”, se mostrou um arguto observador das práticas, linguagem e simbologia do *bas-fond*. No início da reportagem, ele adiantou que o substantivo feminino boca era frequentemente utilizado para se referir aos diversos contextos, práticas e situações do universo marginal da cidade, “atualmente, qualquer local frequentado por marginais é chamado de boca”. E com o tempo, a depender do tipo específico de prática marginal que queira se referir, ela ganhava um complemento/combinção diferente. Ramão encampou em seu texto a tese de que a extinção da Zona foi o evento que espalhou pelas ruas do centro prostitutas, proxenetas, delinquentes e valentes:

Mas quando o professor Lucas Nogueira Garcez,¹⁷⁴ governador do Estado, determinou a extinção do confinamento, as mulheres se concentraram na área entre a Av. Rio Branco e a rua Mauá. Ali surgiu um ponto de atração para os delinquentes, que chegavam para gastar o produto dos roubos realizados. A incidência de ocorrências, brigas, tiros, a guerra entre exploradores do lenocínio e dos bandidos que exigiam ‘taxa de proteção’ aos hotéis, bares e boates, motivaram a expressão boca do crime. E no coração da capital localizaram-se as ‘bocas’ na sua proverbial generalidade — leves, pesadas, sujas ou do fumo — numa fusão heterogênea para atender qualquer preferência: mulher, maconha, jogo, assalto, cachaça, heroína, pervingim, com o Palácio do Governo no meio, para facilitar as reivindicações, e igrejas para as mundanas que pecam de madrugada e se confessam de manhã, sempre de bem com Deus.¹⁷⁵

Foi nesse contexto, no fluxo da migração das atividades da zona do meretrício para as intermediações da Estação da Luz, que Ramão localizou o surgimento de Quinzinho, Hiroito, Xodó, Brandãozinho, Nelsinho da 45, Sarkis, Losquiavo, Carlinhos Bang-Bang como exploradores da prostituição, donos de hotelecos e prestadores de serviços de proteção privada. Nesse período inicial, suas atividades se restringiam ao lenocínio e à logística necessária para o bom funcionamento desse tipo de atividade e seus estabelecimentos. A

¹⁷³ PORTÃO, Ramão Gomes. Mudam os locais e surgem novas gírias. **Jornal Notícias Populares**. 21 nov. 1963, p.13.

¹⁷⁴ Interessante notar como Ramão se refere a Lucas Garcez primeiro como professor para depois dizer que era governador. O que conota certa ideia de pertencimento à classe de pesquisadores sobre os problemas da cidade. Como disse, além de editor de polícia do *Notícias Populares*, era um criminologista com livros escritos e uma carreira acadêmica.

¹⁷⁵ PORTÃO, op. cit., 1963, p.13.

maior parte dos conflitos entre os delinquentes e rufiões se davam em torno da disputa pelos pontos de prostituição, tomar de assalto o hotel e o ponto explorado pelo outro. Ainda não estava em vista, ou pelo menos não com intensidade, a expansão das atividades para assaltos e tráfico de entorpecentes. Quinzinho, por exemplo, gostava de repetir um bordão nas rodas da então boca do crime: “não preciso assaltar o otário se ele deixa o dinheiro nas mãos das minas.”¹⁷⁶

A expansão das atividades criminais, com a propagação do tráfico de drogas, inicialmente maconha e pervitin,¹⁷⁷ foi elemento importante para o aumento da violência interna. Os delinquentes passaram a assaltar os rivais com a finalidade de tomar pontos de vendas e mercadorias. Nessa fase, incorporaram-se também os roubos e assaltos. Para Ramão, foi a partir desse incremento que a região passou a ser denominada por Boca do Lixo, já no início dos anos 1960 era a consagração de todas as bocas.¹⁷⁸

Ele não precisou a data, mas como já dissemos aqui, em nossa pesquisa, tanto nos arquivos físicos — Arquivo do Estado de São Paulo e na hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade — quanto na pesquisa hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, o termo Boca do Lixo só começou a aparecer para descrever essa região a partir da década de 1960, e sempre em notícias cujos crimes e delitos relatados estavam ligados a uma rede mais complexa de atividades criminais. Posteriormente, já com epíteto firmado nas páginas dos jornais e no imaginário social, entre o final da década de 1960 e início da 1980, a Boca do Lixo ganhou fama nacional por conta da aglomeração de produtores de cinema que a transformaram em um polo cinematográfico, produzindo desde filmes conceituais do chamado Cinema Marginal à pornochanchada.¹⁷⁹

¹⁷⁶ Ibidem, p.13.

¹⁷⁷ Medicamento da família da metanfetamina, que na boca do lixo era usado de forma injetável. Hiroito era um usuário contumaz, como ele mesmo descreve.

¹⁷⁸ PORTÃO. op.cit., 1963, p.14.

¹⁷⁹ Sobre esse período ver: ABREU, Nuno Cesar Pereira de. **Boca do Lixo: cinema e classes populares**. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

Figura 11: Rua do Triumpho, 1972, ao fundo torre estação da Luz. A escrita vertical misturada aos carros e prédios.

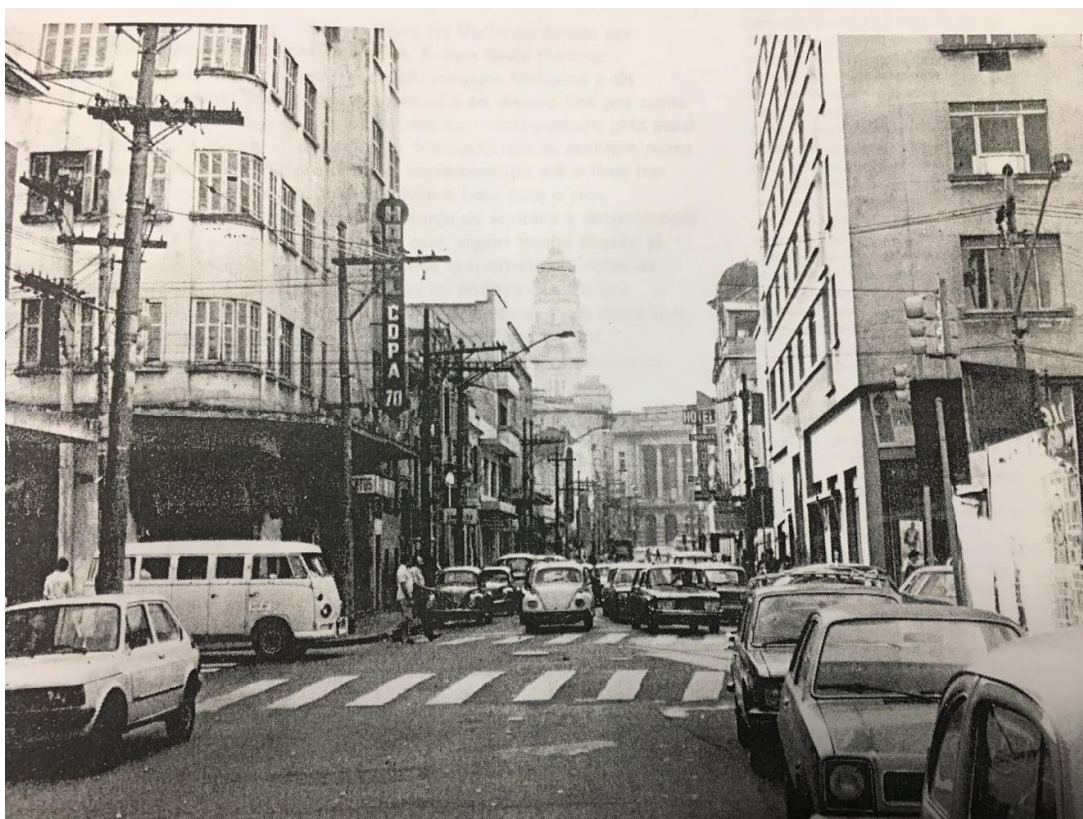


Foto: CANDEIA, Ozualdo. **Uma rua chamada Triumpho**. São Paulo: Editora do autor, 2001, p. 30.

2.1. A Boca do Lixo, seu flâneur marginal e as representações na imprensa

Entre as várias conceituações elaboradas por Walter Benjamin em torno da figura do *flâneur*, a que pensou esse tipo como um proscrito da sociedade foi a mais interessante para perspectivar a figura de Hiroito e seu relato como uma espécie de *flâneur* e etnografia da Boca do Lixo. Em certo momento, Benjamin diferenciou o romance policial da novela criminal. Esta última, muito ligada às fisiologias, se ocupava quase que exclusivamente em descrever os tipos humanos da Paris do século XIX. Já o romance policial surgiu no contexto da sociedade de massa, das tecnologias e registros de controle usados para tornar o cotidiano mais inteligível ao aparelho policial. Esse estilo literário sofreu o impacto desse contexto e se apropriou dessas técnicas de escrutínio do cotidiano. Por isso, se ocupava da descrição das massas, dos grupos, seus costumes e práticas: “O conteúdo social primitivo do romance

policial é a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande”.¹⁸⁰ Não à toa, esse gênero, cuja obra de Allan Poe foi o marco fundante, teve como característica importante de sua escrita a incorporação de técnicas retiradas das ciências na urdidura do enredo, estabelecendo uma construção lógica entre personagens marginais, crimes, detetives, multidão e cenários nos desenlaces possíveis das suas histórias.

Portanto, *o flâneur* era o homem na multidão de Poe,¹⁸¹ esse tipo limiar que, inserido nessa teia de mecanismos de controle do cotidiano, observa e é observado ao mesmo tempo. A partir dessa caracterização da obra de Poe e do romance policial, Benjamin o descreveu enquanto um proscrito:

[...] *o flâneur* é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão; e não é preciso ir muito longe para achar a razão porque se esconde nela. A diferença entre o antissocial e o *flâneur* é deliberadamente apagada em Poe. Um homem se torna tanto mais suspeito na massa quanto mais difícil é encontra-lo”¹⁸²

Em seu relato autobiográfico, Hiroito estabeleceu o episódio de ter sido acusado de parricídio pela imprensa, quando ainda era um jovem boêmio frequentador da Boca em busca apenas de diversão, como o evento que marcou sua entrada para vida da delinquência, “o que creio é que fui levado, e não forçado, à vida do crime pela pecha de parricida tornada pública e notória”.¹⁸³ Após ter sido estampado nas páginas de inúmeros jornais como suspeito da morte do próprio pai, vieram as proscricões: relegado, evitado, desprezado por amigos e parte da família. Perdeu o emprego numa empresa em que trabalhava como gerente. Não só, e aqui um momento marcante, perdeu a noiva — uma estudante de biologia durante o período de namoro e que à época em que escrevia sua autobiografia já era uma bióloga de renome. Ele relatou que o rompimento se deu durante um jantar — depois de amigos, patrão, colegas, e parte da família, excetuando sua mãe e irmãos, terem se afastado — quando a moça, “não resistindo mais a dúvida que se alojara em sua pequenina alma”¹⁸⁴, virou-se e questionou se ele jurava não ter mesmo nada a ver com a morte do pai. A resposta, segundo Hiroito, ela nunca teve: “Até hoje entre os seus espongiários e infusórios, entre os seus provetes e bicos de

¹⁸⁰ BENJAMIN, op., cit., 1989, p. 41.

¹⁸¹ POE, Edgar Allan. O homem da multidão. In: **Medo clássico: vol. 2**. Trad. Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: Dark Side Books: 2018. Na famosa obra das Passagens, Benjamin urde uma imagem dialética do *flâneur* a partir de Poe: “Dialética da *flânerie*: de um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, como um verdadeiro suspeito; de outro, o homem que dificilmente pode ser encontrado, o escondido. É provavelmente esta dialética que se desenvolve em “O homem da multidão”. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. BOLLE, Willi (Org.). MATOS, Olgária Chain Féres (Col.). Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018, p. 707.

¹⁸² BENJAMIN, op. cit., 1989, p. 45.

¹⁸³ JOANIDES, op. cit., 2003, p.74.

¹⁸⁴ *Ibidem*

Lansen está ela à espera da minha resposta”. Ele concluiu essa passagem afirmando que a pergunta não rompeu apenas o relacionamento de três anos, mas também “a última fibra daquele coração de jovem”,¹⁸⁵ o último laço que o vinculava à sociedade.

Proscrito do convívio social e familiar, ele fez uma longa descrição sobre as alternativas que lhe restavam como possibilidades de existência, da vida monástica à refugiar-se numa floresta; no final apontou sua escolha, para onde resolveu se abrigar: “Opções, devo reconhecer que as havia. Preferi, todavia, transferir-me de mala e cuia (e dois revólveres) para a Boca, talvez por ser mais perto. Ou quiçá por não ser mais tempo de mártires.”¹⁸⁶

E continua:

E retornei ao único lugar onde ainda me fazia aceito, onde a pecha que carregava não era de modo a fazer com que se me evitassem, como a um leproso. Retornei para delinquir e, com as armas do ódio e da revolta, fazer-me, torna-me um valente entre os valentes, um bandido, o rei da Boca do Lixo.¹⁸⁷

As descrições nos contos de Poe se deslocam dos indivíduos para o social. Em *O Mistério de Marie Roget*, seu conto criminal de maior fôlego, o autor experimentou o uso de informações jornalísticas no desenrolar da trama, sobretudo no caminho para o desvendamento do crime. Dos elementos que compôs esse tipo de narrativa, a vítima e o local do crime, o assassino, a massa e o detetive, Poe destacou esse último na figura do cavalheiro Dupin, o detetive que “não trabalha com base nas aparências, nas observações pessoais, mas sim nas reportagens da imprensa diária”.¹⁸⁸ O romance policial submeteu a cidade como objeto ao seu olhar e tematizou o sujeito desse olhar, o homem na multidão, elaborador de imagens da cidade:

O autor não solicita o interesse do leitor apenas para esse homem; o leitor vai se fixar à descrição da multidão no mínimo com a mesma intensidade, e isso tanto por motivos documentários quanto artísticos. Em ambos os aspectos é a multidão que sobressai.¹⁸⁹

O nosso *flâneur* da Boca do Lixo, em seu relato, se colocou como um etnógrafo da vida criminal. Suas descrições densas direcionavam o olhar sobre os costumes, economia (financeira e moral), práticas, expectativas, sentimentos, relações internas e institucionais. Como ele mesmo alertou, seu livro funcionava mais como “uma radiografia histórica da Boca

¹⁸⁵ JOANIDES, op. cit., 1977, p.74

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem, p.73.

¹⁸⁸ BENJAMIN, op. cit., 1989, p. 41.

¹⁸⁹ Ibidem, p.47.

do Lixo que propriamente uma biografia deste desventurado ex-membro de sua casa real”. Embora seu livro tivesse semelhanças com o jeito de compor de Allan Poe — de quem Hiroito era leitor — a aproximação que propomos fica mais restrita à ideia de *flâneur*, que Benjamin forjou ao ler a obra de Poe. Portanto, foi o Hiroito que se refugiou e perambulava pelo território marginal, observava e descrevia que nos interessou. Sobretudo, no sentido de contrapor sua caracterização da área com as produzidas pela imprensa policial. Enquanto produto e leitor das reportagens policiais podemos aproximá-lo dessa perspectiva do *flâneur*, de quem observa e é observado ao mesmo tempo.

Em diversos momentos, Hiroito descreveu como se deu o processo de formação da Boca do Lixo, dando o mesmo panorama da geografia e estabelecendo a mesma relação causal com o episódio do fechamento do meretrício que as feitas na imprensa policial. Disse que a prostituição “desoficializada” foi aos poucos se fixando no bairro dos Campos Elíseos. Ele especificou exatamente as mesmas ruas que foram citadas nas fontes dos jornais, mas o seu olhar de etnógrafo do submundo foi além das descrições geográficas e das classificações — embora elas estejam presentes —, desceu aos detalhes do cotidiano *outsider*, pinçou os sentimentos e expectativas dos seus praticantes, estabeleceu análises e comparações sociológicas complexas, forjou termos novos.

Hiroito foi um leitor da imprensa e em seu relato inverteu as posições entre o período em que era apenas objeto do “conhecimento” de repórteres, notas e editoriais, para sujeito do conhecimento, aparecendo como analista da imprensa, criador de outras representações sobre sua existência e a dos seus pares. Ele começou a descrição do ambiente a partir da própria trajetória, mas nesse trecho já podemos observar o quão complexa era sua leitura da Boca do Lixo e como ele priorizou matizar o cotidiano em contraponto às descrições homogêneas e estigmatizantes das notas policiais:

No recinto dessa área fervilhante de conflitos, de intrigas, de comoções violentas, transcorreu grande parte de minha existência, em meio à convivência igualitária daquela legião de seres que, rotulados pelos códigos, são chamados, e conhecidos, por uma diversidade de epítetos: ladrões, punguistas, prostitutas, vigaristas e por aí a fora, e que prefiro, com maior propriedade, uni-los todos a mesma denominação comum de desajustados sociais.¹⁹⁰

Interessante notar que ele utilizou palavras que comumente são usadas no jargão de determinadas disciplinas consolidadas na academia, como as noções de rótulos, rotulados e

¹⁹⁰ JONIDES, op. cit., 1977, p. 26.

códigos, usadas na sociologia do desvio e que têm, também, repercussão na criminologia. Ao terminar essa passagem conceituando os grupos que atuavam no quadrilátero do pecado como “desajustados sociais”, ele retirou o comportamento desse grupo, e os delitos cometidos, do âmbito da responsabilidade pessoal e da monstruosidade, como se a tendência ao crime e desvio fosse algo *nato* a esses indivíduos. Sua interpretação se aproximou da concepção de Gilberto Velho, a de que o desviante é alguém que faz uma leitura divergente do resto da sociedade e que embora entre em conflito com certos padrões de comportamento social, ele não é desviante em tempo integral.¹⁹¹ Essa leitura divergente em relação aos valores estabelecidos ficou ainda mais evidente em outra passagem:

A esfera da vida na qual se movem os desajustados sociais é um mundo à parte, com suas próprias normas e convenções, suas idiossincrasias, concepções e aspirações peculiares — e onde os valores morais inerentes ao homem, por imorredouros, transfiguram-se, transvertem-se, mutilam-se na adaptação aos requisitos do meio. Assim é que ali se faz da sensualidade o simulacro do amor, da notoriedade o substitutivo do renome, da vaidade a contrafação do verdadeiro orgulho, e na associação de interesses escusos é que se vai encontrar o arremedo da amizade.¹⁹²

O arremate final dessa passagem tem uma pequena análise de todas as formas de atividades desenvolvidas na Boca do Lixo, a prostituição como simulação do amor, o aparecer nas páginas policiais como se fosse renome, a vaidade que caracterizou o comportamento do malandro/delinquente e o gesso que dava liga às relações interpessoais no ambiente, os interesses financeiros.

Hiroito também fez sua descrição sobre o processo de formação da região. Como já disse, ele também tomou como o evento detonador do processo a extinção da Zona. Mas descreveu com maior precisão os detalhes desse nomadismo das atividades marginais. Falou do caráter imediatista do decreto de Lucas Garcez, que fechou as pensões em questão de minutos entre a publicação e a aplicação do decreto, “doesse a quem doesse, pois *dura lex sed lex*”. No entanto, fez chacota com o raciocínio dos que arquitetaram o decreto e fechamento, disse que deixaram escapar um pequeno detalhe, que a extinção do confinamento não extinguiria a prostituição. O decreto deixou quase 2 mil mulheres sem ter de onde tirar o seu sustento. Importante lembrar as pretensões do Serviço Social em “ressocializar” essas mulheres inserindo-as no mercado de trabalho formal. Hiroito zombou dessa pretensão: “não

¹⁹¹ VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: **Um antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹⁹² JOANIDES, op. cit., 1977, p. 28.

chego a crer que lhes tenha passado pela cabeça a vaga ideia de procurar emprego. Menos ainda, marido”.¹⁹³

O periódico *Flam: o Jornal da Semana* chegou a noticiar, com certa dose de sarcasmo, que o governador, com seu pensamento altruísta de que devia reabilitar as “decaídas”, forneceu-lhes para a reabilitação uma máquina de costura.¹⁹⁴ O jornalista do *Flam* debochou dizendo que era pouco provável que o mercado de trabalho absorvesse tantas costureiras novatas. A brilhante ideia, no entanto, não partiu do gabinete do governador, mas da igreja católica, da cabeça do Frei Benevenuto, homem de religião e “defensor de ideias de vanguarda”, ironizou o jornalista, que assinou a coluna como Marquês Rabelo, para depois concluir com uma dose elevada de acidez: “Francamente, é pouco, principalmente é ridículo, como ridículo seria se nós entregássemos uma enxada a Frei Benevenuto e disséssemos: ande, vá se regenerar”.¹⁹⁵

Boa parte das prostitutas, que já moravam na região dos Campos Elíseos, mesmo antes da extinção da Zona — onde só iam para trabalhar— resolveu criar estratégias para continuar a desempenhar suas atividades mudando o formato, do exercício fechado por trás das persianas das janelas da Itaboca e Aimóres, para o *trottoir* nas intermediações da Estação da Luz. Essa modalidade, que já era exercida em pequena escala, ganhou proporções cada vez maiores. Sobre essa mudança na configuração social do bairro, Hiroito descreveu o impacto que teve na ambientação, comércio e ocupação imobiliária:

A transfiguração ambiental se fazia célere e radicalmente. O próprio comércio local, em certos casos, e não poucos, via-se literalmente afogado em meio a um mercado consumidor de todo estranho aos seus negócios, pelo que, para sobreviver,urgia que também se transformasse, se adaptasse às exigências e necessidades do novo tipo de consumidor com que se via à volta. Assim, casas de roupas para homens se fizeram lojas de artigos femininos, guarda-chuvas e chapéus dando lugar a bolsas e sombrinhas, enquanto em outros estabelecimentos comerciais, tapetes e cortinados cediam vez a bibelôs, capachos e vasos para flores. [...] Nas prateleiras das drogarias do bairro, Coco Chanel via-se desbancada por Cashmeare Bouquet e L'Amant de Coty. E caixas de camisas-de-vênus.¹⁹⁶

Ele também foi tributário da tese de que a denominação de Boca do Lixo foi atribuída a partir da expansão das atividades criminais e do aumento da violência entre os delinquentes. Sobretudo relacionada ao aumento do tráfico de entorpecentes, fato que ocorreu no início dos

¹⁹³ JOANIDES, op. cit., p.22.

¹⁹⁴ **Flam: O jornal da semana**, Hemeroteca do Estado de São Paulo. São Paulo. 17 a 23/01/1954, p.5.

¹⁹⁵ Ibidem

¹⁹⁶ JOANIDES, op. cit., p.36.

anos 1960. Os anos iniciais ao fechamento da Zona do Bom Retiro transcorreram com certa tranquilidade, comparados ao que foram os primeiros anos da década de 1960, “com umas facadas aqui, outras navalhadas ali, a rotineira vidinha do submundo seguia seu curso”.¹⁹⁷ Não existia ainda em grande escala o uso de arma de fogo, o instrumento utilizado ainda era a navalha, conhecida na gíria local como “sola”, alguns valentes usavam punhal. Como forma de portar o objeto, as prostitutas costumavam esconder no sutiã, enquanto os valentes no bolso do paletó camuflado no lenço. No relato de Hiroito, ele disse que os mais precavidos, com receio de batida policial, desenvolveram a técnica de carregar a navalha dentro da gravata “presa por um prendedor”.¹⁹⁸

Sobre o uso de arma de fogo, instrumento que garantiu sua fama, ele localizou a popularização do seu uso na região a partir de 1957, “não propriamente implantado por mim [...] mas devo de reconhecer que muito colaborei na propagação desse aprimoramento bélico...”. O aumento das atividades e eventos violentos, também da disseminação das armas de fogo, contribuíram para o afastamento de famílias e outros tipos de habitantes da região, como comerciantes antigos. No primeiro caso, por temer a violência ou achar o ambiente um tanto inadequado. No segundo caso, nem sempre os motivos eram do campo da moral e dos costumes, mas por “não resistirem à tentação das propostas que recebiam”, propostas de aluguel dos imóveis por um valor mais alto que o de mercado e que depois eram transformados em hotéis ou apartamento de “entra-e-sai”.¹⁹⁹ Esse movimento consolidou a estruturação de uma rede de bares, hotéis, casas de cômodos, restaurantes, salões de beleza e toda uma gama de comércio que serviram como auxílio à principal atividade, a prostituição.

Por outro lado, atraiu uma variedade de marginais e delinquentes que orbitavam em torno da prostituição, estes expandiram gradualmente os seus negócios. Esse “malandro” da Boca do Lixo, da qual Hiroito, Quinzinho, Xodó, Nelsinho da 45 e outros faziam parte, já se diferenciava bastante do protótipo do malandro nacional, o pícaro, cujo logro diário estava relacionado a sobreviver nas frestas, na brecha e do qual o ímpeto é ganhar o dia. A finalidade das atividades era voltada para o lucro, de *telos* empreendedor — o que não quer dizer que tiveram êxito nos empreendimentos — embora conservasse o lado boêmio, da boa vida, de uma aversão ao trabalho formal, era “um espírito do capitalismo, sem uma ética protestante”.²⁰⁰

¹⁹⁷ Ibidem. p.27;

¹⁹⁸ JOANIDES, op. cit., 1977, p.64.

¹⁹⁹ Idem. p.36

²⁰⁰ CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados:** o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 26.

Foi esse o conjunto de fatores que as diversas fontes atribuem ao processo de constituição da Boca do Lixo e, claro, o contexto em que o termo foi forjado. Nosso *flâneur* encerrou sua análise desse processo com a seguinte passagem ao estilo da reportagem policial:

Estava formada, estabelecida, fixada a nova sede do submundo — estranho, heterógeno e conturbado ninho, onde coabitam mariposas, serpentes e aves de rapina.

Gerado pelo sêmen da injustiça social, após longo e feio parto, emergia do ventre da cidade grande, o odiado e odioso filho: a Boca do Lixo, o quadrilátero do pecado.²⁰¹

Hiroito, enquanto leitor da imprensa policial absorveu muitas das suas operações linguísticas, jeito de escrever, forma de se referir aos indivíduos e grupo desviantes, como nos usos dos termos “mariposas” para se referir às prostitutas, e “serpentes” e “aves de rapina” para se referir aos diversos grupos de delinquentes. Se para Halbwachs a memória individual é ancorada na social,²⁰² é certo que o Hiroito, bandido notório e leitor da imprensa, incorporou muito dessas práticas e universo simbólico.

Outra coisa que merece destaque na citação acima foi a elaboração da Boca do Lixo como um mundo à parte da cidade ordeira e disciplinar, um filho odiado e rejeitado da moral bandeirante. Michel Foucault cunhou o conceito de heterotopia, que serve para pensar esse tipo de espaço que surge entre todos esses lugares pensados para o bom funcionamento e ordenamento urbano — o bairro, a estação, cafés, cinemas, condomínios residenciais, parques — e que está automaticamente do outro lado. A Boca do Lixo se situava em oposição à utopia da cidade planejada e disciplinada, logo, uma heterotopia. Com sua própria “legislação”, moral, economia e costumes. Esses “contraespaços” podem ser pensados como pontos de fuga do mundo normativo, refúgio dos não adaptados ou dos que momentaneamente querem burlar os valores aceitos. Mas, quando estabelecidos no imaginário, podem servir como limite, linha de demarcação que nunca pode ser ultrapassada, sob pena de punição ou banimento.²⁰³

Quando o termo Boca do Lixo popularizou na imprensa e circulou no imaginário da época, essa imagem de território proibido, demarcado, foi cristalizada. Num livro sobre o velho centro de São Paulo, o jornalista Heródoto Barbeiro dedicou um capítulo de suas memórias de juventude ao “Quadrilátero do Pecado”. Em seu relato, em meio às memórias das andanças e diversões pelas ruas do centro no período do carnaval, entre bandas,

²⁰¹ JOANIDES, op. cit., 2003. p.38.

²⁰² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p.75.

²⁰³ FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013. p. 19.

marchinhas, serpentinas e o sobe-e-desce das Avenidas São João e Ipiranga, lembrou do alerta que sempre vinha dos mais velhos:

Os adultos, entre eles meus pais, reprovavam andanças na Avenida São João para além do cruzamento com a Ipiranga. Diziam que lá ficavam as mulheres de vida fácil e seus cafetões, e, portanto, havia perigo. [...] São Paulo tinha um verdadeiro *bas-fonds*, como diziam os jornais sensacionalistas da época.²⁰⁴

Os relatos de violência, criminalidade e prostituição na imprensa responderam a um novo imperativo da configuração da vida urbana na São Paulo dos anos 1950-1960. O medo desencadeado pelo aumento vertiginoso da população. Ocupando inclusive páginas de jornais “respeitáveis” como *O Estado de São Paulo*, *O Correio Paulistano*, entre outros, atentos às exigências de modernização da forma e conteúdo. No contexto da metropolização, da explosão demográfica e da chegada de imigrantes, teve-se também uma expansão considerável do público leitor, já pensado sob a ótica do cliente. Portanto, era preciso atender a esse novo público.

No que tange a reportagem policial, se no século XIX a grande influência vinha dos *faits divers* e *canards* da imprensa francesa,²⁰⁵ cuja forma remeteu aos romances de folhetim, em meados do século XX foi o modelo norte americano que passou a ser copiado. As redações, mesmos dos jornais populares, substituíram a inspiração literária pelo ideal de imparcialidade e objetividade na transmissão de conteúdo incorporado em procedimentos técnicos como o *lead* e o *copidesque*.²⁰⁶

O jornal *Diário da Noite* foi fruto desse contexto, sua estratégia para atrair leitores era a de dedicar grande parte do jornal à pauta do cotidiano na cidade, misturado com esporte, esoterismo e serviços. Suas manchetes, com grandes letras em caixa alta e coloridas, explorava os medos gerados pela expansão urbana e populacional, representando a cidade como espaço do choque, um ambiente povoado por tipos lombrosianos, eivado de doenças e sujeiras, um espaço onde já não era possível caminhar despreziosamente. Ao mesmo tempo em que representa a cidade como um ambiente distópico, se apresentava para o leitor como

²⁰⁴ BARBEIRO, Heródoto. **Meu velho centro**: histórias do coração de São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2007. p.90-91.

²⁰⁵ MEYER, Marlyse. *Le Petit Journal e o fait divers*. In: **Folhetim: uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.98.

²⁰⁶ TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 171.

seu “porta voz”, como instância legitimada a fazer cobranças às autoridades.²⁰⁷ Foi nesse sentido que o espaço compreendido pela Boca do Lixo foi representado nas suas páginas, e nas de outros jornais, como um lugar a ser evitado pelos cidadãos e combatido pelas autoridades. Enquanto isso, as histórias sobre a Boca e seus homens legenda ajudavam a vender exemplares e atrair leitores.

2.2 Alegoria do Terceiro Mundo: Um contraespaço da cidade

Para auxiliar nessa reconstituição da formação do território compreendido como a Boca do Lixo, lançaremos mão de outras fontes, de modo que sirva de auxílio, nuances e que tencione e dialogue com as representações de Hiroito e da imprensa. A saber, utilizaremos o filme de Rogério Sganzerla, *O bandido da luz vermelha*,²⁰⁸ analisado-o nesse capítulo como uma possibilidade de recuperar imagens sobre a ambientação já caótica da metrópole nas décadas 1950-1960.

O uso do cinema enquanto fonte pressupõe alguns cuidados. O primeiro deles, situar a fonte, o contexto de produção e sua distância em relação ao recorte temporal da pesquisa e, por fim, o que se pretende extrair da fonte fílmica. No nosso caso, não se trata de um filme que toma o passado como inspiração para seu tema e roteiro.²⁰⁹ *O Bandido da luz vermelha* foi filmado em 1968, ano que a Boca ainda fervilhava e o seu circuito de hotelecos, bares, restaurantes e atividades ilícitas ainda estava em pleno funcionamento. A película foi rodada no local, tomando algumas casas noturnas como locação para ambientar as cenas. Dessa forma, também as roupas, as relações sociais, os fuscas como viaturas de polícia e uma série de outros aspectos que faziam parte do cenário da Boca do Lixo, podem ser percebidos a partir da análise desse longa-metragem.

A representação do cenário da cidade no filme é construída por uma operação polifônica. Várias linguagens se entrelaçam não só para contar a trajetória do bandido da luz vermelha, no filme chamado de Jorginho, mas até a narração é construída através da sobreposição da narração de um programa de rádio policial, dos letreiros que subiram no luminoso nas marquises dos prédios e a voz da personagem principal, conforme figuras 12 e

²⁰⁷ Sobre o *Diário da Noite* ver: ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no diário da noite**: São Paulo (1950-1960). São Paulo: EDUC:FAPESP, 2011.

²⁰⁸ **O bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

²⁰⁹ CAPELATO, Maria Helena (orgs.). **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2011, p.10.

13. Enquanto Jorginho inicia sua narrativa com uma pergunta existencial “Quem sou eu?”, o luminoso que fica na marquise de um prédio avisa que “os personagens não pertencem ao mundo, mas ao terceiro mundo”. Após esse letreiro, entra a primeira frase disparada pela voz dos locutores do programa de rádio: “trata-se de um faroeste sobre o terceiro mundo”.

A menção ao terceiro mundo pode ser lida em duas chaves, a primeira como referência ao debate intelectual da época, onde os temas do subdesenvolvimento e do capitalismo dependente ocupavam boa parte dos intelectuais e artistas do período. Nesse sentido, pode ser entendido com uma ironia dirigida à forma de abordar essa questão feita pelo cinema novo (Glauber era um interlocutor implícito de Sganzerla em seu filme). A segunda, como uma menção ao espaço diegético do filme, a Boca do Lixo, essa cidadela de marginas, antro de sujeira e imoralidade, inserida no coração da cidade do progresso, trabalho e da família.

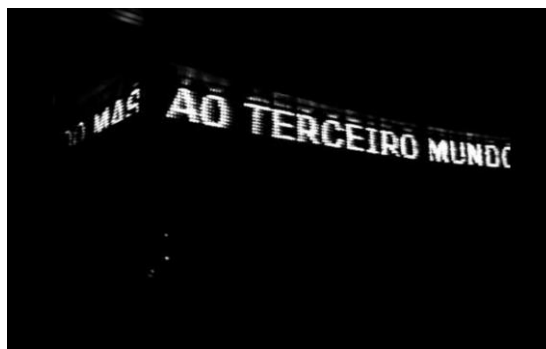
Figura 12 – Luminoso como linguagem do filme²¹⁰



Fonte: cena **O bandido da luz vermelha**, Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

Figura 13 – Luminoso como linguagem do filme



²¹⁰ **O bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

Fonte: cena O **bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

A Boca foi o espaço central de ambientação do filme. Mas vários outros topônimos surgiram na narração, a depender do contexto em que se inseriram os personagens: Paraguai, Araraquara, Bauru, América do Norte, Lima, Belo Horizonte, Acapulco etc. Esses outros topônimos, que se limitavam à meras citações dos personagens e vozes — no filme não teve imagens desses locais —, surgiram dentro da concepção de narrativa e montagem fragmentada, que indicava uma estruturação heterogênea da trama, sem a necessidade de uma interligação, encadeamento de atos e ação dos personagens guiados por um sentido teleológico.²¹¹ Uma dama que ligava de Araquara, os letreiros luminosos indicando a invasão da Bahia por 13 mil fuzileiros vindos dos Estados Unidos. A nosso ver, são referências disparatadas a partes do contexto político e social da época em que o filme foi rodado. E uma forma de emular como o homem daquele tempo, inserido na metrópole, leitor de jornais, placas luminosas, ouvinte do rádio e espectador da TV recebia uma série de informações e representações, também disparatadas, sobre a realidade do mundo e da cidade.

O homem da metrópole, disse Simmel, está constantemente exposto a uma enorme quantidade de novos signos, situações e sensações que se compõem de imagens, sons, textos e ritmos diferenciados de percepção temporal.²¹² Simmel, analisou essa disposição mental da vida na metrópole a partir da chave da impossibilidade de transmissão de uma experiência, dado que o aparelho psíquico desse homem se via esgotado na tentativa de dar conta dessa tempestade de estímulos, ou, no comentário de Maria Rita Kehl: “a vida psíquica, premida pela necessidade de reagir a estímulos externos velozes e violentos, fica restrita ao trabalho protetor da atenção consciente”²¹³. Simmel concluiu que essa superexposição a estímulos e signos, de modo que torne impossível ao intelecto desse homem dar conta de processar, o levou a ter uma atitude blasé, que pode ser resumida como uma espécie de limiar entre a idiotice e a loucura. Este homem está descentrado. Na cidade grande as identidades eram negociadas como em uma grande feira. Já Maria Rita Kehl se perguntou sobre a possibilidade de intercambiar experiências (no sentido de Benjamin, outro leitor de Simmel): “Que tipo de experiência se produziria a partir de uma vivência dessa?”²¹⁴

²¹¹ BERNADET, Jean Claude. **O voo dos anjos**: Bressane, Sganzerla. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.162.

²¹² SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.). **O Fenômeno Urbano**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 15

²¹³ Kehl, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo, SP: Boitempo, 2009. p. 155.

²¹⁴ Ibidem, p.155.

Sganzerla explorou muito bem essa dimensão da grande metrópole, seu personagem principal era um bandido blasé. As vozes dos narradores de rádio construíram o personagem em fragmentos contraditórios, Jorginho (o bandido) aparece como um sujeito existencialmente angustiado em um monólogo cuja voz surgia em *off* com a pergunta autobiográfica “Quem sou eu?”, seguida de uma sentença fatalista, “Eu sei que fracassei”, e de detalhes biográficos que informavam sua classe social e conotavam a origem de sua angústia existencial, “minha mãe tentou me abortar para mim não morrer de fome”. Na sequência um aviso dirigido à sociedade e que seria transformado num dos principais bordões do filme, “nasci assim e quem tiver de sapato não sobra”. A essa sentença prosseguiu uma cena em que aparecem crianças pobres e armadas brincando em um lixão, seguido de um plano geral da cidade de São Paulo e crianças assaltando na favela. O lixo foi um dos emblemas do filme, contraposto à imagem do progresso paulistano.²¹⁵ No meio dessa cena, surgiu outra fala autobiográfica remetendo à adolescência e ao momento da formalização de sua proscricção social: “saí de lá faz 15 anos, da favela do Tatuapé me mandei pro mundo com uma tachinha encravada no pé”.²¹⁶

A forma da composição e montagem do filme, com elementos sonoros, visuais, textuais e verbais sobrepostos, sem uma linearidade, teve por objetivo representar a metrópole como espaço de experiência sensorial e intelectual. A representação caótica da cidade a colocava como o palco das tensões sociais e simbólicas. A narrativa não se estabelece como uma sequência, mas como uma coleção de alegorias urbanas, uma sobreposição surrealista que zombava da simbologia da cidade do progresso e da ideologia do desenvolvimentismo. Pensar sobre os diversos elementos que compõem a montagem narrativa de Sganzerla, nos remete à análise da forma de apresentação do pensamento no livro de Walter Benjamin.²¹⁷ Esse trabalho, que é uma espécie de livro oficina do seu projeto de fazer uma “fisiognomia da metrópole moderna”,²¹⁸ tinha por objetivo estabelecer um método de leitura da grande cidade, podendo ser pensado como uma “Arqueologia da modernidade”.²¹⁹

Trata-se uma representação da metrópole moderna, assim como ela se ergue diariamente diante de seus habitantes: uma imensa aglomeração de textos, placas de trânsito, outdoors, sinais, letreiros, tabuletas, informações,

²¹⁵XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento**: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 134.

²¹⁶ **O bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia Filmes, 1968.

²¹⁷ BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas; v. 2).

²¹⁸ BOLLE, op.cit., p. 271.

²¹⁹ Ibidem, p.273.

anúncios, cartazes, folhetos, manchetes, luminosos — uma gigantesca constelação escrita.²²⁰

O livro *Rua de Mão Única* foi composto por uma série de fragmentos e aforismos, cuja construção se deu no contato do escritor com a cidade, ao estilo dos *Tableaux Parisiens* de Baudelaire, ou da composição de *O camponês*, de Aragon. Benjamin representou o cenário citadino em forma de montagem, como se ele pinçasse os elementos gráficos encontrados no espaço da metrópole e os jogasse dentro do livro, assim os títulos dos fragmentos foram pensado se fossem letreiros, luminosos, cartazes, pichações, essa escrita vertical que a metrópole recuperou. Alguns exemplos: “Alemão bebe Cerveja Alemã”, “Posto de gasolina, aviso de incêndio”, “Proibido colar Cartazes!”, “Atenção: degraus!”, “Cabeleireiro para damas dífceis, notícia de uma morte” etc. Para Benjamin, a escrita que durante muito tempo encontrou asilo e autonomia nos livros, na metrópole moderna foi abruptamente arrastada para o espaço urbano, em forma de placas com nomes de ruas, bairros, estações, letreiros e fachadas de comércios, reclames, entre outros. A modernidade torna a escrita ereta novamente:

Se há séculos ela havia gradualmente começado a deitar-se, da inscrição ereta tornou-se manuscrito repousando oblíquo sobre escrivatinhas, para afinal acamar-se na impressão, ela começa agora, com a mesma lentidão, a ergue-se novamente do chão. Já o jornal é lido mais a prumo que na horizontal, filme e reclames forçam a escrita a submeter-se de todo à ditatorial verticalidade.²²¹

Essa operação de apresentar o texto de modo a simular a ambientação urbana e a forma de percepção sensorial do indivíduo na metrópole também pode ser encontrada na montagem do filme de Sganzerla. Os diversos letreiros luminosos que dividiam com as vozes do rádio e do bandido a condução da narrativa, os jornais que costumavam grafar as manchetes policiais em caixa alta e que eram exibidos nas bancas fixados nas paredes de modo que a leitura seja vertical (Figura14), local por onde a personagem principal sempre passa para conferir as manchetes diárias.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ GUARDA-LIVROS JURAMENTADO. In: BENJAMIN, **op. cit.**, 1987, p.28.

Figura 14 – O personagem Luz lendo os jornais.



Fonte: cena de **O bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

Das alegorias, a mais marcante é a que tem a figura de um anão profeta do apocalipse que grita o bordão já recitado pelo bandido em versão modificada: “O TERCERO MUNDO VAI EXPLODIR, QUEM TIVER DE SAPATO NÃO SOBRA, NÃO PODE SOBRAR”. Em seguida o anão é capturado pelo delegado Cabeção, agarrado pelo colarinho ele continua bradando, “VOCÊ PODE ME PRENDER, A SOLUÇÃO PARA O BRASIL É EXTERMINIO, É O EXTERMINIO TOTAL, EU SOU POETA EU VEJO... O TERCEIRO MUNDO VAI EXPLODIR!”. A sequência é encerrada com o delegado Cabeção ordenando, “Prende esse anão boçal!” Esse trecho, que retoma o bordão sobre o terceiro mundo, uma expressão distópica pronunciada pelo bandido no início do filme e pelo anão com incrementos, deixa claro que os personagens e o banditismo representados no filme faziam parte do contexto da metrópole moderna, que em nada se assemelhava à imagem do bandido social cuja finalidade de sua ação é guiada por um ideal político de libertação.

O bandido urbano de Sganzerla é um blasé, e na atitude blasé não há lugar para messianismos, pois arrogante, no limiar entre a idiotice e a loucura, daí a fala imperativa do delegado: “prende esse anão boçal”. O filme estabelece também um diálogo crítico com a perspectiva do cinema novo, a composição do personagem Luz, bandido urbano blasé, em contraposição ao cangaceiro de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, encarnação da figura do bandido social. O escrachado poeta da distopia encarnado na figura do anão em contraposição ao eloquente poeta Paulo de *Terra em Transe*, assessor de político e idealista de um projeto de

nação. Nesse sentido, até mesmo as profecias proferidas nos filmes se chocam, da utópica “o sertão vai virar mar”, de Glauber, à distópica “o terceiro mundo vai explodir e quem tiver de sapato não sobra”, de Sganzerla.

Após a cena em que o anão foi levado preso, aparece um fusca, viatura da polícia da época, filmado através de uma grade, a câmera sobe e podemos visualizar a igreja da Consolação e um canteiro de obras (que futuramente seria Praça Roosevelt, em construção à época do filme), a viatura avança na direção oeste para onde ficava a região da Boca do Lixo e do 3º Distrito Policial — que respondia pelos crimes da região central —, em seguida surge o texto de apresentação do espaço diegético do filme na voz da narradora do programa de rádio policial:

É o império da bolinha, da desordem e dos gângsteres. Da prostituição em massa. Do tráfico de menores. Do crime industrializado e do comércio automobilístico. A cidade dentro de uma cidade. Um bairro criminal, cheio de fome e culpa. A Boca do Lixo. A mais completa, a consagração de todas as Bocas. (...). A falada Boca das Bocas. Do crime. Leve. Pesada. Suja. Ou do fumo. É o lixo sem limites, senhoras e senhores.²²²

O filme é de 1968, e essa passagem guarda semelhança, para não dizer que cita literalmente passagens da reportagem de Ramão Gomes Portão escrita para o *Notícias Populares* em 1963, já citada aqui, o que evidencia a presença e influência da linguagem do jornalismo popular da época na composição narrativa do filme. Vejamos a passagem de Portão:

É a consagração de todas as ‘bocas’, a mais completa da cidade. Falada, discutida, condenada, combatida, mas nem por isso deixa de ser frequentadíssima, a boca das bocas, ‘a boca do crime’. De certa forma, a sempre festejada boca do lixo.²²³

²²² **O bandido da luz vermelha**. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

²²³ PORTÃO, Ramão Gomes. Mudam os locais e surgem novas gírias. **Jornal Notícias Populares**. 21/11/1963, p.14.

Figura 15: anão profeta



Figura 16: sequência da prisão do anão



Figura 17: igreja da Consolação/canteiro



Figura 18: Viatura levando o anão em direção à Boca²²⁴



²²⁴ Figuras 16,17, 18, 19 *In: O BANDIDO da luz vermelha*. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

O jornalista e radialista Gil Gomes, que ficou famoso pela forma de impostar a voz no rádio e depois na TV, tinha um programa na Rádio Marconi na década de 1960, época em que os crimes de João Acácio aterrorizavam a sociedade paulistana. Seu programa policial, *Cidade sem cortinas*, era campeão de audiência, “todo estado parava para ouvir”, diz Gil Gomes numa biografia detalhada de João Acácio escrita pelo jornalista Gonçalo Junior.²²⁵ A cobertura na rádio dos feitos de Luz Vermelha contribuiu para sua fama e para construção de uma imagem do bandido que circulava pelas esquinas da cidade e que se modificava a depender de quem contasse. No prefácio desse livro, Gil Gomes narrou um pouco a envergadura que o medo do bandido adquirira no imaginário da época:

A cidade nunca mais seria a mesma depois dele, porque João Acácio estabeleceu um novo patamar de medo e terror, principalmente para as famílias ricas. Quem não viveu naquele tempo, naqueles dias, é incapaz de imaginar o rebuliço, o alvoroço que ele causou em todos os cantos da capital.²²⁶

Essa referência ao medo que o bandido causava entre as famílias mais ricas pode ser analisada como mais um dos elementos de “realidade” do período em que o filme foi rodado e que Sganzerla explorou, desde as primeiras falas da personagem principal às várias repetições do bordão “quem tiver de sapato não sobra”, numa clara oposição aos que andavam descalços com uma tachinha encravada no pé. Se a perspectiva do banditismo urbano em “*O bandido da luz vermelha*” se opunha à do bandido social, dos filmes de Glauber, por uma descrença e deboche em relação à redenção revolucionária, ambos convergiam na crítica veemente à burguesia endinheirada.

Em sua biografia de João Acácio, cuja pesquisa monumental e minuciosa merece destaque, Gonçalo Júnior comenta o filme de Sganzerla, destacando inclusive o seu roteiro inovador, baseado nas reportagens que o diretor consumia no jornalismo popular, sobretudo do *Notícias Populares*, *Jornal da Tarde*: “muitas reportagens exploradas por ele no roteiro eram claramente sensacionalistas, e deram o tom da narrativa irreverente e subversiva do filme”,²²⁷ pontuou. No entanto, mesmo tendo entendido a proposta do diretor, cobra “seriedade” em relação à forma de representar as ações violentas que João Acácio promoveu, lamentando a opção estilística e de enredo do diretor/roteirista: “Em sua narrativa, Sganzerla

²²⁵ JÚNIOR, Gonçalo. **Famigerado**: a história de Luz Vermelha, o bandido que aterrorizou São Paulo nos anos de 1960. São Paulo: Noir Editora, 2019.

²²⁶ GOMES, Gil. O bandido que virou febre. In: GONÇALO, Junior. op. cit., 2019, p.9.

²²⁷ JÚNIOR, op. cit., p. 294.

supervalorizou o escracho e a irreverência”.²²⁸ Porém, essa “irresponsabilidade” é intencional, a forma de composição fílmica de *O Bandido* busca alegorizar o cenário desequilibrado e perverso da cidade, a linguagem vulgar, escrachada e recheada de adjetivos numa espécie de *overidentification*, ostentando a degradação que a cidade produz, mas prefere esconder.²²⁹

Se a São Paulo desse período era construída pelo Estado, imprensa, e suas elites econômicas a partir dessa simbologia patriótica elaborada nos festejos do IV Centenário — que reforçou os símbolos do bandeirantismo, uma cidade de gente desbravadora e empreendedora, cuja ideal de progresso teve lugar de destaque e as noções de limpeza, moralidade e família tem significância crucial para ordenar a vida cotidiana, no trabalho, nas ruas, clubes, igrejas. A Boca do Lixo representada no filme de Sganzerla se colocou como contraponto a essa simbologia. No filme, a construção do *bas-fond* não partia da mesma intenção das representações feitas pela imprensa, a de demarcar certa topografia para tornar o crime inteligível aos usos da reportagem e da polícia. Antes, surge como uma alegoria do terceiro mundo, operando com essa ideia de uma cidade dentro de outra. A forma como o diretor concebeu seu espaço diegético pode ser pensada a partir da noção de cidade-cinema, a rigor: “qualquer cidade produzida por uma criação fílmica que, dotada de forte singularidade, desempenhe um papel essencial ou estruturante para a trama”.²³⁰ Dessa forma, não focamos na construção da personagem e de sua coerência com a realidade. Mas na representação da cidade, que era a Boca do Lixo.

Assim, a Boca enquanto espaço se opõe a essa simbologia ufanista da São Paulo do período do filme, se pensarmos a noção de símbolo como algo que traz em si uma definição fechada, desprovida de historicidade e restrito à categoria de mito, tal como elaborada por Walter Benjamin. Podemos dizer que ao símbolo não é permitido o contraditório, portanto a Boca do Lixo como parte locomotiva do Brasil foi um vagão que precisava ser descarrilhado em plena velocidade, pois causava incômodo. Na contramão do símbolo está a alegoria, cuja forma permite que um mesmo objeto possa ser lido de maneira fragmentária e dialética: “na perspectiva alegórica, portanto, o mundo profano é, ao mesmo tempo, exaltado e desvalorizado²³¹”. A cidade-cinema de Sganzerla — a Boca, não São Paulo que pouco aparece no filme — tem essa função de destroçar o símbolo. Nesse sentido, a elaboração de

²²⁸ Ibidem., p. 295

²²⁹ PÉCORA, Alcir. A epopeia bélico-amorosa de Roberto Piva. In: PIVA, Roberto. **Morda meu coração na esquina: Poesia reunida**. Alcir Pécora (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p.21.

²³⁰ BARROS, J. D. A Cidade Cinema expressionista: uma análise das distopias urbanas produzidas pelo Cinema nas sete primeiras décadas do século XX. **Em questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 59-175, jan/jun 2011.

²³¹ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.141.

Sganzerla foi um contraponto à cidade imaginada pelo prisma do Estado, imprensa e sua elite social.

Figura 19: Esquina das ruas Aurora e Triunfo, anos 1970. A escrita vertical da metrópole.

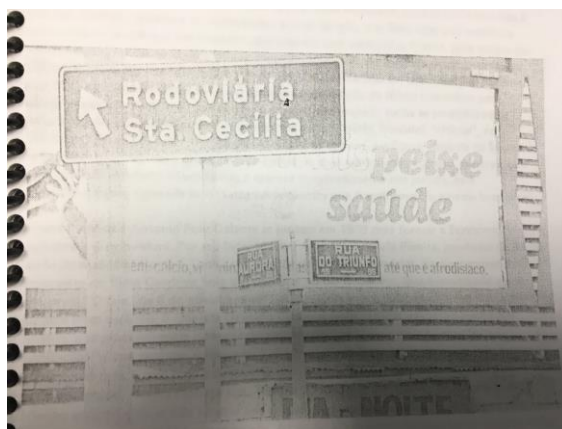


Foto: CANDEIA. Ozualdo. **Uma rua chamada Triumpho**. São Paulo: Editora do autor, 2001, p. 30.

Figura 20: Rua Aurora, anos 1970, a escrita vertical da cidade nos letreiros do restaurante El greco (que foi palco de várias festas e encontros dos malandros da Boca) e do hotel Farroupilha.



Foto: Wesley Duke lee²³²

²³²Publicada originalmente no livro *Paranoia*, de Roberto Piva. A que utilizamos foi retirada da sua poesia recentemente reunida, *In: PIVA, Roberto. Morda meu coração na esquina: Poesia reunida*. Alcir Pécora (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CAPÍTULO III

A FAUNA MARGINAL DA BOCA DO LIXO OU “OS PERSONAGENS NÃO PERTECEM AO MUNDO, MAS AO TERCEIRO MUNDO”

Os personagens que habitavam e desenvolviam suas atividades no território da Boca do Lixo eram de origem, classe, cor e sexualidade diversas, e por isso tinham aspirações diferentes. Atuavam nas mais variadas funções, que podemos dividir em grupos. E para entender os sujeitos, suas funções e inter-relações é necessário perceber como se organizava cada grupo. Pode-se dizer que na Boca existiam quatro grandes grupos, três deles de predominância masculina, o dos delinquentes/bandidos, contraventores e o dos boêmios.

Existia ainda um subgrupo auxiliar ao dos bandidos,²³³ formado por alguns que frequentavam a região e que dali tiravam o seu sustento prestando os mais diversos serviços. Expedientes que eram importantes para que os dividendos dos bandidos e delinquentes aumentassem, mas que não necessariamente incorria no cometimento de crime, suas atividades não eram enquadradas em nenhuma figura jurídico/criminal. Hiroito os classificou como “vadios” e inclui as prostitutas nesta categoria. O que só faz sentido se pensarmos estritamente pelo aspecto legal, já que o ato de oferecer serviço sexual em troca de dinheiro, num regime que tratava a prostituição a partir do abolicionismo, não era tipificado como crime.

Porém, ao analisar o cotidiano e as inter-relações grupais, ficava evidente que a função das mulheres não era, de forma alguma, menor ou auxiliar. E nem se restringia à contravenção, ou ao fato de “vender” a própria força de trabalho. Para além, era a partir da economia da prostituição que todas as outras se articulavam. E não apenas, algumas dessas mulheres exerciam de fato protagonismo, seja em carreira solo ou atuando como gerente dos negócios dos seus amantes. Esse protagonismo de algumas mulheres pode ser aferido, inclusive, nas páginas das reportagens policiais.

O terceiro grupo era o dos boêmios — e esse era bastante heterogêneo — frequentadores das diversas lanchonetes, restaurantes, galerias, botecos e *dancing* da região. Era formado basicamente por homens, mas de classes sociais, idade, escolaridade e origem distintas. Uma das mais importantes fontes de sustentação financeira para a economia da Boca, dado que não frequentavam apenas os bares e *dancing*, eram também os principais

²³³ Esse grupo de bandidos da Boca, como já dito, passava longe de qualquer aproximação como conceito de bandido social de Eric Hobsbawn, que em São Paulo, teve durante algum tempo a figura de Meneghetti como emblema. Os da Boca não eram movidos por nenhum tipo de ideal revolucionário. C.f. HOBBSAWN, Eric. **Bandidos**: o nascimento do banditismo social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

clientes da atividade de prostituição. Como parte desse grupo estavam também delegados de polícia e repórteres policiais, que em momentos de folga conviviam no mesmo espaço que alguns delinquentes, estabelecendo inclusive relações de afeto e amizade.

Discordando da classificação de Hiroito, que colocava as prostitutas na condição de auxiliar ao grupo dos bandidos, assumiremos aqui que elas formavam um quarto grupo, de importância crucial, mas de difícil acesso ao historiador pela escassez de fontes. E aqui, um parêntesis: é importante observar que a ausência de fontes sobre a prostituição diz muito sobre a relação de hierarquia de gênero existente nas sociedades ao longo do tempo. Margareth Rago atribui esse silenciamento ao fato das mulheres terem sido conceituadas, representadas, a partir do par de oposição “rainha do lar” v.s. “mulher da vida” pelos homens cultos entre o final do XIX e início do século XX, observação que estendemos ao espaço e período histórico da Boca do Lixo. Desse modo, ela observou:

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas classificações e análises.²³⁴

A não ser nos processos crimes, raras são as fontes onde o historiador pode acessar as falas, questões, aspirações e visão de mundo das mulheres prostitutas. Enquanto fonte de pesquisa, os processos-crime são crivados por diversos filtros, da polícia que lavra os autos e preenche os dados de registro, ao escrivão que anota os depoimentos. E, podemos dizer, até mesmo o conteúdo dos depoimentos são minuciosamente filtrados por perguntas elaboradas pelo delegado ou juiz. Não se fala sobre o assunto que se quer falar. O roteiro é pré-estabelecido pelos agentes estatais responsáveis pela instrução processual. É diferente de uma autobiografia escrita por livre vontade, quando o sujeito/autor faz esse trabalho de elaboração de si em relação — ou em contraponto — com o mundo social, onde a construção do seu discurso é menos cerrada por esses enquadramentos e dispositivos legais. Até mesmo o processo de disponibilização desses fragmentos de passado (processos crimes), como sabemos, passam por filtros, lembrando das palavras de Arlette Farge: “O arquivo supõe o arquivista; uma mão que coleciona e classifica[...]”²³⁵

Portanto, a descrição e análise que faremos do cotidiano da Boca será baseada em fontes cuja produção é quase que exclusivamente masculina. Constituem-se, além das

²³⁴ RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980 – 1930). São Paulo: Paz e Terra, 1985.p.22.

²³⁵ FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009. p.10.

memórias e literatura, das notas policiais publicadas em jornais populares (*Diário da Noite* e *Notícias Populares*, principalmente). Além de reportagens investigativas publicadas na chamada “imprensa alternativa” dos anos 1960/1970, dentre os quais destacam-se a *Revista Realidade*.

São reportagens inspiradas no modelo do *new-journalism*, onde o repórter faz uma imersão no cotidiano que descreve e a forma de apresentação do resultado (o texto publicado) não se dá por um modelo formalista, cartorial, do *lead*, do texto “objetivo”, seguido pelo jornalismo tradicional. Se por um lado esse tipo de jornalismo é assumidamente carregado de subjetivismo — o repórter/escritor emite sempre um ponto de vista — por outro, nos permite acessar de forma mais desarmada e em detalhes o cotidiano e a movimentação em torno da prostituição e das atividades criminais da Boca do Lixo.

O que propomos fazer aqui é uma análise das representações sobre atividades do local a partir da noção de “virilidade criminosa”, cunhada pelo historiador Dominique Kalifa, e dessa forma pensar essa predominância de uma masculinidade delinquente como estruturadora das relações sociais e econômicas na Boca do Lixo. Para Kalifa, existiu uma subcultura delinquente no ocidente, forjada na literatura e no jornal popular, cuja expressão da virilidade, que se apresentava em forma de violência e valentia, estruturavam os microcosmos onde atuavam os delinquentes. Essa imagem da virilidade foi parte constituinte do conceito de “Homem criminoso.”²³⁶

Esse uso da violência como o capital que conferia *status* no ambiente da Boca foi característico do grupo de delinquentes/bandidos.²³⁷ Nesse grupo estavam todos que atuavam de forma que suas atividades pudessem ser enquadradas como crime, existindo uma tipificação penal e uma punição prevista por lei.²³⁸ *Grosso modo*, os que viviam das atividades criminais, assaltos, tráfico, rufianismo, falsificação etc. Suas atividades, além de criminosas, eram guiadas por um *telos* empresarial — mesmo que fracassado — cujo objetivo era a expansão e o lucro. Não à toa, boa parte dos que integravam esse grupo, se envolviam em mais de um tipo de “negócio”, por exemplo, Hiroito, que era rufião, traficante, assaltante, dono de bar e, nas horas vagas, falsificador. Portanto, em razão dessa diversidade de delitos, estampavam com frequência e com nome próprio — ou vulgo — as manchetes policiais.

²³⁶ KALIFA, op. cit., 2013. p.303.

²³⁷ Não usaremos a denominação “malandro”, no sentido que se cristalizou no debate público brasileiro, pois entendemos que esse tipo de delinquência exercida na Boca do Lixo tinha outra dimensão e se localiza na transição entre a malandragem — no sentido de pícaro, logro — e o crime urbano organizado.

²³⁸ JOANIDES, op.cit., 1977, p.39.

3.1. As rainhas do quadrilátero

3.1.1. Neguinha: pouco de malandragem e muito de desespero

Numa robusta reportagem, o jornal *Movimento*²³⁹ dissecava um caso de assassinato envolvendo uma mulher que trabalhava nas ruas da Boca do Lixo. Para destrinchar as circunstâncias e alinhar os fatos que o envolviam. O jornal optou por usar um método que era um misto de trabalho de campo etnográfico com investigação jornalística, destacando o repórter Murilo Carvalho para mudar-se por um tempo para um pequeno hotel no miolo da Boca.

A intenção era tentar saber quem era a mulher de 18 anos que estava por trás da manchete: “Rainha da Boca do Lixo assassinada com 7 tiros”, estampada nas páginas de *Notícias Populares* no dia 10 de janeiro de 1979. Inquieto com o fato de uma menina de 18 anos ser descrita como “Rainha” daquele espaço estigmatizado da cidade, o jornalista adentrou ao cotidiano local, conversando com outras mulheres, gigolôs, bandidos, donos de bares e de hotéis buscando descobrir a história de vida, o nome e a posição que essa jovem mulher ocupava na configuração daquela cidadela de marginais.

Logo nas primeiras conversas, Carvalho descobriu que a suposta realeza atendia pelo nome de Neguinha, cujo nome de batismo era Nanci Costa da Silva, recém-chegada à maioria. Perplexo diante da normalidade com a qual os *habitués* descreviam o acontecido, anotou “é uma memória que vai se apagar fácil na Boca, quase tão depressa como o sangue foi lavado pelas varredoras”. Destacou, impressionado, que a morte foi noticiada em todas as páginas criminais da cidade, mas que o *Notícias Populares*, cuja inventividade era reconhecida, pegou a jovem de origem simples, que ganhava o sustento nas ruas, e “a transformou na Rainha da Boca, morta por estar cobrando pedágio de outras garotas”.²⁴⁰ Na verdade o *leitmotiv* do assassinato era dos mais corriqueiros no cotidiano local: uma briga entre mulheres por desavenças em disputas por clientes e espaço nas ruas. Neguinha foi morta com 7 tiros por outra prostituta, de nome Eliane de Jesus: “um crime sem rainhas, sem princesas, ao contrário do que os jornais quiseram mostrar”. O repórter continuou fazendo analogia com o cotidiano e as práticas do local onde o assassinato ocorreu: “Sangue mixo, barato, como a vida que se leva na Boca. Nem mesmo um crime de amor”.²⁴¹ A entrevista de uma senhora, moradora antiga, confirmou a tese do crime corriqueiro:

²³⁹ CARVALHO, Murilo. Sangue na Boca do Lixo. *O Movimento*, 1979. p.14.

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ CARVALHO, Murilo. Sangue na Boca do Lixo. *O Movimento*, 1979. p.14.

Eu conhecia as duas, a Neguinha e a Eliane, sempre vi elas ali, batalhando, e dei muito conselho para elas. Mas deu no que deu. Elas eram esquentadas, pouco de malandragem, sabe, e muito de desespero — explica uma velha frequentadora da Boca, quase 60 anos, 40 dos quais suados ali. [...]

A neguinha, a menina morta, era uma sem eira, surgiu ai pela Boca menina ainda, uns 7 anos de idade, sabe lá Deus de onde veio. Ficou por ali, magrinha, fraquinha, fazendo biscates, morando ao léu. Logo caiu na vida e batalhava ali, no pontilhão da Estação da Luz. Ela não era só prostituta, ela era muito de assaltar os lóquis dos operários que vêm dos trens de manhã cedo. Eles vinham ali pelo pontilhão, ela abraçava eles, se roçava, o lóqui ficava todo bobo e ela, vupt! pegava a grana. [...]

A Eliane, que matou, também não é má pessoa, ela era é muito apetitosa, meio apressada. Ela já tinha tirado uma etapazinha boa na cadeira, e acho que ainda estava de condicional.²⁴²

Num mosaico de fotos anexado à reportagem, composto por fotografias retiradas da matéria original do NP, podemos observar um close no rosto da mestiça Neguinha (provavelmente o apelido tenha sido pelo tamanho, ou gíria corrente à época) sorrindo, olhar para o alto, meio perdido, uma expressão enigmática, que não denotava alegria ou tristeza. No alto, o seu corpo estendido na calçada envolto por transeuntes curiosos. Admira como o repórter fotográfico do *Notícias Populares* chegou a tempo de pegar a cena, o fato de ainda ter gente no entorno fez-nos supor que a fotografia foi retirada instantes após o assassinato. Na foto, é possível perceber a presença dos agentes da polícia técnica trabalhando na etapa inicial, fotografando a vítima. Essa velocidade em chegar ao lugar do crime, que rendia muitas vezes exclusividade ao jornal, explica-se pelo fato da redação do NP²⁴³ ficava localizada no centro da Boca do Lixo. Por fim, a capa do *Notícias Populares* com a manchete já citada acima, conforme figura 21.

²⁴² Ibidem, p.15-16.

²⁴³ Como era carinhosamente chamado por seus leitores o *Notícias Populares*.

Figura 21: Jornal Notícias Populares, 9/01/1979.



A postura do jornal *Notícias Populares* em florear a notícia do assassinato de Neguinha para torná-la mais interessante ao seu público, à primeira vista, causava repulsa no leitor que encarava a prática jornalística exclusivamente sob o prisma do compromisso ético com a realidade dos fatos. Ou com certa ideia de objetividade do texto e imparcialidade do autor/veículo noticioso. O jornal era reconhecido não apenas por acrescentar detalhes ficcionais aos fatos que descrevia e aos eventos que cobria, mas também por ter criado, no sentido mais puro da ficção, estórias, personagens e lendas urbanas como o bebê-diabo, a loira fantasma, o vampiro de Osasco. Nas décadas de 1960/1970, o sobrenatural era uma temática constante e que fazia enorme sucesso entre seus leitores, no rastro do sucesso midiático de filmes de terror como o *Exorcista*.²⁴⁴

²⁴⁴ CAMPOS JR, Celso, et al. *Nada Mais que a verdade. A extraordinária história do jornal Notícias Populares*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2002.p.117.

Seu editor de polícia, Ramão Gomes Portão, ao participar da I Semana de Estudos de Jornalismo, em 1969, na USP, proferiu uma palestra cujo título é elucidativo “Como se faz *Notícias Populares*”. Ao pontuar que a identidade do jornal com o leitor era indispensável para seu sucesso de vendas, quando se trata de um jornal com pretensão em ser popular, afirmava que essa identidade e relação de confiança jornal-leitor dependiam da sensibilidade de seus editores em perceber o que o público demandava. Em resumo, o que e sobre o que o povo queria ler nas páginas do periódico: “não se queira dar ao leitor de *Notícias Populares* uma página minuciosa de *O Estado de São Paulo* sobre o Vietnã”.²⁴⁵

Para ele, a marca do jornalismo popular, tendo em vista a “pouca instrução” do seu público, deveria ser o texto curto, emotivo, muita imagem, captando dessa forma o que chamou de “desejo do homem da rua”, para em seguida vaticinar: “E disto não tenham dúvida, ele quer sangue, mulher, crime e sexo”. Interessante que nesse último fragmento, fica claro que o *NP*, ou pelo menos seu editor de polícia, não tinha no horizonte possível de leitores as mulheres. Este era feito exclusivamente para o público masculino, e esse detalhe talvez explique a falta de cuidado — ou o floreio para adequar ao gosto do seu público preferencial — que o jornal mostrava ao cobrir fatos relacionados às mulheres de modo geral, e, sobretudo, às mulheres prostitutas na região da Boca do Lixo.

O título de rainha, dado na manchete à Neguinha, era uma das invenções da mente criativa e do estilo literário de Portão, que em sua coluna rubricada por “Flagrantes”, costurava homéricas histórias da Boca do Lixo. Vale lembrar que a redação do *NP* sempre foi na mesma região onde ficava o Quadrilátero, primeiro na Rua do Gasômetro, depois na Barão de Limeira. Essa proximidade rendia não apenas matéria prima exclusiva para suas notícias, que o jornal aproveitava diariamente, mas também o título que costumava ostentar orgulhoso de “jornal oficial da Boca do Lixo”.²⁴⁶

Em uma dessas crônicas sobre a Boca, que era um misto de experimento ficcional com cobertura do cotidiano local, contava a história de Manquinha: uma mulher que vivia do expediente do golpe do suadoro e que durante algum tempo frequentou as páginas policiais. O apelido, por óbvio, deu-se porque a mesma tinha uma deficiência na perna esquerda que a fazia andar mancando. Iguais à Manquinha, praticante do golpe do “suadoro”, a Boca tinha várias, mas o tom saudosista que o cronista conferiu ao fato da sua retratada se encontrar, naquele momento, presa na Casa de Detenção, imprimiu um ar de ficcionalidade, floreio, caro

²⁴⁵ PORTÃO, Ramão Gomes. Como se faz “*Notícias Populares*”. In: Melo, José Marques (org). Documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo (1969): Jornalismo Sensacionalista. São Paulo: Ed. Comunicação e Artes. Eca/USP, 1972. p.25.

²⁴⁶ CAMPOS JR, op. cit., p. 92.

ao *NP* e ao seu editor de polícia. O título da crônica era “Saudades de Manquinha”, e já no primeiro parágrafo pode-se perceber a fixação de Ramão em estabelecer hierarquias ao buscar sempre um Rei ou Rainha para os diversos grupos que atuavam na Boca. Aliado a isso, podemos afirmar que ao enredar suas crônicas diárias com epítetos e títulos honorários ele visava tornar a leitura mais atraente para esse público leitor que o *Notícias Populares* mirava, afinal, junto com sexo, crime, sangue e mulher, um pouco de glamour e pompa caíam bem:

Sou contra qualquer tipo de injustiça. Mesmo as involuntárias ou ocasionais. Nessa evidência da “boca do lixo”, quando o rei da maconha quer ser rei também do lenocínio; e ao rei do carteado trata de dar bastante dinheiro aqui e ali para prosseguir num reinado sem grandes agitações; e a polícia quer saber quem é, de fato, a rainha dos clandestinos, já que não é conveniente mexer com a rainha dos bordéis de alto luxo – é com tristeza que vejo ninguém se lembrar da Manquinha, ela que foi alma no “quadrilátero do amor”, audaciosa na sua modalidade, respeitada nas delegacias, cínica no seu reino: Ângela Maria dos Santos, a rainha do suadoro.

3.1.2. Teleca: desordeira e ébria contumaz

O fato foi que a nova configuração do espaço de prostituição no centro de São Paulo, que se delineava entre a extinção da antiga Zona e a migração para a região da Boca, era motivo de disputas discursivas que envolviam diversos veículos da imprensa e instituições da sociedade.

Dessa forma, não apenas o *NP*, mas outros jornais de apelo popular, como o *Diário da Noite*, cobriam a prostituição da Boca de forma semelhante à cobertura dada aos feitos dos valentes, bandidos e malandros: em busca da dona do trono e da coroa de rainha das “mulheres da vida”. O jornal de Chateaubriand fez reaparecer no contexto temporal da Boca do Lixo uma personagem que já era noticiada nas páginas dos jornais desde os tempos da Zona de Meretrício do Bom Retiro, tratava-se de Teleca.²⁴⁷

Famosa por ser uma mulher que travestia-se de homem para frequentar o meretrício e cujo atributo mais destacado no noticiário policial era sua habilidade na luta corporal, utilizando técnicas de capoeira para enfrentar seus oponentes. Era uma espécie de Madame Satã às avessas, já que o personagem carioca era um homem-gay que se travestia de mulher.

²⁴⁷ Na ocasião, Teleca foi fotografada em luta corporal com força policial. Na foto aparece com uma mão apoiada no chão e uma perna levantada como se estivesse aplicando um golpe de capoeira em agentes da força pública. In: *Diário da Noite*, 31 dez. 1953, p.12.

Em 1954, logo após a extinção da Zona do Meretrício, Teleca surgiu novamente nas páginas do jornal por ter resistido à voz de prisão, brigando com o policial destacado para prendê-la. Na manchete o destaque era para sua habilidade na luta corporal, que obrigou o policial a chamar reforço de outro homem para conseguir prendê-la: “Mais uma façanha da famosa Teleca”. Na nota explicativa que se seguiu ao título pode-se observar um pequeno resumo da façanha: “resistiu a um investigador e a um soldado, ferindo este com a gilette. Presa com auxílio de outras pessoas”.²⁴⁸ Na época do ocorrido, Teleca tinha apenas 19 anos, de onde se deduz ter começado a frequentar a Zona do Bom Retiro ainda muito jovem, na menoridade. As definições de sua personalidade eram um desfile de termos no melhor estilo da voz dos narradores de rádio do filme *O bandido da luz vermelha*. Alternando adjetivos e epítetos “registra várias passagens pela polícia, como desordeira e ébria contumaz”²⁴⁹. A cena da luta corporal era digna do anti-heroísmo que caracteriza o malandro valente:

...às 21h30, na rua Aimorés, esquina com a Silva Pinto, recebeu voz de prisão do investigador Nestor Soares, pertencente à Delegacia de Furtos. Teleca, como das vezes anteriores rebelou-se contra o policial, atracando-se com ele em luta corporal. O policial, diante disso e não podendo contra a valente mulherzinha, pediu o auxílio de Osvaldo Rocha Camargo, de 32 anos, solteiro, soldado da Força Pública, residente na avenida Duque de Caxias, 11, para efetuar a prisão de Teleca. Esta, em dado momento, sacando de uma gilette, que levava escondida na meia, deferiu um golpe no rosto do militar, ferindo-o levemente. O investigador só conseguiu dominá-la com ajuda de outras pessoas.²⁵⁰

Em nota publicada em outubro de 1959, 5 anos depois, cujo título era “Comparsa em mais um assalto, Teleca disse ser Tira”,²⁵¹ ficamos sabendo que um morador da Avenida Rio Branco, de origem nipônica, encontrava-se bebendo na porta de um bar próximo ao Largo do Coração de Jesus, quando foi convidado por uma mulher a compartilharem uma cerveja. Segundo o relato, desconfiado do convite “o japonês não aceitou, foi quando a mulher meteu a mão em sua algibeira e levou 3.150 cruzeiros, evadindo-se”. Ao tentar seguir no calço da mulher para recuperar o dinheiro, “recebeu uma rasteira de uma pessoa, que não era outra senão Teleca”. A narrativa que se segue, era digna da mística que existia em torno da figura do malandro, uma verdadeira aula de burla e astúcia:

Caiu e quando se levantou defrontou-se com a “mulher macho”. Dinorah Barbosa é seu nome verdadeiro, vestida como homem, sapatos, calças e paletó, mediu o nipônico e exclamou: aqui é a Polícia.

²⁴⁸ Mais uma façanha da famosa Teleca. **Diário da Noite**. 7 jun. 1954, p.13.

²⁴⁹ Mais uma façanha da famosa Teleca. **Diário da Noite**. 7 jun.1954, p.13.

²⁵⁰ Mais uma façanha da famosa Teleca. **Diário da Noite**. 7 jun.1954, p.13.

²⁵¹ Comparsa em mais um assalto, Teleca disse ser Tira. **Diário da Noite**. 27 out. 1959, p.17.

A vítima, por seu turno, sem nada compreender, procurar esclarecer que tinha sido roubado e que a autora do furto evadira-se. Teleca, porém, aguentava o japonês, impedindo-o de dar um passo. Foi quando surgiu uma viatura da Rádio Patrulha e o nipônico gritou por socorro. Os homens da viatura desceram e, após se inteirarem do fato, levaram Teleca para a Delegacia de Roubos, onde a vítima registrou queixa.²⁵²

Na autobiografia de Hiroito, Teleca apareceu descrita de forma ora terna e afetiva, ora com certa dose de machismo, característico do meio. Contraditoriamente, foi no relato de Hiroito que também encontramos um esforço genuíno em compreender a condição e a forma de Teleca se relacionar com a sexualidade e com a performance social. Relatava que ela morreu após ter tomado uma dose fatal de anfetamina na veia, e insinuava que “sua amiga” fora vítima de um “crime-suicídio”. Segundo se falava “à boca miúda” nas esquinas do Quadrilátero, “os nomes e os motivos são também murmurados, mas tão baixinho que não dá para se ouvi-los”.²⁵³ O restante da descrição, além de elucidativa, era carregada da densidade e reviravoltas que o personagem exige:

Quanto a Teleca, a coisa é meio complicada de se explicar, pois tratava-se de uma “mulher-homem”. Ou de um homem-mulher, sei lá. Mas vamos por partes. Fora ela registrada como sendo do sexo feminino, pelo que, legalmente, tratava-se de uma mulher. No seu relacionamento com a vida, porém, funcionava em tudo, exceto na faculdade de procriação, como um verdadeiro homem. Vestia-se, comportava-se, sentia, reagia, pensava, sofria e brigava como um homem, possuindo, inclusive uma companheira com quem vivia maritalmente.

Essa anomalia, essa inversão sexual na Teleca não era de fundo meramente psicológico, possuindo implicações mais profundas, visivelmente somáticas. Não se tratava de uma simples lésbica, cuja inversão não ultrapassava o campo, a esfera da vontade. Ainda que possuindo órgão genital feminino (é o que se dizia, não posso jurá-lo), toda a sua constituição física estava voltada para o masculino, não se podendo deixar de reconhecer a uma primeira vista que a Teleca, efetivamente, era um homem.²⁵⁴

3.1.3 Wanda Greibus, a intocável.

Durante alguns anos circulou pelas páginas policiais como dona de alguns HO's (hotéis não familiares) famosos na região da Boca, a lituana Wanda Greibus. Nos relatos sobre ela, sempre frisavam o fato de conseguir *habeas corpus* com facilidade, a cada vez que era levada à detenção. Numa nota do *Notícias Populares*, do dia 15 de fevereiro de 1968, a ênfase do título já deixava claro essa suposta facilidade e trânsito junto à justiça: “Polícia solta outra vez a rainha do lenocínio”. O mote da realeza da Boca do Lixo reapareceu e era a tônica

²⁵² Ibidem. p.17.

²⁵³ JOANIDES, op.cit., p. 44.

²⁵⁴ Ibidem. p.45.

da nota, que começava destacando que Wanda fora posta em liberdade por decisão do juiz da 14ª Vara Criminal em “relaxar a prisão em flagrante por julgá-la insubsistente”.²⁵⁵

Famoso por tabela nas notas sobre sua cliente, o advogado de Greibus, J. J. Alvim Passos era sempre citado enfatizando seu trânsito e influência com o judiciário. Deixando intencionalmente de lado ou fazendo pouco caso dos argumentos da defesa ou das circunstâncias que envolviam a prisão, o processo e sua relação com os dispositivos constitucionais. Nesse caso, as alegações da defesa afirmavam que os elementos de prova materiais e os depoimentos das testemunhas não autorizam a manutenção do flagrante. Wanda fora presa em um apartamento no número 562 da Avenida Duque de Caxias, dentro do local a polícia encontrou seis mulheres e mais um casal, “todos eles frequentadores dos inférninhos da Boca do Luxo mantido pela rainha das mundanas”. Aduzindo trata-se de exploração do lenocínio, efetuou a prisão em flagrante. Acontece que no depoimento/interrogatório, tanto as seis moças, quanto o casal, afirmaram que foram fazer uma visita de cortesia à dona do apartamento, que se encontrava enferma. Com base na negativa das testemunhas, o advogado peticionou pela improcedência, por ausência de provas: “Temos pois que nenhuma das moças visava encontro para fins libidinosos; nada induz que a paciente pretendesse praticar a infração e, nem mesmo o local se prestaria para tal. O flagrante é visceralmente nulo e insubsistente.”²⁵⁶

Na mesma nota, o jornal fez um pequeno apanhado das ocasiões em que Wanda logrou o relaxamento da prisão ou arquivamento do processo. Na primeira vez que isso aconteceu, a Polícia desmontou um HO que a mesma mantinha na Avenida São João. Com destaque para atuação da Polícia Técnica que, segundo o jornal, fotografou e juntou vasta documentação do flagrante, “inclusive instrumentos usados em atos de perversão sexual”, para concluir que mesmo diante de todas as provas “a intocável conseguiu ser absolvida, negando os fatos e defendida pelo mesmo advogado J. J. Alvim Passos”.²⁵⁷ A circulação e repercussão da fama de intocável pode também ser aferida na crônica de Ramão Gomes Portão, era a Greibus que ele se referiu ao usar o termo “rainha dos bordéis” nessa passagem: “e a polícia quer saber quem é, de fato, a rainha dos clandestinos, já que não é conveniente mexer com a rainha dos bordéis de alto luxo”.²⁵⁸

Já no *Diário da Noite*, pouco mais de um ano depois, noticiou que esse poder de conseguir se livrar das prisões estava declinando, uma manchete no meio da página destacava

²⁵⁵ Polícia solta outra vez a rainha do lenocínio. **Notícias Populares**. 15 fev.1968. p.13.

²⁵⁶ Polícia solta outra vez a rainha do lenocínio. **Notícias Populares**. 15 fev. 1968. p.13.

²⁵⁷ Ibidem. p.13

²⁵⁸ PORTÃO, op. cit., p.63

em letras garrafais: “Wanda na cadeia: já foi intocável”. A essa altura, em outubro de 1969, Wanda já acumulava mais de 15 anos de experiência como dona de *rendez-vous*, já tinha passado por diversos formatos de organização do michê, da Zona do Meretrício à Boca do Lixo e depois do Luxo. Por isso, o jornal iniciou o relato com tom irônico, “até ontem intocável, sendo considerada como a mais famosa cortesã da cidade, foi autuada em flagrante por determinação do Delegado José Wilson Richetti”.²⁵⁹

Dessa vez, a cafetina foi presa no número 174 da mesma avenida Duque de Caxias, a prática de manter vários pontos no mesmo logradouro era comum entre as cafetinas, como forma de facilitar a execução dos serviços de segurança prestado pelos valentes. Estava na companhia de “sete de suas belas da tarde”, e um cliente. Dessa vez, a equipe do 3º distrito teve cuidado na coleta das provas, montando um posto de observação no apartamento de frente. O resultado dessa coleta/experiência foi descrito no jornal em detalhes, de modo que era elucidativo das táticas utilizadas pelas cafetinas para ludibriar eventuais investigações policiais:

[...] as mulheres a serviço de Wanda, maioria formada por jovens interioranas, aliciadas por agentes da cortesã, passavam os dias no apartamento 64 da avenida Duque de Caxias 174, numa espécie de mostruário para os clientes do amor pago que para lá se dirigiam. Também, ali, ficavam esperando pelos chamados telefônicos, numa imitação do trabalho das famosas “call grils”. Dali, quando solicitadas, eram levadas para outro apartamento da cortesã, 014, no mesmo prédio.²⁶⁰

Sua carreira de entradas e saídas nos fóruns e delegacias era destacada e enumerada, tendo sido publicado inclusive seu número de registro criminal. Foi informado que no inquérito mais famoso em que foi indiciada, por exploração da prostituição em dois apartamentos do número 1399 da avenida São João, em setembro de 1968, foram ouvidas mais de 28 testemunhas, e, ainda assim, com a ajuda de seu fiel advogado, o processo foi arquivado. O jornal concluiu em tom esperançoso, tendo em vista que, diferente dos outros casos, nesse último, duas das testemunhas confirmaram trabalhar para Wanda, fornecendo inclusive os números do acordo de comissão por programa, “50% para cada”.²⁶¹

Dessas notas, obviamente, não podemos deduzir um retrato da realidade do cotidiano da Boca, nem muito menos acreditar na função social do jornalismo, certo compromisso com a verdade — como no slogan do *NP*: “nada mais que a verdade” — tampouco, com a denúncia das mazelas sociais. Embora elas contenham elementos que ajudem, senão a

²⁵⁹ **Diário da Noite**. Wanda na cadeia: já foi intocável. 17/10/1969. p.18.

²⁶⁰ **Diário da Noite**. Wanda na cadeia: já foi intocável. 17/10/1969. p.18

²⁶¹ *Ibidem*, p.18.

elucidar, pelos menos a imaginar, como se dava o movimento dos diversos atores, sobretudo as prostitutas, no cotidiano. As formas de se relacionar com os aparelhos de Estado, a justiça e a polícia. As táticas para tocar os negócios e se livrar de eventuais batidas policiais, tudo isso tem muito de veracidade, que pode ser aferida no cotejamento com outras fontes utilizadas em diversas passagens deste trabalho.

Mas no caso específico dessa cobrança em relação às solturas de Wanda, todas aparentemente conseguidas através de argumentos razoáveis da parte do seu advogado, utilizando dos dispositivos e expedientes previstos na Constituição (*habeas corpus*, direito à ampla defesa, presunção de inocência e ônus da prova), devemos enquadrar em um contexto mais amplo. O período em que as cobranças começam, na segunda metade dos anos 1960, foi quando entrou em operação uma clara mudança na cultura policial de São Paulo, com a criação de rondas especializadas, e uma inflexão em relação à prostituição. As cobranças dos jornais incidiam não sob a Polícia – que nas notas era retratada positivamente, com seus agentes exemplares que prendiam e recolhiam provas, – mas miravam o judiciário, o direito de defesa e os dispositivos constitucionais. Esse discurso de que a Polícia prende e a justiça solta, foi a tônica das justificativas para os atos do Esquadrão da Morte durante todo seu período de atuação, assunto que trataremos mais adiante.

3.1.4 A Rainha Consorte: Zenaide Joanides

Figura 22: Zenaide Joanides.



Foto: Última Hora

A mulher retratada na foto acima, segurando com charme e elegância um cigarro entre os dedos com unhas detalhadamente feitas e delineadas, enquanto olhava misteriosamente de soslaio para o vazio, exerceu durante algum tempo papel de destaque na organização da atividade e economia da prostituição na Boca do Lixo. Foi amásia e depois casada com o , senão maior, mais famoso Rei da Boca, Hiroito de Moraes Joanides. Das histórias de mulheres do quadrilátero que desfilaram pelas páginas dos jornais no período do recorte temporal desta pesquisa (1960- 1970), foi a única que de fato casou-se com o seu valente, levando inclusive o seu sobrenome. Os outros malandros/bandidos famosos da Boca, como Quinzinho, Nelsinho da 45, Osny e Brandãozinho, tinham várias amásias que exerciam funções diferentes no gerenciamento dos negócios; às vezes cuidando de um apartamento de *rendez-vous* ou da logística de bebidas e entorpecentes, às vezes do agenciamento de novas mulheres, mas não se tem notícias de alguma que chegou a casar e levar o sobrenome do parceiro.

Dessa forma, Zenaide, que não apenas se casou, mas participava ativamente dos negócios do marido em todas as etapas, merece o título de Rainha Consorte. Não que, nesse jogo discursivo feito pela imprensa em relação ao dono da coroa na Boca, Hiroito fosse um “Rei” mais poderoso que os outros. O trono, como vimos, a depender da conjuntura e do interesse dos jornais, mudava de um malandro para o outro sem muito critério. Mas, de fato e de direito, Zenaide foi a única a formalizar matrimônio com um dos Reis.

O nível de formalização do casamento foi tamanho, que se cumpriu todas as etapas previstas no Código Civil vigente, e nos códigos de conduta das melhores famílias de São Paulo. Com direito a noivado, o registro da pretensão de casar em cartório de Perdizes, cujo extrato/edital, nos moldes previstos em lei, fora publicado em Diário Oficial constando os nomes dos familiares de ambos, conforme citação:

19º SUBDISTRITO (Perdizees) – Faço saber que pretendem se casar e apresentaram os documentos exigidos pelo artigo 180 do Código Civil: Hiroito de Moraes Joanides e dona Zenaide de Oliveira. Sendo o pretendente nascido em Morretes, Estado do Paraná, aos 16 de Fevereiro de 1936, profissão comerciante, estado civil: solteiro, domiciliado e residente neste Subdistrito, filho de Jorge Penaotti Joanides e de dona Arlette Moraes Joanides. E a pretendente, nascida nessa capital, aos 1º de junho de 1939, profissão comerciária, estado civil: solteira, domiciliada e residente neste Subdistrito, filha de Benedito José de Oliveira e de dona Zulmira de Oliveira — Se alguém souber de algum impedimento oponha-se na forma da Lei —

Lavro o presente para ser afixado em Cartório e publicado no Diário Oficial. São Paulo, 12 de Abril de 1960. Oficial Branca Regina Martins Foster.²⁶²

Do extrato do edital algumas questões chamam a atenção. Ambos mentiram, obviamente, quanto a sua condição de emprego e formas de sustento, declarando-se comerciantes, Hiroito; e comerciária, Zenaide. De todos não estavam errados, já que um era o dono de negócios e a outra sua gerente/funcionária, se enquadrando perfeitamente nas funções declaradas (comerciante/comerciário). O que não podiam revelar era a natureza desses negócios. O “edital de pretensas” foi um dispositivo do Código Civil, cuja função era publicizar a intenção dos noivos e respectivas famílias em instituir o matrimônio, apresentando a documentação prevista no citado artigo 180 do referido código. Abrindo-se, a partir disso, o prazo de 15 dias para “Se alguém souber de algum impedimento oponha-se na forma da Lei”, conforme frase repetida em todas as cerimônias matrimoniais.

Ao que parece, mesmo já sendo um conhecido bandido/caftén, e já tendo colecionado uma porção de inimigos/desavenças, inclusive na imprensa e na polícia, ninguém se manifestou contrário ao matrimônio denunciando a falsidade ideológica que constava na declaração de ocupação de ambos. Algum tempo depois, o mesmo oficial de cartório publicou o edital de casamento.

Nesse episódio, é importante lembrar que os estudos sobre o desvio chamam a atenção para o fato que determinados tipos de comportamentos, desenvolvidos por certos agentes sociais considerados desviantes, acabam por reproduzir, inconscientemente, certos padrões ou modelos em acordo com regras e valores sancionados socialmente. Ou seja, os desviantes podem, paradoxalmente, reproduzir valores considerados normais da sociedade. Ao estabelecer matrimônio, Hiroito e Zenaide, estavam reforçando a mais superestimada estrutura social de uma sociedade norteada por princípios cristãos.

Segundo relato de Hiroito, os dois se conheceram por volta de 1957, na Boca do Lixo, onde Zenaide, com apenas 18 anos, estreava na prostituição levada pelas mãos da irmã mais velha, “esta veterana no ambiente e ofício”. Ao descrever suas impressões do primeiro encontro com Zenaide, se utiliza de um expediente recorrente em sua narrativa: ao iniciar a descrição de outras pessoas, sempre em tom aristocrático, costumava medir o nível de cultura formal e inteligência do perfilado: “linda, pouca cultura, mas de inteligência incomum, aberta ao aprendizado”.²⁶³

²⁶² **Diário Oficial de São Paulo**. Ano LXX, n. 80. 24 abr 1960.

²⁶³ MORAES, op. cit., p. 67.

Após o casamento, segundo o próprio Hiroito, foram passar uma temporada em Curitiba com o intuito de refazer a vida longe da criminalidade e da Boca. Acreditavam que, pelo fato da mãe de Hiroito ser de família tradicional da cidade, onde ele passou boa parte da infância e adolescência, facilitaria a busca por emprego. Não contavam, porém, que a pecha do parricídio e o conhecimento das atividades desenvolvidas por ambos na Boca do Lixo os estigmatizariam, a tal ponto que, os parentes não deram guarita e evitaram o contato. Após se envolverem numa série de atividades criminais na capital do Paraná, inclusive venda de mercadoria roubada, acabaram presos.²⁶⁴

Uma reportagem do *Diário da Noite* noticiou a prisão de Zenaide por crime de furto qualificado. Na verdade, Hiroito e alguns comparsas feitos na estadia em Curitiba, estavam atuando como “micheiros”, prática que consistia no furto de comércios ou residências sem arrombamentos, usando uma chave micha para abrir a porta. Nessa, furtaram valor vultoso em jóias de uma joalheria de Curitiba, incluindo um diamante avaliado em 400 mil. Zenaide foi presa por ser esposa de Hiroito, embora não tenha participado da ação, sob alegação de ter dado refúgio aos autores. Após essa prisão, acabaram voltando para a Boca em 1961, retomando as atividades de lenocínio e venda de substâncias em apartamento alugado na General Osório.²⁶⁵

Zenaide era proativa nos negócios, cuidava da logística dos vários pontos que o marido mantinha. Para além, organizava até mesmo sua defesa judicial, sempre que este precisava, acionando o advogado Samir Achôa,²⁶⁶ amigo de Hiroito e seu defensor em vários processos. Em certa ocasião, quando Hiroito fora detido por porte ilegal de arma, na frente de sua residência, na General Osório, correu na Boca boatos de que o Rei havia sido “violado” por outros presos. Coube a sua esposa, Zenaide Joanides, ingressar com uma petição ao Juízo Corregedor, solicitando que o cônjuge fosse submetido a exame de corpo delito com fito de provar que o mesmo não fora violentado, quando de sua estadia na Casa de Detenção.²⁶⁷ Caso acatado, preservaria essa moeda simbólica de muito valor entre os bandidos e delinquentes da Boca: a honra, mantendo assim o seu potencial de impor respeito e cuidar dos negócios após

²⁶⁴ Ibidem, p.114.

²⁶⁵ Ibidem, p.112.

²⁶⁶ Samir Achôa era um tradicional advogado e político de São Paulo, sendo eleito vereador, deputado estadual e federal. Amigo de Hiroito, o defendia em vários processos. Numa busca no arquivo digital do Diário Oficial da Justiça encontramos vários extratos de publicação de alvarás de soltura, pedido de habeas corpus, para Hiroito, todos assinados por Achôa, como este que segue: “Processo 32.174. Relator Cardoso Rolim. Apelante Hiroito de Moraes Joanides, réu preso a pedido da Justiça Pública. Deram prev. para absolver o réu, contra o voto do relator. Designado revisor para o acórdão. Expeça-se alvará de soltura. Advogado Samir Achoa.” In: **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. Ano XXXI, nº 282. 16 de dezembro de 1961. p.12

²⁶⁷ Interrogado em Juízo o famigerado Hiroito. **Diário da Noite**. 13 nov. 1962. p.8.

soltura. Afinal, atributos como a valentia, honra, certa ética (bem própria), perpassam a constituição das figuras do malandro e dos bandidos.

Embora se achasse um delinquente acima da média por seu alto nível de cultura formal, Hiroito não conseguiu escapar de características que o colocava no mesmo nível que grande parte dos delinquentes e cafetões da Boca: o machismo, a misoginia e o autoritarismo com relação às mulheres. Essa forma autoritária, violenta vem à tona em diversas passagens de seu texto, como quando classifica as prostitutas como “genesíaca cloaca”, expressão que coraria de alegria o mais fervoroso dos cruzados moralistas.

O temperamento autoritário e violento de Hiroito foi responsável pelo desgaste do seu relacionamento. Numa reportagem do *Diário da Noite*, na última notícia da folha policial, pode-se ler a manchete em caixa alta: “HIROITO ABANDONADO PELA PRÓPRIA ESPOSA”, no subtítulo “mulher informa que deixou a companhia do marido para evitar novos maus tratos a que vinha sendo submetida”. Na ocasião, Zenaide foi presa novamente por conta das atividades do marido. Na verdade, a polícia estava no encalço de Hiroito por um assalto a um dono de concessionária de automóveis de nome Harry Grossi, como não o encontravam, decidiram deter Zenaide. Cansada, no interrogatório revelou que estava se separando e pediu proteção: “Zenaide Oliveira Joanides solicitou garantias de vida, ficando sua segurança a cargo de alguns agentes da Delegacia de Roubos”.²⁶⁸

Em uma foto do dia em que ela pediu proteção foi mostrada a sua chegada às dependências do 3º Distrito Policial, com semblante preocupado, os olhos fechados, lenço nos cabelos mantendo a elegância que lhe era característica, gestual corporal denunciando apreensão com as mãos entrelaçadas, meio que fazendo um pedido transcendente (figura 23). Em outra foto, na mesma reportagem, o jornal fez uma montagem onde aparecem, em momentos distintos, Hiroito ao fundo algemado, olhar tristonho para baixo, enquanto Zenaide surge mais à frente, com a mão esquerda apoiando o rosto que mirava desolado o chão (figura 24).

Figura 23

²⁶⁸ Hiroito abandonado pela própria esposa. *Diário da Noite*. 29 jan. 1963



Foto: Diário da Noite

Figura 24



Foto: Diário da Noite

O desfecho da história do casal real foi digno dos enredos e detalhes publicados em tabloides ingleses, acostumados a cobrir escândalos imperiais. Na autobiografia de Hiroito, ele narrou uma perseguição épica feita à Zenaide, após esta tê-lo abandonado e solicitado proteção à justiça. Bateu em todas as casas de amigos e conhecidos do casal. Descompensou-se no uso de entorpecentes e fez de tudo para tornar o cotidiano da Boca mais agitado do que o normal. Invadindo e estourando HO's onde imaginava poder encontrar sua Rainha desgarrada, conforme relato do próprio Hiroito. Esse episódio da solicitação de proteção ferira por demais sua personalidade “aristocrática”, blasé, para não dizer: o ego de alguém que se media em relação aos pares a partir do seu acúmulo cultural e valentia. Vejamos como ele lera a notícia do pedido de proteção:

Os jornais da capital dedicavam-me por inteiro a última página. A mim e à Zenaide. Ela viera para São Paulo, porém, em vez de ir diretamente para o apartamento da General Osório, dirigira-se alguns quarteirões mais adiante, até o Departamento de Investigações, na Brigadeiro Tobias... Pedira seguro de vida.²⁶⁹

A epopéia da procura à Zenaide toma mais de 10 páginas de seu relato, sendo impossível citar ou analisar cada episódio nessas páginas; o destempero exacerbado denota a importância que a cônjuge exerceu na organização dos seus negócios. A pista para saber o paradeiro de sua gerente só veio após o pedido de proteção. Ao descrever a forma como agiu no encalço de Zenaide, deixou claro o nível de domínio que valentes como Hiroito exerciam sobre as mulheres da noite:

Poucos dias após essa ocorrência, levantei a pista que me levaria à Zenaide. Foi numa boate da Av. Nove de Julho aonde eu fora à procura não da fujona mas de uma dama da noite, cujo nome surgira no correr das últimas investigações, despertando-me o interesse em ouvi-la. Levei-a a passear pelos arredores da cidade adormecida. Não, a boneca não sabia realmente onde a Zenaide estava, porém, sabia quem sabia. Aleluia!²⁷⁰

O reencontro se deu dias depois, por intermédio de uma amiga próxima que temia, diante do destempero de Hiroito, que algo acontecesse à sua amiga ou mesmo ao destemperado, intercedendo:

Por fim, a Elza, uma amiga muito querida, que fora nossa madrinha de casamento, uma tarde mandou chamar-me à sua casa e ao abrir-me a porta, depois do devido abraço, lacônica e prática como sempre fora, comunicou-me: “A Zenaide está na sala à tua espera”. Estava mais bonitona ainda, a danada. Não houve censuras, nem ameaças, nem ofensas ou lágrimas. Dirigi o encontro e a conversação tal como se tudo

²⁶⁹ JOANIDES, op. cit., p.185.

²⁷⁰ Ibidem.

não passara de um período de férias que o casal houvesse passado separado. E, naquela noite, demos uma desfilada, eu e a Zenaide, por toda a Boca.²⁷¹

Mas o ego ferido após todas as perambulações e destemperos que levou a cabo durante a caçada a sua Rainha não fora curado, como pode se supor do relato acima. No fundo, a intenção do valente era mostrar-se viril aos outros malandros e demonstrar a sua cômputo que entre um cafetão e sua subordinada a última palavra era sempre do primeiro, vejamos:

Na manhã seguinte, quando todos, principalmente a Zenaide, acreditavam que tudo voltara às boas, eu próprio refiz as recém-desfeitas malas da fujona e, sem muitas palavras, mandei-a embora, tendo cavalheirismo de acompanhá-la até o taxi.²⁷²

Em nota sobre o divórcio, em 22 de fevereiro de 1963, três anos após o matrimônio, o *Diário da Noite* anunciou a separação do casal que formava a realeza do baixo meretrício. O processo de “desquite” correu na 2ª Vara da Família e Sucessões. A fama do casal era tamanha, que a nota pontuava: “ocorreu ontem uma ação de desquite que certamente terá alguma repercussão jornalística, trata-se do desquite amigável entre Hiroito e Zenaide”.²⁷³ Contraditoriamente ao destaque dado ao termo amigável, logo em seguida o jornal narrou que ao ser assediado pelos repórteres na saída do fórum, Hiroito “demonstrou mais uma vez sua irresponsabilidade” fazendo piadas sobre o divórcio: “Vou dar liberdade a esta mulher feia”. No qual, Zenaide, elegantemente, sabendo que declaração tão irônica ofenderia a honra do ex-marido, limitou-se a rebater nos seguintes termos: “De Hiroito quero apenas amizade. Nosso casamento foi um fracasso. Nada exijo, quero apenas que ele devolva meu ursinho de pelúcia”.²⁷⁴ Ora, como os parceiros e, sobretudo, rivais do valente receberiam a informação de que o valente guardara em casa um objeto tão delicado ligado ao universo infantil e feminino.

3.2 Os reis da boca

3.2.1. Quinzinho: entre a farsa e a tragédia

O *Diário da Noite* retratou uma briga entre delinquentes motivada por uma disputa por controle territorial relacionada a pontos de prostituição e venda de tóxicos. Na ocasião, Hiroito e alguns comparsas atacaram a tiros o carro de outro delinquente da Boca, o Quinzinho.²⁷⁵ Ironia, este último, mesmo sendo reconhecidamente envolvido com o crime no

²⁷¹JOANIDES, op. cit., p.192.

²⁷² Ibidem. p.192.

²⁷³ Desquite de Hiroito. **Diário da Noite**. p.20.

²⁷⁴ Desquite de Hiroito. **Diário da Noite**. p.20.

²⁷⁵ Joaquim Pereira da Silva Filho, era negro, filho de Joaquim Pereira da Silva — de onde deriva a alcunha de Quinzinho, apelido de infância relacionado ao nome do pai, não um simples diminutivo de seu nome — e dona

local, foi até a delegacia para registrar queixa contra Hiroito. O objeto do registro era uma emboscada enquanto dirigia seu *Renault Dauphine* pelas ruas.

Outro detalhe curioso, o denunciante afirmou na delegacia que estava sendo vítima de atentados por parte de um bando rival. Apontou um inimigo (às vezes amigo, a depender do interesse do dia) de longa data, Hiroito, como suspeito. Ao nomear o suspeito, negou que estivesse disputando pontos de atividades criminosas e afirmou ser, na ocasião, um homem regenerado, comerciante, dono de um bar na rua Jaraguá, no bairro do Bom Retiro. Inquirido então sobre a motivação da tentativa de homicídio, disse se tratar de “pega” antigo e provavelmente tenha sido por mera vingança. Detalhando o acontecido, pontuou que o bando de Hiroito, há cerca de um ano, cercou uma de suas amásias de nome Suely, que fora amarrada e agredida; a tortura tinha por objetivo saber do seu paradeiro. Disse também que na semana anterior ao atentado, um anônimo ligou para o apartamento de outra amásia, Ada Martins, e fez ameaças: “o nego não morreu ainda, mas seu terno de madeira já está encomendado”.²⁷⁶

Por fim, o jornalista Dirceu Alves expõe o que pensava a polícia, a linha de investigação apontava para uma disputa por pontos de tráfico entre o denunciante e Hiroito, deixando a entender que os delegados não acreditaram nos seus protestos de inocência, por fim, enfatizou o uso da violência nas disputas por espaço:

Conforme é do conhecimento público, o ataque que se diz vítima Joaquim Pereira da Costa, completa uma série de outros, nos quais não faltaram facadas, navalhadas, tiros de revólver e até metralhadoras. Há muito tempo que a polícia tem conhecimento desses “pegas” entre marginais, sabendo que eles disputam com as armas que tiverem a mão e à custa do sangue, cada palmo da chamada “boca do crime”, formada pelas ruas dos Guaianases, dos Gusmões, General Osorio, de Santa Ifigênia, avenida Duque de Caxias e outras.²⁷⁷

Hiroito relatou o episódio em seu livro detalhando desde o plano da emboscada: “paramos nosso carro meio atravessado, a uns trinta metros do Dapuphine de Quinzinho”, quanto à cinematográfica atuação na tentativa de execução do rival:

Não havia necessidade alguma de nos aproximarmos, pois sabíamos que o nosso homem estava na parte dianteira do veículo. Quer estivesse encolhido no chão ou sobre o banco, as nossas balas iriam buscá-lo. Passamos a disparar, eu e o meu companheiro, fazendo do frágil Duphine uma autêntica peneira. [...] Dezesete tiros haviam sido disparados. O estado em que ficara o Dauphine era simplesmente absurdo: as balas, notadamente as da

Matilde Moreira da Costa . Quinzinho nasceu em São Paulo capital, e no dia em que a reportagem foi publicada tinha 38 anos.

²⁷⁶ Quarteirões da “boca do crime” disputados a tiros e navalhadas. **Diário da Noite**. 13 fev. 1962, p.18

²⁷⁷ Quarteirões da “boca do crime” disputados a tiros e navalhadas. **Diário da Noite**. 13 fev. 1962, p.18.

Winchester, ao atingirem a frágil lataria rasgavam-na, todas varando de lado a lado o carro. Os vidros estavam despedaçados e não creio houvesse um só disparo os atingidos.

O escândalo fora grande, por detrás de portas e janelas, postes, muro e carros estacionados, um bom número de pessoas assistiam à cena.²⁷⁸

Sobre o fato de o alvo ter saído com vida, Hiroito narrou assombrado “Nenhum de nós pensou em descer para constatar se o negrão estaria morto, pois não acreditávamos em milagres”. Para em seguida concluir com surpresa ainda maior “o negrão não apenas se salvara, mas não foi atingido por um tiro sequer”.²⁷⁹

As próximas cenas desse episódio deram-se algumas semanas depois e o mesmo *Diário da Noite* noticiou. Hiroito fora detido nas ruas da Boca e levado para prestar depoimento. Na ocasião, confessou o crime e listou o armamento utilizado, uma Winchester 45 e uma pistola automática 765. Ao ser indagado sobre as motivações, alegou que Quinzinho tentou tomar seu ponto de prostituição, invadindo um hotel de seu domínio, indo até o seu apartamento e expulsando com violência a sua esposa, Zenaide Joanides, enquanto ele, Hiroito, estava na cadeia.²⁸⁰

Observem que os dois alegaram a mesma motivação: invasão de apartamento e agressão às suas esposas ou amásias. O que a princípio pode se apresentar apenas como violência gratuita contra mulheres teve um ingrediente a mais, tratava-se da disputa por espaço e dividendos no mundo crime. Pois, geralmente as amásias e esposas eram as responsáveis por cuidar e gerenciar os negócios do michê, providenciado as bebidas, vendas de substâncias ilícitas e, principalmente, cuidando do caixa e do agenciamento de mulheres. Cabendo aos valentes, esposos ou casos, usar de sua capacidade de violência e do respeito adquirido entre os pares, para cuidar da segurança dos pontos. Essa atividade de segurança privada não se restringia às casas controladas pelas cônjuges ou amásias, ela também era prestada às outras donas de hotelecos, “solteiras”, como forma de garantir a continuidade dos negócios. Uma vez que, não tendo estas um valente de renome que impusesse medo aos demais, a casa na certa seria tomada. Portanto, ao mesmo tempo em que mantinham pontos próprios, os valentes da Boca também terceirizavam a segurança para outros hotéis e tremetemes da região.

Hiroito identificou o surgimento de Quinzinho na Boca em 1958, junto com outros valentes que logo passariam de meros figurantes a “homens legendas” da crônica policial e, conseqüentemente, a garantir fama nas ruas do quadrilátero do pecado. Embora seu

²⁷⁸ JOANIDES, op.cit., p.p. 150-151.

²⁷⁹ Ibidem. p.152.

²⁸⁰ Hiroito confessou na prisão ter tentado matar Quinzinho. *Diário da Noite*, 24 fev. 1962.

aparecimento na região tenha se dado antes mesmo da chegada de Hiroito. Ironicamente, Joaquim Pereira da Costa Filho, era membro do Regimento de Cavalaria da Força Pública de São Paulo.²⁸¹ Regimento esse que tinha função equivalente ao que hoje é a tropa de choque, e começou a dar seus passos pelos *bas-fonds* da Paulicéia ainda na época da zona do Bom Retiro, como boa parte de seus colegas de trabalho que frequentavam o local nos dias de folga em busca de diversão. No caso de Quinzinho, já naquela ocasião, começou a prestar segurança para as casas de *rendez-vous*, motivo pelo qual foi afastado da Força Pública.²⁸²

Nascido em 28 de agosto de 1922, no então bucólico bairro do Canindé, seu progenitor, Joaquim pai, era também agente da Força Pública. Apesar de filho de servidor público, teve uma infância conturbada, sendo considerado uma criança desordeira. O que o levou para um reformatório de menores com apenas 8 anos de idade, de onde só saiu quando completou 18 anos.²⁸³

Em entrevista para o repórter Percival de Souza, afirmou que mesmo diante das circunstâncias que marcaram sua vida, “nunca perdeu o senso de humor”. O que ficou evidente já na declaração que se segue “Trabalhar, nunca trabalhei. Desisti, belo! Trabalhar não era comigo”.²⁸⁴ E ao lembrar como e por que fez fama nas ruas do Quadrilátero, essa verve humorística aflora, não poupando nas blagues e “tirações”, explicando sua fama e “reinado” por ter um forte “direto de direita”, de brigador. Aliás, reivindicou o título de “Rei” como um campeão de boxe guarda o seu cinturão; mas também aproveitou para construir uma imagem coerente com a do bom malandro, daqueles que não atravessavam determinados limites éticos, que não se dobra ao assalto e o assassinato:

“Coice de Mula”, porque impus respeito brigando de braço. Nunca assaltei, nunca matei ninguém. Ganhei o título de “Rei da Boca” porque era bom de briga. E ainda sou o Rei. Esse título só entrego depois de morto. Aliás, para mim, existem três reis: o Pelé, o Roberto Carlos e eu.²⁸⁵

O honorário título de Rei do Quadrilátero, Quinzinho afirmou ter sido obra da mente criativa do repórter Ramão Gomes Portão, que em sua coluna “Flagrantes”, não só o criou como incentivou a disputa pela coroa; porém, o território do seu reino não se limitou ao espaço circunscrito entre as Avenidas Duque de Caxias e Rio Branco, e das ruas Aurora, Vitória, Guaianases, Timbira e Gusmões, epicentro da Boca. Quinzinho, em parceria com outro famoso explorador do lenocínio, o Mauro da Silva, conhecido pela alcunha de Xodó, e

²⁸¹ Ficha do DEOPS, DCSC05301, São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁸² FON, Antonio Carlos. Eu escapei do esquadrão da morte. **Revista Realidade**, n. 87, Editora Abril: Junho de 1973.

²⁸³ Ficha do DEOPS, DCSC05301. São Paulo Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²⁸⁴ Morre Quinzinho, o rei da Boca. **A luta democrática**. 10 abr.1984. p.15.

²⁸⁵ Morre Quinzinho, o rei da Boca. **A luta democrática**. 10 abr.1984. p.15.

José Brandão, conhecido como Brandãozinho,²⁸⁶ foram dos pioneiros a expandir o território da prostituição no centro de São Paulo, jogando-o mais para oeste, em direção à Rego Freitas e à Consolação, ficando conhecido como Boca do Luxo. Segundo o mesmo, nessa operação eles escolheram a dedo as mulheres mais “bonitas e refinadas”, que passavam a atuar, conquistar os clientes nos diversos *dancing* da região e usavam apartamentos montados, e protegidos, por ele e seu bando para o exercício profissional:

Dividimos o território — contou Quinzinho —. Pegamos as melhores meninas e mandamos pros lados da Consolação, num prédio da Bento Freitas, em frente ao que morava o General Porfírio da Paz. As mais pilantras ficaram no “Lixo”.²⁸⁷

Hiroito fez uma descrição da personalidade do colega de crime, iniciou destacando sua falta de instrução formal, pontuando que o mesmo mal sabia desenhar seu nome. Essa forma de iniciar as descrições não se restringiu aos rivais, repetiu-se com quase todos os outros sujeitos da Boca que ele descreveu em sua autobiografia, incluindo os amigos e as mulheres com as quais se relacionou. Sempre iniciava, ou concluía, com uma observação sobre o nível de alfabetização, se tinha boa estrutura mental e lógica, como pensava e simbolizava o mundo, se dominava a língua culta, a dose de cultura geral (literária, viagens), sensibilidade estética e até mesmo as posturas corporais e formas de comportamento público. O capital cultural²⁸⁸ era sempre a medida utilizada nas descrições dos outros, o que indica que Hiroito utilizava sua ampla cultura formal como incremento para seus negócios, relações pessoais e como elemento de distinção no ambiente.

Em seguida, apontou quais os atributos que Quinzinho utilizou para galgar postos na vida do crime e no microcosmo da Boca: o uso da força física. Era um valente, e sua capacidade de violência era o que garantia a posição de destaque entre os postulantes ao posto mais alto da casa real do quadrilátero do pecado. De acordo com sua descrição: “exageradamente forte ainda que não alto, conhecedor das coisas do boxe e exímio lutador de

²⁸⁶ De quem trataremos mais adiante.

²⁸⁷ Morre Quinzinho, o rei da Boca. **A luta democrática**. 10 abr.1984. p.15.

²⁸⁸ No sentido utilizado por Pierre Bourdieu. A princípio pensado como o patrimônio cultural diversificado que crianças de classes abastadas herdavam de sua família: um patrimônio cultural diversificado que envolve o domínio da língua culta e línguas estrangeiras, conhecimentos de artes e música erudita, viagens e intercâmbios, hábitos, códigos restritos de etiqueta etc. Essa herança forma uma estrutura mental que os colocam em vantagem na disputa pelos espaços institucionais, dado o acesso que tem à cultura tida como legítima e aos produtos simbólicos socialmente valorizados. Depois o uso do conceito foi ampliado para pensar outros tipos de relações sociais e práticas culturais. Sobre o capital cultural C.f. CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 103-106.

rua [...] não se conheceu um negrão que o pudesse vencer na briga de mão”.²⁸⁹ Essa força física, que também sempre foi destacada nas reportagens policiais, era fundamental para uma das atividades que Quinzinho mais se ocupava: a prestação de serviços de segurança à terceiros, fazendo bom uso da fama adquirida por sua capacidade de violência. Para fechar a descrição de seu rival, Hiroito destacou algumas de suas qualidades: “[...] o negão é um tipo risonho, glosador (sic), um humorista nato, com grande capacidade de captar e de bem narrar o cômico das coisas, que ri e faz rir de tudo, inclusive de si próprio”.²⁹⁰

Ao fato de o rival ter sobrevivido ao atentado planejado com esmero e executado cinematograficamente, Hiroito não reagiu bem: “se por milagre ou não, aquilo me fez espicaçar minha ira e mexeu com meus brios de atirador”. Tendo partido em uma segunda caçada, para concluir o trabalho “mal feito”. Como de praxe, o primeiro lugar a ser buscado foi a casa de uma amásia de Quinzinho, de nome Laura, com quem teve uma conversa e, segundo Hiroito, sem desrespeitá-la, deixou um recado para “comprar o caixão que dá próxima nem Cidinha (Nossa Senhora Aparecida, santa de devoção de Quinzinho) o salvaria”.²⁹¹

Ao colocar efetivamente em prática a segunda caçada despertou a preocupação de um dos delegados do 3º Distrito, o Dr. Minervinho, que por saber da capacidade de violência de Hiroito e, sobretudo, por conta da repercussão do primeiro ataque, entrou em cena para tentar promover a paz entre os dois expoentes da bandidagem local. Afinal, era importante manter as economias e práticas criminais da Boca sob controle, de forma que só rendessem pequenas notas aos jornais. Outro ataque pirotécnico, além de desencadear uma caçada por vingança, poderia gerar uma série de críticas e cobranças na imprensa em relação à atuação policial. Nesse sentido, o delegado tentou mediar um acordo de paz, tendo a concordância e disposição de Quinzinho; porém, não obteve o mesmo êxito com Hiroito, que após ouvir sua proposta negou veementemente: “pela primeira vez recusei-me a atender o seu pedido. Nem que mamãe pedisse eu livraria a cara do negrão”.²⁹²

Ao ter o primeiro plano frustrado pela negativa de Hiroito, o delegado colocou em prática outro que consistia em prendê-lo para averiguação, desarmá-lo, e só depois soltá-lo. Ato contínuo, combinou com Quinzinho para que este o abordasse logo que tivesse saído das dependências da delegacia — ainda desarmado, sem capacidade de reação — e com uma arma em punho o obrigasse a selar a paz. Hiroito relatou que assim foi feito, numa

²⁸⁹ JOANIDES, op. cit., 2003, p.111.

²⁹⁰ Ibidem, p.113.

²⁹¹ Ibidem, p. 152.

²⁹² Ibidem, p.152

madrugada, uma ronda da RUDI o levou para averiguação, ao chegar à delegacia, apenas o Dr. Minervino o recebeu e ficou de “papo furado” por alguns minutos, o liberando em seguida. Ao se afastar minimamente da 3ª DP, fora abordado por Quinzinho que “de cara, encostou-me um trinta e oito ao peito, mas com muito jeito, dizendo: ‘Tá vendo, se eu quisesse podia lhe matar’”, para em seguida sugerir um acordo “pô, rapaz vamos deixar esse negócio de guerra pra lá”. A proposta, segundo o autor, foi seguida por um belo discurso apologético à paz, numa argumentação que não era característica de Quinzinho, parecendo ter sido previamente ensaiada. A encenação foi performaticamente concluída com o rival sugerindo que, caso Hiroito ainda pensasse em matá-lo, mesmo depois desse ato de generosidade, que o fizesse ali mesmo. Oferecendo-o, em seguida, a própria arma empunhada acompanhado de um ultimato “ou me mata ou selamos a paz”.²⁹³ O revólver, Hiroito saberia tempos depois, estava carregado com balas de festim, ficando mais uma burla para a conta de “Quim”.

O fato é que a paz foi selada com direito a fotografia nos jornais, onde apareceu Quinzinho com um isqueiro em punho gentilmente acendendo um cigarro preso nos lábios de Hiroito, e um título estampando: “Paz no submundo”, conforme figura 25. Em outra imagem, aparecem, acompanhados de outro bandido de alcunha “Dez-dez”, tomando cafezinho e pousando risinhos e elegantes para o repórter policial de o *Diário da Noite* (Figura 26).

Figura 25: Paz no Submundo.



Foto: Diário da Noite, 04/04/1962

²⁹³ Ibidem, p.153.

Figura 26: Paz e Café.



Foto: Diário da Noite, 04/04/1962.

As imagens, com direito a pose tranquila, descontraída e charmosa para os fotógrafos indicavam que a trama para estabelecer a paz envolveu não apenas o delegado, mas, também, a imprensa. O acordo fora comemorado por bares e restaurantes da região, com direito a participação das mulheres de ambos (vítimas estratégicas durante a breve “guerra” travada pelos dois Reis da Boca). A descrição da comemoração ao acordo de paz é digna de citação, pois ilustra bem a forma como as relações de aliança e rompimento eram dinâmicas entre os bandidos daquele microcosmo:

E voltamos às boas, condicionado ao pedido de desculpas que faria à Zenaide. E nesse dia houve festa em todos os bares da Boca pelos quais passávamos, tudo por conta do crioulo. Para fechar as comemorações o Quinzinho fez questão de irmos eu, ele, a Zenaide e a Suelly cearmos no El Greco.²⁹⁴

O velho Quim, como a imprensa carinhosamente passou a chamá-lo após sua aposentadoria do crime, ao encerrar sua vida delituosa passou a colecionar dificuldades financeiras e materiais. Esquecido e na miséria, na década de 1980 estava vivendo de favor no Palacete César Rudge, na Alameda Barão de Limeira (esquina com a General Osório). Em entrevista, reclamou para o repórter Percival de Souza que preferia voltar para a cadeia devido à precariedade de sua condição: “Lá pelo menos tenho o que comer. Aqui, às vezes, não tenho

²⁹⁴ JOANIDES, op. cit., pp.153

dinheiro nem para um pastel”. Sua saída de cena definitiva, a morte, se deu nas intermediações do local onde “reinou”, atropelado de forma trágica e boba em plena avenida São João. Numa reportagem de *A luta democrática*, o repórter anotou a ironia: “Ele que por diversas vezes escapou das balas dos rivais, foi atropelado por um Voyage”. As circunstâncias se tornaram ainda mais trágicas quando o repórter passou a detalhar o acontecimento, Quinzinho foi atropelado enquanto tentava separar uma briga envolvendo dois amigos:

Eram 3h30 da madrugada de ontem, o “Rei” caminhava pela avenida São João rumo ao Palacete Cesar Rudge. Não se conformou quando viu dois amigos — Oswaldo Felipe dos Santos e Marco Félix Rodrigues — atacadados. Na tentativa de separar a briga, o velho Quim e os dois rapazes foram parar no meio da rua. E acabaram atropelados pelo Voyage amarelo. [...] Quinzinho morreu ao dar entrada na Santa Casa de Misericórdia, onde Oswaldo e Marco Feliz permanecem em estado grave.²⁹⁵

Esse distanciamento, entre a atuação e a aposentadoria, permitiu essa visão romantizada do malandro/bandido, nas representações de seu corpo, atos e psicologia. Saindo de cena o universo violento ao qual estava inserido e os seus subprodutos, eliminando qualquer elemento sujo, perigoso, que venha contradizer essa construção romantizada do anti-herói, alegre, esperto e inofensivo, “Despe-se o malandro da navalhada mortal, do golpe no otário inocente, da violência contra a mulher que o sustenta”,²⁹⁶ sobrando apenas a imagem do excluído social, que se virava. Nesse sentido, Percival concluiu a reportagem de forma solene, deixando de lado o tom de acusação e reprovação dos atos delituosos, especialmente quando o “malandro” já estava morto (e todo morto vira santo), restando apenas reminiscências de uma Boca do Lixo idealizada e poética: “Mas o ‘Rei’ está morto. Quinzinho, talvez o último poema vivo da Boca é agora apenas uma porção de história. Boa noite, belo!”²⁹⁷

3.2.2 – Nelsinho da 45

Ao correr o olho pela seção de notícias diversas do *Jornal do Brasil*, de 26 de janeiro de 1974, uma das várias notas chamou a atenção do leitor pelas letras garrafais do título e a brutalidade e pirotecnia do ato retratado: “Traficante de drogas é morto em hotel de São Paulo a rajadas de metralhadora”. No corpo do texto foi dito que a vítima era um homem de nome Ismael Nelson Crispam, assassinado enquanto tomava um drink com sua amante e um amigo argentino. O fato ocorreu na Rua Augusta, no quarto número 02 da Hospedaria Estrela. A

²⁹⁵ Morre Quinzinho, o rei da Boca. *A luta democrática*. 10 abr.1984. p.15

²⁹⁶ DEALTRY, Giovanna. **Sobre o fio da navalha** - estratégia de representação da malandragem nos discursos culturais brasileiros. Tese (doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003, p.51.

²⁹⁷ Morre Quinzinho, o rei da Boca. *A luta democrática*. 10 abr. 1984. p.15

polícia levantou como suspeita, para a motivação, a disputa pelo mercado de drogas nas boates da Vila Buarque, já nas imediações da Boca do Luxo. A vítima estava acompanhada de Regina Aparecida da Silva, 19 anos, sua namorada, e de um argentino de nome Yacono Miguel Jacob, que ficaram feridos.²⁹⁸ Os bandidos renderam os porteiros do hotel, subiram e bateram na porta do quarto, Ismail abriu e foi metralhado. Dentro do quarto, segundo o jornal, a polícia encontrou ampolas de Pervertin e outros narcóticos.²⁹⁹ Essa nota policial, marcou o fim trágico de uma das figuras legendárias da Boca do Lixo, e que nos anos 1960 frequentou as páginas da crônica policial sob a alcunha de Nelsinho da 45.

Ao descrever Nelsinho, Hiroito demonstrou muita simpatia por sua figura, um detalhe que talvez explique essa simpatia encontramos nessa passagem: “possuía bons modos e escolaridade creio de nível ginásial. Sendo pois, como delinquente, exceção à regra”.³⁰⁰ Sua afirmação entre os pares deu-se por conta da capacidade de violência, implícita no codinome “da 45”. Porém, a violência não lhe era algo *nato*, “lhe foi imposta como condição de sobrevivência no ambiente”.³⁰¹ Era sua aparência física, no sentido de beleza, que lhe obrigava o uso da violência para impor respeito. Segundo Hiroito, na linguagem corrente entre os desajustados da Boca, os gestos corporais e a aparência eram fatores importantes e a depender de suas características físicas era necessário incrementar, inovar, no uso da violência para que fosse respeitado pelos pares:

Em mim era a palidez da minha figura — magro, meio encurvado e míope, de falar suave e maneiras finas — que me fazia, me tornava incapaz de inspirar no ambiente um mínimo de respeito por parte dos indivíduos pouco afeitos a isso de respeitar o próximo. Havia de consegui-lo através da linguagem ali corrente, melhor entendida por todos: a violência.³⁰²

A aparição de Nelson deu-se ainda na época da Zona do Bom Retiro, em 1953. Porém, era conhecido apenas como Nelsinho, sem o “da 45”. Complemento que conquistou após invadir um *dancing*, também frequentado por tiras e repórteres policiais, para fazer um acerto de contas com um malandro que o ameaçara. Na ocasião, estava portando uma pistola 45mm e distribuiu tiros em plena pista. No dia seguinte, estava estampado na capa do *Diário da Noite* o epíteto que o acompanharia em toda sua trajetória nas páginas da imprensa policial, “Nelsinho da 45”. Filho de judeus, as características de sua personalidade foram descritas por seu amigo como sendo um adulto de feição e humor afiado de adolescente rebelde, dado a blagues, ironias e sarcasmos. Mas, segundo Hiroito, essa descontração só se dava entre os

²⁹⁸ O Marginal morre metralhado no hotel. **O Estado de São Paulo**. 24 jan. 1974, p.12

²⁹⁹ Traficante é morto em hotel de São Paulo a rajadas de metralhadora. **Jornal do Brasil**, 26 jan.1974.

³⁰⁰ JOANIDES, op. cit., p.49.

³⁰¹ Ibidem, p.49.

³⁰² Ibidem, . p.49.

íntimos, bastava chegar alguém estranho por perto, para que transformasse sua feição e assumisse um semblante carrancudo. Em uma das várias descrições elogiosas, dizia:

[...] no teatro do crime, foi um grande, aplaudido e consagrado ator. O difícil papel que no roteiro da vida lhe coubera, ele o representou magistralmente. [...] foi sempre, e essencialmente, um menino. Pertencia àquela classe de homens que crescem e se fazem adultos carregando dentro de si a criança que foram e que se negam a abandonar seus seres.³⁰³

As atividades lucrativas e criminais de Nelson se resumiam ao tráfico de entorpecentes e o oferecimento de segurança para estabelecimentos, esta última sua especialidade: “afinal, era o durão, o valente, o dedo-mole no gatilho. Havendo, portanto, desempenhado seu papel”.³⁰⁴ Era também um boêmio inveterado, chegando a figurar nas memórias do jornalista Helvio Borelli publicadas no livro *Noites Paulistanas*. Na cena abaixo relatada podemos perceber o quão misturado eram os ambientes boêmios e lúdicos do quadrilátero do pecado, agregando desde malandros a jornalistas e policiais, e que existia uma relação de deferência entre os grupos:

Numa noite na boate Ziriguidum, na rua Major Sertório, chegaram quatro delegados de polícia para tomar um uísque e relaxar. Entre eles, o Dr. Nerval Ferreira Braga. No salão de baixo, estava o repórter policial João Bussad, dos Diários Associados e no mezanino, Nelson da 45. [...] Quando viu os policiais, Nelsinho chamou o garçom e pediu que enviasse um recado: “desce e diga ao Dr. Nerval que eu estou no andar de cima e não fica bem uma fora-da-lei no mesmo lugar onde estão autoridades. Peço permissão para que possa deixar o local.” O garçom deu o recado e o malandro foi autorizado e sumiu na noite.³⁰⁵

Esse tipo de interação e deferência, entre grupos com finalidades aparentemente antagônicas e inconciliáveis, foi narrado por vários cronistas e memorialistas, mostrando que a relação não era de enfrentamento o tempo inteiro. Exemplo é o livro *Estórias da Boca do Lixo*, de Ramão Gomes Portão. Em várias passagens o jornalista explorou essas cenas do cotidiano em que bandidos, prostitutas, repórteres policiais, delegados e agentes da polícia, além de boêmios e frequentadores ocasionais conviviam:

Os homens falavam de política, do Estado Novo, de mulheres, nas confortáveis salas de estar, bebericando champanha, cerveja Cascatinha ‘casco escuro, por favor...’ ou conhaque Napoleão. Num ambiente fraterno que não se faltava com respeito.³⁰⁶

³⁰³ JOANIDES, op. cit., p.51.

³⁰⁴ Ibidem, p.51.

³⁰⁵ BORELLI, Helvio. *Noites paulistanas*. São Paulo: Arte e ciência, 2005. p.52.

³⁰⁶ PORTÃO, Ramão Gomes. *Estórias da Boca do Lixo*. São Paulo: Expressão do Livro, s.d p.15.

Voltando a Nelsinho, sua carreira na vida do crime foi marcada por diversas passagens pela casa de detenção, sendo a mais longa uma pena cumprida por tráfico de entorpecentes entre 1966 até fevereiro de 1971, quando ficou em liberdade novamente. No entanto, a liberdade durou apenas 6 meses, voltando a ser preso em 19/08/1971, dentro de seu Galaxie, portanto 3 mil comprimidos de Dexamyl e Stenamina, além de meio quilo de maconha. Na ocasião, foi dedurado por um cozinheiro de uma das boates onde atuava como “gerente” — Lapinha — que informou a polícia que Nelsinho usava o espaço para angariar clientes e vender drogas. Os comprimidos de anfetaminas se espalhavam pela Boca, tornando-se uma espécie de coqueluche dos anos 1970 no quesito entorpecentes. Eram diluídos em água quente e aplicados na veia com o auxílio de seringas.

3.2.3 Flores, metralhadoras, homenagens e choro no enterro do bandido: Brandãozinho, o pugilista da Boca.

Ocultados na narrativa de Hiroito, a Boca também teve outros sujeitos que fizeram fama por atuarem na gama de atividades lucrativas, e ilegais, desempenhadas naquele território. E que talvez por uma questão de rivalidade, foram deixados de lado em seu relato. Vale frisar que, por rivalidade, devemos tomar não apenas as disputas relacionadas às questões financeiras e territoriais, mas também, a disputa por fama, exposição na imprensa policial e prolongamento dos feitos na memória social para posteridade. Como já aventado, ao escrever uma autobiografia o autor tende a superdimensionar sua participação, importância, no contexto ao qual se propôs reconstituir. Um dos personagens que quase passa batido no relato de Joanides foi o ex-servidor da Força Pública, ex-pugilista, reconhecido por sua capacidade de aglutinar parceiros e de relacionar com os diversos atores e públicos que habitavam e circulavam pela Boca, era o típico “malandro boa-praça”, Brandãozinho.

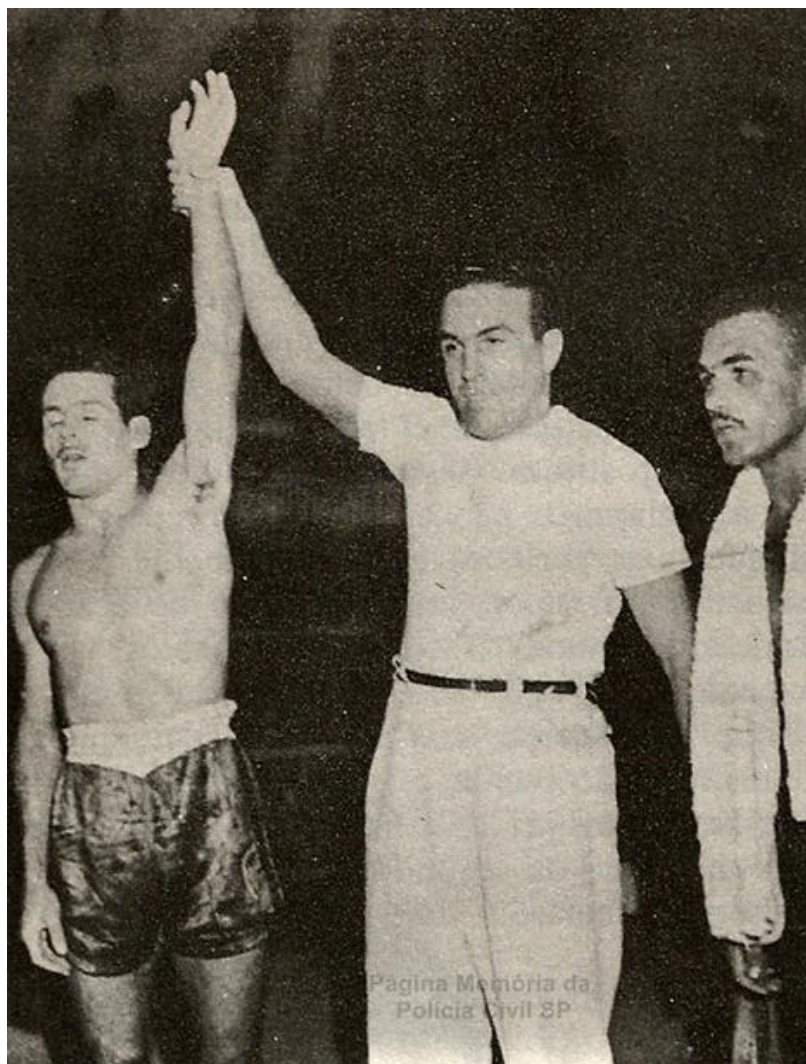
Foi um promissor lutador de boxe durante a década de 1950, luta que aprendeu enquanto era praça da Força Pública de São Paulo, chegando inclusive a ser campeão brasileiro na categoria peso meio-médio-ligeiro, num combate contra Celestino Pinto, em 14 de dezembro de 1952. Em uma foto publicada no *Diário da Noite*, ele apareceu com a mão esquerda levantada pelo árbitro, na típica foto dos ganhadores de luta nesse esporte (Figura 27).³⁰⁷

Por essa habilidade com o boxe, Brandãozinho era temido entre seus pares no enfrentamento corpo-a-corpo. Foi durante muito tempo braço direito de Quinzinho —

³⁰⁷ Metralhadores e flores no enterro do bandido. *Diário da Noite*. São Paulo p. 18.

também oriundo da Força Pública e ex-pugilista, porém sem o mérito e sucesso de Brandão no esporte — e desempenhava a função de oferecer segurança na ponta às boates e apartamentos controlados por seu chefe. Ele era reconhecido por se recusar a usar artefatos bélicos, como armas brancas ou de fogo, garantindo a segurança dos locais com os punhos. Entre os sujeitos da Boca, Brandão era o que mais se aproximava de certa imagem do malandro cristalizada no imaginário social brasileiro, a do valente, pícaro e boa praça, cuja parte das pessoas de fora da malandragem nutria por ele respeito e admiração. Além disso, era dotado de temperamento diplomático e conseguia ser respeitado por diversos grupos de bandidos, dos mais diferentes ramos de negócio, que atuavam na Boca, mesmo sendo “rivais”.

Figura 27



. Foto: Diário da Noite, 1957.

A trajetória promissora de Brandãozinho nas disputas por território na Boca e por espaço nas páginas dos jornais teve seu auge entre 1962 e 1964. Nesse espaço de tempo, Hiroito estava fora de circulação, cumprindo uma de suas penas na Casa de Detenção. A sua mulher Zenaide, que garantia o funcionamento dos seus negócios na sua ausência, já havia terminado o casamento, deixando, portanto, um vácuo para que outros bandidos ocupassem. Brandão então se desgarrou do bando de Quinzinho, sem grandes atritos, e junto com um parceiro de codinome Xodó,³⁰⁸ passou a controlar algumas casas e também a investir na então incipiente e promissora atividade do tráfico de entorpecentes. Com o contexto favorável à

³⁰⁸ Falaremos dele nas próximas páginas.

expansão, aliado à sua capacidade de aglutinar, logo se tornou mais um dos reis da Boca do Lixo.

Apesar do temperamento diplomático de Brandão, sua rápida ascensão não agradou a todos. Despertou em outros sujeitos que, até então, eram também coadjuvantes, a sanha por dominar pontos e territórios, bem como diversificar e ampliarem os seus negócios. Foi o caso de Carlinhos Bang-bang,³⁰⁹ que surgiu no cenário local como um dos integrantes do bando de Hiroito.

É importante salientar que os meados dos anos 1960, na capital paulista, marcam o declínio de uma economia criminal lastreada na exploração das casas de prostituição, contravenção e pequenos contrabandos, para outro tipo de modelo econômico, onde o tráfico de entorpecentes ganhava cada vez mais espaço como principal fonte de lucros. Outro fator a ser observado, e que talvez esteja interrelacionado, foi uma mudança no formato dos crimes patrimoniais urbanos, saindo de cena cada vez mais a destreza e burla do punguismo, também conhecido por trombada, para dar lugar a escalada dos assaltos à mão armada, com suas consequências e desdobramentos, incluindo o latrocínio. Conforme observado em estudo recente sobre a criminalidade no centro de São Paulo, esse período foi o marco da despedida da boemia/malandragem e a entrada em cena para marginalidade e delinquência urbana.³¹⁰ Pode-se afirmar, inclusive, que a experiência de ascensão e declínio da Boca do Lixo foi o limiar entre as práticas ilegais da malandragem romantizada e o início do crime organizado. Hiroito registrou esse momento em várias passagens, com destaque para essa:

Durante muito tempo o mundo do tóxico foi um clube fechado, que só admitia a entrada de seres marginalizados — os despedidos da sorte — e terminantemente vedado a menores de idade. A traficância era feita em quatinhos de sórdidos hotéis, ou nas esquinas escuras do “baixo-mundo” ou nos bares — antros, privativos dos degradados, em clima de mistério. Derrubaram, porém, as portas desse clube, puseram abaixo os seus muros, e as suas fronteiras foram se estendendo até se confundirem, se sobreporem às fronteiras da própria civilização.³¹¹

Nesse contexto de transição, que se deu a ascensão de Brandãozinho, Xodó e Carlinhos Bang-Bang, inaugurando uma nova disputa territorial, por um novo tipo de atividade, cujo lucro era mais rápido e robusto, porém acompanhado de métodos de conquista e defesa mais agressivos.

³⁰⁹Delegado da RUDI: Bang é um otário. **Diário da Noite**. São Paulo. 23 jul 1969. p. 25.

³¹⁰TEIXEIRA, Alessandra. **Construir a delinquência, articular a criminalidade**: um estudo sobre a gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo. Tese (doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 25.

³¹¹ JOANIDES, op. cit., p.74.

Bang-bang, cujo nome de batismo era Carlos Gomes da Silva, ganhou essa alcunha pela facilidade com que utilizava armas de fogo, seja contra rivais da Boca do Lixo, ou mesmo contra agentes da polícia. Como já dito, com a ausência de Hiroito, e a saída de cena estratégica de Quinzinho, também começaram a galgar espaço no quadrilátero do pecado outros personagens. Nos últimos dias do mês de dezembro de 1963, Antônio José Brandão, nome completo de Brandãozinho, junto com mais dois bandidos do seu bando, tomaram um apartamento na Rua Vitória, que era gerenciado por uma mulher chamada Neusa, amásia de Carlinhos Bang-Bang. No local, segundo informou a Polícia, era exercido a exploração do lenocínio e o tráfico de entorpecentes, principalmente maconha, pervertin e morfina. Além de tomar o ponto, Brandãozinho ficou com o resto da mercadoria e mais 200 mil cruzeiros em espécie. Por fim, enviou recado a Bang-Bang que iria tomar mais dois dos seus apartamentos gerenciados por Janira e Aparecida, ambas amantes de Bang.

Ao saber do acontecido, Carlinhos estava na companhia de uma quarta amante de nome Neide, que cuidava de um apartamento na Rua dos Gusmões, 689. A reação foi instantânea, deixou o local imediatamente prometendo matar o ex-pugilista onde o encontrasse. Encontrou-o na companhia de dois bandidos, Marinheiro e Argemiro, em um bar nas proximidades da Av. São João, e antes que falassem qualquer coisa, sabendo e temendo um enfrentamento corpo-a-corpo com o ex-campeão de boxe, já sacou a arma e disparou vários tiros que atingiram Brandãozinho. Contam os jornais que, mesmo ferido, Brandãozinho ainda conseguiu golpear Carlinhos Bang-Bang e um comparsa que o acompanhava, caindo desfalecido pelo sangramento logo em seguida. O mesmo fora levado ao Hospital das Clínicas, mas não resistiu aos graves ferimentos, falecendo na manhã do dia 07/01/1964.³¹²

A morte de Brandãozinho repercutiu em todos os jornais, ocupando várias manchetes de capa. Mas, sobretudo, repercutiu entre os malandros, boêmios, vadios, bandidos, prostitutas e comerciantes da Boca, até mesmo entre o corpo policial. A comoção local foi tamanha que o enterro transformou-se num dos acontecimentos mais emblemáticos da Boca. O jornal *Diário da Noite* imprimiu no título da reportagem: “Metralhadoras e flores no enterro do bandido”, seguido por um *lead* introdutório:

Dezenas de marginais, mulheres e homens, na derradeira despedida ao chefe e companheiro de aventuras criminosas na Boca do Lixo — momentos de apreensão e tristeza — findo o sepultamento de Brandão, os polícias

³¹² Metralhadoras e flores no enterro do bandido. *Diário da Noite*. São Paulo. p.20

detiveram, sem encontrar resistência, dezesseis criminosos, Xódo, Carioquina, China e Chocolate estão entre os detidos.³¹³

Na foto divulgada pelo jornal, seis homens com semblante consternado, vestindo elegantes trajes de luto e óculos escuros, no mais completo estilo que um funeral solene pressupõe, carregam o caixão com o corpo de Brandãozinho. Entre eles, o segundo do lado direito do caixão, da frente para trás, estava Mauro da Silva, o Xodó, parceiro e braço de direito do falecido (ver figura 28, p.137). A mística criada em torno do enterro perdurou por alguns anos. Na cobertura feita pelo *Diário da Noite*, no dia seguinte ao acontecido, podemos observar que o tom dado ao texto contribuiu para que esse evento permanecesse narrado na memória de muitos que vivenciaram, ou mesmo da população que tomou conhecimento por meio da leitura do jornal. Em determinado momento, o repórter Orlando Criscuolo ponderou sobre a relação de Zé Brandão com o meio que o cercava, mas também sobre os tipos que compareceram ao cemitério da Vila Formosa naquele 08/01/1964:

Estimado por uns, respeitado por todos, odiados por poucos, Zé Brandão tinha que ser levado à sua última morada pelos homens que não respeitam os textos da Lei e pelas mulheres que transformaram o “quadrilátero do pecado” em um mundo à parte, onde tudo pode acontecer, até mesmo atos como os que foram vividos ontem.³¹⁴

O cemitério foi cercado por viaturas, pois sabendo do público que estava presente, e da repercussão do evento, seria uma oportunidade para fazer alguns acertos e impedir a desmoralização das tropas nas páginas dos jornais do dia seguinte por ter deixado correr solto essa solene reunião de desajustados. A ordem do delegado Nemer Jorge era prender todo e qualquer marginal que aparecesse no local, antes mesmo que o enterro se concretizasse. A primeira tentativa de cumprir essa ordem gerou um princípio de tumulto, que o jornalista descreveu da seguinte forma:

Percebendo que não podiam levar Zé Brandão a sua última morada, todos eles se revoltaram e estavam dispostos a enfrentar os policiais a pedradas — porque estavam todos desarmados — quando, dada a intervenção do repórter, foi determinado que o enterro se realizasse afastando a possibilidade de desentendimento entre policiais e marginais da “boca”.³¹⁵

³¹³ Metralhadoras e flores no enterro do bandido. *Diário da Noite*. São Paulo. p.20.

³¹⁴ *Ibidem*, p.20.

³¹⁵ *Ibidem*, p.20

Figura: 28: amigos e parceiros de Brandãozinho levam seu caixão ao túmulo.



Fonte: Diário da Noite 08/01/1964.

Uma vez resolvida a querela com a polícia, o enterro prosseguiu em ambiente de bastante consternação, com parceiros e mulheres prestando o último adeus ao ex-pugilista. Mas isso não foi suficiente para que os oficiais deixassem de cumprir a ordem do delegado. A narração de algumas cenas merece citação por oferecer ao leitor a dimensão e a importância que o personagem desempenhou na Boca do Lixo, conforme reportagem:

Várias mulheres choravam quando o caixão de Zé Brandão foi fechado pela última vez no velório do cemitério de Vila Formosa. Flores em quantidade sobre a sepultura número 290, da quadra 7, onde Zé Brandão foi baixado pelos seus amigos. Terminando o sepultamento, quando todos iam se retirando do cemitério, encontraram, à porta, uma dezena de investigadores de polícias e dois carros de presos. Evidentemente houve protestos, mas não

houve nenhuma reação mais violenta quando tiveram que enfrentar a dura realidade, isto é, a certeza de que estavam todos presos.³¹⁶

A repercussão da morte, os fatos e a pompa que envolveu o enterro de Brandãozinho, bem como a reverberação que o evento alcançou ao longo do tempo, talvez explique o motivo pelo qual o ex-boxeador foi praticamente suprimido no relato de Hiroito: a disputa pelo posto de “rei da boca” nas páginas da cobertura policial, que envaidecia os coroados. A vaidade do escritor que juntava os arquivos de sua vida, durante o período de cárcere entre 1976 e 1977 (quando Hiroito escreveu o seu relato), deve ter prevalecido nas escolhas da estrutura narrativa e dos fatos e personagens a serem narrados. Hiroito que, pelo histórico de leitor onívoro, provavelmente consultou jornais antigos, ao mesmo tempo em que lia boa parte do que se publicava na imprensa no momento mesmo da feitura do livro, tinha plena consciência da repercussão do enterro, da morte e do lugar de Brandãozinho naquele microcosmo que era a Boca.

Essa repercussão ao longo do tempo não se restringiu à imprensa policial, mas enraizou-se na produção de memória social sobre o centro de São Paulo e reapareceu, por exemplo, em 1975, 11 anos após o episódio do enterro, no conto *Paulinho Perna-Torta*, do escritor João Antônio, texto que fez parte do livro *Leão-de-chácara*.³¹⁷ O personagem principal, bem como os coadjuvantes do conto, são retirados da leitura, ou reminiscência de leituras, que o escritor guardava dos tempos áureos da Boca do Lixo. Sendo que seus personagens ficcionais são uma mistura de sujeitos reais que fizeram fama na região, foi o caso de Valdão, também chamado de Valdãozinho no conto, numa perceptível alusão a Brandão. Numa passagem do conto, o leitor é claramente remetido aos acontecimentos de 07 e 08 de janeiro de 1964:

O malandro Valdão, chamado também de Valdãozinho, ex-boxeador e meu empregado na colheita da taxa de proteção às mulheres, me faz uma safadeza. Entrega Paulinho Perna Torta ao Departamento de Investigações e vai à crônica policial fornecer reportagem sobre o intocável das bocas. Tenho uma crise e quero a cabeça do cagueta.³¹⁸

Na passagem citada acima, pode-se deduzir pelo nome e pela profissão do personagem, que o escritor baseou-se na história de Brandãozinho. Porém, por mais que João Antônio fosse filiado a um certo compromisso com retratar a realidade, ou realismo (embora

³¹⁶ Metralhadoras e flores no enterro do bandido. *Diário da Noite*. São Paulo.p.20

³¹⁷ A primeira versão da obra foi publicada em 1975, pela editora carioca Civilização Brasileira. Contudo, a edição usada neste trabalho será a mais recente, publicada em 2002 pela COSAC NAIF. Segue a referência completa da primeira edição. ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*: contos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

³¹⁸ ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. São Paulo, COSAC NAIF, 2002. p.148-149.

recusasse-se a ser enquadrado em correntes literárias), na urdidura do seu enredo e na conformação dos seus personagens, ele fundiu livremente feitos de diversos malandros e bandidos. Portanto, na ficção, o motivo que levou Paulinho a matar o personagem Valdão não coincide com a real motivação que levou Bang-Bang a matar Brandãozinho. Como já foi dito, a desavença se deu por disputa por pontos de tráfico e prostituição. Ao continuar a leitura, podemos observar outras semelhanças entre os personagens fictícios do conto e os acontecimentos da Boca:

Às três e meia da manhã, trago minha cambada, faço a invasão do Restaurante Tabu, fecha-nunca da rua Vitória, ponto de apoio da malandragem baixa. E apago, a tiros, o safado do Valdão. [...]
O enterro de Valdão é seguido por toda a malandragem ao cemitério público de Vila Formosa. A consideração das curriolas por Valdão é um despeito das curriolas a um bem-feito de Paulinho numa Perna Torta. Fico mordido; me vingo partindo para o jogo sujo. Ponho ratos da RUDI e da RONE, rondas especiais da polícia, ocultos, campanando dentro do cemitério. E, durante o enterro, capturam lá cinquenta vagabundos.³¹⁹

Já nesse trecho destacado acima, João Antônio teve clara inspiração nos acontecimentos que envolveram o assassinato e enterro de Brandãozinho, o toque de ficcionalidade, dessa vez, fica por conta dos desdobramentos. Como já dito, o enterro foi negociado com a polícia, quando se deu a retirada do corpo do IML, a ordem de prisão partiu da 3ª DP por conta do burburinho que se criou em torno da pompa e expectativa que pairavam sob o enterro (com promessa de carreatá até o cemitério e salva de tiros em honra ao morto na hora da despedida final), não tendo, obviamente, participação do autor do homicídio no desdobramento que levou à prisão dos parceiros de Brandão presentes no cemitério. Assim sendo, o conto serviu muito mais para nos informar sobre a perpetuação do enterro no imaginário sobre o *bas-fond* paulistano, do que para fornecer dados e fatos reais relacionados ao evento.

Essa perpetuação e importância podem ser aferidas em reportagem publicada quase dez anos (1973) após a morte de Brandão na *Revista Realidade*, o dia do enterro foi tratado com o seguinte título: “A morte da boca do lixo”.³²⁰ O tom do texto deixava a entender que a morte de Zé Brandão marcou o fim de uma era de bandidagem romântica:

A Boca do Lixo começou a morrer em 1964, logo depois de ter atingido seu momento de maior glória, no fim do ano 1963, com o enterro de Brandãozinho.

³¹⁹ ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. São Paulo, COSAC NAIF, 2002. p.148-149.

³²⁰. A morte da Boca do Lixo. **Revista Realidade**. n. 87, Ano VIII. Junho, 1971. p. 34

Brandãozinho era o malandro mais querido da Boca do Lixo, amigo de Xodó, Quinzinho e todos os velhos malandros. Um dia ele brigou com um traficante de maconha que trabalhava para Carlinhos Bang-Bang. Brandãozinho havia sido lutador de boxe e não teve dificuldade em bater no traficante.

Carlinhos Bang-bang saiu à procura de Brandãozinho com o traficante que havia perdido a briga. Encontraram-o no largo do Arouche, e Carlinhos Bang-Bang, antes de atirar, avisou que ia matá-lo. Mesmo baleado, Brandãozinho bateu nos dois.

Seu corpo foi para o necrotério e, quando a notícia de sua morte correu, Xodó e Quinzinho resolveram decretar feriado e luto na Boca do Lixo. Todos os bordéis, clubes de jogo e bares foram fechados, e os malandros reuniram-se para fazer o enterro. [...]

O enterro foi noticiado por todos os jornais. Xodó ainda tem os recortes do Time de Londres e do New York Times, em que ele aparece de terno preto e pá de coveiro na mão.³²¹

3.4 Xodó, o último a ocupar o trono: A boca do lixo está morta!

Outro personagem eclipsado na narrativa de Hiroito, Xodó, braço direito de Zé Brandão, foi objeto de uma reportagem da revista *Realidade* citada acima. Em 1973, ano da publicação, a configuração da economia criminal urbana já era bastante diversa da dos tempos áureos da Boca. Não só personagens do quilate e estilo de Quinzinho, Brandão, Nelson da 45 e Hiroito, tinham saído de cena, como a forma de atuação da polícia era outra.

O crime havia se espalhado por todos os recônditos da capital paulista e, junto com a ampliação territorial e o crescente uso da arma de fogo, surgiu o Esquadrão da Morte, consequência das RONES, RUDI e RUAS. Este agia numa lógica agressiva, com mortes diárias de bandidos, visando justificar demandas de setores da sociedade e de estamentos do Estado. A substituição do uso armas brancas, instrumentos cortantes, por arma de fogo nas atividades criminais tem um longo percurso na capital paulista, tendo início em 1900 e passando a prevalecer a partir de 1924, conforme aponta Boris Fausto em seu precursor estudo sobre crime e cotidiano em São Paulo. O historiador apontou que essa mudança nos instrumentos para a prática criminoso estava relacionada com a infraestrutura tecnológica e a um padrão cultural que marcaram o início do século XX, destacando que “o uso de instrumentos para matar pode ser objeto de uma micro-história” se considerado nessa relação entre estrutura técnica, padrão cultural e política de Estado.³²²

³²¹ A morte da Boca do Lixo. **Revista Realidade**. n. 87, Ano VIII. Junho, 1971. p. 34

³²² FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880 – 1924)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. p.111.

A vingança firmada por Bang-Bang contra Brandãozinho é elucidativa de alguns aspectos a serem considerados ao analisar os sujeitos e atividades da Boca do Lixo. Um estudo do antropólogo Roberto DaMatta, tratou a vingança como uma forma de interação social, uma espécie/tipo de afirmação entre malandros, bandidos e marginalizados. No entanto, ele vai demarcar algumas nuances e diferença na forma como a vingança acontece — os meios utilizados, as consequências e objetivos finais — classificando-a de duas formas: uma vingança que se realizou por meio da astúcia, sendo a intenção do agente expor o outro ao ridículo, caso típico das vinganças feitas por malandros; e a outra forma, atualizada pelos bandidos, sobretudo no contexto urbano-moderno, onde o uso da arma de fogo passou a ser o meio utilizado para realização da vingança cuja finalidade, quase sempre, era a destruição física do oponente. O antropólogo Gilmar Rocha, num estudo rigoroso sobre Madame Satã e seu contexto social, fez as seguintes distinções entre bandidos e malandros:

Em comum, bandido e malandro partilham, no imaginário popular, a negação do trabalho. Esse atributo caracteriza, sobretudo, o personagem malandro. Em contrapartida, como que estabelecendo uma descontinuidade na própria história da violência e da criminalidade no Brasil, a presença e posse de arma de fogo representa um elemento diacrítico na construção da figura do bandido. Além da posse de arma de fogo, bem como a opção pelo tráfico e o assalto são os elementos que compõem as práticas e representações do bandido.³²³

Não à toa, para a reportagem de *Realidade*, a morte de Brandão simbolizava o fim da era áurea da Boca do Lixo, onde malandros respeitavam um código de ética, primavam pela estilização da existência — as roupas de seda, no contexto carioca; os ternos e as boinas italianas, caso de São Paulo. Os gestos, as pequenas burlas, as grandes fugas e sagas de valentia corporal —, por certo respeito aos demais moradores do local e, ao fim, suas atividades delituosas resumiam-se à intenção de sustentar um modo de vida boêmio e hedonista. .

As atividades lucrativas pululavam em torno da economia da prostituição e toda a logística que a envolvia, desde aluguéis, proteção e recrutamento de mulheres, ao comércio de bebidas e comida. E apesar de Brandãozinho ser retratado como o último bastião de uma malandragem romântica, desse arquétipo de malandro que era valente na luta corporal e pícaro, vale salientar que mesmo escolhendo não utilizar arma de fogo, ele tinha uma rede de proteção composta por subordinados, como o próprio Xodó, e aliados de outros grupos, como

³²³ ROCHA, Gilmar. **O "rei da Lapa"**: Madame Satã e a malandragem carioca: uma história de violência no Rio de Janeiro dos anos 30-50. Rio de Janeiro: 7letras, 2004 p.71.

Quinzinho, que utilizavam dos meios tecnológicos mais avançados para garantir a segurança e funcionamento dos seus negócios.

Portanto, a opção pelo uso dos próprios punhos para se defender, era uma opção de estilização de seu modo de vida, mas as atividades criminais de Zé Brandão ultrapassavam a simples burla, envolvendo desde tráfico à receptação de mercadorias roubadas. Nesse sentido, a diferenciação proposta por Alba Zaluar, de que as atividades econômicas é o fator que separa malandros de bandidos³²⁴, sendo o tráfico e o assalto elementos que compunham as práticas e representações do bandido, colocam em questão a aura construída em torno da lenda e repercussão do velório, enterro e assassinato, pois Brandãozinho estava mais próximo desse criminoso de tipo urbano situado no limiar entre a malandragem antiga e o crime organizado.

O contexto/período que marcou os fatos envolvendo o assassinato e enterro de Brandão, lembrando que parte dos atores famosos e importantes da Boca estavam encarcerados (caso de Hiroito e Nelsinho da 45), ou então “dando um tempo” das atividades criminais (Quinzinho), demarcou também o início de um processo de mudança na cultura policial das forças de segurança do Estado de São Paulo. Isso incidiu diretamente sobre o quadrilátero do pecado. Vale lembrar que 1964, ano da morte de Brandão, marcou um momento de escalada autoritária que perpassa diversos setores da sociedade e do Estado e que desembocou na ditadura militar. Período caracterizado por prisões e extermínio de opositores políticos do regime, mas também a intensificação de uma política de guerra à criminalidade urbana e às drogas. Esse foi o contexto em que setores amplos da Polícia Civil de São Paulo e do Rio, geralmente agentes que atuavam nas diligências cotidianas do espaço urbano, formaram um grupo de extermínio que ficou conhecido sob a macabra alcunha de Esquadrão da Morte.

O medo urbano relacionado com as estatísticas de aumento das diversas atividades criminais, sobretudo de roubos/assaltos, tráfico e mortes com armas de fogo, aliado à forma como estes dados eram representados na imprensa policial escrita, narrada ou televisiva, despertavam nas diversas camadas da sociedade paulistana, sobretudo nos estratos mais abastados e com poder de pressão político-institucional, uma atmosfera de cobranças em direção ao setor de segurança pública, principalmente às polícias. O que fez com que o *modus operandi* das forças fossem alterados, incidindo em mudança na forma de gerência dos

³²⁴ ZALUAR, Alba. Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação. In: Alba Zaluar. **A Máquina e a Revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 132-172.

ilegalismos. Nesse sentido, o espaço da Boca do Lixo passou a ser experimento importante para esse grupo “clandestino”,³²⁵ com várias ações no sentido de extirpar a “chaga purulenta” encravada no centro de São Paulo.

Voltando a narrativa de Hiroito, ele demarcou claramente a mudança na relação entre os bandidos da Boca e a polícia. Lembrando como se desenrolava o cotidiano do local e dos acordos tácitos entre os “oponentes”:

Até por volta de 1959, a Boca, do ponto de vista dos desajustados sociais, era um local relativamente seguro. A presença policial tinha escopo meramente intimidativo, e a ação, propriamente dita, só se manifestava em forma de repressão. Não havia ainda, pelo menos não de modo generalizado, a tal ação preventiva, ou seja, isso de se prender para evitar. Apenas nas sextas-feiras é que o 3º Distrito Policial saía às ruas da Boca, em caravanas com aqueles enormes carros de presos percebíveis a quilômetros de distância, para recolher aos xadrezes, até a segunda-feira, de preferência mulheres mais baderneiras, os tipos mais arruaceiros, visando com isso propiciar um sábado e domingo – dias em que o pedaço iria ferver em sua movimentação – mais pacíficos e ordeiros, com menos ocorrências policiais.³²⁶

Os debates na imprensa envolvendo diversos setores da sociedade, de delegados a juristas, passando por cidadão comuns, em torno de uma solução que desse fim à Boca do Lixo e ao problema da criminalidade urbana (até então identificada com esse espaço demarcado), acabaram se desdobrando em uma atuação mais ostensiva da força de segurança, fazendo com que determinados acordos tácitos caíssem. Dessa forma, as rondas, que na narrativa de Hiroito só aconteciam às sextas-feiras — com fito exclusivo de afastar os sujeitos mais baderneiros e desordeiros, garantindo a paz e tranquilidade para que os negócios fluíssem nos finais de semana — passaram a acontecer todos os dias. O policiamento no local foi reforçado e as batidas passaram a ser mais ostensivas. Com isso, qualquer pessoa que fosse considerada suspeita era presa, a qualquer hora ou dia da semana: “E todas as noites da Boca passaram a ser noites de sexta-feira... Não se tinha mais sossego”.³²⁷

Esse relato de Hiroito sobre os acordos tácitos e as prisões para averiguação como forma de gerenciamento das atividades criminais pela Polícia, ganha reforço de veracidade quando nos deparamos com os dados trazidos pela pesquisadora Alessandra Teixeira. Em tese de fôlego sobre a criminalidade urbana de São Paulo capital, ela se debruçou sobre dados referentes às detenções correcionais e apontou um salto de quase 200% desse tipo de prisão

³²⁵ Por óbvio, o Esquadrão da Morte nunca foi formalizado institucionalmente, embora todos soubessem de sua existência e até tivesse entre seus membros um delegado titular, Fleury, do qual falaremos adiante.

³²⁶ JOANIDES, op. cit., p.116.

³²⁷ Ibidem. p. 141

entre as décadas de 1950 e 1960, pulando de 2.409 para 7.114 detenções. Por fim, Teixeira corroborou com um recorte em sua base de dados o que Hiroito tinha levantado de memória, pontuando que a maior parte dessas detenções, mais de 50%, aconteciam apenas no território da Boca do Lixo:

A que se deveu esse aumento importante das prisões para averiguação na cidade justamente no começo dos anos 60? Primeiramente é preciso mapear onde essa modalidade de detenção correcional ocorreu com primazia. Os dados produzidos à época nos permitem aduzir que elas se concentravam justamente na região central da cidade, com especial destaque para a área correspondente à Boca do Lixo. Em 1960, das 7.114 prisões por averiguação, 2.836 foram realizadas entre a 1ª a 4ª Delegacias Circunscricionais, e em 1962, das 8.286 prisões por averiguação, 3.010 também se referiam a tais delegacias, ou seja, a área relativa à “Boca do Lixo”.³²⁸

Numa foto encontrada no Arquivo da Academia de Polícia de São Paulo - ACADEPOL, o leitor pode verificar o resultado de uma batida policial à Boca, em junho de 1964, que resultou em centenas de prisões para averiguação (figura 29). Na imagem, temos centenas de homens perfilados contra a parede, todos com as mãos segurando a cabeça, enquanto agentes da RUPA os observam. Entre os detidos, todos do sexo masculino, trajando roupas sociais, alguns de traje completo (incluindo blazer/paletó):

³²⁸ TEIXEIRA. op. cit, p. 74-75

Figura 29 - jovem delegado passando em revista os “vadios” presos para averiguação.



Foto: Arquivo da ACADEPOL, Museu do Crime de São Paulo.

Somado a isso, o regime militar passou a se utilizar desse discurso moralizante e do medo que lhe foi consequente, para vincular opositores políticos do regime, intelectuais, sindicatos, partidos etc., à criminalidade urbana. Vale ressaltar, antes de continuar, que a Polícia Militar, com o Decreto-lei Federal nº 667 de 2 de julho de 1969, passou a executar com exclusividade o policiamento ostensivo das ruas, que até então era feito pela Polícia Civil, com destaque para o fato desta ter um efetivo menor do que as outras forças de segurança, a Força Pública e a Guarda Civil.³²⁹ Esse dado, que a princípio pode parecer irrelevante, era o indicativo da liberdade que os agentes da Polícia Civil tinham, até 1969 (quando passa a dividir com a Militar), para abusar do poder discricionário nas abordagens cotidianas, tendo em vista o amplo território sob sua responsabilidade, sem nenhuma outra instituição para concorrer. Colocando em prática as formas mais heterogêneas, para dizer o mínimo, de aplicação da lei, sobrando uma extensa margem para os gerenciamentos dos

³²⁹BATIBUGLI, Thaís. **Polícia, Democracia e Política em São Paulo (1946-1964)**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 145.

diversos ilegalismos no espaço urbano de São Paulo. Após a criação da Polícia Militar e o Decreto 667/1969, restou à Polícia Civil apenas as rondas especializadas.

Importa lembrar que no ano de 1969, a repressão política atingia níveis alarmantes no imediato pós-AI-5. Dessa forma, a mudança de postura em relação ao território que conformava a Boca do Lixo, com todas suas atividades e sociabilidades heterogêneas, estava relacionada com uma preocupação do novo regime em responder às novas demandas geradas pela mudança de conjuntura política e a escalada da repressão. Não que no período democrático, imediatamente anterior, a repressão não fosse a tônica da atuação policial. Tratou-se apenas de uma mudança de estilo, objetivos e intensidade, que praticamente se “institucionalizavam” e ganhavam corpo no Esquadrão da Morte. Essa forma de violência, que teve no extermínio dos indesejáveis sua justificativa, só encontrou ancoragem moral com a estrutura autoritária da ditadura civil-militar, como pontuou Alessandra Teixeira:

Isso obviamente porque a violência institucional em São Paulo não surge com o Esquadrão da Morte, como também não é tributária apenas do contexto de intensa repressão que marcou a ditadura militar. Ela apenas encontrou no interior do regime condições mais favoráveis para se intensificar e se estabelecer como *modus operandi* por excelência no controle e repressão da criminalidade comum.³³⁰

Personagem central nessa mudança de postura da polícia paulistana, o delegado Sérgio Paranhos Fleury fez fama como a pessoa na linha de frente do Esquadrão da Morte. Sobretudo foi o agente responsável por coordenar diversas incursões contra a Boca do Lixo, em atuações marcadas por cenas cinematográficas dignas de filmes de ação, com direito a bota abaixo de prédios e apartamentos utilizados pelas prostitutas, com móveis e roupas jogados à rua pela janela. Conforme podemos observar na figura 30, as ações ordenadas ou coordenadas por ele sempre terminavam em móveis entulhados, roupas no chão e corre-corre, eram inclusive combinadas com repórteres e fotógrafos das colunas policiais, e no outro dia estampavam os jornais.

³³⁰ TEIXEIRA, op.cit., p. 95.

Figura 30: resultado da ação ordenada por Fleury,



Fonte: Biblioteca da ACADEPOL

Figura 31: Bota abaixo do Delegado Fleury.



Foto ACADEPOL

Os métodos utilizados por Fleury para desarmar os prostíbulos e treme-tremes da região foram equivalentes às representações desse tipo de ação em *O bandido da luz vermelha*: a imprensa acompanhando, fotografando cada detalhe, os expurgos pirotécnicos, os tipos e sujeitos socialmente marcados. Sem contar a utilização de cachorros e outros instrumentos. Conforme a figuras 30 e 31, na página acima.

Numa reportagem publicada na revista *Realidade*, o repórter Ramão Gomes Portão foi escalado para traçar um perfil político-psicológico do delegado linha-dura. A escolha do repórter, que não fazia parte da redação da revista, deu-se por dois motivos: Fleury era fechado à entrevistas na imprensa, sobretudo numa revista de “esquerda” como era a *Realidade*. Ramão, por também ter uma carreira de criminologista, era seu amigo pessoal.

Logo na introdução, Portão frisou aspectos da personalidade do entrevistado “Reafirmo hoje, depois de tanto tempo de razoável convívio com Fleury, que ele é um homem

difícil.” Essa dificuldade foi traduzida em termos que denotavam um sujeito de temperamento sistemático e taxativo: “Sabe ser amigo dos amigos, mas sempre fala ríspido e rápido, e não escolhe palavras, muito menos adjetivos.” Ramão, ainda na introdução, resumiu o personagem a ser perfilado: “Fleury é um dono da verdade e gosta de exhibir seu ‘machismo”. Por fim, passou para a descrição da sua forma de atuação, com ênfase inicial na cruzada contra a Boca do Lixo, que teve início em meados de 1964, quando ainda era apenas um delegado adjunto da RUDI, e culminou com o desmonte quase que total no início da década de 1970, quando o entrevistado havia ascendido ao posto de diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais, o DEIC:

Eu conhecia bem o policial violento, o homem que, entre outras coisas, provocou uma desumana "caça de mulheres em pleno centro de São Paulo. - Prostitutas e desocupadas invadiram determinada área do centro de São Paulo: a "boca do lixo". Fleury era adjunto e foi encarregado pelo delegado Moraes Novais de "limpar a área". E limpou mesmo: usando cães pastores da Força Pública contra as mulheres e os rufiões, Fleury conseguiu transformar a "boca" num verdadeiro inferno. Ele e sua turma depredavam os "braseiros" (hotéis de curta permanência), os "clandestinos" (apartamentos utilizados como rendez-vous) e as "portinhas" (lupanares com mulheres na porta). A campanha estourou nos jornais. Nunca havia acontecido coisa igual: os policiais incendiavam colchões, camas, móveis e os atiravam pelas janelas dos prédios. Quinze dias depois não havia mais "boca" no centro de São Paulo.³³¹

Na conclusão do argumento, Ramão destaca que as ações tiveram sucesso em desarranjar (não eliminar completamente) as atividades criminais da região da Boca. Porém, da forma como aconteceu com a extinção da Zona do Bom Retiro, numa espécie de eterno retorno do mesmo, resultou por espalhar toda essa gama de atividades e bandidos para outros pontos da cidade. A limpeza funcionou insatisfatoriamente “a boca saiu do centro, é certo, mas estava agora no Glicério, no Brás, na avenida Brasil, em todo lugar onde as mulheres pudessem sentir-se seguras”.³³² Esse argumento encontra reverberação na tese de Hiroito em seu relato autobiográfico:

Porém, com a escassez da caça no miolo da Boca, também a polícia expandiu o seu raio de ação, o que veio a forçar os habitantes afastarem-se mais ainda para escapar do arrocho policial, do que resultou no estabelecimento de pontos, domicílios, antros de prostitutas e delinquentes, quarteirões além dos limites até então observados pelo uso e costume – como pequenos tentáculos que com o correr do tempo e seguimento de infrutífera ação policial só iriam alongar-se mais e mais no rumo dos bairros adjacentes.

³³¹ **Revista Realidade**. n. 61, Ano VI., Abril, 1971. P. 36.

³³² JOANIDES, op. cit., p.168.

Nesse processo de dispersão em busca de maior segurança pessoal, o Aristeu, magnata da exploração de lenocínio, foi estabelecer-se com o seu negócio no largo do Arouche. Brandãozinho foi mais para frente, indo fixar-se na rua Bento Freitas, na área das boates que mais tarde iria adquirir o nome de “boca do luxo”. Quinzinho passou-se para a Alameda Nothman e o Calixto, traficante e explorador de primeira linha, ergueu seu quartel general na Amaral Gurgel. O Nelson andava pela cadeia e o Joãozinho Americano, sempre maneiroso, seguia “vendendo” os seus apartamentos de viração, já agora lá pela Rua das Palmeiras e Av. São João, para os lados da Praça Marechal Deodoro.³³³

Numa de suas reportagens-crônicas publicadas na coluna *Flagrantes*, que mantinha no *Notícias Populares*, o próprio Ramão constatou a ofensiva contra a prostituição e o lenocínio que fora inaugurada pela ascensão do delegado Fleury. Trata-se da já citada neste trabalho “Saudade de Manquinha”, publicada em abril de 1964, logo após o golpe militar. Na segunda parte da crônica, o então editor de polícia narrou, com seu estilo ornado de adjetivos e epítetos, a saída de Manquinha da Casa de Detenção e seu retorno às ruas da Boca: “Ela está de volta — a discutida e problemática Manquinha, a mundana das mil mãos”. Mas o que interessa, vem a seguir. Embora saibamos ter elementos ficcionais, o que Ramão descreveu, inclusive com referência de duplo sentido à ditadura militar, ao citar o termo “Revolução”,³³⁴ reforçou o argumento de que a Boca entrou em decadência a partir das investidas de Fleury e sua tropa, e que num contexto mais amplo, as investidas contra as práticas libidinosas tinham relação com a atmosfera de cotidiana repressão política e dos costumes instaurada a partir do golpe militar:

Mulher de grandes acontecimentos, ela saiu da Casa de Detenção para assistir de perto a revolução. Deve ter ficado triste com o espetáculo: as ruas praticamente desertas, o medo em cada esquina. Medo ou apreensão, não sei. Os otários se recolhem cedo no tempo de frio e as ameaças de guerra. Para ela já foi uma amargura estar fora da boca do lixo quando mais se intensificava o combate ao lenocínio. Com reforço dos agentes, com tacão de soldado, com os cães pastores farejando cheiro de putas, com o risco de se viciarem. Enquanto as mulheres sofriam restrições.³³⁵

³³³ JOANIDES, op. cit., p.168.

³³⁴ Não à toa que, de todas as crônicas publicadas em seu livro *Estórias da Boca do Lixo*, com suas 149 páginas, essa crônica seja a única que tem uma nota de rodapé. A nota é inserida exatamente quando aparece o termo “revolução”, seu conteúdo se limita a fornecer ao leitor a data em que foi escrita: “Estas páginas foram escritas em abril de 1964”, deixando evidente que o termo se refere a um contexto específico, a atuação do delegado Fleury esvaziando e botando abaixo os apartamentos da Boca, e a um contexto mais amplo: à Ditadura Civil-Militar instaurada em 31/03/1964. Outro detalhe, mas esse atribuímos à pura coincidência, a nota consta na página 64 do livro.

³³⁵ PORTÃO, op. cit., p.64.

3.5 Você vai virar chouriço, Xodó

Em outra reportagem da revista *Realidade*, de 1973, escrita pelo repórter Antônio Carlos Fon, traçou-se o perfil de um personagem cujo auge de sua trajetória na Boca ocorreu na transição entre os tempos de convívio harmônico com as forças de segurança e o surgimento e escalada do Esquadrão da Morte. Tratou-se de Mauro da Silva, que ficou conhecido nas páginas da reportagem policial sob a alcunha de Xodó. Um dos vários que figuraram nas páginas policiais com o epíteto de Rei da Boca. Os jornais costumavam escolher o próximo a ocupar o trono de acordo com a disponibilidade, como boa parte dos antigos donos da coroa estavam mortos ou presos, Xodó também teve seu efêmero reinado.

O escopo da reportagem oscilava entre a trajetória da personagem, o clima de violência gerado pelo Esquadrão da Morte e certa reminiscência dos tempos áureos da Boca. Dessa forma, começou descrevendo o encontro entre Xodó e um agente do Esquadrão na Praça Júlio Mesquita “exatamente no lugar em que, quando criança, costumava engraxar sapatos para ajudar a mãe lavadeira”, e que depois, durante um tempo, se tornaria “o centro do seu reinado”. O repórter citou a frase que Xodó ouviu quando cruzou com Fininho: “Prepara-se Xodó, que você vai morrer”. Os dois tinham sido colegas na cavalaria da Força Pública, local por onde vários dos homens-legenda da Boca passaram. Apesar de agente da Polícia Civil e integrante do Esquadrão, Fininho também teve uma breve carreira nos pequenos delitos e na vida boêmia desregrada, algo bastante comum entre os homens do regimento. Xodó recordou ter sido ele o preceptor de Fininho no mundo da malandragem: “Ele não era de violência não. A primeira mulher dele na Boca do Lixo, a Solange, quem arranjou fui eu; a segunda, a Cidinha do 83, também fui eu que arranjei.”

Pelo regimento da Cavalaria da Força Pública passaram, além de Xodó, Quinzinho, Castelinho, Brandãozinho, outras figuras públicas da Boca como o Delegado Deodato, que fez fama nos jornais como “caçador de bandidos”, mas que no cotidiano mantinha relações cordiais com os bandidos.

Xodó lembrou que foi recrutado para a Força Pública por um capitão de nome Juvenal, no início da década de 1950. O capitão já conhecia sua fama de bom lutador — conquistada em brigas na Zona da Rua Itaboca, onde já tinha duas amantes e lhes oferecia “proteção” — o convidou num encontro em meio às ruas do Bom Retiro: “menino, você vai para a Força Pública”. Importante pontuar que na década de 1950 ainda não existia a Tropa de Choque. Era o regimento de Cavalaria que cumpria essa função; por isso, valentia, destreza

na luta corporal e força física eram requisitos para o ingressante. No início de 1961, após ser transferido compulsoriamente para o Departamento de Polícia Militar, por mau comportamento, Xodó resolveu abandonar a Força Pública para se dedicar exclusivamente à boemia e as atividades criminais; encontrou na Boca do Lixo não apenas terreno fértil entre bares, jogatinas e casas de prostituição, mas também reencontrou muitos de seus antigos companheiros de regimento, como os já citados Quinzinho, Castelinho, Nordeste e Cangaceiro, sendo assim acolhido e tendo espaço para atuação.

Essa “coincidência” no fato de vários delinquentes da Boca terem passado pela força pública, no fundo, pode não ter nada de acaso. É antes, uma herança da estruturação das relações sociais e de classes herdadas do processo histórico de formação do tecido social brasileiro. Afinal, desde o período colonial, quando o regime escravista se dividia majoritariamente entre senhores e escravos, restando ao setor intermediário uma minoria de homens livres, a vida marginal e a pecha de vadios. Fora isso, sobrava, para alguns, “a opção de ingressarem na vida social através do favor, sendo aproveitados na maioria das vezes nos serviços de proteção, defesa e morte dos patrões”.³³⁶

Assim, a origem, condição social e a cor da maior parte dos indivíduos da Boca que passaram pela Força Pública reforçavam esse lugar destinado aos pobres e descendentes de escravizados, a vadiagem ou a incorporação às forças de segurança. Vejamos, Quinzinho herdou do seu pai, que era negro e pobre como ele. Xodó, que também tinha origem humilde e era negro, chegando a trabalhar de engraxate na praça Júlio Mesquita, foi recrutado na rua por um capitão da corporação que lhe foi simpático. Outros, como Cangaceiro e Nordeste, que se pode deduzir pelos nomes, eram migrantes nordestinos. Não é muito diferente o destino de muitos das classes populares hoje, basta olhar a configuração social das carreiras policiais menos cobiçadas.

Voltando à questão do seu encontro com o Esquadrão, ele lembrou a primeira vez que tomou conhecimento da existência de um grupo de extermínio formado por policiais com fito de “limpar” alguns sujeitos considerados de “alta periculosidade”. Recordou que estava em um bar da Praça Júlio Mesquita, quando o Delegado Deodato parou a viatura, entrou, o chamou para um canto reservado e avisou: “Puxa o carro (fuja), Xodó. Ouvi dizer que vão matar meia de dúzia de marginais.” Incrédulo, ele resolveu ficar e pagar para ver, no outro dia os jornais anunciavam a morte de um marginal de apelido “Bola Sete”.

³³⁶ ROCHA, Gilmar. op. cit.

Apesar da notícia, e da escalada do número de bandidos mortos a cada dia, Xodó continuou normalmente seus negócios e atividades na Boca. De forma tão natural que numa noite chegou a atacar uma viatura do 3º Distrito com a intenção de soltar uma prostituta, amante de um parceiro de bando, que havia sido presa para averiguação em uma batida. Esse fato o colocou na lista de prioridades do Esquadrão da Morte, sendo avisado, pelo mesmo Deodato, de que os Policiais haviam feito uma aposta para ver quem o pegaria primeiro. Numa noite, enquanto caminhava pela mesma Praça Júlio Mesquita, foi abordado de maneira sarcástica por Astoriges Correia, o Correinha, investigador da Polícia Civil e membro do Esquadrão: “É mentira Xodó, você não vai virar presunto não, você vai virar chouriço”, dando a entender que não seria apenas assassinado, mas que em seguida seu corpo seria queimado.

Talvez, se tivesse conhecimento da forma de atuação e do nível de agressividade do Esquadrão da Morte, os avisos dados, bem como os encontros com os agentes Fininho e Correrinha, o fariam ligar imediatamente o sinal de alerta. O método de eliminação adotado rotineiramente pelo Esquadrão consistia na eliminação diária de suspeitos e presos utilizando expedientes como o sequestro, espancamento, tortura, seguidos por rajadas de tiros, na maioria das vezes pelas costas. O ritual encerrava-se com o corpo abandonado em terrenos baldios, afastados do centro, mas não com a intenção de ocultação de cadáver. Além disso, telefonava-se para a imprensa para comunicar sobre a execução. Esse telefonema era realizado por um agente que fazia às vezes de “Relações Públicas” do grupo de extermínio, usando o codinome Lírio Branco.³³⁷ No dia seguinte a foto do “presunto” estava estampada nas páginas dos jornais.

No momento desses acontecimentos, segunda metade dos anos 1960, o Esquadrão da Morte já havia se consolidado, sendo um departamento não oficializado da Polícia. Não só se instaurou, como também expandiu seu formato de atuação para outros Estados e, principalmente em São Paulo, seus agentes já controlavam parte significativa das atividades relacionadas com o tráfico de entorpecentes. Xodó lembrou que circulava um comentário que o próximo passo do Esquadrão seria em direção ao controle do que restava dos bordéis das Bocas, do Lixo e do Luxo. Foi só então que ele se sentiu ameaçado, pois, era naquele

³³⁷ O jornalista Percival de Souza afirma que a pessoa por trás do codinome não fazia questão de esconder sua real identidade, tratava-se do delegado Alberto Barbour, e o uso do codinome era apenas para conferir um “charme” ao trabalho de porta voz do grupo de extermínio junto à imprensa, além de fugir de possíveis enquadramentos jurídico-criminais evitando que o nome próprio fosse estampado nas páginas noticiosas. *In*: SOUZA, Percival. **Autópsia do medo**: vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo: Globo, 2000. p.17-18. Sobre o Esquadrão da Morte em São Paulo ver: NASCIMENTO, Aline de Jesus. O Esquadrão da Morte no clipping e nas revistas semanais da Editora Abril (1968-1985). Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020. Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca.

momento um dos últimos remanescentes de uma prole antiga de bandidos da Boca que controlavam e ordenavam as atividades do meretrício. Sendo, portanto, um obstáculo a ser removido. Fugiu da Boca, comprou um caminhão e passou a trabalhar: “pela primeira vez desde que sai da Força Pública”³³⁸. Na estrada, fazendo fretes para outros Estados, comprava jornais e pela leitura ficava sabendo da morte de diversos ex-parceiros e conhecidos, como Horácio Fidalgo, traficante brutalmente assassinado pelo Esquadrão.

Ao feito de ter escapado por duas vezes da morte nos encontros com agentes do Esquadrão, atribui dois fatores explicativos: amizade e sorte. Principalmente com Fininho, que conheceu na Força Pública e com quem cultivou uma longa amizade regada a cervejas e jantares madrugada adentro no salão do Restaurante Tabu. Xodó retornou do seu retiro proletário depois que as coisas esfriaram, quando o Esquadrão já estava “desmontado”, mas a essa altura a Boca já não era tão pungente.

Em seu retorno para o ambiente no qual ganhou a vida à custa de exploração de lenocínio e flertes com o tráfico de entorpecentes, já na década de 1970, encontrou em terra arrasada. Muitos malandros presos, outros brutalmente eliminados, ruas vazias à noite, poucas casas e hotéis funcionando. Mesmo atuando em diversos ramos das atividades criminais, aspecto que o colocava mais próximo do tipo bandido urbano que do malandro, Xodó era do tipo que prezava pela conservação de um estilo visual, envolvendo desde as vestimentas aos cuidados com o corpo.

Foi numa de suas visitas diárias ao barbeiro, hábito que manteve após o seu retorno, que Xodó reencontrou com Fininho. Ele relatou que o já ex-membro do Esquadrão parou o carro na frente do salão e, com um sorriso no rosto o indagou: “Como é que vai Xodó? Vim te visitar porque você é o único malandro de verdade nesta Boca”³³⁹. Continuou o relato do encontro, dizendo que o ex-policial estava acompanhado de uma mulher. Os três saíram para tomar um café e durante a conversa no bar, Fininho confidenciou que estava buscando uma vaga para a mulher em algum bordel da região, no que Xodó respondeu prontamente que “já estava aposentado”, encerrando aí a conversa e se despedindo do amigo. Com uma frase que era um misto de melancolia reminiscência e diagnóstico, ao final da reportagem de *Realidade*, Xodó definiu o que o Quadrilátero havia se tornado após as investidas do Esquadrão “A Boca do Lixo está morta.”

³³⁸ **Revista Realidade**. n. 61, Ano VI., Abril, 1971. p. 36.

³³⁹ *Ibidem*, p.37.

Sob o signo da repressão cotidiana, institucional e política, que a ditadura militar impôs ao país e que recrudescer após o AI-5, o Esquadrão da Morte teve papel de destaque no “desmonte” da Boca do Lixo, enquanto lugar privilegiado da ambientação de economias criminais e práticas cotidianas libidinosas. A palavra desmonte vem entre aspas porque, como aconteceu com a extinção da Zona do Bom Retiro, as atividades exercidas na Boca não findaram após as investidas de Fleury e seus comandados. Ao contrário, espalharam-se por toda extensão da Paulicéia.

No entanto, o contexto de repressão ditatorial não deve ser o único fator explicativo para analisar a atuação do Esquadrão no “combate” à criminalidade urbana. Como frisou Alessandra Teixeira, pensá-lo apenas nessa chave escamoteia o aspecto mais importante “que vem a ser o papel por ele desempenhado numa economia diferencial de ilegalismos”³⁴⁰. Ou seja, uma mudança no *modus operandi* dos agentes policiais em lidar com a violência urbana visando qualquer outra coisa que não a eliminação dos “problemas causadores”, ao contrário, escalando de forma vertiginosa a participação de agentes policiais nos diversos negócios criminosos da cidade.

O perfil majoritário dos vitimados pelo grupo de extermínio era de pequenos traficantes de entorpecentes ou ladrões de ocasião, o que contradiz o discurso público emitido por seus agentes, sobretudo o do Delegado Fleury, de que o Esquadrão combatia apenas criminosos de grande vulto e alta periculosidade, “perigosos e irrecuperáveis”.³⁴¹ Em reportagem publicada no *Jornal da Tarde*, em julho de 1970, o na época combativo jornalista Percival de Souza, célebre por reportagens investigativas denunciando a atuação do grupo, fez um pequeno balanço do número de vítimas e uma denúncia que vinculava os agentes do Esquadrão ao nascente crime organizado, apontando a participação efetiva na reconfiguração e na gerência das economias criminais da cidade:

Mais de 150 pessoas foram executadas pelo Esquadrão desde 1968 até agora. Desse número, a maioria foi composta de traficantes de entorpecentes. O Esquadrão se envolveu numa verdadeira guerra entre traficantes, dando proteção a determinados grupos, e eliminando seus principais concorrentes, “uma guerra suja e sórdida, diz gente da própria Polícia. Sobre isso existem inquéritos na Comissão Estadual de Investigações, órgão que investiga casos de corrupção e enriquecimento ilícito.”³⁴²

Ao pesquisar o que a imprensa publicava sobre o Esquadrão é interessante notar que, dentro de um mesmo conglomerado de comunicação circulavam interpretações conflitantes

³⁴⁰ TEIXEIRA, op.cit., p.63.

³⁴¹ **Revista Realidade**, op. cit., p.38.

³⁴² SOUZA, Percival. Você vai morrer, Guri. **Jornal da Tarde**, 24 jul 1970, p. 6.

sobre o tema, caso do grupo Estadão. Se o *Jornal da Tarde* ficou conhecido como o principal veículo a se empenhar na investigação e denúncia das ilegalidades, abusos e assassinatos do Esquadrão da Morte — tendo os jornalistas Percival de Souza e Marcos Faermann como os repórteres destacados para essa tarefa — o principal e maior jornal do grupo, *O Estado de São Paulo* tinha posição mais dúbia, oscilando entre reportagens crítica e apoio. Por vezes chegava a atuar como linha auxiliar do Esquadrão da Morte, repercutindo, praticamente sem filtros e ponderações, o discurso de atuação exemplar dos agentes contra a marginalidade urbana que se alastrava pela capital. Exemplo disso foi uma reportagem publicada no final de outubro de 1969, cujo título era “É difícil a luta contra o submundo”, no parágrafo introdutório, o jornal, sem citar a Boca, já delimitava exatamente as práticas, sujeitos e o local onde estava localizado esse submundo ao qual o título se refere (o entorno do 3º Distrito), vejamos:

Prostitutas, viciados, policiais corruptos, marginais comuns. Tudo isso forma um pequeno mundo, ou um submundo, como a crônica policial prefere chamá-lo. Tudo isso também forma a área correspondente ao 3º Distrito Policial. E é contra esse mundo que os policiais estão lutando, procurando atingir, inicialmente, a prostituição. Com ela eliminada, o restante irá desaparecendo naturalmente, acredita a Polícia.³⁴³

Interessante notar como o jornal tomou por autêntico e verdadeiro o propósito da “luta” do grupo de policiais, “atingir, inicialmente a prostituição”, ignorando, dessa forma, o já conhecido e denunciado modo de gerenciar os ilegalismos posto em funcionamento pelo Esquadrão, como a prática de proteger alguns traficantes e atacar outros. Além de sequer questionar a intenção dessa inflexão na atuação em direção à prostituição e à região do quadrilátero do pecado. O jornal ainda reproduziu um dos jargões mais repetidos pelo Delegado Fleury e demais membros do grupo, o de que não adianta prender porque a justiça solta. Em uma passagem culpou os dispositivos da lei e o judiciário pela perpetuação das mulheres da vida nas ruas centrais da Paulicéia, colocando de um lado os heróis combatentes pelos bons costumes, o Esquadrão, e do outro os vilões cúmplices da pouca vergonha, a justiça e os dispositivos jurídicos:

Esse combate, entretanto, enfrenta vários obstáculos. Um deles é o fornecimento, às prostitutas de *habeas corpus*. Com ele, a mulher quase nem chega a ser presa e, quando é detida, sai depois de 2 ou 3 dias, pois, pela legislação, a prostituição não é crime. Os únicos casos positivos, passíveis de pena, são os de exploração do lenocínio. É o que ocorreu há uma semana:

³⁴³ É difícil a luta contra o submundo. **O Estado de São Paulo**. 25 out. 1969, p. 12.

Wanda Greibus, tida como a Rainha do Lenocínio, presa em flagrante na quinta-feira, foi solta anteontem.³⁴⁴

Ainda nesse sentido, o jornal passou a elogiar as ações de bota-abixo empreendidas por Fleury e seu bando na Boca do Lixo, “a única medida viável é a do esvaziamento dos prédios reconhecidos como verdadeiros prostíbulo”. A tônica do texto recaiu exclusivamente sobre o “problema da prostituição” e sua incidência na “degradação” da área central. Numa espécie de eterno retorno de um velho argumento: acreditou que o desmonte dos HO’s e a expulsão das mulheres inevitavelmente devolveriam ao centro a “pompa e as circunstâncias” de outrora. Não apenas, ao retirar as mulheres, outra antiga tese reapareceu: levaria junto, e automaticamente, toda a economia criminal que coexiste com a prostituição.

Elas saindo, levarão consigo grande parte do mundo marginal que as cerca, pois os exploradores não vivem sem as prostitutas. Ambos também são elo de ligação com traficantes de entorpecentes que os ligam a viciados e criminosos.³⁴⁵

Sobre esse período de intensa repressão ao quadrilátero do pecado, levado a cabo pelas rondas do Delgado Fleury, Hiroito analisou argumentando que servia para inflar os gráficos das estatísticas. Fazendo o “ganha pão” da reportagem policial, ao mesmo tempo em que justificava para a população leitora o investimento dos impostos em segurança pública.³⁴⁶ Enquanto isso, os agentes aumentavam sua participação nos dividendos oriundos das atividades ilegais. Numa passagem de seu texto exemplificou com a ironia que lhe era cara:

Já pensaste que bacana a notícia: “no dia tal as rondas unificadas da delegacia X efetuaram a prisão de 178 marginais”, estampada nos jornais? Um repórter amante das estatísticas poderia também publicar, no dia seguinte, aproveitando o assunto: “na data de hoje a delegacia X soltou 174 marginais que as suas rondas unificadas em data de ontem haviam detido”. Bem, mas esse é o tipo de estatística que não interessa a ninguém. Com referência às prostitutas, outra não é a palavra de ordem: prendê-las. E podia-se acrescentar amanhã a gente solta... para voltar a prendê-las dias depois da engorda das estatísticas.³⁴⁷

Se as tropas de Fleury obtiveram sucesso em sua cruzada para desmontar a Boca, depende do ponto de vista. Mas quando pergunta é em relação à criminalidade, a resposta é óbvia, não só não conseguiu por fim a criminalidade como esta acabou por se reconfigurar. Ocupando várias partes da cidade. Hiroito encerra seu relato narrando esse resultado melancólico das operações policiais contra a Boca:

³⁴⁴ Ibidem.

³⁴⁵ É difícil a luta contra o submundo. **O Estado de São Paulo**. 25 out. 1969, p. 12.

³⁴⁶ JOANIDES, op.cit., p. 107.

³⁴⁷ Ibidem, p.107.

A cidadela dos desajustados não resistira aos assédios das tropas moralistas e seus habitantes, em fuga, espalharam-se por toda a cidade, invadindo áreas de comércio, as zonas residenciais, misturando-se à *gente de bem* de todas as classes sociais. [...] A Boca do Lixo morrerá? Não, pelo contrário, crescerá assustadoramente. E seguirá crescendo. Hoje ela ocupa uma área de 1.493 km². Exatamente a superfície ocupada pela cidade que mais cresce no mundo.³⁴⁸

³⁴⁸ Ibidem. p.255.

CAPÍTULO IV

O BANDIDO-ESCRITOR: HIROITO RETORNA À CENA APÓS O OCASO DA BOCA

A década de 1970 marcou o auge e o declínio da trajetória de Hiroito. A Boca havia sido “varrida” pelas rondas do delegado Fleury. Ele se encontrava preso, após alguns episódios degradantes relacionados ao vício e ao divórcio com Zenaide, gerente dos seus negócios. Sua última condenação, pela qual passou boa parte da década detido, tinha sido destacada em jornais de vários Estados, pois tratava-se de mais um de seus grandes feitos: era a maior pena já aplicada a um traficante, lastreada pelo recém aprovado Art. 281 do Código Penal (tráfico de entorpecentes). A repercussão dessa prisão/pena extrapolou até mesmo os limites regionais e chegou ao Nordeste do país. O *Jornal do Comércio*, de Pernambuco, sublinhou numa nota: “Essa é a maior pena aplicada pelo crime de tráfico no Brasil”³⁴⁹. A *Folha de São Paulo* destacou uma manchete: “Hiroito, o traficante, condenado”, deixando a entender que o mesmo tinha várias facetas criminosas e foi condenado apenas por uma delas. E *O Estado de São Paulo* publicou um extrato da sentença proferida pelo juiz da 24ª Vara Criminal de São Paulo, Carlos Alberto de Souza Lima:

O marginal Hirohito (sic) de Moraes Joanides, conhecido como o rei do tóxico, foi condenado a três anos de reclusão, três de medida de segurança, multa equivalente a setenta vezes o maior salário-mínimo vigente no País e quatro meses de detenção por porte ilegal de armas.³⁵⁰

A década começou de forma um tanto conturbada, com uma torrente de eventos que sinalizavam a decadência do antigo “Rei da Boca”, a exemplo da longa pena por tráfico. No entanto, Hiroito, que sempre teve seu comportamento enquanto preso elogiado por agentes da lei, aproveitou o longo período de reclusão para treinar e aprimorar sua escrita, chegando a colaborar, antes mesmo do lançamento do seu livro, com a imprensa alternativa publicando um conto no jornal vanguardista *Versus*³⁵¹.

A princípio tinha objetado escrever um livro sobre as prisões, mas foi convencido pelo jornalista Orlando Criscuolo — que o visitava sempre na prisão e sabia da sua verve literária,

³⁴⁹ *Jornal do Comércio*, 06/09/1972, p.3.

³⁵⁰ *O Estado de São Paulo*, 13/07/1977.

³⁵¹ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p. 41.

erudição e capacidade analítica — a escrever um relato sobre sua experiência no universo criminal da Boca.

Alguns repórteres policiais mantinham o costume de visitar a casa de detenção. Não por motivos filantrópicos, mas porque faziam do cotidiano da cadeia matéria-prima para seus textos publicados em revistas e jornais. Era o caso do jornalista Percival de Souza, à época um jovem promissor na reportagem policial. Percival escrevia para o nanico e sofisticado *Jornal Ex-* uma coluna chamada “Baixa Sociedade”, que consistia em crônicas jocosas sobre o cotidiano do crime. O tom dessa coluna criava um clima meio saudosista, lembrando figuras lendárias da Boca do Lixo como Teleca, Carola, Baiana do Simca, Quinzinho, Xodó, Brandãozinho etc. Essa coluna também cobria o cotidiano da Casa de Detenção, que era apelidada de “Hotel do Guedes”, em referência ao nome do então diretor do presídio estadual. Percival também carimbou a indicação da editora *Edições Populares* para publicar o livro de Hiroito, fazendo a ponte entre o escritor e o seu futuro editor, Analdino Rodrigues. Não só, foi com ajuda de Percival, que tinha bom relacionamento com o então diretor da casa de detenção, Sr. Guedes, que o editor conseguiu as autorizações para visitar o escritor na cadeia fora dos horários oficiais. Nesses encontros, o editor pegava parte dos originais, devolvia outra parte com anotações e/ou sugestões de alteração e negociava os termos para assinatura do contrato, frisou o Sr. Analdino em depoimento para esta pesquisa.³⁵²

Já o autor, ao lembrar o trajeto entre a preparação dos originais e a publicação, destacou apenas o papel de Criscuolo como mediador entre ele e o mercado editorial. Em uma entrevista à *Revista Escrita*, um entrevistador o perguntou: “E você já tinha a proposta da editora para escrever o livro?”, a resposta foi sucinta e enfática: “Não. Tudo foi o Criscuolo que conseguiu. Eu escrevia e semanalmente mandava para a rua, passava pela censura e ia pra mão do Criscuolo e o Criscuolo encaminhava à editora.”³⁵³ O trabalho de escrita durou onze meses. E entre o final da escrita, o envio do último capítulo e a publicação passaram-se dois meses. A entrevista aconteceu na sede da revista, onde funcionava uma livraria, que além de vender livros e revistas, também servia como espaço de eventos como saraus, debates, encontros de escritores, rodas de choro.

³⁵² Entrevista com o Sr. Analdino Rodrigues, Editor da editora Edições Populares. Realizada via google meet em 22 nov. 2023.

³⁵³ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora. Julho/1979 p.90.

Figura 32: Gravura de Hiroito publicado na introdução da entrevista para a Revista Escrita



Fonte: Revista Escritas

Ambos escreveram um prefácio para o livro. Percival enfatizou a riqueza de detalhes com a qual o autor dissecou o cotidiano em que se desenrolavam as diversas relações, sociais, econômicas e criminais da região que após o fim/desmantelamento da Zona da Itaboca e Aimorés se transfiguraria no “quadrilátero do pecado”. Por fim, o inseriu como pioneiro:

Trata-se de uma contribuição preciosa àqueles que pretendem saber alguma coisa de concreto sobre esse lugar que se convencionou chamar de submundo. Depois de *Estórias da Boca do Lixo*, de Ramão Gomes Portão, com sua incrível personagem *Betona* — mulher superdotada que seria uma espécie de rainha da Boca, o livro de Hiroito é o segundo a relatar fatos reais desse mundo de facetas ignoradas.³⁵⁴

Já no prefácio escrito por Orlando Cirscuolo ficava evidente que este tinha uma relação mais próxima com o autor, ou pelo menos já o acompanhava, em lados opostos, desde

³⁵⁴ JOANIDES, op. cit., 1977, p. 13.

os tempos em que atuava no submundo. Fato esse que o prefaciador fez questão de demarcar “Durante anos vivemos em mundos diferentes”, para em seguida relatar um encontro um tanto inusitado quando deparou-se com Hiroito trabalhando em um escritório, tentando voltar a conviver em sociedade e ganhar a vida honestamente: “Um dia, ao entrar no escritório de um famoso advogado de São Paulo, fui surpreendido ao encontrar Hiroito sentado a uma máquina de escrever”.³⁵⁵ O dono do escritório em questão era o advogado criminalista e político Samir Achôa, amigo de longa data de Hiroito, que o defendeu na maioria dos processos judiciais. Como já dito em outro capítulo, Samir foi vereador, deputado Estadual e Federal.

Sobre essa passagem pelo escritório, foi um momento importante na transição entre o bandido-leitor e o escritor-bandido. É importante frisar que a amizade entre os dois era antiga, Samir defendeu Hiroito em inúmeros processos. Em uma rápida consulta ao *Diário Oficial da Justiça de São Paulo*, podemos constatar diversos processos nos quais ele apareceu como advogado do Rei da Boca, num período que vai desde o início dos anos 1960 até os anos 1980

Sobre os motivos que originaram essa amizade, se foi por afinidades eletivas, por compartilharem mesas de bares durante a fase boêmia de Hiroito ou se porque o advogado, ao ser contratado para defendê-lo, percebeu estar diante de alguém com vasto conhecimento e capacidade intelectual, não sabemos e os documentos consultados não dão pistas. O fato é que, a trajetória dos dois se entrelaça e é possível perceber que dura pelo menos 20 anos de mútua contribuição. Na mesma entrevista à *Revista Escrita* foi feita a seguinte pergunta “O que te deu a ideia de escrever um ensaio sobre a criminalidade?”. Na resposta foi possível aferir a importância que o advogado e a oportunidade dada por este ao autor para trabalhar em seu escritório tiveram na viabilização do livro e da carreira de escritor, pois foi ponto de encontro com seu agente das letras, como podemos deduzir da resposta de Hiroito:

Em 1970 saí da prisão e já não aguentava mais a vida do crime, eu estava saturado, e procurei auxílio de um amigo meu, que é o Samir Achoa, vereador, e meu amigo antes de ser vereador. (*Nessa altura o filho de Hiroito, Jorge, que continuava choramingando, resolve urinar na calça do pai e Hiroito protesta.*) Que é isso filho? Mijando no bandido? (*pausa enquanto ele ajeita a criança sem tira-la do colo*) Bem, o Samir tentou me arrumar um emprego e não conseguiu. Um amigo milionário que ele tinha me mandou fazer um exame psiquiátrico para ver qual era a minha e então desconversou. Eu acabei ficando como secretário do próprio Achoa durante um ano e meio e tive razoável melhora. Todo mundo ficou me conhecendo como secretário do Samir Achoa, a polícia, os juízes, os desembargadores, todo mundo. Então aí houve a rejeição, que foi o maior problema que eu encontrei. Mesmo com o prestígio dele, o apoio dele, havia a rejeição. Todos no escritório ficavam me conhecendo, conversavam comigo, mas nunca me

³⁵⁵ JOANIDES, op. cit., 1977, p. 18.

convidavam para sair junto, para ir num teatro, num cinema. Nesse meio tempo um repórter, o Criscuolo, dos Diários, que durante 20 anos não fez outra coisa senão atacar-me, precisou do Achoa para fazer um recurso, um mandado de segurança. Ele chegou lá e o Samir disse: “Fala com o Hiroito que ele resolve”. Daí eu fiz o mandado e ele ganhou. O Criscuolo achou que eu tinha facilidade de expressão muito boa, daí começou toda aquela história: “Pô, escreve sua vida.” Onde me via ele vinha com essa.³⁵⁶

Outro aspecto interessante de notar nessa resposta é que Hiroito tinha total noção dos usos do capital simbólico nas diversas esferas das relações sociais. Ele sabia que o fato de trabalhar no escritório de um reconhecido advogado criminalista, e político, melhorava sua imagem diante dos atores e agentes do poder judiciário e policial, pois além da influência do seu chefe, o fato de trabalhar passava a imagem de que o bandido estava em vias de se regenerar e ser reinserido nos papéis aceitos (no drama da vida social) pela sociedade. Por outro lado, tinha também consciência de que o simbolismo em torno de seu passado delinquente pesava na relação com seus colegas de trabalho que se recusavam a confraternizar com ele fora do escritório.

Sobre o encontro com o repórter que viria a ser o mediador entre ele e o mundo editorial, em outra resposta Hiroito lembrou que o repórter foi um dos que mais o “perseguiu”, inclusive explorando à exaustão a história do parricídio. Chega a rotulá-lo como “o papa da imprensa amarela”. E lembrou um episódio que aconteceu enquanto estava preso no 3º distrito policial e o então repórter do *Diário da Noite* foi entrevistá-lo. Relatou que nessa ocasião o mesmo começou a falar de Deus e “daí não aguentei e dei aquela cuspidade nele. Ele ficou branco, chegou o agente, o Criscuolo virou as costas e foi embora”³⁵⁷. Porém, o episódio do encontro no escritório e da confecção da exitosa peça jurídica por Hiroito acabou por torná-los amigos, e diante da insistência do repórter para que o bandido com talento literário escrevesse sobre sua vida, o texto do livro acabou saindo.

Voltando ao prefácio de Criscuolo, ele descreveu que ficou curioso em relação ao conteúdo do trabalho que estava sendo digitado pelo ex-rei-da-boca e comentou: “Ele estava preparando um recurso para o Tribunal de Justiça Defendendo um delinquente. E que recurso!”.³⁵⁸ Por fim, finalizou o prefácio descrevendo que infelizmente a regeneração não durou muito tempo, relatou um reencontro na prisão:

³⁵⁶ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979. p.89 (Impressa).

³⁵⁷ *Ibidem.* p. 90.

³⁵⁸ CRISCUOLO, Orlando, Prefácio. *In:* JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo.** São Paulo: Edições Populares, 1977, p.18

Um dia, indo à casa de Detenção em missão jornalística, vi e falei com Hiroito. Durante quase uma hora. Falei-lhe sobre este livro. Procurei incentivá-lo a escrever sua história, já que tinha certeza ser ele um ótimo escritor. Durante meses voltei a martelar na mesma tecla, até que, hoje, sinto-me plenamente recompensado, aqui estou para agradecer ao homem a confiança que ele sempre teve em si mesmo; “nunca diga, em tudo que escrever sobre mim, que sou um homem incapaz de amar”. Aqui está a prova de que Hiroito sabe amar.³⁵⁹

Percival de Souza foi o responsável por articular as visitas do editor ao autor, para acertar os detalhes da publicação, já com os originais prontos. O agenciador do processo de autorização para Hiroito pudesse escrever o livro no cárcere foi Orlando Cirscuolo. O autor relembra nessa mesma entrevista a dificuldade que foi para conseguir a autorização do órgão de censura da ditadura militar, disse que o repórter escreveu uma carta para o juiz corregedor nos seguintes termos: “Se não derem autorização vou entrar com mandado e fazer uma série de reportagens explicando que é um absurdo.”³⁶⁰ Se levarmos em conta que era o contexto da ditadura, podemos estranhar o tom petulante com o qual o repórter se dirigiu à autoridade da censura. Mas, se atendo à sua trajetória, lembramos que ele tinha bom trânsito com o regime e com grande parte da polícia e judiciário paulista. Além de ser um dos mais lidos repórteres policiais do país; provavelmente, se utilizou desse acúmulo e influência para pressionar, o que nas palavras de Hiroito acabou por autorizar a escrita, mas não sem abrir mão de ler em primeira mão o que o ex-delinquente estava escrevendo: “[...] o que escrevi passou pela censura, quer dizer, não cortaram nada, houve trechos que tive que explicar, me chamaram lá e tal, tudo que escrevi passou pelos homens [...]”³⁶¹

A Edições Populares era uma das muitas pequenas editoras que pulavam no mercado no contexto dos anos 1970, década marcada pelo momento mais repressivo e violento da ditadura militar— embora, no final da segunda metade da mesma década começava-se a respirar um clima de abertura. Nesse clima, grupos políticos ligados às diversas correntes da esquerda e da oposição ao regime começaram a lançar publicações periódicas e editoras. O historiador Laurance Hallewell, em sua grande obra sobre a história do livro no Brasil, ressaltou a diferença entre o início e fim da década de 1970, fase que marcou o começo de sua pesquisa e a finalização da escrita do capítulo sobre o que chamou de período de abertura:

A versão original desta história baseou-se em pesquisas que realizei no Brasil, em 1970 e no início de 1971. Não voltei ao país senão em 1979,

³⁵⁹ CRISCUOLO, Orlando, Prefácio. In: JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977, p.18.

³⁶⁰ **Escrita: revista de literatura**. Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979. p.89.

³⁶¹ *Ibidem*. p.89.

quando fiquei assombrado ao ver o quanto o ramo livreiro havia mudado nesses oito anos. Até a venda a varejo parecia prosperar: a cadeia das Livrarias Siciliano, na Grande São Paulo, fundada em 1928, anunciava um aumento de 25% das vendas de 1978 em relação a 1977. O número total de editoras comerciais tinha crescido consideravelmente no país: a segunda edição do Guia das Editoras Brasileiras, do Snel, registrava 481 empresas no ramo livreiro.³⁶²

O idealizador e dono da Edições Populares a inseriu na leva de pequenas editoras, cuja finalidade era lançar livros de cunho político programático. Ele contou que era um momento propenso a esse tipo de publicação, uma vez que a atividade de oposição ao regime criou uma rede de relações entre militantes, intelectuais, organizações e jornalistas. Isso ajudava na produção, divulgação e distribuição dos mais variados tipos de impressos produzidos pelos “nanicos”. Segundo Bernardo Kurcinski, num período de 15 anos em que durou a fase mais fechada do regime, 1964-1980, surgiram mais de 150 periódicos da imprensa alternativa, todos de oposição ao regime militar.³⁶³

Essa rede de impressos também se mostrava como campo fértil para a divulgação dos livros produzidos pelas pequenas editoras, já que essas não dispunham de departamento de marketing para alcançar uma divulgação nacional e na grande imprensa (com exceção de alguns jornalistas mais à esquerda que ocupam cargos nos cadernos culturais dos grandes jornais). O Sr. Analdino conta que fundou a editora com o dinheiro de uma indenização trabalhista³⁶⁴. Entre os títulos lançados, encontramos uma variedade de temas, abordagens e escritores. Desde um livro de Che Guevara — A Revolução Cubana — a uma obra sobre a sociedade do automóvel, passando por livros de cunho religioso relacionados com a ala progressista da igreja, chegando a traduções de Karl Marx. O livro de Hiroito foi o segundo lançamento da recém-criada editora; também o seu primeiro, e talvez único, sucesso de vendas. Pouco mais de 6 meses de lançado, o livro atingiu a impressionante marca de 18 mil exemplares e três edições.³⁶⁵ Ao todo, o livro teve cinco edições com tiragens de 5 mil exemplares cada, todos esgotados, totalizando de 25 mil exemplares vendidos, o que era um grande feito para o contexto do mercado livreiro da época. O famoso nanico *O Movimento*, destacou o sucesso de vendas de “Boca do Lixo” com uma blague em forma de título: “HIROITO CONDENADO À SEGUNDA EDIÇÃO”, seguido pelo texto em tom espirituoso:

³⁶² HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo:Edusp, 2005, p.727.

³⁶³ KURCINSKI, Bernardo. **Jornalistas revolucionários: Nos tempos da Imprensa Alternativa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. p.11.

³⁶⁴ Entrevista com o Sr. Analdino Rodrigues, editor da editora Edições Populares. Realizada via google meet em 22 nov. 2023.

³⁶⁵ **Jornal do Brasil**, 04 dez. 1978.

Desta vez o crime foi ter conseguido esgotar os cinco mil livros da primeira edição de “A Boca do Lixo” (sic) — romance sociológico sobre a criminalidade e a prostituição, quando esta, em São Paulo, ainda era confinada às Ruas Aurora, Vitória, Timbiras e adjacências, onde o autor, Hiroito de Moraes Joanides, considerado “rei”, era a figura de maior expressão.³⁶⁶

Estranha, na citação acima, o fato de *O Movimento* classificar o texto no gênero “romance sociológico”, a estrutura do relato nada tinha de romance, seu texto mais se aproximou do ensaio — autobiográfico, claro — com disposição sociológica. Embora o autor tenha trabalhado com marcos temporais, a exemplo da extinção da Zona e do início das campanhas do Delegado Fleury contra a Boca do Lixo, não existia a construção de uma temporalidade com os movimentos de personagens e encadeamento de uma narrativa de início, meio e fim, que caracteriza boa parte dos romances. Antes, teve uma densidade analítica multidisciplinar, onde os personagens, reais, apareceram envoltas às estruturas do Estado. Ou ainda, classificados como desviantes, escória, sujeira, nos relatos da imprensa, que Hiroito criticou. O próprio autor, em entrevista, enfatizou o caráter analítico-ensaístico de seu texto, estabelecendo inclusive os interlocutores que estavam na sua mira quando da urdidura do livro. Uma característica que impressiona no Hiroito-escritor foi que ele tinha total domínio sobre o que pretendia (não sobre o que aconteceu) com sua escrita:

Eu sempre pensei em escrever me dirigindo não ao público, ao grande público, mas àqueles estudiosos da criminalidade, para abrir um pouquinho a visão deles, tirá-los das mesas deles, dos relatórios judiciais, dos boletins. Não seria então para ganhar dinheiro, mas para prestar um serviço aos que se dedicam ao estudo da criminalidade. Quanto ao “Boca do Lixo”, acho que atingi o público pela minha capacidade de apresentar a dinâmica das coisas. Mas isso aí não leva a nada. Já vendi 13 mil exemplares, mas muitos dos que compraram e leram censuram justamente essa parte em que eu me meti a refletir, eles queriam ação.³⁶⁷

Mas a nota de *O Movimento* continua, dessa vez comentando sobre as dificuldades de sobrevivência dos autores e editores no Brasil de poucos leitores. Fazendo uma análise sociológica sobre as dificuldades em se criar leitores no país, mas mantendo o tom de blague e destacando, desta vez, o nobre feito do ex-dono da Boca:

Num país onde a leitura é privilégio de alguns poucos – os motivos vão desde vista fraca, por subnutrição, até a falta de visão dos editores — esgotar uma tiragem, mesmo pequena como essa, em apenas quatro meses é para se

³⁶⁶ **Jornal Movimento**. 20 fev.1978, p.18. (Hemeroteca do Arquivo Público de São Paulo)

³⁶⁷ **Escrita: revista de literatura**. Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979. p.91.

fazer uma festa de fechar o “Tabu” — famoso restaurante localizado nas “bocas” onde o autor costuma comemorar.³⁶⁸

O esquema de divulgação e distribuição era bem amador, feito no estilo boca-a-boca, mão-a-mão. Segundo o Sr. Analdino Rodrigues, as pequenas editoras tinham uma rede de relações que envolviam acadêmicos, críticos e jornalistas em diversos órgãos e instituições, e o trabalho de divulgação consistia em acionar essa rede, levando às mãos de cada um exemplar do livro. A curiosidade em torno da figura do escritor-bandido já era um tanto aguçada, e a fama de escritor talentoso já era conhecida por boa parte dos intelectuais e jornalistas. Então, segundo o editor, ele saía de redação em redação, entregando livros para serem resenhados, assim como buscava deixar exemplares com juristas, advogados, professores e críticos literários. O próprio autor narrou que vendia o livro de porta em porta, e também os distribuía nas livrarias de São Paulo. Retomando a nota publicada em *O Movimento*, a conclusão destacou o trabalho artesanal/amador de divulgação e distribuição das pequenas editoras:

Isso foi conseguido graças aos trabalhadores classificados pelo imposto de renda como autônomos, categoria em que se inclui toda espécie de subempregados, como ambulantes e camelôs, e em que a necessidade de sobrevivência também incluiu os editores de livro, que saíram às ruas oferecendo-o em bares, igrejas, portas de teatros etc. Para o lançamento da segunda edição ilustrada no dia 20/03/1978, foi escolhido um *snooker*, onde se costuma reunir toda a “malandragem”. Esperamos que aconteça com o livro o mesmo que aconteceu com a prostituição, que se espalhou por toda cidade, como afirma Hiroito na conclusão de seu livro.³⁶⁹

Devido à (má) fama pretérita do autor, o interesse pelo relato do ex-rei da Boca do Lixo começou antes mesmo do lançamento. Na entrevista à *Escrita*, o perguntaram sobre o fato de que, mesmo ele tendo afirmado não querer atingir o grande público, o livro acabou vendendo mais do que a maioria dos autores que escrevem para atingir o topo das vendas. No qual ele responde: “Isso é devido a minha fama de delinquente, não pela obra.”³⁷⁰ De fato, *Boca do Lixo* vendeu mais do que muitos *best-sellers*. Em seguida, o jornalista Hamilton Trevisan o comparou a outro famoso escritor-delinquente: “Mas o Jean Genet, que é um cara, pelo menos em termos de vida, paralelo, vendeu muito também pelo fato de ser delinquente”, no qual Hiroito retrucou: “mas ele não tinha o nome que eu tinha quando fui delinquente”³⁷¹.

³⁶⁸ **Jornal Movimento**. 20 fev. 1978, p.18. (Hemeroteca do Arquivo Público de São Paulo)

³⁶⁹ *Ibidem*. p.18.

³⁷⁰ **Escrita: revista de literatura**. Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979. p.91

³⁷¹ **Escrita: revista de literatura**. Ano IV. n. 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979. p.91.

Numa nota de 27 de agosto de 1977, um mês antes do lançamento de “Boca do Lixo”, o jornal *Estado de São Paulo*, sob o título de “Hiroito deixa cadeia e promete não voltar”, descreveu a ficha corrida do autor, relatou sua soltura e destacou a iminência do lançamento de seu trabalho, o que reforçou a ideia de que antes mesmo de sair da gráfica já se formou um burburinho, uma expectativa em torno do livro:

Hiroito de Moraes Panayotis Joanides, processado 43 vezes por agressão e tráfico de entorpecentes, e condenado a 12 anos e seis meses de prisão [...]deixou a Penitenciária ontem à tarde, depois de ter sido beneficiado com liberdade condicional [...] Hiroito prometeu ao diretor nunca mais voltar: “quero ser aceito pela sociedade e viver como uma pessoa normal, sem me preocupar em fugir da polícia dia e noite” [...] Explorando seu prestígio entre os homens que se envolveram com a polícia há alguns anos — Xodó, Quinzinho, Brandãozinho, Osny, Wandona e Baiana do Sinca — Hiroito escreveu um livro com o título “Boca do Lixo” e está preparando outro, cujo título será “Memórias da prisão”³⁷²

Assim, o interesse pelo ex-delinquente que virou escritor era algo que já circulava entre os jornais de diversas matrizes. Sejam os grandes jornais da imprensa, de verniz liberal modernizante, que durante os 1960 reservavam espaço em pequenas notas do cotidiano sobre as peripécias da Boca do Lixo ou os Diários de cunho “popular” que cobriam diária e minuciosamente os acontecimentos da região, com detalhamento de seus feitos, movimentos, comércio e até mesmo de sua vida particular, transformando-o em homem-legenda. Portanto, esse imaginário construído em torno do Hiroito bandido estava relacionado com o grande interesse por parte da crítica e do público pelo seu livro. Só que agora ele sabia usar esse interesse a seu favor, demonstrando ter controle sob sua pretensa – e promissora, no período - carreira de escritor.

Um fato que intriga ao pesquisar esse período, foi que Hiroito ressurgiu como escritor levado pela então imprensa alternativa, de esquerda; da esquerda não ortodoxa, ou “imprensa existencial”, termo cunhado por Bernardo Kurshinki para se referir a alguns veículos inspirados numa concepção vanguardista e estética do trabalho jornalístico, preocupados com a forma de apresentação do conteúdo de suas matérias, ligados à contracultura e à Nova Esquerda³⁷³. Não só seu livro (de Hiroito), conforme já pontuado, fora lançado por uma pequena editora e seu primeiro texto publicado num jornal alternativo, como algumas das muitas entrevistas e debates com o autor aconteceram em universidades, cujo movimento estudantil e professores tinham relação com esses grupos de vanguarda, além de bibliotecas e redações da imprensa alternativa.

³⁷² *O Estado de São Paulo*, 26 ago. 1977

³⁷³ KURCINSKI, Bernardo. *Jornalistas revolucionários: Nos tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

Um exemplo foi o evento de lançamento, ocorrido na sede da *Revista Escrita*. Lendo uma nota de destaque que saiu no suplemento literário da *Folha de São Paulo*, na ocasião do lançamento da 3ª edição do “Boca do Lixo”, podemos perceber que não se trata de simples noite de autógrafos com o autor, mas também de um “debate”:

A livraria Escrita — Rua Homem de Mello, 446, Perdizes — promove, a partir de hoje, um debate com o escritor Hiroito Joanides, autor do livro “Boca do Lixo”. Na oportunidade, o escritor estará autografando exemplares do livro, atualmente em 3ª edição, que relata suas experiências da época em que era considerado “rei da boca-do-lixo” e do período em que cumpriu pena na Casa de Detenção.³⁷⁴

Interessante observar que, na nota acima, Hiroito apareceu descrito pelo substantivo “escritor” e seguido pelo complemento “autor do livro”. Em seguida, a ação descrita já não foi mais a do rufião dono de uma rede de *rende-vousz*, traficante de tóxicos, assaltante, sujeito de comportamento violento que usava armas de fogo para se acertar com homens e as mãos para bater em mulher; a ação era das mais nobres e com capacidade acumular capital cultural na sociedade paulistana da década de 1970: “o escritor estará autografando exemplares do livro”. Sua atividade pretérita e o disputado epíteto de “rei da Boca” apareceram apenas no final, descrita como experiências passadas, da qual o escritor extraiu o conteúdo do seu relato.

Um gênero moderno por excelência, a entrevista em periódicos impressos é um tipo de texto autobiográfico elaborado no sentido contrário do que imediatamente imaginamos sobre a composição de um relato de si, geralmente elaborado no espaço privado — casa, lar, prisão — buscando atingir o espaço público, principalmente em livros autobiográficos como o de Hiroito. A entrevista faz o caminho inverso, vai do público para o privado, pois é condição fundamental que o entrevistado já tenha alguma relevância no debate público.³⁷⁵

No contexto dos anos 1970, Hiroito surgiu como o escritor talentoso, observador e analista das questões criminais, levado à esfera pública pelos braços da imprensa e editoras alternativas. Já não era mais o parricida impune, o rufião explorador e o traficante de tóxicos, menos ainda o farrapo humano entregue ao vício do *pevertin*.

Apenas dois meses após o lançamento de “Boca do Lixo”, a *Folha de São Paulo*, jornal arrojado e lido por grande parte da intelectualidade paulistana, destacou em seu suplemento literário, o Folhetim, em outubro de 1979, uma entrevista com Hiroito. Na chamada de capa, já podemos perceber o apelo a um corriqueiro clichê utilizado pelo jornalismo policial quando diante de um malandro “aposentado”, a comparação da

³⁷⁴Debate na 3ª Edição de Boca do Lixo. **O Estado de São Paulo**. 06/ jun. 1978.

³⁷⁵ ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.152.

malandragem antiga com a atual, para em seguida informar sobre a nova condição sociocultural do entrevistado: “Recentemente escreveu um livro na penitenciária e, agora que saiu, pretende levar uma vida diferente: a de escritor”.³⁷⁶

A chamada foi ilustrada com uma foto de Hiroito. Na imagem não vemos o bandido rei da boca do lixo, mas um senhor comportado, calvície avançada, óculos de grau, sorriso tímido e trajando paletó e gravata. Uma foto digna de figurar no suplemento literário do maior jornal do Estado (Figura 33). Interessante notar que no mesmo espaço onde apareceu a chamada da entrevista, podemos ler referências às outras matérias e resenhas que iriam compor o suplemento naquela semana, como o filme “Blow-up”, do conceituado cineasta italiano Michelangelo Antonioni; uma exposição do pintor, escultor e gravurista Carybé; além dos nomes da atriz Dercy Gonçalves, dos cantores Caetano Veloso e Maria Bethânia. Portanto, Hiroito já não figurava mais ao lado dos infames nomes de malandros, delegados e prostitutas da Boca do Lixo; fora alçado, mesmo que momentaneamente, à condição de intelectual analista dos problemas relacionados à criminalidade, figurando agora ao lado de artistas e intelectuais consagrados, conforme figura 33.

³⁷⁶ **Folha de São Paulo**, Folhetim, 09 out 1977. Acervo disponível em <https://acervo.folha.com.br/index.do>

Figura 33: Capa da edição do Folhetim, suplemento literário-cultural do jornal Folha de São Paulo

FOLHETIM N.º 38

Uma publicação da Folha de S. Paulo.

Há 23 anos aumenta a massa de torcedores corintianos, dia-a-dia, derrota a derrota, agitando suas bandeiras como baionetas negras e brancas apontando para o alto, atrás de uma esperança que hoje pode se tornar realidade. A história dessa paixão, as lendas do clube e as desgraças dos cambistas, causadas pelo televionamento do jogo, na PÁG. 5

Dercy Gonçalves, Rede Globo, Emmanuelle, Caetano, Bethânia, são alguns dos personagens comentados em Folha Corrida PÁG. 11



Sérgio Machado é um rapaz que está escrevendo vários livros ao mesmo tempo. Num deles, Sortiavares de

Roy Blanco na Supervila, narra a história de um bandido que, segundo ele, poderia ser o Macunaima dos dias de hoje São alguns trechos desta ficção que estão nas PÁGS 12 e 13



A vida na prisão, a violência no submundo, as comparações da boêmia e dos malandros de hoje com os de ontem. É o que conta Hiroito de Moraes Joanides, o Rei da Boca do Lixo nos anos 60, numa entrevista. Recentemente, escreveu um livro na penitenciária e, agora que saiu, pretende levar uma vida diferente: a de escritor. PÁG. 14

O humor dos cartunistas Angeli e Jota

na página PÁG. 17

Blow-Up, com comentários curtos sobre notícias e declarações publicadas pelos jornais brasileiros. Os leitores também colaboram PÁG 18

Um dia o argentino Carybé chegou a Salvador e de lá nunca mais saiu. Pintor, escultor, gravurista, frequentador de terreiro de candomblé, chegou a dormir debaixo de pontes. Hoje seus painéis estão em todo mundo, até no aeroporto Kennedy. Ele conta suas aventuras ao escritor Josué Guimarães e fala da influência que essa civilização afro-latino-americana teve em sua arte. PÁG. 20

Esta é a edição primeira — e talvez única — do mais importante jornal paulistano, a Bolha de S. Paulo. Um jornal modesto, que dá mais espaço a seus suplementos habituais, como o Folhetim e a Folha de S. Paulo, do que a si mesmo. Quem dirige a “Bolha” é o notório Argumedes Leite. PÁG. 23

Fonte: Folha de São Paulo, 09/10/1977.

Como carta de boas-vindas ao universo da imprensa cultural, a primeira pergunta da entrevista no *Folhetim* demarcou que o sujeito em questão mudou de lugar enquanto objeto de interesse da imprensa e exigiu que o entrevistado estabelecesse essa demarcação entre a imprensa dita séria (onde estava dando entrevista) e a imprensa sensacionalista. Perguntou o repórter Paulo Mayer Cerqueira, “você deve ter, e com razão, a maior raiva da imprensa policial, certo?”. A resposta do entrevistado foi muito bem pensada, o que demonstrou que Hiroito tinha pleno controle sobre o jogo de interesses em torno de sua figura enquanto escritor — talvez mais do que tinha em relação a sua figura enquanto bandido. Ele não criticou de imediato o trabalho da reportagem policial, na verdade fez um exercício retórico para colocá-los no mesmo patamar dos bandidos que transformavam em legenda, mas não sem apontar para o aspecto desmoralizante da profissão. Ele fez com os repórteres, o que no

seu livro reivindicava que estes fizessem com os malandros: retratar a complexidade da atividade, da existência, os vários contextos nos quais os indivíduos se emaranham.

Não. Eu compreendo que sei disso, esse tipo de imprensa está apenas satisfazendo uma exigência do público. Eu acho que a crônica policial é uma profissão degradante. Seus profissionais são os parasitas do crime. Existem os dois lados: de um deles está o criminoso e do outro o policial; entre eles está o parasita, que é o repórter policial. Ele vive disso, então tem que criar o assunto quando não existe ou explorá-lo e fantasia-lo. Eu não tenho bronca deles, eu acho que é uma profissão feia. Agora, se os repórteres policiais não exagerassem os fatos eles acabariam sendo despedidos.³⁷⁷

Em seguida, a entrevista descambou para um aspecto interessante em relação à produção e recepção do livro *Boca do Lixo*, a questão da legitimidade para falar em nome dos “marginais de fato”. O repórter questionou: “O que você pensa a respeito do que Plínio Marcos e Percival de Souza escrevem do submundo?”. Novamente o ex-bandido demonstrou total controle sobre a escolha da abordagem, se colocou no debate como legítimo representante da marginalidade, reivindicando o empirismo (a experiência vivida) como condição de possibilidade para descrever o submundo:

Não. Eu acho o seguinte: eles jamais poderiam apreender a verdadeira personalidade dos delinquentes, das prostitutas, pois nunca viveram com esse pessoal o dia-a-dia. Então o que veem é de fora para dentro, é superficial. O Plínio Marcos, principalmente, nunca foi um malandro, ele pode ter tido contato, amizade ou camaradagem com alguns delinquentes, mas nunca viveu a vida deles. Os personagens que ele apresenta nunca me lembraram nenhum que eu tivesse conhecido. A mim soam falsos, artificiais.³⁷⁸

Interessante que, na já citada entrevista para a *Revista Escrita*, Hiroito recebeu duas perguntas bastantes semelhantes, o que demonstrava que a curiosidade e interesse em relação ao seu livro e sua persona passava muito pelo fato de ser ele, além de bom escritor, um observador privilegiado daquele microcosmo que era o quadrilátero do pecado. A primeira era bastante direta e ainda relacionada ao dramaturgo, “Você leu o ‘Querô’, do Plínio Marcos?” A resposta veio de forma habitual, começando sempre e secamente com advérbio de negação, mas, em seguida, temos uma revelação que pode sugerir o motivo da implicância de Hiroito com o Plínio Marcos, uma crítica ácida feita pelo dramaturgo:

Não. Mas assim que meu livro saiu eu mandei um exemplar para ele e fiquei esperando uma opinião. O Plínio disse que eu era um ex-delinquente metido a literato. Eu concordo plenamente. Só que eu acho que ele é um literato metido a ex-delinquente. Ele nunca foi um delinquente, e eu acredito que o

³⁷⁷ **Folha de São Paulo**, Folhetim, 09 out. 1977.

³⁷⁸ *Ibidem*, p.17.

maior valor que há na minha obra é o fato de eu ter sido delinquente: eu não estou criando moda.³⁷⁹

Na próxima pergunta da entrevista para a *Revista Escrita*, outro escritor entrou em cena, o paulista João Antônio. João era reconhecido por seu estilo erudito/coloquial, sua capacidade de reproduzir em contos, não só o cotidiano, as angústias, enfrentamentos e anseios da “curriola”, mas, sobretudo, por emular em sua escrita a linguagem dos desfavorecidos e marginais numa dinâmica narrativa com capacidade de deslocar o leitor para a ambientação descrita. Ler seus contos é como se estivéssemos presenciando os diálogos e movimentos dos sujeitos ali representados.

A pergunta também focou na questão da leitura e recepção de textos contemporâneos e próximos em tema e abordagem, buscando entender como o autor-leitor os situou. “Hiroito, me diga uma coisa, você leu o *leão-de-chácara*, é aquilo mesmo?”. A resposta veio num tom bastante distinto em relação ao que desprende para Plínio Marcos, o ex-rei da boca demonstrava certa deferência pela obra e figura de João Antônio, mas sem deixar de demarcar seu espaço na construção de representações sobre os desajustados, diz:

É, está muito bem escrito, mas acho que, quando ele usa vários personagens para criar um, não é válido. Por exemplo, o Paulinho Perna Torta, dizem que eu seria ele, mas lendo a estória encontrei ali cinco personagens que ele fundiu num só.³⁸⁰

Em outra pergunta, os entrevistadores resolveram retomar o tema da percepção de Hiroito à literatura de João Antônio, buscando captar impressões do Hiroito-leitor e, ao mesmo tempo, como esse leitor projetou as representações joão-antonianas na sua experiência enquanto morador e rei da Boca do Lixo. Em resumo, a velha questão sobre até que ponto a representação ficcional descreve aspectos da realidade. Sobre isso, perguntou WN: “Você acha que o João Antônio no ‘Perna Torta’, fundiu alguns personagens num só. Imagino por isso que você tenha uma visão muito específica sobre a literatura. Como deve ser a literatura para você?”.³⁸¹ Na resposta, Hiroito fugiu das questões estético/formais e políticas sobre a literatura, voltou a fixar-se na questão da legitimidade em representar um determinado cotidiano não tendo-o vivido em sua plenitude. Deixando claro que, ele sabia o motivo da curiosidade em torno do seu livro, o fato dele ser um escritor-bandido (não marginal, no sentido estético e antropológico), alguém que viveu por dentro, em detalhes, a dinâmica social numa região da cidade que parecia proibida aos demais moradores.

³⁷⁹ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91 p.90.

³⁸⁰ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91 p.90.

³⁸¹ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91 p.90.

Daí pode-se deduzir que ele buscava valorizar sua imagem de escritor, disse: “Entenda bem, eu acho que o meu maior valor, repito, está no fato de eu ter vivido tudo isso, não precisei criar personagem nenhum. Posso escrever 20 volumes sem apelar para a ficção, basta a minha vivência.”³⁸²

Embora Hiroito insistisse sempre nessa questão, ficou claro nas respostas que conservava certa deferência em relação a João Antônio, ao tempo que demonstrava bastante incomodo com o Plínio Marcos. Essa relação de respeito com o autor que consagrou o conto-reportagem entre nós, pode ser aferida na dedicatória do seu livro ao escritor paulista que encontramos no Acervo João Antônio, na UNESP de Assis. No exemplar de “Boca do Lixo”, embora faltem anotações de borda, podemos observar alguns grifos em várias páginas, que insinuam a leitura atenta feita por João Antônio. Na folha de rosto uma dedicatória de Hiroito: “Ao João Antônio, mestre da nossa nova literatura, com o abraço do Hiroito Joanides, 21/10/77”.

Como pode-se observar, o escritor paulistano, já consagrado por seu primeiro livro *Malaguetas, Perus e Bacanaço*, com o qual logrou o feito inédito de ser premiado em duas categorias na mesma edição do prêmio Jabuti de 1963 (Autor revelação e Melhor Livro de Contos), presenciou o evento de lançamento de “Boca do Lixo”. Nessa data, já havia lançado seu segundo livro *Leão de chácara*, onde constou o conto “Paulinho Perna Torta”, cujo subtítulo é “um conto da boca do lixo”.

Dado o feito de ter levado dois Jabutis num único ano e um hiato de 11 anos até o segundo livro, *Leão de Chácara* era aguardado com ansiedade, lançado em 1975 foi sucesso editorial esgotando rapidamente a primeira edição. Por essas circunstâncias, o livro se colocou como marco importante na carreira do escritor, pois o amadurecimento de sua forma de apresentação dos textos, a construção dos personagens, a linguagem corpo-a-corpo com a vida e a boa recepção por parte de público e crítica fincaram o nome de João Antônio no cenário literário daquele momento. Pode-se dizer que, do ponto de vista formal, essa segunda obra circunscreveu a sua missão literária de retratar e reconstituir o universo dos desgarrados, desajustados, malandros e “merdunchos” com uma linguagem que não soasse afetada ou analítica, esteticista ou antropológica, sem cair na armadilha do olhar piedoso, normativo ou regenerativo. Como foi descrito pela crítica Tânia Macedo no prefácio “As histórias são dadas a partir da voz dos próprios personagens que protagonizam os acontecimentos, o que introduz

³⁸²**Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91 p.90.

o leitor nas franjas da sociedade.”³⁸³ Nessa história particular da infâmia circulavam marafonas, bandidos, travestidos, jogadores, boêmios, policiais e picaretas.

O conto *Paulinho Perna Torta* foi o último da coletânea que compôs o livro, mas já havia sido lançado em 1965, numa coletânea de contos. Sobre esse conto, o renomado professor, crítico e historiador da literatura nacional Antônio Cândido, escreveu que era a obra-prima do escritor, o colocando inclusive acima do conto que lhe rendeu dois jabutis, disse o professor da USP:

Nele parece realizar-se de maneira privilegiada a aspiração a uma prosa aderente a todos os níveis da realidade, graças ao fluxo do monólogo, à gíria, à abolição das diferenças entre o falado e escrito, ao ritmo galopante da escrita, que acerta o passo com o pensamento, para mostrar de maneira brutal a vida do crime e da prostituição.³⁸⁴

Voltando à impressão de leitura de *Hiroito*, de fato, podemos perceber que o escritor João Antônio retirou dos jornais e das conversas que provavelmente ouvia nas suas costumeiras incursões à área da Boca do Lixo, para beber e jogar sinuca, matéria prima do conto. A narrativa de *Paulino Perna Torta* se estrutura na forma de monólogo onde o personagem, que dá nome ao conto, repassa toda a sua trajetória de vida, da infância dura de quem foi abandonado e se virou como engraxate — e outros expedientes informais nas ruas do centro de São Paulo — até tornar-se cafetão, traficante de tóxicos e, finalmente, “rei da boca do lixo”. Este epíteto que apareceu em várias passagens, ora como rei ora como dono da Boca, e que provavelmente fora inspirado nas leituras que João Antônio fazia dos jornais populares da época. Em relação aos aspectos formais do texto destacou-se, como era caro ao autor, por sua capacidade de captar e colocar na dinâmica do enredo a linguagem e o comportamento da “arrafa-miúda” e por seu ritmo galopante, com períodos curtos, frases precisas e palavras pescadas no cotidiano, não nos dicionários.

No trecho abaixo pode-se observar tanto as similaridades entre as trajetórias e atividades de *Paulino Perna Torta* e *Hiroito*, quanto as características formais do texto de João Antônio:

Lido com tóxicos. Desço à zona de Sorocaba e ao Retiro de Jundiaí. Compro Pervertin a cem mangos e passo por oitocentos. Passadores de fumo vêm comigo. Nota encorporada. Só se trabalha com a melhor maconha, a pura. Cabeça-de-nego, vinda de Alagoas.

³⁸³ MACÊDO, Tânia. Malandros e merdunchos. In: ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac Naify, 2022. p.13.

³⁸⁴ CÂNDIDO, Antônio. A nova narrativa. In: **Educação pela noite e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989. p.210.

A chegada da granucha alta me refina. Quem conta tostão não chega a cruzeiros. Aprendo. Monto um apartamento na Avenida Rio Branco e quero de tudo. Jardim-de-inverno, televisão, carro e ar-refrigerado.³⁸⁵

Sobre o fato da imprensa e alguns críticos terem dito que *Paulinho Perna Torta* era inspirado em Hiroito, uma rápida leitura faz com que o leitor minimamente familiarizado com as histórias da Boca concorde com a análise de Hiroito. Na verdade, João Antônio fundiu as características e traços biográficos de vários malandros da Boca para criar uma personagem que encarnasse em si toda a complexidade dos tipos que ali viviam de expedientes criminais. Não só, no conto desfila uma série de *topos* relacionados ao universo da malandragem, tais como a valentia, honra e ética do submundo, e certa estilização dos personagens. A confusão sobre a inspiração de João Antônio ao forjar a personagem pode ter tido origem nessa passagem:

O Malandro Valdão, chamado também de Valdãozinho, ex-boxeador e meu empregado na colheita da taxa de proteção às mulheres, me faz uma safadeza. Entrega Paulinho Perna Torta ao DI e vai à crônica policial fornecer reportagem sobre o intocável das bocas.³⁸⁶

No trecho, pode-se perceber que a personagem literário-ficcional Valdão é um equivalente a personagem real Brandão, ex-boxeador, que ficou conhecido na Boca como Brandãozinho, por isso o escritor também utilizou o diminutivo Valdãozinho. Brandão, que já figurou nas páginas desse trabalho, inclusive apontando as semelhanças entre ficção e “realidade”.³⁸⁷

Na sequência surgiu, na voz narrativa da personagem Paulinho, a insatisfação com a cobertura cotidiana e sensacionalista da crônica policial: “os jornalecos me fervem outra vez. Nessa coisarada de façanhas, já não sei a quantas ando. O valente Paulinho duma Perna Torta vai para as primeiras páginas”.³⁸⁸ Essas passagens com críticas à atuação da imprensa, que surgem durante todo o conto aproximam o personagem literário do personagem real Hiroito.

Embora, vale lembrar, no momento do lançamento de *Leão de Chácara* (1975) ele ainda não tivesse lançado o seu *Boca do Lixo* (1977), e até onde consta suas críticas e diálogos com a imprensa policial só são possíveis de serem aferidas a partir do lançamento da sua autobiografia. Portanto, é frágil apontar que as inúmeras menções à imprensa que apareceram no conto partindo da voz de Perna Torta denotem que João Antônio tenha se

³⁸⁵ ANTÔNIO, João. **Leão-de-chácara**. São Paulo: Cosac Naify, 2022.p.146.

³⁸⁶ Ibidem, p. 148.

³⁸⁷ Conferir páginas 138-139 deste trabalho.

³⁸⁸ ANTÔNIO, op. cit., p.148.

inspirado em Hiroito para criar o personagem. Antes, reforçou a tese da junção de vários personagens em um, bem como da incorporação de tópos literários relacionados ao universo da malandragem/delinquência, tendo em vista que era comum entre bandidos a insatisfação com a cobertura que os jornais fizeram dos seus feitos.

O conto era claramente inspirado no universo e cotidiano da Boca do Lixo, que o escritor conhecia bem. O que Hiroito chamou pejorativamente de junção de várias personagens para formar apenas uma, era resultado da pesquisa e do constante e espontâneo convívio do escritor com esse universo. João Antônio não só era um assíduo frequentador da Boca do Lixo, como era um atento leitor da crônica policial, com a qual chegou a colaborar escrevendo contos-reportagem como “Dedo-Duro”, um misto de incursão aos detalhes liliputianos do dia a dia da Boca com o habitual experimentalismo na forma de apresentação do texto — no estilo que lhe era peculiar de fazer jornalismo literário sem necessariamente imitar Gay Talese ou qualquer baluarte norte-americano — buscando dissecar as artimanhas por trás desse personagem odiada por bandidos, policiais e cidadãos comuns. Mas claro, a colaboração foi para a conceituada revista da editora *Abril*, que era tida como precursora desse novo formato de jornalismo no Brasil.

Como bom leitor, escritor, boêmio e etnógrafo do submundo que era — daqueles de tomar notas sobre o que via e ouvia, pelos botecos e mesas de bilhar, em guardanapos e papel seda de carteiras de cigarros — João construiu seu personagem e não conseguiu fugir da reprodução de determinados arquétipos que plainavam (perpassavam) sob o imaginário criminal. Ao iniciarmos a leitura de seu conto Paulinho Perna Torta, já nos deparamos com um jovem adolescente que era levado à vida do crime por algum tipo de injustiça sofrida na juventude e que aos poucos ascendeu chegando a ilustrar as páginas dos jornais. O autor utilizou o recurso do monólogo interior para dar voz aos personagens do conto, dessa forma o personagem Paulinho relatou como foi de criança abandonada ao posto de rei da Boca do lixo: “Dei duro. Enfrentei. Comecei por baixo, baixo, como todo sofredor começa. Servindo para um, mais malandro, ganhar. Como todo infeliz começa. Já cedinho batucava[...].”³⁸⁹ Se voltarmos aos diálogos do filme *o Bandido da Luz Vermelha* notaremos que esse tipo construção “biográfica” era normal nas representações sobre criminosos notórios, lembrando da famosa passagem onde o personagem Luz descreveu sua infância: “minha mãe tentou me

³⁸⁹ ANTÔNIO. João. op. cit., p. 99.

abortar para mim não morrer de fome [...] saí de lá faz 15 anos, da favela do Tatuapé me mandei pro mundo com uma tachinha encravada no pé.”³⁹⁰

Até mesmo no relato de Hiroito, que se pretendeu mais realista que as representações literárias, podemos perceber esse tipo de construção narrativa. Embora ele não tenha atribuído sua entrada para a vida criminal a uma injustiça da infância — bem vivida, numa família de classe média bem estruturada, com amor de pais e irmãos — mas sim, ao episódio aqui já bastante explorado da acusação de parricídio. O fato é que isso que ele chamou, em tom condenatório, de junção de diversos personagens, pode ser interpretado como recurso estético-literário ou como simples “escorregar” dos estereótipos das leituras da reportagem policial para as páginas de João Antônio. Não sendo, portanto, algo que por si desmereça o relato ficcional. Como se para fazer literatura fosse necessário, e possível, descrever a realidade tal como aconteceu. A nosso ver, pesam mais as semelhanças entre eventos específicos narrados no conto que têm equivalente na história da Boca do Lixo, como o velório de Brandãozinho e as investidas do delegado Fleury contra a Boca; a criação de destacamentos especiais da Polícia de São Paulo para combater o crime, a RUPA, Rondas Unificadas da Primeira Divisão Policial Auxiliar:

Agora os cobras do governo inventaram essa RUPA. Maior que a RONE e a RUDI juntas. Tiras desconhecidos, gente moça, ansiosa, máquina na mão e a maldita gana de apresentar serviço. E os jornais ainda dão apoio...³⁹¹

Mas seria demais imaginar que o autor de *Boca do Lixo* tivesse uma visão estreita sobre o fazer literário, sobre as formas narrativas ou escolas que dizem respeito a esse mister. Antes, é mais interessante pensar que estamos diante de um escritor recém-publicado que sabia exatamente o peso que uma entrevista tinha no debate público, na circunscrição social do seu novo ofício no imaginário da época, e, também, das disputas mercadológicas em torno da venda de livros. Dessa forma, ele estava rebaixando — intencionalmente — o debate estético-formal para se colocar como representante legítimo e apto a falar em nome do submundo. Para Arfuch, a entrevista é um gênero teatral, pois tributária do pacto da presença imediata, do ao vivo. Mesmo no jornal impresso faz-se necessário a valorização da imagem, constatada pela presença do autor fotografado na redação, no local da entrevista, em pleno ato

³⁹⁰ **O bandido da luz vermelha.** Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

³⁹¹ ANTÔNIO, op. cit., p.152.

de falar, representar³⁹² (uma cena ilustrativa disso é a Figura 34, onde Hiroito aparece sentado numa mesa dando entrevista para o *Última Hora*, p.182). Nesse palco, além do cara a cara entre entrevistador e entrevistado, devemos incluir um terceiro no diálogo, o destinatário/receptor,³⁹³. Disso, Hiroito tinha plena consciência, e para este terceiro (os leitores) construiu e representou a imagem de escritor-analista do submundo com bagagem teórica e de vivência capaz de descrever a verdade dos acontecimentos e a *psique* do bandido urbano.

Em um determinado momento, os entrevistadores levaram a conversa para um lado que sugeria também uma atuação por parte dos jornalistas. Talvez demonstrando o motivo do interesse pelo entrevistado, de que forma seu livro, sua trajetória, bagagem intelectual e personalidade poderiam contribuir para o debate sobre criminalidade e repressão à época da entrevista. A *Revista Escrita*, como disse, fazia parte da leva de publicações da imprensa alternativa, e o debate sobre a criminalidade urbana e as formas de combatê-la por parte do Estado e seu aparato repressivo e judiciário estavam na pauta da esquerda. O surgimento do esquadrão da morte e sua licença para matar eram motivo de preocupação por parte dos militantes, pois poderiam se tornar alvo de ações inescrupulosas que resultassem em incriminação e consequente eliminação por parte desses esquadrões.

A pergunta feita por Hamilton Trevisan enfatizou o fato de Hiroito ter boa formação intelectual, destacou o quão incomum era essa característica no meio em que o autor vivia, ao tempo que questionou se não houve, em algum momento, sobreposição das leituras filosóficas no relato de sua experiência de vida. Concluiu fazendo um paralelo entre o autor de *Boca do Lixo* com o Dostoiévski de *Recordação da Casa dos Mortos*, justificou o paralelo com o seguinte argumento: “Porque uma coisa é você relatar aquilo que viveu e outra é relatar com dados concretos e ao mesmo tempo com uma reflexão em cima[...]”.³⁹⁴ Ao final da longa digressão, arrematou com a questão “Você leu Recordação da Casa dos Mortos?”. Hiroito respondeu laconicamente a essa extensa e elaborada pergunta. Da resposta pode-se deduzir não só que ele leu, mas que situa bem o referido livro na trajetória da carreira do escritor russo, pois sabia que se tratava de obra da sua fase madura: “Mas aí há a diferença seguinte: eu era muito novo.”³⁹⁵

³⁹² ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.** Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.155.

³⁹³ *Ibidem*, p.155.

³⁹⁴ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91

³⁹⁵ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91.

O jornalista insistiu nessa linha e reelaborou a questão colocando um elemento que talvez — por já ter aparecido e despertado certo incômodo — pudesse fazer o entrevistado discorrer detalhadamente sobre a questão. Disse que ele “não precisa inventar tipos como João Antônio ou o Plínio Marcos, porque você viu as situações” e finalmente soltou o que queria “o que estou vendo é uma possibilidade, em termos de obra, de você unir as duas coisas.” Apesar do floreio, da longa elaboração e dos exemplos que pudessem mexer com a vaidade do entrevistado, a resposta foi outra vez econômica, quase que trivial: “Na minha obra eu procurei evitar uma análise profunda e não consegui, parece que em certos trechos eu me aprofundei demais e isso prejudicou”.

Esse interesse do entrevistador em arrancar do entrevistado uma resposta sobre a disposição em usar o seu “equipamento intelectual”³⁹⁶ para construir textos mais filosóficos sobre o problema da delinquência nos coloca diante, talvez, dos motivos que despertaram o interesse da imprensa alternativa, nanica, existencial, pela figura do Hiroito.

Figura 34: Hiroito sentado à mesa com jornalistas do Última Hora



³⁹⁶ **Escrita: revista de literatura.** Ano IV. Nº 28. São Paulo: Vertente Editora, Julho/1979.p.91.

4.1 A colaboração em *Versus* ao microscópio do DEOPS: Hiroito como escritor promissor, palestrante requisitado e investigado da Ditadura

A primeira aparição de Hiroito enquanto autor se deu, como já mencionado, com a publicação de um conto curto nas páginas do *Jornal Versus*. O jornal foi lançado em outubro de 1975, pelo jornalista Marcos Faermann, após se desligar por divergências intelectuais do *Jornal Ex-*. *Versus* que tinha formato de tabloide e periodicidade bimestral, congregava jornalistas de diversas correntes ligadas à esquerda libertária, de trotskistas a anarquistas.

Da experiência de seu fundador em *Ex-*, o jornal herdou um arrojado projeto gráfico/editorial, que incluía um temário diverso, circulação de autores heterógenos, não admitidos pela esquerda tradicional, como o filósofo francês Michel Foucault que deu uma entrevista para *Versus* na ocasião de uma palestra proferida na PUC-SP, em 1975. Era também característica do jornal um projeto gráfico vanguardista, misturando diversas linguagens, das tirinhas às histórias em quadrinhos, passando por experimentalismo em designer. Nas suas páginas predominava o estilo do jornalismo literário, raramente produzia reportagens com o clássico formato do texto factual, com *lead*, desenvolvimento e conclusão. Nas palavras de seu fundador: “Valorizava sobretudo a forma, numa fusão de elementos usados livremente: jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura, poesia.”³⁹⁷ Seu *slogan*, impresso nas capas imediatamente abaixo do logo do jornal era: “um jornal de ideias, aventuras, reportagens e cultura”. Em sua capa, acima do nome do jornal vinha escrito “américa latina”, sem as iniciais maiúsculas.

Como boa parte dos periódicos alternativos da época, *Versus*, era distribuído de mão em mão e divulgado no boca-a-boca. Seu projeto gráfico conferia ao jornal uma aura dramática, “transmitindo ao mesmo tempo beleza e tensão”, segundo Bernardo Kurcinski em seu conhecido livro sobre a imprensa alternativa dos anos 1970. Para atingir tal efeito/sensação no leitor, o jornal se valia de diversos recursos, que Kurcinski descreveu da seguinte forma:

Com a capa em coche e em cores, sempre fortes e atraentes, VERSUS era também um objeto artístico, uma iconografia da política e da história. [...] A desenvoltura com que os espaços são ocupados denota a influência do JORNAL DA TARDE, e da antiga Senhor. Mas o que essa diagramação procura não é a beleza plástica, o prazer visual ou o funcionalismo gráfico. Muito mais cortante do que BONDINHO ou EX-, a plástica de VERSUS

³⁹⁷ FAERMANN, Marcos. A Imprensa Alternativa. *Cadernos de Comunicação Proal*, n. 1, 1977. Impresso.

visa o choque estético. Busca transmitir angústia. É como uma tortura jornalística, a lembrar o leitor de que uma outra tortura real, está ocorrendo naquele instante em todo o continente.³⁹⁸

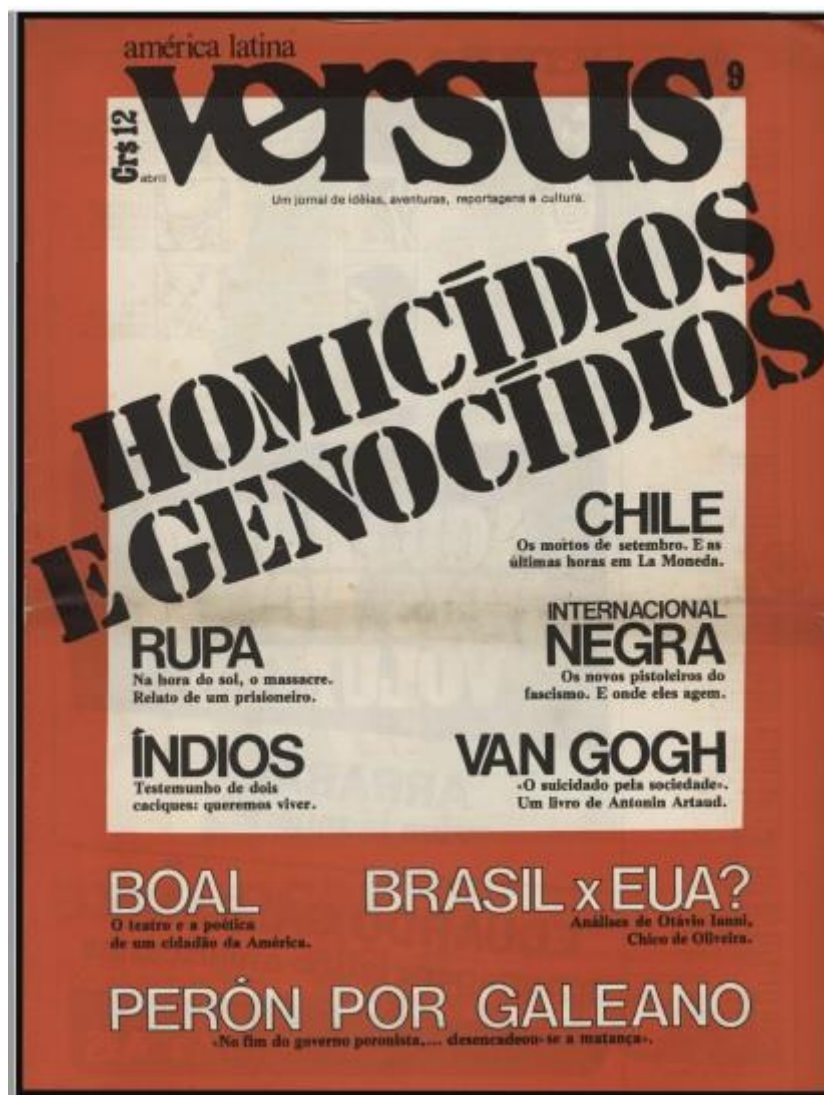
No grupo de jornalistas fundadores e com espaço fixo nas páginas, destacaram-se Moacir Amâncio, Omar de Barros Filho (Matico), Vilma Grycinski e Caco Barcelos, esse núcleo logo foi expandido, incorporando Wagner Carelli, Mouzar Benedito, Licínio Azevedo e Rivaldo Chinen e também o cartunista Toninho Mendes, responsável pelo projeto gráfico do jornal. Entre os artistas gráficos e cartunistas que passaram por *Versus*, podemos destacar Carlos Clémen, Luis Gê, as gravuras de GRILO, Angeli, os irmãos Caruso. Os colaboradores eram diversos, impossíveis de serem enumerados em sua totalidade de nomes e correntes, e iam desde João Antônio e Eduardo Galeano a Michel Foucault e Guy Debord.

Foi nesse caldeirão de concepções políticas heterodoxas e estética vanguardista que Hiroito publicou seu primeiro conto, RUPA, na edição de número 9, em abril de 1977. Na capa de fundo vermelho, uma chamada em letras garrafais e em caixa alta para tema especial da edição: “HOMICÍDIOS E GENOCÍDIOS” (figura 34, página 185). Logo abaixo do título, a chamada para o conto de Hiroito: “RUPA. Na hora do sol, o massacre. Relato de um prisioneiro”.³⁹⁹ A tônica de toda esta edição está relacionada ao tema da chamada de capa, lê-se um destaque para reportagem sobre assassinatos de índios, outra sobre o massacre político no Chile de Pinochet. Nas outras chamadas da capa misturaram-se com o tema geral da edição uma chamada sobre a tradução do texto de Antonin Artaud, “Van Gogh, o suicidado da sociedade”, além de textos do dramaturgo Augusto Boal e dos sociólogos Otávio Ianni e Francisco de Oliveira. Isso não só exemplifica a variedade de temas e contribuições que apareciam nas páginas da *Versus*, como demonstrava que já nesse período, antes de sair da casa de detenção, Hiroito começava a aparecer na imprensa em outro contexto e com outra abordagem.

³⁹⁸ KURCINSKI, op. cit., p.253.

³⁹⁹ **Jornal Versus**. Nº 9. Abril 1977.capa.

Figura 35:



Fonte: Jornal Versus, Abril/1977 (bimestral).

O conto RUPA teve início na página 41 do jornal, logo após a tradução do texto do dramaturgo Antonin Artaud, fechando a edição de abril de 1977. Contou com desenhos do cartunista Luís Gê, as ilustrações ocupavam duas páginas. Na primeira, introdutória, o cartunista retirou partes do conto e fez uma espécie de HQ com os desenhos, ilustrando a ação dos personagens e acontecimentos narrados. Em seguida, um desenho onde pode-se notar três detentos, com suas roupas listradas, em luta corporal. Dois contra um, enquanto o que estava sozinho na luta tentava se defender de socos e pontapés partindo do que estava à sua direita, o outro oponente surgia pela esquerda, com o tronco abaixado e mão direita esticada em direção ao abdômen do homem que luta sozinho, o que denotou ser um ataque com objeto perfurante.

De fato, a tônica do conto de Hiroito era a violência inerente ao cotidiano da penitenciária. A apresentação do conto, escrita pelo editor, seguiu o padrão encontrado em quase todas as matérias, resenhas e introduções de entrevistas dadas pelo autor: ressaltou sua vida pregressa no crime, a acusação de parricídio, o período na penitenciária, a quantidade de processos e a (má) fama de ter sido considerado o inimigo público número 1 da polícia e sociedade paulistana. Arrematou com um texto redentor, cuja ênfase recaiu sob a incipiente e promissora carreira de escritor, aliado a possibilidade de mudar de vida:

A luta pela sobrevivência, desde o fim da improvável carreira comercial, iniciada como gerente de um supermercado, levou-o pelos caminhos do “bas-fond” de São Paulo. Agora, Hiroito conclui um livro com histórias desses tempos, personagens marginalizados, dentro e fora da prisão.⁴⁰⁰

O conto era narrado em terceira pessoa, o autor se colocou na condição de observador do cotidiano da prisão e descreveu uma chacina bastante sangrenta. A cena inicial descreve os instrumentos pontiagudos forjados pelos próprios detentos, cuja utilidade era a liquidação de desafetos; o estilo detalhista e elegante, juntamente com a escolha criteriosa de palavras e termos de apelo erudito remetem ao estilo naturalista:

As adagas rústicas, de feitura manual, possuíam corte nos dois lados e eram exageradamente pontiagudas. A verdade é que não passavam de compridas barras de ferro, pacientemente desgastadas contra a pedra até adquirirem aquele formato. Depois foi aprimorado o gume. O cabo ficou sendo a extremidade da barra, ali deixada intacta uns dez centímetros. Tiras de pano enroladas davam segurança à empunhadura. Teriam meio metro desde o cabo, de onde grossos cordões pendiam lembrando longas caudas. Nenhuma obra-prima de cutelaria. Apenas boas armas. Três.⁴⁰¹

O conto começa, e, no primeiro contato, o leitor tem a impressão de estar diante de um texto que oscila entre o realismo e o naturalismo, com detalhes aparecendo à exaustão descrevendo cenários, instrumentos, estático. Mas logo no segundo parágrafo dá sinais de que teria muito movimento. Hiroito passa a narrar a ação dos dois personagens que seriam responsáveis pelas cenas de sangue no pátio do presídio. Os nomes dos personagens eram apelidos que remetiam às suas características físicas, Olhos-Cinca e Nariz – Adunco. O que, de certa forma, remete à mania de fisionomista do nosso autor, ao estilo da literatura de panorama. Os dois, após forjarem as armas pontiagudas, as amarram no braço direito de cada, de modo a dar mais firmeza a empunhadura. “Assim enleadas uma na outra, mão e arma se fundiam em mútuo prolongamento.”⁴⁰² Antes de narrar a ação violenta, descreve as

⁴⁰⁰ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p. 41.

⁴⁰¹ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p. 41.

⁴⁰² **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p. 41.

características físicas dos personagens: “o mais alto e de nariz adunco ajuda a amarrar uma terceira adaga na mão do companheiro de olhos cinza”⁴⁰³. Por fim, começa o movimento, a ação se deu no intervalo para banho de sol, a dupla caminhou para o centro do pátio com as adagas alinhadas aos braços, se dividindo:

Os outros correram. Um rapaz girou a cabeça e defrontou-se com Olhos-cinza que avançava. Tentou escapar, olhando arregaladamente para trás, as pernas sem impulso. Caiu diante de Nariz-Adunco, cujo braço punhal veio corta-lhe a corrida penetrando-lhe fundo a barriga. No choque do corpo e adaga, a lâmina penetrou até o punho. Permaneceram ligados no encontro, que se desfez quando os corpos se repeliram, arremessados de volta pela violência do choque.

Nariz – Adunco caiu sentado, enquanto o outro estremecia — a baba sangrenta escorreu.⁴⁰⁴

Segundo o jornalista Omar de Barros Filho, integrante fundador de *Versus*⁴⁰⁵, RUPA era, na linguagem da casa de detenção à época, vingança com morte. Daí a ação desenfreada ao estilo serial-killer.

Os dois continuaram, **Olhos-Cinza** escorregou seu olhar pelo vazio aberto no pátio e visualizou uma pessoa abaixada cuja expressão exalou horror pela cena que acabou de presenciar. Hiroito deu a esse personagem o nome de **Figura-Delicada** e sentenciou: “era o próximo eleito”. A cena de ação cruel e impiedosa se repetiu:

Gritos de não, curtos, sobrepostos, crescentes, os braços entreabertos de ave na iminência de alçar voo.

Como Catapultado, ele vara a distância entre os caçadores, caindo entre os dois, até que o golpe de Olhos-Cinza o detém, ao furar a flacidez do braço. Os braços pontiagudos, turbinas, de metal, penetram o corpo de Figura-Delicada, até que cessam o esperneio e os urros.⁴⁰⁶

O conto se passou no ano de 1973, o autor apegado à missão literária que o colocou comprometido com certa ideia de realismo descritivo, não deixou de pontuar data, cidade e local preciso onde ocorreu a chacina: “e o local da cachina situa-se a menos de quatro quilômetros do Marco Zero da CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO.”⁴⁰⁷ Hiroito chegou a especificar que o cenário era o segundo pavilhão da Casa de Detenção de São Paulo, fugindo totalmente do pacto de declaração de ficcionalidade, geralmente presente em romances e relatos ficcionais em forma da famosa advertência “Os personagens e situações dessa narração são fictícias”. Hiroito pareceu querer afirmar o tempo todo a veracidade do seu

⁴⁰³ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p.42.

⁴⁰⁴ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p.42.

⁴⁰⁵ Entrevista com o jornalista Omar de Barros Filho. Realizada em 13/12/2021. Via Googlemeet.

⁴⁰⁶ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p. 42.

⁴⁰⁷ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p.41.

relato, mesmo sendo escrito num formato e gênero diferentes, diria que até “experimental”, se comparado com a estrutura de sua autobiografia.

Em RUPA, o fluxo dos acontecimentos e as descrições das cenas de crueldade são alucinantes. De repente, surge os nomes próprios dos personagens; **Olhos-Cinza**, seria Carlos Alberto da Costa, também conhecido por Carlão; e **Nariz-Adunco**, Jamil Haddad (nome semelhante ao de um dos acusados de matar seu pai). Com o esvaziamento do pátio do Pavilhão 2, os homens-adaga pularam a mureta que separava os pavilhões e partiram para outro pátio (Hiroito dessa vez não revelou com exatidão qual o pavilhão). Os detentos já com os sentidos em alerta pelos gritos que ouviram vindos do outro lado, correm ao visualizá-los, Olhos-Cinza desfechou golpes aleatórios contra a massa de detentos, enquanto Nariz-Adunco escolheu quem atacar. A descrição dessa cena é crua e árida:

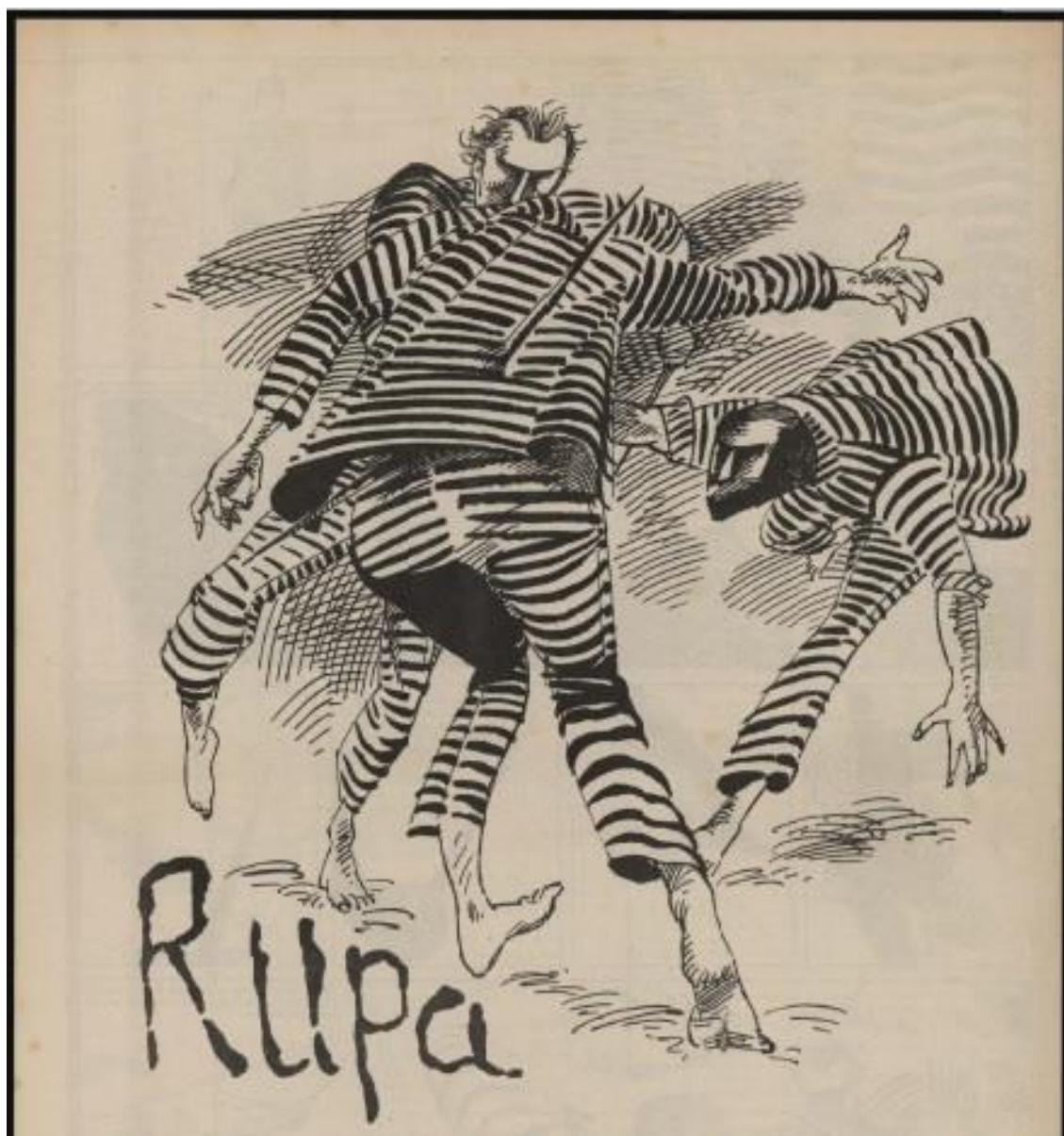
Jamil havia corrido para um canto, escolhido seu predileto, que reage. Ferido, ele se atraca e em luta rola pelo solo. O braço adaga está preso por uma garra de forla desesperada. Jamil grita, alto, chamando Carlão que acode na corrida. Sua destra-adaga penetra o espinhaço do homenzarrão trepado por cima de Jamil, e no excesso de ímpeto a ponta varante desponta no umbigo.

Atravessado pelo ferro, o corpulento tórax se abate de braços arrastando Carlão puxado na queda. [...] ⁴⁰⁸

Ao ler com atenção a cena acima, pode-se aferir que foi dela que o cartunista Luis Gê buscou inspiração para traçar o desenho que ilustra a abertura do conto, num exemplo bem claro de como as diversas linguagens caminhavam juntas na *Versus*. Não só, os traços modernistas remetiam a uma forma experimental de desenho em HQ, até então pouco publicadas no Brasil. Conforme podemos observar nas Figuras 35 e 36

⁴⁰⁸ . *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p. 41.

Figura: 36



Fonte:Jornal Versus, Abril 1977.

Figura 37: HQ de Luiz Gê com ilustrações feitas a partir de fragmentos de RUPA.



Fonte: Jornal Versus, Abril de 1977.

Essas ações e cenas iniciais, que descreveram em detalhes microscópicos a chacina, se encerraram com os dois homens-adaga fitando o pátio vazio. Os dois negociaram entregar as armas brancas, forjadas por eles próprios, a outro prisioneiro de nome Botina, “matador veterano a quem admiram”⁴⁰⁹, que as recebeu e passaram para os guardas.

Em seguida, o texto adquire um tom reflexivo, saem de cena por uns instantes os personagens e a ação, e entram questões que remetem a certo estoicismo “Viver, aprendendo a morte” e existenciais “vivemos raramente”.⁴¹⁰ Logo em seguida, surge a definição, um tanto erudita — pois recheada de exemplos em várias culturas e países — do termo que dá título ao conto, fazendo coro com a definição do jornalista Omar de Barros Filho:

Rupa: com quatro letras convenientes salvou-se o acontecimento, batizando-o. Entretanto, cada acontecimento é único. Irrepetível. Apenas nossa pré-tensão o conserva, salva, pelo batismo;
Os indonésios batizaram de *amok* algo parecido a rupa. Outros, europeus, sofisticados em sua felicidade, salvaram a coisa com esta frase-feita: angústia do espaço vital. Maia e Incas, cutas e mongóis, centenas de povos, milhões de indivíduos desvanecidos em pó no turbilhão da História, conheceram o acometimento sem batismo.
Trata-se de odiar.⁴¹¹

As questões reflexivas se multiplicaram, partiu-se para a condição desumana a qual estavam submetidos os detentos, tratando com certa ironia trágica os eventos violentos recém narrados. De certa forma afirmando ser algo banal, diante do embrutecimento espiritual causado pelas condições cotidianas da cadeia e da vida pregressa: “eles vinham despedaçando e sendo despedaçados desde sempre”.⁴¹²

Na passagem seguinte, a mira passou a ser a opinião pública e a imprensa, que, insensível diante dos maus tratos corriqueiros e das condições paupérrimas de vida na cadeia, só se interessara quando algo de brutal aconteceu. “Só por acontecer de modo espetacularmente raro o despedaçamento consegue chamar a atenção anestesiada, ausente”.⁴¹³

Por fim, o escrutínio da disciplina ao qual eram submetidos os presos não escapa da pena do autor, que a partir do artefato do sino elaborou uma reflexão sobre a função deste instrumento no controle diário e na reificação das pessoas reclusas, dizendo ser o som que se escutava ao cruzar o portão tanto para entrar quanto na hora de sair da cadeia. Para além,

⁴⁰⁹ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p. 42

⁴¹⁰ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p.43.

⁴¹¹ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p.43.

⁴¹² **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p.43.

⁴¹³ **Versus**, n. 09. Abril de 1977. p.43.

descreveu que o instrumento era utilizado no controle interno e seus efeitos sobre a *psique* dos que eram submetidos a esse tipo de controle:

Sua humanidade está entregue ao sino regente, que o iça da enxerga pela manha badalando le-van-te-se, que irá badalar quando a grade da cela abrir-se no ritual assinalado, que o conduzirá pela fila para o pátio do recreio. Uma badalada para que a fila do 1º Pavimento se ponha a andar Duas, e os homens-badalo do 2º pavimento são movidos.[...]..⁴¹⁴

Por fim, no encerramento do conto narrou os desdobramentos da chacina, com tom e estilo soturno e ao mesmo tempo irônico:

Naquela Madrugada, quando o rabecão cruzou pela guarita levando os cadáveres dos mortos, três badalas ressoaram no ar, enquanto no jardim do presídio, sombras tomavam os caminhos, e o primeiro clarão do dia vinha iluminar o dístico no soturno frontispício da Prisão:
'AQUI O TRABALHO, A DISCIPLINA, A BONDADE, RESGATAM A FALTA COMETIDA, RECONDUZINDO O HOMEM À COMUNHÃO SOCIAL'⁴¹⁵

O agenciador para que o texto de Hiroito fosse publicado em *Versus* foi seu irmão, Geraldo Joanides. Este era assíduo frequentador da redação do jornal, onde sempre aparecia para vender livros. Os jornalistas que trabalhavam na redação, segundo Omar, por vezes trocavam o almoço pelos excelentes e raros livros que o Geraldo vendia, “e nós devorávamos sua biblioteca”⁴¹⁶. Mas o livreiro não vendia títulos de sua propriedade, com a estadia do irmão na cadeia, e diante de uma crise financeira, Geraldo passou a vender os livros que eram do Hiroito.

O jornalista Mozart Benedito, que trabalhava na redação do jornal situada na Rua Capote Valente, bairro de Pinheiros, contou em seu blog que presenciou por diversas vezes o “livreiro” entrando na redação de *Versus* oferecendo os livros, chegando inclusive a montar uma banca na calçada da redação: “Eram raridades, vendidas a preço de banana.”⁴¹⁷ Disse ainda que, nessa época, já tinha conhecimento da existência do Hiroito e da sua fama; não só de bandido, mas também de leitor onívoro dotado de escrita elegante e erudita. Conta que ao saber de quem eram os títulos que estavam sendo ofertados a preços módicos alertou: “Não faça isso, o Hiroito vai ficar furioso quando sair da cadeia”.⁴¹⁸ Geraldo pouco se importou com o alerta, pois precisava do dinheiro. Por fim, a resistência inicial em obter os livros foi

⁴¹⁴ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p. 43

⁴¹⁵ *Versus*, n. 09. Abril de 1977. p.43.

⁴¹⁶ Entrevista com o jornalista Omar de Barros Filho. Realizada em 13/12/2021. Via Googlemeet.

⁴¹⁷ BENEDITO, Mouzar. **De bar em bar XXI**: Posilippo. Blog da Editora Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2012/10/16/de-bar-em-bar-xxi-posilippo/>. Acesso em 22 mar.2021.

⁴¹⁸ *Ibidem*.

vencida quando viu que vários de seus colegas e transeuntes estavam comprando, e acabou adquirindo alguns títulos de filosofia e literatura.

Em entrevista por e-mail para esta pesquisa, Mouzar, ao ser questionado sobre a quantidade e os títulos dos livros do espólio de Hiroito comercializados pelo irmão, confirmou o que escreveu em seu blog e acrescentou algumas informações que reforçam e dão a dimensão da erudição e rigor do ex-rei da Boca do Lixo.

Não me lembro quantos livros o Geraldo, irmão dele, levou ao *Versus*. Foi numa tarde, acho que em 1976. Apareceu lá com um caixote cheio de livros, quase todos de filosofia e clássicos da literatura. Devia ter no mínimo uns quarenta livros. Acho que mais. A gente não o conhecia. Ele disse que era irmão do Hiroíto Joanides e que aqueles livros eram todos dele, que estava preso. Precisando de uma grana, o Geraldo resolveu vender, tudo bem barato.

Olhei aqueles livros, quase todos com anotações nas margens, mostrando que foram lidos e comentados pelo dono, e perguntei ao Geraldo: "O Hiroíto sabe que você está fazendo isso?" Ele respondeu que não e eu disse: "Cara, são preciosidades! Quando o Hiroíto sair da cadeia e vir que você fez isso, te mata". Não queria comprar, mas vi outras pessoas comprando, inclusive gente que passava pela calçada - a sede do *Versus* era na rua Capote Valente, entre a Teodoro Sampaio e a Artur de Azevedo, no bairro de Pinheiros. - Aí resolvi comprar alguns também, de filosofia. Os melhores, outros já tinham comprado, mas sobraram alguns bons. Comprei uns cinco, a um preço que acho que hoje equivaleria a dez reais por exemplar.⁴¹⁹

Foi nesse contexto que Geraldo Joanides levou ao conhecimento do então diretor do *Versus*, o jornalista Marcos Faerman, o conto RUPA, escrito pelo irmão detento. Marcão, como era chamado pelos colegas, era um jornalista interessado no problema da criminalidade urbana, chegando a publicar livros sobre o tema e a participar de mesas redondas.⁴²⁰ Ao se deparar com o texto de Hiroito ficou impressionado e optou por publicá-lo.

O jornalista Omar de Barros Filho, chamado pelos colegas de Mítico, também teve contato prévio e participou do debate que decidiu por publicá-lo. Em entrevista dá detalhe sobre os arranjos finais e a forma como resolveram apresentar o texto nas páginas do jornal: "esse texto caiu em nossa mão, eu me apaixonei pelo conto e nós resolvemos chamar o Luis Gê para ilustrar o texto"⁴²¹. Ele disse que o conto chegou à redação em 1977, levado pelo irmão de Hiroito, recordou que na época devia ter entre 29 e 30 anos, enquanto Geraldo já era bem mais velho. Barros descreveu Geraldo como um cara extremamente magro, com a face

⁴¹⁹Entrevista com o jornalista Mouzar Benedito, integrante do Jornal Versus. Realizada por e-mail em 12 de Maio de 2021.

⁴²⁰ SOUZA, Percival; FAERMAN, Marcos; PORTELA, Fernando. **Violência e Repressão**. São Paulo: Símbolo, 1978.

⁴²¹ Entrevista com o jornalista Omar de Barros Filho. Realizada em 13/12/2021. Via Googlemeet.

cheia de rugas, marcado pela vida, de rosto encovado com nariz adunco e cujos traços remetiam a uma personagem do expressionismo alemão, Nosferatu (ver figura 38). Informou que a redação de *Versus* funcionava num sobrado antigo, onde tinha um porão que era utilizado para guardar o encalhe e que “o Geraldo passou a frequentá-la com uma mala onde levava os livros, uma espécie de sebo portátil.”⁴²²

A mala causava encantamento nos jornalistas quando aberta, pois era sempre carregada de obras fascinantes e raras. Lembrou que comprou um livro chamado *A ponte nas selvas*, do escritor anarquista — raro no Brasil à época — B. Traven. Além de um livro raro de Franz Kafka chamado *Parábolas e Fragmentos*, seleção de textos em edição com encadernação sofisticada. E o conhecido texto de Josef Conrad, *Coração das Trevas*.

Ao jornalista Mozar Benedito, foi questionado sobre a veracidade, se de fato as obras vendidas pelo Geraldo pertenciam à biblioteca do irmão, Hiroito, ou se de repente isso não era um truque de marketing para convencer as pessoas a comprarem. A resposta trouxe elementos que se não comprovam, pelo menos indicava verossimilhança “Um dia dei uma carona pra ele (Geraldo), que morava na Barra Funda, e ele me mostrou algumas estantes cheias de livros do Hiroito, que ele não ia vender.”⁴²³

Sobre as obras da biblioteca de Hiroito compradas por ele, disse que foram em torno de cinco, mas que não recordava os títulos, pois mandou boa parte de seu acervo como doação para a biblioteca de sua cidade natal, em Minas Gerais. Porém, ficou com um livro de aforismos de Nietzsche em espanhol, comenta que “o Livro tem marcações em praticamente todas as páginas e, em algumas delas, comentários”⁴²⁴. Tratava-se da edição argentina de *AFORISMOS de Federico Nietzsche - "Selección, notas y crónicas por Luis B. Pietrafesa"*, o volume tem 380 páginas e foi publicado por *Santiago Ruedas Editor*, de Buenos Aires, em 1951⁴²⁵. Na figura 38 podemos visualizar a capa do exemplar conservado no acervo de Mouzar.

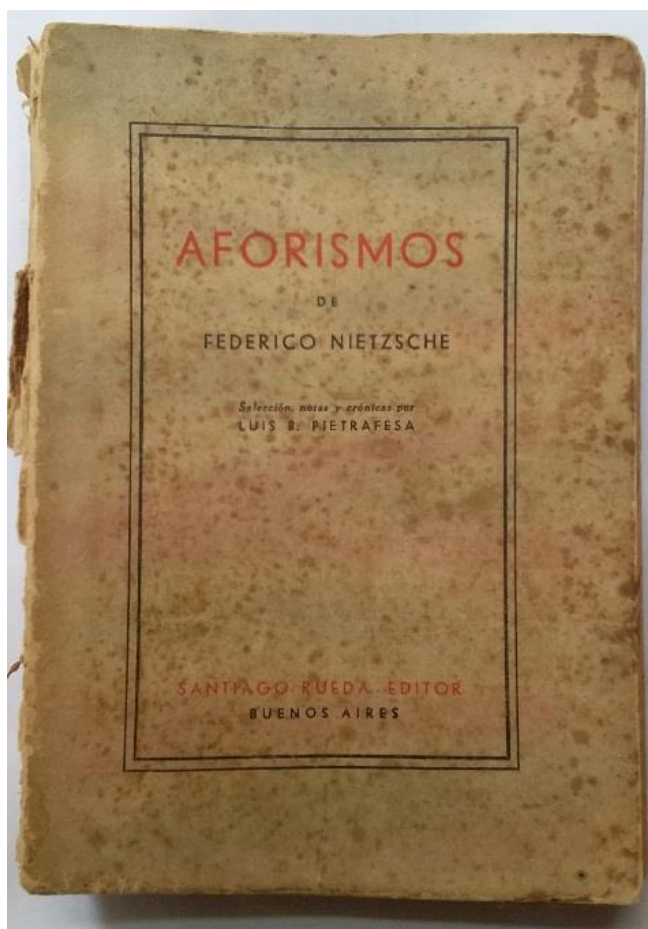
⁴²² Entrevista com o jornalista Omar de Barros Filho. Realizada em 13/12/2021. Via Googlemeet.

⁴²³ Entrevista com o jornalista Mouzar Benedito, integrante do Jornal *Versus*. Realizada por e-mail em 12 de Maio de 2021.

⁴²⁴ Entrevista com o jornalista Mouzar Benedito, integrante do Jornal *Versus*. Realizada por e-mail em 12 de Maio de 2021.

⁴²⁵ NIETZSCHE, Frederico. *AFORISMOS de Federico Nietzsche. Selección, notas y crónicas por Luis B. Pietrafesa*. Buenos Aires: Santiago Ruedas Editor, 1951.

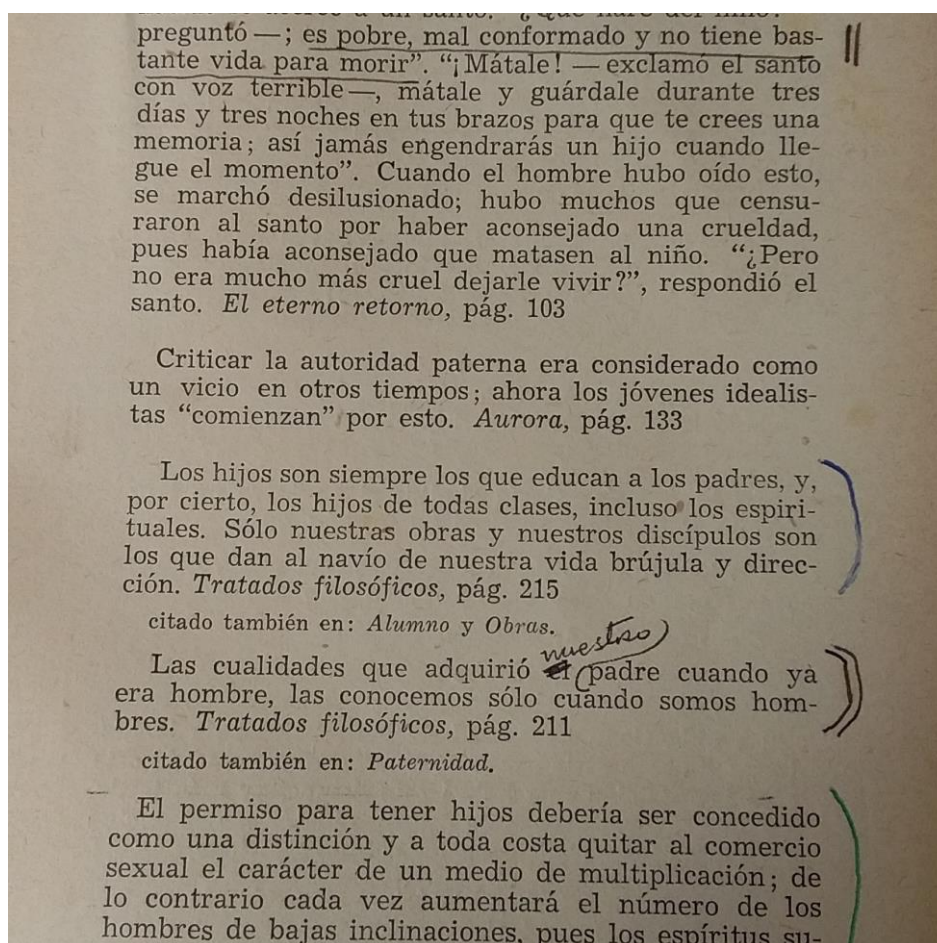
Figura 38: Capa do livro que pertenceu a Hiroito.



Fonte: Acervo particular de Mouzar Bendito. Gentilmente cedido para esta pesquisa.

O jornalista nos mandou fotos das páginas com grifos e anotações feita pelo leitor Hiroito, onde podemos observar que este teceu alguns comentários cujo conteúdo vão desde especulações sobre possíveis leituras feitas pelo filósofo alemão a correções ao texto. Esta última dando a entender que ele tinha certo domínio do espanhol/castelhano (Figura 39).

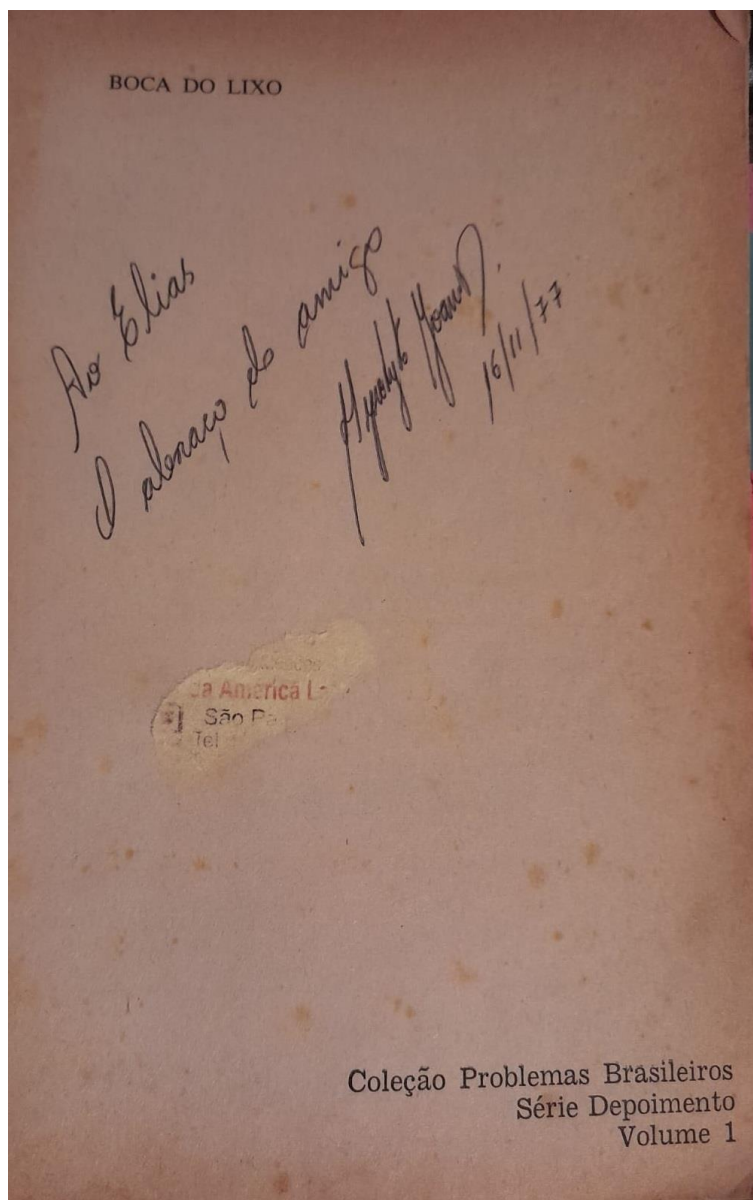
Figura 39: pequena correção feita por Hiroito ao texto da tradução do filósofo alemão Nietzsche



Fonte: Acervo particular de Mouzar Benedito. Gentilmente cedido para nossa pesquisa.

Como forma de atestar a autenticidade das anotações, se eram ou não de lavra do ex-Rei da Boca do Lixo, comparamos a caligrafia com a encontrada na folha de rosto de uma edição de *Boca do Lixo* autografada por Hiroito do nosso acervo particular, e a semelhança é evidente como podemos verificar na (Figura 40).

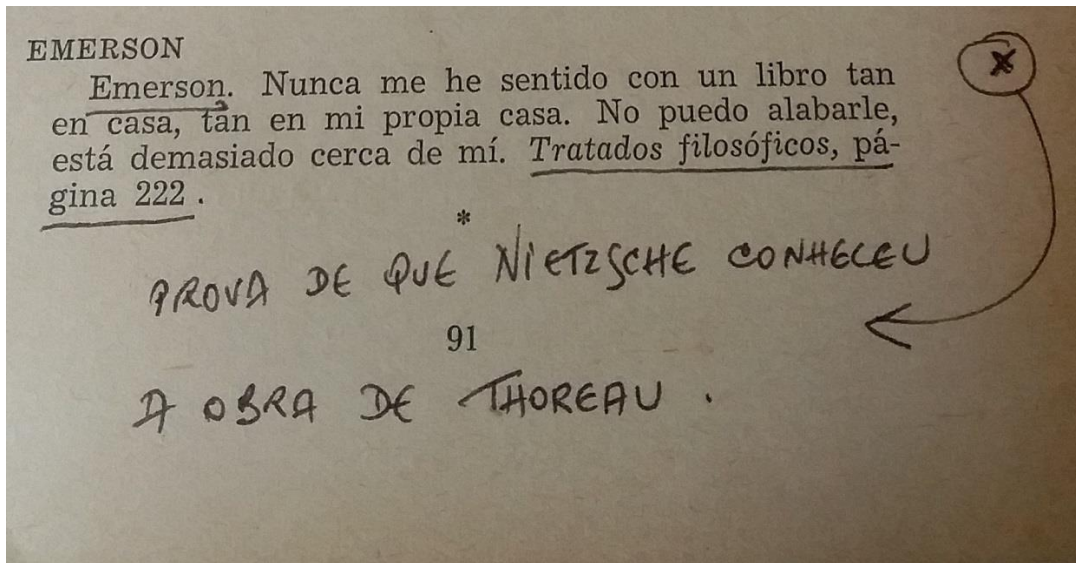
Figura 40: exemplar de *Boca do Lixo* autografado por Hiroito. Caligrafia semelhante à da figura 37.



Fonte: Acervo pessoal do autor da pesquisa.

Numa intrigante associação, rabiscada após o aforismo “Emerson. Nunca me he sentido com um libro tan em casa, tan em mi própria casa. No puedo alabarle, está demasiada cerca de mí.” Hiroito anotou de caneta, ao lado da passagem citada “A prova que Nietzsche conheceu a obra de Thoreau” (figura 41).

Figura 41: Associação feita por Hiroito entre Nietzsche e Thoreau.



Fonte: acervo particular de Mouzar Benedito.

Pelo sentido do aforismo destacado não se pode imaginar qual o motivo de tamanha certeza de que o filósofo alemão tenha lido o autor de *Walden*. Na leitura dos outros fragmentos, também não apareceram elementos concretos de uma aproximação de sentido entre Nietzsche e Thoreau. Porém, no início da página, num trecho grifado por Hiroito, Nietzsche disse que deve existir um distanciamento entre aquele que elogia e o objeto do elogio, na medida em que elogiar é também valorar, julgar. Já no fragmento do final da página, citado e ilustrado na figura 41, o filósofo disse que não podia elogiar Emerson justamente porque se sentia muito próximo dele ⁴²⁶. Será que Hiroito deduziu a partir de semelhanças encontradas em formulações, ideias e até mesmo no estilo de vida dos dois filósofos, que o criador de Zaratrasta evitou citar explicitamente Thoreau por se sentir muito próximo deste? Sobre isso, melhor não especular, as notas e referências encontradas no exemplar não nos dão ancoragem.

Talvez esteja na simples referência ao filósofo estadunidense Ralph Waldo Emerson, muito citado por Nietzsche e reconhecido por comentadores importantes como uma influência definitiva na obra do alemão, o elemento que Hiroito se apegou para deduzir que Nietzsche tenha lido Henry Thoreau. Afinal, este último era não apenas compatriota de Emerson, como fora também seu discípulo. Publicaram obras no mesmo período, o que pode ter levado o

⁴²⁶ NIETZSCHE, Frederico. **AFORISMOS de Federico Nietzsche. Selección, notas y crónicas por Luis B. Pietrafesa.** Buenos Aires: Santiago Ruedas Editor, 1951.p.113.

escritor brasileiro a imaginar que as obras de autores estadunidenses tão próximos no tempo, espaço e em afinidades eletivas tenha circulado em abundância na Alemanha e que ambas tenham chegado às mãos e olhos do autor de *Genealogia da Moral*.⁴²⁷ Se foi essa associação, e é provável que sim, estamos mais uma vez diante de um leitor que demonstrava amplo conhecimento sobre o campo intelectual onde estavam inseridos os autores que leu. Afinal, a influência de Emerson na obra do autor de *A Gaia Ciência* não é algo imediatamente explicitado, é preciso aprofundamento para percebê-la, assim como não é evidente essa relação de mestre e discípulo entre Emerson e o Henry Thoreau.

Em outra página, cujas marcas de leituras contêm anotações, ele observou: “Mark Twain foi o máximo representante deste tipo de alegre malicioso”. Essa nota veio ao lado do seguinte aforismo: “Hay que tenere el ingenio y la buena consciencia de la briboderpía; estou hace que el enganado perdone el engano.” Ou numa tradução livre: “é preciso ter a habilidade e a boa consciência da malandragem; isso faz com que o enganado perdoe o engano”. Nada mais apropriado para a trajetória de vida do nosso autor-bandido. Quanto à relação dessa passagem com Mark Twain era outra associação cujo sentido está envolto em mistério. Quase impossível ao leitor das anotações decifrar a partir dessas marcas de leitura.

Não foi possível identificar sistematicamente quais os livros que compunham a sua biblioteca particular. Quais os seus hábitos e preferências de leitura, embora, podemos deduzir, pela fileira de autores que foram notadamente lidos por Hiroito, uma tendência a apreciar escritores e pensadores que não se prenderam a sistemas filosóficos, cujo tino seja a implementação programática de suas ideias. Dos aqui identificados, dois eram anarquistas/individualistas, Thoreau e B.Travin; da filosofia, Nietzsche e Heidegger podem ser inseridos no campo de pensadores críticos e/ou avessos à criação de sistemas. Além desses, na literatura, uma gama de autores de estilos, escola literárias e gêneros distintos: poetas simbolistas como Baudelaire; contista-cronista dos marginalizados como João Antônio e dramaturgos também inclinado à representação da marginalidade urbana, como Plínio Marcos; e, por último literatos estrangeiros vinculados às mais diversas escolas, a exemplo de

⁴²⁷ . Outras possibilidades, alguns temas e topos caros a Nietzsche também podem ser encontrados no *Walden*. O exemplo mais emblemático tem relação com a noção de Aurora, em ambos aparece como metáfora para a vida em sua plenitude e renovação. No livro de Thoreau em vários momentos são feitas referências à Aurora como símbolo da vida ativa, desperta, de algo superior que está por vir. A pesquisadora Denise Bottman (tradutora de Thoreau) atribui essa aproximação à leitura, por ambos, do Rigue Veda, a coleção de hinos indianos. Em seu blog “lendo o Walden”, ela sinaliza várias aproximações. <http://lendowalden.blogspot.com/2011/06/aurora-rigvedana.html?q=nietzsche>. Acesso em 14/12/2021. Vários trabalhos acadêmicos de comentadores tanto de Nietzsche quanto de Thoreau sinalizam algumas aproximações, embora reconheçam que o alemão nunca tenha citado nominalmente o autor de *Walden*. Mas não vamos nos deter nesses pormenores, sob pena de desviar o foco do capítulo.

Oscar Wilde, Mark Twain, Josef Conrad, Dostoievski e Jean Genet. De tudo isso, podemos apenas estabelecer que Hiroito fez por merecer a fama de bandido erudito.

Uma pergunta que se coloca é: de onde veio esse interesse interdisciplinar pela leitura? Afinal, não é comum que um bandido tão famigerado seja dotado de tamanha erudição. Pode-se tentar trilhar dois caminhos para a resposta, o primeiro já está dado em outros capítulos deste trabalho. Em que pese o fato de ser um desviante, Hiroito era oriundo de família de classe média, relativamente estruturada, durante a infância e adolescência estudou em bons colégios e teve dinheiro para acessar os produtos culturais destinados aos adolescentes de sua classe social. Além de ter fluência em espanhol e inglês.

Outra possibilidade de resposta, encontramos na entrevista à *Escrita*. Ao ser questionado pelo editor Waldyr Nader sobre os tipos de livros que costumava ler, Hiroito respondeu, “Eu li muito antes da delinquência, um irmão é que influenciou”⁴²⁸. O irmão em questão era o mesmo que depois venderia seus livros nas calçadas e redações de Pinheiros. Fundamental frisar que o irmão, Geraldo Joanides, fora durante os anos 1950 importante roteirista e revisor de telenovela da TV Tupi, conforme figura 42.

Figura 42 Anuncio de adaptação para TV feita por Geraldo Joanides

“REBECA”
A MULHER INESQUECIVEL
de **DAPHNE DU MAURIER**
SUCESSO DO CINEMA E DO TEATRO
2.^a-FEIRA NA **PRF3 - TV**



COM
Com **MARIA DELLA COSTA, SANDRO POLLONIO** e grande elenco
Produção e direção de **RUGGERO JACOBBI**
Adaptação de **GERALDO JOANIDES**

PATROCINIO DAS
PERSIANAS COLUMBIA
“A MARAVILHA DO AMBIENTE”
PRF3 - TV — (Televisão Tupi-Difusora)



Geraldo, o irmão de Hiroito.

Fonte: Diário da Noite, 20/04/1958

Os roteiros de Geraldo chegaram a ser elogiados em vários jornais e, segundo o jornalista Marcos Faerman, ele mostrou fotos ao lado de várias celebridades da época, como Anselmo Duarte e Maria Della Costa.⁴²⁹ Portanto, por ser mais velho e ter essa inserção na TV, Geraldo deve ter instruído o irmão nos primeiros passos e escolhas enquanto leitor. Voltando à entrevista, Hiroito seguiu falando sobre sua trajetória e hábitos de leitura:

Aos 16 anos comecei a ler filosofia, li tudo o que podia ler sobre filosofia, todos os filósofos. Na minha mocidade eu era assim meio esquisito, embora fosse um cara boêmio, gostasse, e eu sou mulherengo, sempre fui gamado em mulher, exageradamente. Mas eu gostava muito de filosofia, então devorei todos os filósofos, os pré-socráticos, mas tudo mocinho, com 17, 18 anos. Depois dos 21 segui lendo, mas não tanto.⁴³⁰

A variedade de autores e de correntes teóricas e estéticas que passaram pela sua apreciação e crivo ajuda, de certa forma, a entender o interesse da “Imprensa existencial” por sua figura. Não obstante, a união heterodoxa de bandido vinculado ao território do *bas-fond* da capital paulista e escritor erudito já renderia leitores de imediato. Afinal, como vimos, ainda era uma figura acesa no imaginário urbano apesar de ter passado anos em reclusão. Além disso, esses jornais também desfilavam em suas páginas autores, assuntos e linguagens distintas, tendo assim pontos de convergência com o autor de *Boca do Lixo*. Por outro lado, dada sua capacidade retórica e analítica, renderia boas matérias e entrevistas.

Porém, observando o contexto da época (a repressão da ditadura civil-militar), aliado à renovação teórica, temática, estética e formal por que passava parte significativa da esquerda, questionamos aos dois ex-integrantes de *Versos* se eles sabiam a origem, o *leitmotiv*, do interesse dessa imprensa por temas como a Boca do Lixo, marginalidade urbana, e, especialmente, pela figura de Hiroito. Mouzar Benedito deu uma resposta curiosa:

O interesse da imprensa alternativa pelo Hiroito, acho que se deve a uma conceituação que ocorreu na época, sobre "bandidos sociais", embora ele não se enquadrasse bem nessa categoria. Segundo Eric Hobsbawm, **bandido social** não é um criminoso comum, mas sim uma represália à forma econômica-política de determinado lugar, regido pela soberania do poder estatal ou pelos senhores feudais.

Foi o tempo de achar que o cangaço e seus líderes, Lampião, Maria Bonita e Corisco, por exemplo, eram heróis populares. Personagens como Hiroito eram vistos (não nos anos em que esteve agindo ou preso, mas depois) como

⁴²⁹ FAERMAN, Marcos. Lenda sobre o homem que foi preso 180 vezes. **Jornal da Tarde**. 05 set. 1975. p.13.

⁴³⁰ **Revista Escrita**, p.89.

contestadores do sistema. E o Hiroito tinha isso de ser um intelectual, o que lhe dava um charme a mais.⁴³¹

Embora com a correta ressalva de que Hiroito não se enquadrava exatamente na categoria de bandido social, a reminiscência de Mouzar faz sentido, pois na época do lançamento do livro *Boca do Lixo* houve certo tipo de recepção que o relacionava ao trabalho do historiador inglês. O conceito de bandido social já circulava entre os leitores brasileiros, cunhado no primeiro capítulo da obra *Rebeldes primitivos: Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*, lançada em 1969, e que teve sua primeira tradução brasileira ainda em 1970 pela Editora Zahar. Um indício de que essa relação foi feita quando do lançamento do livro de Hiroito podemos encontrar numa resenha escrita pelo jornalista Flávio Moreira da Costa para *O Globo*. Sua análise forçou uma aproximação entre a trajetória do autor e o conceito de bandido social:

E.J. Hobsbwan, o historiador inglês, que pesquisa uma espécie de sociologia do banditismo – autor de “Rebeldes Sociais” (sic) e “Bandidos” — teria o maior interesse em ler este livro simples, às vezes simplório, praticamente sem estilo, mero depoimento sobre uma vida. Porque ele, o livro, representaria para aquele historiador inglês uma fonte viva, participante, de pesquisa, que o ajudaria na elaboração de seus estudos e conclusões.⁴³²

O jornalista demonstrava certa má vontade com o livro, ou talvez, tenha urdido a resenha sem ter feito a leitura prévia do mesmo. Até a citação do livro do historiador inglês causou certa desconfiança. Uma vez que, para Hobsbawn, o bandido social era uma figura restrita ao campesinato. Sendo o elemento social desse tipo de banditismo a defesa dos pobres contra os ricos, certa busca de justiça social, coisa que Hiroito passava longe de reivindicar. A visão que ele tinha de seus pares na criminalidade (sua comunidade, portanto), como vimos, não era perpassada por uma solidariedade orgânica e menos ainda por algum tipo de filantropia, dividir os lucros nunca passou por sua cabeça, menos ainda utilizá-los em prol de alguma causa libertadora. Antes, a relação comunitária na Boca era fundada na concorrência, na disputa por espaço no comércio de tóxicos e casas de *rendez-vous*. Os laços de amizade eram conjunturais, permeados pelos interesses (financeiros) do momento. Para além disso, a sua área de atuação era o coração da maior metrópole brasileira, estando mais próximo do *bandido blasé*, forjado pela experiência de choque das cidades modernas, que trabalhamos no segundo capítulo, do que de Robin Wood e Lampião, protótipos do bandido social.

⁴³¹ Entrevista com o jornalista Mouzar Benedito, integrante do Jornal Versus. Realizada por e-mail em 12 de Maio de 2021.

⁴³² **Jornal O Globo**, 13 de novembro de 1977, p.15.

A impressão de Omar de Barros Filho, sobre o interesse da imprensa nanica por Hiroito guarda aproximações com a de Mouzar, só que sem menção ao conceito de bandido social, recorre às representações fílmicas citando personagens do cinema e a lembrança de Gino Meneghetti:

Hiroito, como Gino Meneghetti, virou um tipo contra o sistema policial violento e autoritário. Bonnie e Clyde, Butch Cassidy e Sundance Kid. Existem vários personagens reais ou inventados que, de alguma forma, servem como válvulas de escape para as nossas inquietações contra o peso e a força do estado.⁴³³

Outra pista interessante para pensar esse interesse da esquerda existencial na figura e obra de Hiroito tem relação com a recepção, no contexto da ditadura civil-militar, do ensaio bastante lido e comentado do crítico Antônio Candido, *Dialética da malandragem*, mais especificamente na ideia que a sociabilidade brasileira, incluindo as relações entre pessoas e instituições, foram conformadas numa tensão dialética entre a ordem e desordem. Retomando uma tradição interpretativa que remetia aos ensaístas da década de 1930 (Freyre, Buarque e Prado Jr.), o crítico uspiano também investiga o *ethos* brasileiro,⁴³⁴ que formou a noção de brasilidade.

O filósofo Roberto Goto, em seu trabalho que revisitou o texto de *Dialética da malandragem*, o situa de forma interessante. Disse que o texto ofereceu uma saída original às inquietações sobre o destino do país, a querela entre subdesenvolvimento e dependência; entre uma cultura popular estritamente nacional, sem guitarras a apetrechos importados, e uma cultura popular conectada com o mundo, pois: “Uma desvantagem de caráter econômico é compensada pela vantagem do modo de ser nacional, algo como afirmar que somos subdesenvolvidos mas ‘yes, temos malandragem’”.⁴³⁵ Para ele, nesse caldo de debate que marcou a época, com o recrudescimento do regime autoritário, AI-5 e aniquilação de oponentes, o ensaio possibilitou à esquerda um olhar pela fresta. Nesse sentido, seu conceito central surge como “Fundamento social e cultural da acomodação dos opostos e atributo mítico-histórico do país, a ‘dialética da ordem e da desordem’, se não elide, coloca a luta de classes em plano secundário.”⁴³⁶ Portanto, a noção de malandragem era tomada pela esquerda intelectualizada, diante do fechamento do país, como uma possibilidade de burla, principalmente em relação à censura, “dizendo o proibido através do consentido”⁴³⁷.

⁴³³ Omar Brito, Jornalista de Versus, em entrevista ao autor.

⁴³⁴ GOTO. Roberto. **Maladragem revisitada**. Campinas: Pontes. 1988. p. 83.

⁴³⁵ Ibidem, p.84

⁴³⁶ Ibidem,.84.

⁴³⁷ Ibidem. p.83

Dessa forma, a presença de Hiroito nos jornais pode ser lida nessa chave: tratar problemas cruciais como violência urbana e repressão estatal a partir da noção de vivência de um personagem real, trabalhado como alguém em recuperação, em vias de se tornar escritor, para burlar a censura. Não se trata de “dizer ou não dizer”, mas de saber como pronunciar.

Ainda sobre o interesse da imprensa alternativa, encontramos em outra aparição de Hiroito como contista, um reforço para essa hipótese de que a imprensa buscava formas de tratar o tema da violência urbana sem esbarrar no crivo da censura. A mesma *Edições Populares* que lançou o seu livro *Boca do Lixo*, logo em seguida, sobretudo devido ao seu sucesso de vendas, lançou uma coletânea de contos policiais intitulada *Chame o ladrão*, onde constava um conto de autoria do ex- rei da Boca fechando o livro.

A coletânea foi organizada pelo jornalista e poeta Moacir Amâncio — à época, editor de cultura da *Folha de São Paulo*. O segundo volume de uma coleção criada pela editora para a ocasião do lançamento do *Boca do Lixo*, chamada *Coleção Problemas Brasileiros*. Diferente do volume 1 da coleção (o livro de Hiroito), esse já não era um livro em formato *pocket*, mas sim, no clássico formato 13,8 x 25,00 cm. Provavelmente em consequência do sucesso de vendas do primeiro lançamento.

Na entrevista concedida pelo editor da *Edições Populares*, Sr. Analdino, ele destacou o papel que Amâncio teve na divulgação e recepção do livro de Hiroito na grande imprensa, sobretudo na *Folha de São Paulo*, onde o poeta e escritor era editor de Cultura no ano em que *Boca do Lixo* fora lançado. Segundo o editor, Amâncio era seu amigo desde o tempo que cursaram a faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, e tinha especial interesse em criminologia e nos problemas relacionados ao espaço urbano. Foi o jornalista e poeta quem articulou as mesas redondas sobre criminalidade que Hiroito participou na companhia de renomados sociólogos, jornalistas, policiais e juristas. Especialmente a da *Folha de São Paulo*, onde o ex-Rei da Boca esteve ladeado pelo então jovem professor Sérgio Adorno e pelo já renomado jurista Miguel Reale.⁴³⁸

Essa coletânea, cujo título foi inspirado no refrão da música “Acorda amor”, de Chico Buarque. Letra que versava na fresta uma crítica ao regime ditatorial em vigência; dizendo o proibido através do consentido, o compositor descreve alegoricamente a cena de um militante alertando seu companheiro com receio de que a polícia política estava chegando em sua casa, batendo no portão, com o camburão a postos:

Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora

⁴³⁸ Folhetim: discussão da Violência. **Folha de São Paulo**. 11 dez. 1977.

Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão⁴³⁹

Hiroito figurou ao lado de autores relativamente consagrados como Marcus Rey e Inácio de Loyola Brandão, além do próprio organizador, Moacir Amâncio, que também publicou um conto. O subtítulo do livro, “contos policiais brasileiros”, deixou nas entrelinhas o objetivo que logo seria explicitado pelo organizador no primeiro parágrafo do prefácio, onde se percebeu que a proposta girou em torno da pretensão de criar um estilo nacional de conto policial, afastando-se do exotismo, da mera imitação de estilo, topos e temática estrangeira:

Apareceram aí algumas tentativas de conto policial brasileiro. Uns querendo imitar aqueles baratos europeus e americanos, acabaram indo pro beleléu. Nada tinha a ver. Em primeiro lugar, não temos jeito nenhum de imaginar aqueles detetives maravilhosos que ingleses, franceses e americanos inventam. Essa gente tem muita diferença conosco, sem preconceitos.⁴⁴⁰

O que pode soar como uma reedição de um nacionalismo à CPC (Centro Popular de Cultura), na verdade era uma tática de chamar a atenção para problemas brasileiros de forma a passar despercebido pelo olhar esquadrinhador da censura do regime ditatorial. Assim como a música de Chico, que inspirou o título, era uma forma de falar da violência urbana e policial, da repressão, conforme o organizador no final do prefácio:

A projeção de Joseph K. é a situação real que vivemos dia a dia. Nascemos com medo da polícia, com medo dos poderosos. Há um olho vendo tudinho. Os agentes da lei sempre sabem de nossas coisas, cartas, amores e ódios. Vivemos em estado policial. Respiramos e suamos repressão.⁴⁴¹

Os temas e motivos dos textos eram variados, tratando quase sempre da violência urbana. Mas não deixaram, no geral, de manter as características que consagraram o gênero: o conjunto de instrumentos “objetivos” trazidos de outras áreas do saber e que figuraram como partes da narrativa, mas especificamente como elementos para conduzir a imaginação do leitor na missão de desvendar a trama. Nesse sentido, aparece o jornalista que ajudou a desvendar o mistério, a descrição minuciosa da cena do crime e, no lugar dos detetives à

⁴³⁹ HOLANDA, Chico Buarque de. Cancioneiro Acorda Amor. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br>. Acesso em 21/10/2022.

⁴⁴⁰ AMÂNCIO, Moacir. **Chame o ladrão**: contos policiais brasileiros. São Paulo: Edições Populares, 1978. p.7.

⁴⁴¹ Ibidem, p.7.

Sherlok Homes, os típicos delegados brasileiros. No conto de Hiroito, que encerrou a coletânea, ele trabalhou a mesma temática do conto publicado em *Versus*: a violência carcerária. O título *Uma questão de honra* e sua estrutura narrativa, as cenas descritas e o andamento eram mitos semelhantes ao conto RUPA, o que ficou evidente já nas primeiras linhas:

O primeiro golpe veio por trás, à traição. “Na escama”, como se diz na gíria. A faca, simples barra de ferro arrancada do vitrô da cela e pacienciosamente afiada no chão de pedra, porém eficiente, penetrou fundo, do lado esquerdo, em busca do coração. Ademirzão voltou-se rápido, ação instintiva, agarrando o pescoço do atacante “escamoso”. Foi quando a segunda faca adentrou-lhe o vazio da barriga.⁴⁴²

Só que nesse conto, a ação não se deu numa rebelião cujo banho de sangue era impessoal e aleatório. Embora seja um conto de “rupa” (vingança, na linguagem corrente nos presídios da época, conforme já citado), o personagem Ademirzão, descrito como “noventa quilos de músculos, fereza e depravação, nascido numa favela qualquer, era filho do Estado.”⁴⁴³ A ironia em ser “filho do Estado” se deve ao fato dele ter sido criado no juizado de menores, de onde nunca sairia desde os 12 anos. Era utilizado, por seu porte físico e violência, desde os tempos de interno no Instituto de Reeducação, como instrumento de tortura pelos carcereiros para castigar jovens baderneiros. A forma de castigo se dava pela violação sexual dos jovens. Por isso, já adulto e na penitenciária, levava o apelido de “estuprador-oficial”. Sua morte violenta se deu por vingança de onze homens que haviam sido violentados por ele à época do Instituto de Menores, a descrição da cena choca pela crueza do estilo:

Em torno daquele corpo negro, caído, já sem vida, onze homens, braços armados, disputavam, embotados, aos empurrões, o privilégio de esfaqueá-lo outra vez ainda, por vezes se ferindo na ânsia assassina. Nos rostos jovens das onze bestas-feras, produtos do sistema penitenciário, rostos de homens sofridos, sós, esquecidos, números apenas, a mesma expressão de ódio incontido, curtido de há muito. Curtido desde os tempos do Juizado de Menores.⁴⁴⁴

Não à toa, além de surgir nos jornais no final da década de 1970 contextualizado de forma distinta, não mais como rufião e traficante dedo-mole, mas na condição de intelectual, Hiroito também passou a ser observado pelo aparelho repressor a partir de outro viés. E aqui vale contar um desses episódios que aconteceu durante a pesquisa em arquivo e que interessa especialmente aos historiadores. Quando da caça aos rastros no Arquivo Público de São

⁴⁴² JOANIDES. Hiroito de Moraes. In: AMÂNCIO, Moacir. **Chame o ladrão**: contos policiais brasileiros. São Paulo: Edições Populares, 1978. p.7. p.124.

⁴⁴³ Ibidem. p.125.

⁴⁴⁴ Ibidem. p.125.

Paulo, ao nos depararmos com uma ficha do DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social, onde constava o nome “Hiroito de Moraes Joanides”, a curiosidade e imaginação leva a imaginar que seria algum processo relacionado aos crimes corriqueiros dos quais o ex-Rei da Boca costumava responder, ou então algum tipo de perturbação à ordem pública. Porém, surpreendentemente o dossiê com seu nome estava anexado à pasta “Movimento estudantil”. Ao colocar o rolo de microfílm na máquina, o conteúdo inusitado: durante boa parte da atividade de Hiroito como palestrante em universidades, o órgão de censura da ditadura o acompanhou de perto. Na primeira página do dossiê estava assim:

Atendendo às determinações de V.S., procedi observações na Faculdade Objetivo, tendo a relatar o seguinte:

Em andares do prédio destinados a alunos de Psicologia, Comunicação e Colégio, encontram-se afixados em murais cartazes convocando alunos a participarem do debate sobre criminalística que será realizado em local ainda a ser confirmado, no próximo dia 23 às 19:30 hs, este local será provavelmente uma das salas de aula onde são realizadas aulas de debate. Cabe informar ainda que esses cartazes trazem os dizeres em destaque “HIROITO DEVASSA A BOCA DO LIXO” fazendo alusão a um livro escrito que narra episódios passado na vida de um criminoso.

Com o título do livro e o tema sobre criminalística, espera-se que haja uma presença pelo menos razoável de estudantes. (SIC) ⁴⁴⁵

Ainda no mesmo dossiê, constava outra anotação na última página com informações a respeito do palestrante, com escopo em sua vida de delinquência, crimes e contravenções no quadrilátero do pecado. Essa pequena nota biográfica era marcada pelo tom de alerta em relação ao conferencista e sua turma:

Famoso traficante colocado em liberdade condicional, Hiroito de Moraes Joanides, processado mais de 40 vezes por agressão e tráfico, trata-se de figura atuante na chamada Boca do Lixo, sua turma ficou famosa, era uma turma da pesada.⁴⁴⁶

No final da década de 1970, ao longo dos dois anos em que seu livro esteve em pauta nos jornais e revistas, na esteira do debate sobre a violência urbana, que começava a se configurar no formato que conhecemos hoje, do crime organizado, Hiroito foi convidado para palestrar em diversas Universidades, além da Objetivo, também deu palestras na PUC-SP, Mackenzie e na faculdade de Sociologia da USP, no famoso prédio da FFLCH.

O DEOPS, espécie de Polícia Política do Estado de São Paulo, criado em 1924 em meio a uma série de agitações políticas e enfrentamentos sociais, começou como uma simples delegacia e ao longo do tempo adquiriu *status* de Departamento, um dos mais temidos da

⁴⁴⁵ Arquivo Público Do Estado de São Paulo, DEOPS, pasta 50c.22.10768.

⁴⁴⁶ Arquivo Público Do Estado de São Paulo, DEOPS, pasta 50c.22.10768.

Polícia Civil de São Paulo. Ao longo dos seus quase 60 anos de funcionamento, encerrou suas atividades em 04 de março de 1983, escrutinou as mais diversas atividades artísticas, editoriais, políticas e cotidianas consideradas subversivas.⁴⁴⁷ No Arquivo Público do Estado de São Paulo constam mais de 150 mil prontuários e quase 10 mil dossiês temáticos cuja produção se deu no âmbito do DEOPS. Os arquivos produzidos pelo órgão tinham para o regime autoritário caráter de evidência, pois reforçavam certa suposição de que as imagens e textos que circulavam na imprensa alternativa, bem como os eventos, encontros e debates promovidos pela sociedade civil eram provas da existência de atividade política subversiva.

A pesquisadora Maria Luiza Tucci Carneiro defendeu que essa sanha em controlar as atividades artísticas e políticas nos seus mínimos detalhes acabou por influenciar a proliferação de veículos, grupos teatrais, editoras e imprensa alternativa, buscando sempre atuar nas frestas do regime. Uma característica intrigante desses arquivos do DEOPS é seu caráter de coletar e documentar os rastros das “atividades subversivas”, as fichas e dossiês produzidos procuravam descrever, classificar, catalogar impressos, textos, fotos dessas manifestações. Para Tucci Carneiro, essa atividade acabou por permitir preservar uma “memória da intolerância”⁴⁴⁸. Ou seja, graças a esse trabalho nada edificador, os rastros de determinados movimentos artísticos e atuações políticas foram preservados para que as futuras gerações possam refletir sobre o autoritarismo e sua relação com a cultura, o cotidiano e o controle.

Um dado que impressiona é que quase todos os agentes e sujeitos citados neste capítulo passaram, em algum momento, pelo crivo do DEOPS, não apenas Hiroito. Os jornalistas, a editora *Edições Populares*, o advogado e deputado Samir Achoa e até seu irmão Geraldo Joanides.

Na ficha de Geraldo Joanides, além dos dados biográficos como filiação, data de nascimento, podemos ler as seguintes informações sobre a prisão “em 02/10/1964 – foi preso para averiguação.” Logo em seguida a anotação sobre sua soltura, que ocorreu 7 dias depois “em 09/10/1964 – foi posto em liberdade”.⁴⁴⁹

Já a prisão do jornalista Omar de Barros Filho veio recheada com informações mais detalhadas sobre sua atividade política, começando por identificar a organização na qual ele supostamente militava “organização: P.S.T. Informe no 23/79 do II EX, referente a atividades

⁴⁴⁷ CARNEIRO, Mariz Luiza Tucci. **Impressos subversivos: Arte, Cultura e Política no Brasil 1924 - 1964**, São Paulo: Fapesp p.15.

⁴⁴⁸ *Ibidem*. p.17.

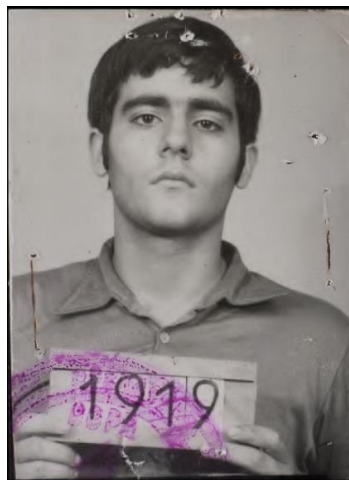
⁴⁴⁹ **Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Ficha SNÇ308. DEOPS.

do P.S.T” (sic).⁴⁵⁰ Em outra página, descrição sobre as atividades políticas por ele desempenhada:

Em 29/07/1980, na proximidade da Av. Henrique Schauman, foram distribuídos panfletos intitulados “Convergência Socialista e o Jornal O Trabalho repudiam o golpe na Bolívia”. O referido panfleto contém um manifesto da Convergência Socialista e convida todos para um debate público no dia 01/08/1980, com palestra de OMAR de Santos Barros, que será levado a efeito no Curso Politécnico, sito a rua Três Rios nº 123, jornalista do jornal “Versus”, o qual teria recentemente retornado da Bolívia, ocasião que lançará um livro de sua autoria denominado “Bolívia, Voz Metralha e Revolução”.⁴⁵¹

Dos jornalistas, a ficha mais extensa é a do fundador e idealizador de *Versus*, Marcos Faerman. Quando do seu encontro com a polícia política Faerman trabalhava em *O Estado de São Paulo*. Sua ficha é bem completa de dados biográficos, com informações do seu endereço, citação do endereço de trabalho, além de uma fotografia dele segurando o número de inscrição da delegacia (figura 43).

Figura 43: Marcos Faermann fichado no DEOPS



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

O motivo da prisão “elemento detido na greve dos jornalistas dias 23/24 de maio de 1979.” Em seguida fez-se menções a outros processos relacionados ao detido, notas bem pontuais com referência à documentação arquivada no órgão, “participação em jornais da ‘imprensa alternativa’, pasta 48, DOC 01.” E encontra-se também menções ao nome de Marcos citado por outros presos em depoimentos apensados em outras fichas e processos.

⁴⁵⁰ Ficha NS163. Arquivo Público do Estado de São Paulo. DEOPS.

⁴⁵¹ Ficha NS163. Arquivo Público do Estado de São Paulo. DEOPS.

Falou de seu envolvimento com diversos partidos e organizações políticas desde pelo menos 1968. Por fim, uma nota sobre sua atividade em *Versus*: “Em 03/04/1978 é comunicado que o nominado é um dos proprietários da EDITORA VERSUS LTDA que imprime os jornais *VERSUS* e *CONVERGÊNCIA SOCIALISTA*”.⁴⁵²

Há ainda outras menções ao *Versus*, extraída de depoimentos de outros jornalistas detidos, como o da jornalista Maria José da Silva Lourenço, cujo DEOPS destacou a parte em que ela explicou como foi contratada para trabalhar no jornal: “por intermédio de Marcos Faerman”. Outra declaração de João Carlos Agostini, que disse ter conhecido Marcos quando do lançamento da *Convergência Socialista* e que a partir de então “passou a frequentar a sua sede na Rua Capote Valente, antiga sede do jornal “VERSUS” onde conheceu diversas pessoas, entre eles o marginado.”⁴⁵³

Por fim, a ficha que chama a atenção de forma especial é a do então deputado Samir Achoa — filiado ao MDB, oposição à ditadura — amigo e advogado de Hiroito em diversos processos. As anotações em sua ficha se resumem a acompanhar sua atividade parlamentar, bem como algumas intervenções pontuais do deputado no debate público, como críticas que teceu ao Governador Franco Montoro e críticas a uma tentativa de imposição da candidatura de Fernando Henrique Cardoso à prefeitura de São Paulo, pelo MDB. No meio dessas anotações um fato curioso sobre a participação de seu amigo e ex-cliente na sua campanha:

12-09-1986 Ref. recorte do jornal Folha de São Paulo intitulado: EX “REI DA BOCA” COORDENA CAMPANHA DE SAMIR ACHÔA”, onde consta que Hyrohyto de Moaes Joanides, o “rei da boca do lixo” nos anos 60, é atualmente coordenador de campanha do nominado.”⁴⁵⁴

A pequena nota referiu-se à campanha de 1986, e esse ano marcou o retorno de Hiroito às páginas dos jornais por um curto período, no qual sua fama enquanto escritor já tinha acabado. Ele passou outra temporada na casa de detenção, na verdade numa casa diferente, em uma colônia agrícola em Taboão da Serra, onde tinha privilégios de entrar e sair na hora que bem entendesse, além de circular livremente nas áreas internas, onde também prestava serviços de bibliotecário e escrivão para o complexo penitenciário. Até que num belo dia resolveu sair e não retornar.⁴⁵⁵ Em 1983, o jornalista Ramão Gomes Portão, já no *Jornal do Brasil*, deu a seguinte notícia quando da sua recaptura: “Escritor volta ao crime e é preso na madrugada paulista”⁴⁵⁶.

⁴⁵² Ficha NS163. **Arquivo Público do Estado de São Paulo.** DEOPS.

⁴⁵³ Idem.

⁴⁵⁴ DCA00220. **Arquivo Público do Estado de São Paulo** DEOPS,

⁴⁵⁵ Rei da boca do lixo foge da cadeia. **Jornal O Globo.**, 07 fev. 1982, p. 6.

⁴⁵⁶ **Jornal do Brasil.** Escritor volta ao crime e é preso na madrugada paulista, 13/03/1982, p. 16.

O lead da reportagem iniciou com o clichê “figura lendária do submundo” para se referir ao autor do feito a ser narrado, depois mencionou o fato de estar foragido há dois meses da prisão Albergue e por fim citou o nome e o feito “Hiroito de Moraes Joanides, autor do livro ‘Boca do Lixo’, foi preso ontem de madrugada, com quatro frascos de cocaína, uma pistola alemã HK, 12 balas, 600 dólares e mais Cr\$ 157 mil”.⁴⁵⁷

A detenção se deu por volta das 3h30m, após um tático móvel da polícia ter reconhecido o foragido no cruzamento da Avenida das Nações Unidas com a Rua Macacá, Pinheiros. Hiroito ainda tentou se passar por um industrial, chegando a mostrar identidade falsa e oferecendo suborno aos oficiais. Por fim, o jornalista relembrou do recente momento de escritor e palestrante pelo qual ele acabou de passar:

Aos 47 anos, o antigo Rei da Boca do Lixo era tido como regenerado. Nas conferências que proferiu em universidades e no seu livro[...] um libelo contra o sistema penitenciário (sic) que lhe deu notoriedade. Com nova imagem, disse que se dedicaria à literatura e à mulher Neide. Jogou fora essa oportunidade de ouro.⁴⁵⁸

Após esse episódio, Hiroito desapareceu por um tempo das páginas dos jornais. Voltando à cena em 1984, quando a *Folha de São Paulo* enviou um repórter para entrevistá-lo na prisão. Essa entrevista foi um desdobramento da repercussão da última prisão, citada acima, após a fuga da casa de custódia agrícola de Taboão. O repórter designado para tal tarefa foi Miguel de Almeida, e o título dava ênfase ao cotidiano da prisão: “Hiroito, um preso horrorizado com crimes brutais”⁴⁵⁹. A entrevista foi extensa, ocupa mais de 75% da página do jornal. Começa com os registros biográficos corriqueiros e depois informou que “de seus 49 anos, 15 foram passados na cadeia”. Mais uma vez ele afirmou ser uma pessoa regenerada, e que vai se distanciar do crime para levar uma vida pacata e honesta. O repórter ainda relembrou a notoriedade alcançada com as vendas do livro.

A tônica, porém, se deu em torno das impressões do entrevistado em relação ao estilo de crime e criminalidade praticada naquele período e o quanto isso se diferiu do seu tempo: “Hoje o crime bestializou-se e dá até vergonha do que andam fazendo os delinquentes”⁴⁶⁰. O repórter optou por escrever um texto narrativo, sequenciando com os principais pontos da entrevista ao invés do formato mais conhecido do *ping-pong* (compassado por perguntas de um lado e respostas de outro). Assim, prometeu que nesse texto-entrevista não enfocaria a

⁴⁵⁷ **Jornal do Brasil.** Escritor volta ao crime e é preso na madrugada paulista, 13/03/1982, p. 16.

⁴⁵⁸ **Jornal do Brasil.** Escritor volta ao crime e é preso na madrugada paulista, 13/03/1982, p. 16.

⁴⁵⁹ **Folha de São Paulo.** Hiroito: um preso horrorizado com crimes brutais. 29 abr 1984, p. 2, segundo caderno.

⁴⁶⁰ *Idem.*

vida pregressa e os feitos criminosos do lendário e famigerado Rei da Boca, “mas o cidadão e seus sentimentos e impressões”. Sublinhou que para Hiroito, essa última foi a prisão que mais doeu, pois estava sendo acusado de algo que na sua ótica não cometeu, assalto. Disse que roubou um talão de cheques de outro malandro e, pela frase que deferiu ao narrar o fato, não considerava esse ato como assalto, levando à sério o ditado do ladrão que rouba ladrão: “Nunca Assaltei. Somente assaltei gente do próprio crime, outros delinquentes.” Descrito pelo repórter como uma pessoa de gestos curtos, de aparência tranquila e de fala baixa, o texto reproduz uma explanação do entrevistado sobre os motivos dessa prisão ter doído mais:

Foi a maior dor que senti nos últimos quinze anos. Principalmente porque o livro tinha me dado outra dimensão. Eu estava dando palestras em universidades sobre violência, criminalidade, me considerava recuperado; Quando retornei à prisão, estes processos tinham sido iniciados há mais de dez anos. Foi terrível.⁴⁶¹

Após esse episódio, ele volta a figurar nas páginas dos jornais de forma bastante inusitada. Mostrando sua versatilidade, apareceu como coordenador de campanha do seu amigo e advogado, Samir Achôa, que naquela ocasião era Deputado Federal pelo partido oposicionista do regime militar (MDB) e concorria à reeleição. Em reportagem da *Folha de São Paulo*, datada de 12 de setembro de 1986, o título estampava: “Ex-rei da Boca é coordenador campanha de Samir Achôa”.⁴⁶² O advogado havia sido eleito como um dos mais votados deputados federais de São Paulo em 1982, com 313.583 (trezentos e treze mil quinhentos e oitenta e três) votos, o que impressionava mais ainda dado a dimensão política aferida com esse desempenho eleitoral. Segundo o jornal, Hiroito trabalhava no escritório de advocacia do deputado, na Av. Faria Lima, dando expediente comercial até as 18h, mas na ocasião não estava dando plantão, pois fazia inúmeras viagens pelo estado de São Paulo para acompanhar os compromissos de campanha, principalmente as dobradinhas feitas com deputados estaduais no interior. Conforme narrou o próprio à reportagem: “Sou um dos coordenadores da campanha. Cuido, por exemplo, da parte das dobradas”.⁴⁶³ O jornal destacou que conversou com Hiroito por telefone, pois no momento ele estava em Santos, “cuidando de uma dobradinha que não posso revelar qual porque ainda não está fechada.”⁴⁶⁴ O coordenador geral da campanha do deputado, Jean Louis Teppet, afirmou à reportagem que agilizou sua soltura para trabalhar na campanha, “Eu o tirei da cadeia faz três meses”.⁴⁶⁵

⁴⁶¹ **Folha de São Paulo.** Hiroito: um preso horrorizado com crimes brutais. 29 abr 1984, p. 2ª, segundo caderno.

⁴⁶² **Folha de São Paulo.** Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12 set. 986, p.09.

⁴⁶³ **Folha de São Paulo.** Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12 set. 986, p.09.

⁴⁶⁴ **Folha de São Paulo.** Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12 set. 986, p.09.

⁴⁶⁵ **Folha de São Paulo.** Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12 set. 986, p.09.

A relação de amizade de Achôa e Joanides era antiga, vinha de pelo menos da década de 1960, quando o advogado defendia o amigo em diversos processos, reforçando, portanto, a fala de Teppet sobre a soltura às vésperas da campanha de 1986. Essa relação se iniciou pelo menos desde 1961, ano em que encontramos um extrato no Diário Oficial do Tribunal de Justiça de São Paulo onde consta um alvará de soltura conseguido por Samir Achôa em prol de Joanides, conforme citação:

processo 32.174 1 Rel. Cardoso Rolim — Apelante, Hiroito de Moraes Joanides, Réu preso, a pedido da justiça pública. Deram preve. para absolver o réu, contra o voto do relator; Designado o revisor para o acordão. Expeça-se alvará de soltura. Advogado Samir Achoa.⁴⁶⁶

Diversos outros processos de Hiroito, ora obtendo sucesso no pleito, ora perdendo, tiveram Samir Achoa como advogado de defesa. Em outra ocasião, dessa vez em 1966, lograram mais um alvará de soltura, conforme consta no extrato do Diário Oficial da Justiça, o resultado de uma apelação criminal assinada pelo advogado e político: “Processo 85.274 — Hiroito de Moraes Joanides — à Justiça Pública — Deram provimento a fim de absolver o apelante, V.u — Advogado Samir Achôa.”⁴⁶⁷

Ainda na reportagem da *Folha de São Paulo*, Hiroito alegou que já tinha trabalhado como assessor jurídico de Samir na campanha de 1970 e depois como coordenador da de 1978, reforçou os antigos laços e disse ter entrado na campanha por amizade e não por dinheiro. O repórter Josué Canda, narrou que o deputado chegou a ligar para o jornal irritado, questionando sobre os motivos da reportagem e pedindo, “Não mexa com o passado dele. Só estou pedindo a você como ser humano que respeite o Hiroito.”⁴⁶⁸ Por fim, frisou que a *Folha* tinha pedido reportagem sobre a campanha política de 1986 e não sobre o passado de seu assessor, concluindo com uma alerta: “que interesse pode ter essa matéria? Você pode prejudicar um homem.”⁴⁶⁹ O fato é que a reportagem repercutiu e Hiroito acabou, ao menos oficialmente, afastado da campanha.

Sobre a repercussão, sete dias após a publicação da reportagem, no dia 19 de setembro de 1986, um leitor do interior de São Paulo enviou carta condenando a participação de Hiroito na coordenação da campanha. Destacada pelos editores do jornal com o título de “Rei da Boca”, reproduzimos o conteúdo da carta:

Como consta da reportagem, sob o título “Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa (Folha12/09), focalizando a figura de Hirohyto

⁴⁶⁶ **Diário Oficial da Justiça**, 16 set. 1962. p. 12.

⁴⁶⁷ **Diário Oficial da Justiça** 05 jul. 1966, p.06.

⁴⁶⁸ **Folha de São Paulo**. Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12/09/1986, p.09.

⁴⁶⁹ **Folha de São Paulo**. Ex-rei da Boca coordena campanha de Samir Achôa, 12 set. 1986, p.09.

de Moraes Joanides, este cidadão controlava o tráfico de drogas em São Paulo, usava revólver por qualquer motivo, foi preso 180 vezes e fugiu 172. Diz a notícia que cumpriu 45 penas, tendo atualmente 50 anos. Parece-me absurdo que já tenha cumprido todas elas, tendo a idade que tem. Entretanto, o que mais choca na notícia é que o livro de sua autoria, também chamado ‘Boca do Lixo’, escrito em 1977, tenha sido editado pelas edições Paulinas. Salvo engano, esta editora pertencente a uma ordem religiosa ou instituição ligada à Igreja Católica. Será que alguma autoridade eclesiástica também está dedicada a ‘recuperar’ o autor do livro?

Túlio Campello de Souza (Pindamonhangaba, SP)⁴⁷⁰

A carta foi escrita num estilo que lembrava os jornais populares. Apelou para imagens do medo urbano e escolheu um espectro para representar esse medo: o traficante violento que usava o revólver com facilidade e que foi preso e fugiu diversas vezes. Além disso, usava o espaço para criticar o sistema penal brasileiro, que deveria ser mais rígido e aplicar penas longas a pessoas como Hiroito. Afinal, como é possível que ele tenha cumprido 45 penas e esteja em liberdade com 50 anos, gozando de boa saúde a ponto de trabalhar numa campanha política. Por fim, a parte mais curiosa foi a condenação a uma suposta instituição católica por ter editado o livro *Boca do Lixo*, as *Edições Paulinas*. Como sabemos, o livro saiu pela *Edições Populares*, que embora tivesse alguma simpatia pela igreja mais progressista, era uma editora secular, publicando livros sobre problemas brasileiros, história da revolução, marxismos e literatura.

Fato curioso é quando perguntamos e pesquisamos quem seria esse leitor da *Folha* que se incomodou tanto com a matéria, constatamos que se tratava do filho de um tradicional médico de Pindamonhangaba, o Sr. Otávio Oscar Campello de Souza, que inclusive dava nome a uma das principais ruas da cidade. O Sr. Otávio chegou a ser vereador da cidade, em 1941. Mas o seu filho Túlio, autor da missiva, foi vereador por dois mandatos chegando a ser inclusive presidente da Câmara Municipal. Além disso, o urdidor da carta foi também herói de guerra da FEB. O fato curioso é que o mesmo era filiado a Arena, partido da base de sustentação do regime, tendo, portanto, motivo suficiente para insuflar a reportagem sobre a participação do ex-rei da boca na campanha do deputado do MDB. Essa atuação do leitor, partidário do regime civil-militar que naquele momento já dava sinais de enfraquecimento e abertura, demonstrava como a imprensa na época exercia esse papel de espaço de debates, disputa de poder e de interesses. Talvez o intuito da missiva fosse mais reforçar um ataque à campanha do deputado do MDB, do que incomodo nato com a participação de um ex-bandido na coordenação.

⁴⁷⁰ **Folha de São Paulo**. Painel do leitor: Rei da boca. p.3.

Após essa última aparição, Hiroito sumiu das páginas dos jornais. Nem mesmo seu falecimento, em 1992, foi noticiado – com exceção de uma pequena nota em *Notícias Populares*. Seu nome só voltaria a ser notícia nos anos 2000. Mais especificamente em 2003, por causa da reedição do livro feito pela *Labortexto*, com revisão e novo prefácio do jornalista Cesar Alves. E em 2013, por conta do lançamento do filme *Boca*, adaptado da autobiografia e tendo o ator Daniel de Oliveira, no papel do rei da boca.

Por se tratar de uma representação fílmica elaborada muitos anos após os acontecimentos, não vamos analisá-la na perspectiva de fonte histórica. O que vale ressaltar sobre o filme, é que foi fruto da venda dos direitos autorais que Hiroito fez ainda na década de 1970, a qual citou em entrevista ter recebido um adiantamento pela cessão dos direitos. No entanto, essa cessão rolou por anos a fio e ninguém se interessou em rodar, chegando às mãos do até então documentarista Flávio Frederico e marcou sua estreia no formato longametragem de “ficção”.

Por fim, nesse capítulo buscamos retirar a personagem principal do contexto do cotidiano marginal da Boca do Lixo e trazê-lo para o debate na esfera pública de sua época, focando a análise de Hiroito enquanto um escritor-intelectual inserido nas questões importantes do seu tempo, sobretudo nas que dizem respeito ao tema do seu livro, a criminalidade urbana. Ao mesmo tempo, responder como seu livro foi recebido na imprensa que ele tanto criticou. Como vimos, Hiroito participou de debates, mesas redondas com juristas, sociólogos e criminologistas, deu entrevistas, palestras em universidades e teve algumas resenhas elogiosas sobre seu trabalho. Além disso, até mesmo em relação ao aparelho repressor, passou a ser vigiado de outra forma, etiquetado e reservado em outro compartimento, passando a ser vigiado pela polícia política por conta de sua atividade intelectual. Por fim, o capítulo cumpre a função de fazer, na medida do possível, a história do seu livro e de como encerrou a sua trajetória na imprensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O nosso principal objetivo foi entender o processo de constituição da Boca do Lixo não apenas enquanto território marcado por práticas e sociabilidades marginais e criminais que se configurou no centro da Paulicéia entre as décadas de 1950-1970. Mas antes, compreender como o imaginário em torno desse território foi construído ao longo do tempo através da produção de uma miríade de representações, oriundas dos mais diversos veículos, instituições, campos e suportes, que acabaram por recortar aquele espaço enquanto o lugar das atividades criminosas, imorais e sujas.

Essa formulação de que as representações sobre determinado local acabam por o constituir no imaginário social, tendo inclusive desdobramentos na geografia e nas práticas cotidianas, não pode ser tomada como uma aposta determinista na linguagem e na cultura. É importante lembrar que os discursos, em suas diversas modalidades, institucionais ou artísticas, são também práticas sociais, e não foram aqui trabalhados de forma separada, independente. Não nos interessa a querela se no começo está palavra ou o ato, eles estão sempre entrelaçados. A noção de topografia criminal, lugar de crime, se mostrou como ângulo para compreensão da realidade criminal da cidade de São Paulo e foi articulada com a análise dos sujeitos concretos em sua atuação diária. Sendo esses sujeitos ao mesmo tempo objeto das representações e leitores destas.

Dessa forma, jornais, repórteres policiais, tribuna do parlamento, cinema, literatura, atos oficiais do judiciário, compõe um mosaico de lugares de onde se emanaram as mais variadas formas de representações sobre aquele espaço e suas personagens. Embora possa soar estanho tal conclusão, de que os espaços das cidades são constituídos (também) por discursos e representações, se olharmos as cidades modernas, estas também são, para além da geografia física e humana, uma espécie de mídia, ou suporte físico, onde se acoplam as mais diversas produções discursivas: da legislação urbana às artes (literatura, música, cinema etc.), passando pelos textos jornalísticos, que acabam, se certa forma, se conectando ao espaço físico da cidade. O que foi a mudança de nome da rua Itaboca para Rua Cesare Lombroso

senão uma operação de apagamento e regravação simbólica no espaço citadino (suporte físico), com direito a placa com texto escrito e remissão aos feitos do eugenista italiano.

No primeiro capítulo, a relação entre representações e cidade apareceu a partir do embate entre os empreendedores morais e as moradoras indesejáveis das ruas Itabocas e Aimorés. No segundo, na contraposição entre uma imagem da cidade orientada por valores lineares e puritanos (ordeira, do trabalho e do progresso) com as representações alegóricas de Rogério Sganzerla e sua imagem da Boca do Lixo como uma distopia que ostentava os escombros que o fetiche pelo ideal de progresso visava esconder. No terceiro, na forma como os sujeitos da Boca foram transformados em personagens-legenda nas páginas da imprensa policial da época. E como, em certo momento, a existência Boca e sua sociabilidade deixaram de ser interessante tanto para o aparato de segurança do Estado quanto para a reportagem policial.

Por fim, no quarto e último capítulo, Hiroito retorna às páginas da imprensa sob outro prisma, dessa vez na condição de escritor e palestrante profícuo e promissor. Nesse contexto, momento em que a Boca enquanto uma topografia criminal estava praticamente desmontada, Hiroito surge como um ator importante no debate sobre o problema da criminalidade em São Paulo. A imprensa alternativa, de esquerda e oposição ao regime, o enxerga como um instrumento para debater o problema da violência urbana. E a Polícia, que antes o vigiava por suas atividades criminais, passou a vigiá-lo enquanto potencial ator de subversão política.

A cruzada contra a Boca levada a cabo pelo grupo de extermínio fundado pelo delegado Fleury se inseriu no jogo de interesses da época, mudando a direção da gerência dos ilegalismos na capital paulista, acabando por desmontar a economia criminal da Boca do Lixo, pelo menos no formato em que eram exercidas entre as décadas de 1950-1970: o rufianismo, a prostituição, o tráfico de entorpecentes basicamente concentrado nas ruas do quadrilátero.

Não à toa, tempos depois, a região hoje é renomeada e representada como o espaço da Cracolândia, e, nesse exato momento, está sendo mais uma vez objeto de uma cruzada policial mal planejada (ou bem planejada, se pensarmos pelo ângulo da gerência de ilegalismos) fazendo com que os usuários de drogas se desloquem para outras regiões do centro, construindo um cenário ainda mais desolador e distópico.

FONTES:

ARQUIVO

Arquivo Público Do Estado de São Paulo, DEOPS, pasta 50c.22.10768.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ficha SNÇ308. DEOPS.

Arquivo Público Do Estado de São Paulo, DEOPS, pasta 50c.22.10768

ENTREVISTA

Entrevista com o Sr. Analdino Rodrigues, Editor da editora Edições Populares. Realizada via google meet em 22/11/2023.

Entrevista com o jornalista Mouzar Benedito, integrante do Jornal Versus. Realizada por e-mail em 12 de Maio de 2021

Entrevista com o jornalista Omar de Barros Filho. Realizada em 13/12/2021. Via Googlemeet

FILMES/PROGRAMA DE TV

Vox Populi, TV Cultura, 19/09/1978.

O bandido da luz vermelha. Direção e roteiro: Rogério Sganzerla. São Paulo, Urânia, 1968.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSbBA4OiqBc>

LITERATURA

ANTÔNIO, João. **Leão de chácara**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

JESUS, Vera Tereza de. **Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você**. 1. ed. São Paulo: Edições “O Livreiro”, 1965.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labortexto, 2003.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro,s.d.

SANTANA, Nuto. **Rua Aymorés**. São Paulo: Topografia Rossolillo, 1958.

PERÍODICOS

A Platéia. São Paulo: Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A luta democrática. São Paulo: Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Diário da Noite. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pagfis=81253>>. Acesso em 27 mai. 2022

Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em 27 mai 2022

Jornal do Brasil.

Jornal O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 22 mai. 2022

Jornal da Tarde.

Jornal de Notícias

Jornal Movimento. Disponível em: <<https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/jornal-movimento>> Acesso em: 22 mai. 2022.

O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

Notícias Populares. Disponível em Hemeroteca do Arquivo Público de São Paulo

Revista Arquivos da policia Civil. Volume XXIII, 1º Semestre, 1952. Disponível na Biblioteca da Academia de Policia Civil do Estado de São Paulo – ACADEPOL

Revista Arquivos da policia Civil. Volume XXIV, 2º Semestre 1952. Disponível na Biblioteca da Academia de Policia Civil do Estado de São Paulo – ACADEPOL

Revista Realidade. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

Versus. Disponível em:<<http://www.marcosfaerman.com.br/versus.html>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Nuno Cesar Pereira de. **Boca do Lixo: cinema e classes populares.** Campinas: Ed.. Unicamp, 2006.

AMÂNCIO, Moacir. **Chame o ladrão: contos policiais brasileiros.** São Paulo: Edições Populares, 1978.

ANDERSON, Perry. Lembranças tropicais: As diferenças e semelhanças de Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa na literatura e na política até publicarem seus livros de memória. *In: Revista Piauí:* São Paulo, n. 61, out. 2011.

_____ **Abraçado ao meu rancor.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003.

ARAUJO, Rodrigo Oliveira. Muros, Monumentos e Placas: inscrições urbanas em cidades fugidias. **Revista Sisifo**, Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2015/05/muros-monumetos-e-placas-inscricoes.html>. Acesso em 15 de junho de 2020.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 201

ARRUDA, Maria Arminia do Nascimento. **Metrópole e Cultura: São Paulo no meio século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas(CPDOC\FGV) , v.11, n 21, 1998, p 9-34. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>. Acesso em jun 2020.

BARBEIRO, Heródoto. **Meu velho centro: histórias do coração de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2007. p.90-91.

BARROS, J. D. A Cidade Cinema expressionista: uma análise das distopias urbanas produzidas pelo Cinema nas sete primeiras décadas do século XX. **Em questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 59-175, jan/jun 2011.

BARROS, José Martins de. **Contribuição para o estudo do problema da sífilis na capital de São Paulo**. Arquivos da faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. Consultado no Arquivo pessoal do Dr. Guido Fonseca, ACADEPOL.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: Estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENATTE, Antônio Paulo. **O centro e as margens: boemia e prostituição na —capital mundial do café (Londrina 1930-1970)**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

_____. **Dos jogos que especulam com o acaso: contribuição à história do “jogo de azar” no Brasil (1980-1950)**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2002.

BENEDITO, Mouzar. **De bar em bar XXI**: Posilippo. Blog da Editora Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2012/10/16/de-bar-em-bar-xxi-posilippo/>. Acesso em 22 mar.2021.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Mendigos e Prostitutas. *In*: **Rua de mão única**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas; v. 2).

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad.: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras escolhidas, v. 3).

_____. Teses sobre o conceito de história. *In: Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1989.

_____. **Passagens**. BOLLE, Willi (Org.). MATOS, Olgária Chain Féres (Col.). Trad.: de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018..

BERNADET, Jean Claude. **O voo dos anjos: Bressane, Sganzerla**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOLLE, Wille. **Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Crítica social do julgamento do gosto. *In: A distinção: crítica social do julgamento*. Trad: Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2015.

BRESCIANI, Maria Stella. Lógica e dissonância - Sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária. **Revista Brasileira de História**, Anpuh/Marco Zero, set. 1985/fev.1986.

CAMPOS JR, Celso de et al. **Nada Mais que a verdade. A extraordinária história do jornal Notícias Populares**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2002.

CANDEIA, Ozualdo. **Uma rua chamada Triumpho**. São Paulo: Editora do autor, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 8, v0i8, 1970, pp. 67-89.

_____. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Edusp, 2017.

CAPELATO, Maria Helena; MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé (orgs.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2011.

CAPONI, Sandra. **Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível**. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas, São Paulo, 1992.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro: história dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARNEIRO, Mariz Luiza Tucci. **Impressos subversivos: Arte, Cultura e Política no Brasil 1924 - 1964**,. São Paulo: Fapesp, 2020.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi.** São Paulo: Companhia das letras, 1987..

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1988..

CHAVES, Ernani. Sexualidade, corpo e desejo em Walter Benjamin. *In: Revista Cult*, São Paulo 01 set. 2006.

CISCATI, Márcia Regina. . **Malandros da terra do trabalho: malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950).** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

COELHO, José João Teixeira. **Instrução para o Governador da capitania de Minas Gerais.** Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 1994.

DARTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras e o Antigo Regime.** Trad.: Luís Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer.** Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1988

_____, **Conversações: 1972-1990.** Trad.: Peter pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea. *In: Projeto História*, v.17, 1998.

DUQUE-ESTRADA, Elyzabeth M. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si.** Rio de Janeiro: NAU – PUC-Rio, 2009.

FAERMANN. Marcos. A Imprensa Alternativa. **Cadernos de Comunicação Proal**, n. 1, 1977. Impresso.

FARGE, Arlette. Milhares de Vestígios: Na porta de entrada. *In: O sabor do arquivo.* São Paulo: EDUSP, 2009.

FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo(1880-1924).** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

FELDMAN, Sarah. **Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo —1924 a 1970.** Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: SP, 1989.

FERNANDES, Florestam. **A integração do negro na sociedade de classes.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2013.

FON, Antonio Carlos. Eu escapei do esquadrão da morte. **Revista Realidade**, nº 87, Editora Abril: Junho de 1973.

FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987

_____. A vida dos homens infames. *In: Ditos e escritos*, v. 4. Trad.: Vera Lucia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

_____. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FURLAN, E. A. B. **Alguns aspectos da regulamentação da prostituição em São Paulo**. Monografia da Escola de Serviço Social – PUC –SP, 1955.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Limiar, Aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschener. **Do jornalismo político à indústria Cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

GOMES, Gil. O bandido que virou febre. *In: GONÇALO. Junior. Famigerado: a história de Luz Vermelha, o bandido que aterrorizou São Paulo no anos de 1960*. São Paulo: Noir Editora, 2019.

GOTO, Roberto. **Maladragem revisitada**. Campinas: Pontes. 1988. p. 83.

GUIMARÃES, Valéria. **Notícias diversas: suicídio por amor, leitura contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARA, Tony. **Caçadores de notícias: história e crônicas policiais de Londrina 1948-1970**. 1997. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 1997.

_____. **Coração rueiro: João Antônio e as cidades**. Londrina: Kan, 2013.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papyrus, 1998.

HOUAISS, Antônio **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOBSBAWN, Eric. **Bandidos: o nascimento do banditismo social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

JÚNIOR, Durval Muniz Albuquerque. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. *In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassannezi(Org.)*. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

JÚNIOR, Gonçalo da Silva. **Famigerado: a história de Luz Vermelha, o bandido que aterrorizou São Paulo no anos de 1960**. São Paulo: Noir Editora, 2019.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas? *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). **História da Virilidade: a virilidade em crise?** Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Os Bas-fonds: História de um imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2017.

_____. **A tinta e o sangue: narrativa sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. Tard. Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LAGENEST, J.P Barruel de. **Mulheres em leilão: um estudo da prostituição no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed da Unicamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. *In*: NORONHA, J. M. G. (org.). **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEME, Edson Holtz. **Noites Ilicítas: histórias e memórias da prostituição**. Londrina: Eduel, 2009.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LEVI-STRAUSS, CLAUDE. São Paulo. *In*: **Tristes trópicos**. Trad.: Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV centenário da cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro**. São Paulo: Annablume, 2004.

MANECHINI, Luiz Casadei (org.). **São Paulo na Tribuna: primeira legislatura (1948-1951)**, São Paulo: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. **Através da Rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USO, 2001.

MAYER, Jorge Miguel, **Garcez, Lucas Nogueira**, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FVG, Rio de Janeiro: s/d. Disponível em <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/garcez-lucas-nogueira>. Acesso 02 dez 2020.

MENDES, Ricardo. S.A.R.A. Brasil: restituindo o Mapa topográfico do município de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, ano 10, nº37, dez. 2014.

MEYER, Marlyse. *Le Petit Journal e o fait divers*. *In*: **Folhetim: uma História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MORSE, Richard. **De comunidade a metrópole**. Biografia de São Paulo, Trad.: Maria Aparecida Madeira Keberg). São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

_____. **Formação Histórica de São Paulo**. Rio de Janeiro: Divisão Europeia do livro, 1970.
PORTAO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d.
RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. A era do automóvel. *In: Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.
ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

NIETZSCHE, Frederico. *AFORISMOS de Federico Nietzsche. Selección, notas y crónicas por Luis B. Pietrafesa*. Buenos Aires: Santiago Ruedas Editor, 1951.

OPHIR, Adi. Das ordens do arquivo. *In: SALOMON. Marlon(org.). Saber dos arquivos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2011.

PÉCORA, Alcir. A epopeia bélico-amorosa de Roberto Piva. *In: PIVA, Roberto. Morda meu coração na esquina: Poesia reunida*. Alcir Pécora (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

POE, Edgard Allan. O homem da multidão. *In: Medo clássico: vol. 2*. Trad.: Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: Dark Side Books: 2018.

PORTÃO, Ramão Gomes. Como se faz “Notícias Populares”. *In: Melo, José Marques (org). Documentos da I Semana de Estudos de Jornalismo (1969): Jornalismo Sensacionalista*. São Paulo: Ed. Comunicação e Artes. Eca/USP, 1972.

_____. **Criminologia da Comunicação**. São Paulo: Traço Editora, 1980.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

_____. **São Paulo**. 3ª ed – São Paulo: Publifolha, 2009.

ROMERO, Mariza. **Inúteis e perigosos no diário da noite: São Paulo (1950-1960)**. São Paulo: EDUC:FAPESP, 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo. As passagens de Paris. *In: As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **O Prazer Justificado: história e lazer (São Paulo, 1969/1979)**. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____, **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. A cidade metástases e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista. **Revista USP**: São Paulo, nº63, 2004, pp. 16-35.

SILVA, Claudielle Pavão da. **“Flores horizontais”**: Sociabilidade, prostituição e travestilidade na Zona do Mangue (1960-1970). Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Seropédica: RJ, 2016.

SIMMEL, Georg et al. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, Otávio Guilherme de (Org.), **O fenômeno urbano**. Tradução Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SINGER, Paul; MADEIRA, Felícia. Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920 a 1970. *In*: **Cadernos Cebrap**, nº 13. São Paulo: Brasiliense, 1975.

SONTAG, Susan, **Sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2004.

SOUZA, Percival; FAERMAN, Marcos; PORTELA, Fernando. **Violência e Repressão**. São Paulo: Símbolo, 1978.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TELES, Ângela. **Ozualdo Candeias na Boca do Lixo: a estética da precariedade no cinema paulista**. São Paulo, EDUC: FAPESP, 2012.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante. *In*: **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WELFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema Marginal**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.